ESTE CABEÇALHO PODE VALER-LHE 3 APARTAMENTOS, FÉRIAS NO MUNDO, AUTOMÓVEIS, ETC.

Diário de Lisboa

Edição da noite

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 8 DE ABRIL DE 1971 N.º 17 347 ANO 51.º PREÇO 1$50

luz verde nos caminhos da FORTUNA
1 X 2
TOTOBOLA

As crianças estão sempre presentes nas idas e vindas da Páscoa: aqui vai uma para férias, sobrecarregada, a «fugir» de Lisboa, a caminho da província...

POR CAUSA DA PÁSCOA...

LISBOA SAI DE COMBOIO E DEIXA ENTRAR OS TURISTAS

Lisboa é uma cidade de gente vinda de todos os pontos do País. Gente que veio, gente que trabalha cá — e que de cá se vai por ocasião das festas. Pela Páscoa por exemplo.

Quem não acreditar em semelhante juízo, tire-se de canseiras e vá até ás estações: Santa Apolónia, Sul - Sueste, Rossio (Rossio, pois, onde partem comboios para Coimbra, Pampilhosa, Figueira da Foz). Quem aí se puser como observador, logo verificará quantas pessoas embarcam para terras distantes de Lisboa...

Esta manhã, manhã de nuvens a prometer Páscoa chuvosa, a estação de Santa Apolónia regurgitava de famílias a caminho do Norte.

Vinham quase vazios os comboios que chegavam, mas partiam repletos os que deixavam os cais daquela estação.

A objectiva do fotógrafo reteve o ambiente e as figu-

(Continua na 8.ª página)

AFIRMA UM SENADOR AMERICANO

MARCADA JÁ A DATA DA RETIRADA TOTAL DO VIETNAM DO SUL

WASHINGTON, 8 — (R.) — Elementos destacados do Senado disseram hoje aos jornalistas estar convencidos de que o presidente já determinou a data da retirada total do Vietnam, embora não a tenha anunciado no seu discurso ontem à noite.

O senador Robert Byrd, subchefe da maioria democrática no Senado, depois de assistir a uma reunião de esclarecimento na Casa Branca, disse aos jornalistas: «Penso que ele tem em mente uma data definida».

Byrd acrescentou que a avaliar pelo teor do discurso transmitido pela Televisão e pelos esclarecimentos que o presidente deu pessoalmente aos principais congressistas, «parece-me que não ficarão no Vietnam quaisquer tropas americanas».

O chefe republicano no Senado, Hugh Scott, disse em referência aos planos de retirada do presidente: «Eu sei que ele tem um programa com datas. Por razões óbvias ele não pode revelar o seu programa ao inimigo, mas o mais importante é estarmos a abandonar a guerra. Estamos a fazer regressar os nossos rapazes e já conseguimos reduzir as baixas americanas de forma significativa».

A declaração mais explícita dos objectivos do presidente foi feita por Robert Griffin, subchefe republicano no Senado, que afirmou: «Para todos os efeitos práticos ele marcou um prazo limite para por fim á participação americana na guerra: O dia das eleiçõees em 1972».

Apesar destas declarações tranquilizadoras, as «pombas» do Congresso manifestaram o seu desapontamento e anunciaram que vão insistir para que o presidente anuncie publicamente a sua intenção de retirar todas as tropas.

Os senadores Edmund Muskie e Edward Kennedy declararam-se profundamente desapontados com o discurso e George McGovern foi mais longe dizendo: O presidente devia ter retirado as tropas americanas há dois anos. É imperativo que não se deixe passar mais um ano sem retirar todos os americanos da Indochina».

MAX JAKOBSON, embaixador da Finlândia nas Nações Unidas desde 1965, é apontado quase universalmente como o próximo secretário-geral da organização depois da saída de U Thant. Jakobson publicou três livros sobre política e diplomacia, tendo sido jornalista antes de entrar na carreira diplomática

ÚLTIMAS NOTÍCIAS — LER NA PÁG. 2

HOJE 32 PÁGS.—VISADO PELA CENSURA

LEITOR DO Diário de Lisboa

VANTAGENS, SÓ VANTAGENS

Parece-nos não ser demasiado frisar uma vez mais: o leitor participante na nossa iniciativa apenas terá de remeter, devidamente preenchido, o cupão-duplo que começámos a publicar, desde que o não tenha feito durante a realização da primeira fase da iniciativa

(Continua na pág. seguinte)

LEITOR DO Diário de Lisboa

(Continuação da pág. anterior)

com que abrimos o ciclo comemorativo do cinquentenário do «Diário de Lisboa». Se assim aconteceu, está automàticamente habilitado aos prémios instituidos para o segundo sorteio e que fazem parte da lista que também já temos inserido. Se não tiver participado na primeira fase da iniciativa então sim: deve preencher cuidadosamente o cupão-duplo de identificação (com letra bem legível) remetendo-o para os nossos serviços: Rua Castilho, 185 - 1.º — Lisboa - 1, acompanhado de um selo de 1$00, para lhe ser enviado para a residência indicada o cartão de Leitor do «Diário de Lisboa» com o número que o habilitará ao sorteio. Os que já participaram e os que só agora começam a tomar parte na nossa iniciativa, devem coleccionar os «cabeçalhos» (título e data do nosso jornal), de 7 do corrente e até 7 de Julho próximo. Sem estarem na posse desses «cabeçalhos», que provarão serem leitores assíduos do «Diário de Lisboa» não lhes será entregue o prémio que venha a ser-lhes atribuído em sorteio.

E por falarmos em prémios: instituimos para a segunda fase da iniciativa uma lista de prémios verdadeiramente invulgar, encabeçada por três confortáveis apartamentos mobilados, em edifício grandioso construído por Empreendimentos Turísticos J. Pimenta, Lda o primeiro dos quais com um magnífico automóvel «Morris-1300», de quatro portas. Casa e carro constituem, portanto, o primeiro prémio desta segunda fase de uma iniciativa que despertou o entusiasmo de muitas dezenas de milhares de leitores. Viagens a grandes cidades do mundo estão também ao alcance dos leitores participantes e são, naturalmente, dos prémios mais aliciantes.

REGULAMENTO

— a iniciativa é aberta a todos os leitores do «Diário de Lisboa» residentes no continente.

— o leitor deverá recortar e preencher EM LETRA BEM LEGÍVEL o cupão duplo de identificação que o «Diário de Lisboa» publica e onde deverá inscrever o seu nome completo e morada, a localidade onde reside e, facultativamente a profissão e o número de telefone e ainda o agente ou vendedor a quem adquire o «Diário de Lisboa»

— preenchido o cupão-duplo, este deverá ser remetido para a Rua Castilho 185, 1. Lisboa 1, acompanhado de um selo de 1$00, se pretender que o cartão de identidade de Leitor do «Diário de Lisboa» lhe seja enviado pelo correio.

— se o leitor pretender que lhe seja entregue pessoalmente, nos serviços do «Diário de Lisboa» o seu cartão de identidade não juntará ao cupão-duplo o selo de 1$00 que se destina lògicamente, a despesas de correio

— recebido o cupão-duplo, o leitor ficará classificado por ordem alfabética e numérica e automàticamente habilitado ao sorteio dos prémios instituídos. O cartão de identidade receberá o mesmo número do cupão-duplo.

— o cartão de identidade elucidará o leitor do número que o habilita ao sorteio e ainda a benefícios de outras iniciativas a promover

— o leitor do «Diário de Lisboa», para poder receber o prémio que lhe for atribuído em sorteio terá de provar ser leitor habitual demonstrando possuir na sua residência o número de «cabeçalhos» do «Diário de Lisboa» correspondentes aos dias de publicação compreendidos entre 7 de Abril e 7 de Julho de 1971. É permitida uma margem de faltas de cinco exemplares por mês.

Por «cabeçalhos» entende-se apenas a parte da primeira página do Jornal onde consta o título deste e a data de publicação.

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

MAIS QUATRO JORNALISTAS DESAPARECIDOS NO CAMBOJA

PHNOM PENH, 8 — (A. N. I. e F. P.) — Desapareceram ontem á tarde quatro jornalistas que seguiam as operações do exército «Khmer» na estrada n.º 4.

Trata-se de «miss» Kate Webb, neo-zelandesa, chefe de redacção da delegação da United Press International em Phnom Penh; e Suzuki, japonês, ao serviço da Nippon Denpa News, que estava acompanhado por um «cameraman» japonês e um fotógrafo cambojano, Tea Kim Hieng, que tinha ficado ferido no mesmo local há cerca de dez dias.

Encontravam-se os quatro nas linhas avançadas da 1.ª Brigada de Pára-Quedistas, avançando para o vale de Pich Nil, quando as forças «Vietcong» e norte-vietnamitas lançaram um ataque violentíssimo. As posições «Khmer» foram bombardeadas e atacadas durante toda a noite e o comandante da operação ainda não conseguiu entrar em contacto com certas unidades.

Alguns soldados afirmam ter visto um civil morto e outros dizem que os jornalistas foram feitos prisioneiros.

Muitos outros jornalistas passaram a noite com as forças «Khmer» depois de terem abandonado os seus carros quando começou o ataque inimigo. Um destes, Rebin Mannock, da Associated Press, ficou ferido por estilhaços de morteiro. O seu motorista-intérprete cambojano também foi atingido.

Mannock declarou que ás 14 e 25 avistou pela ultima vez os desaparecidos e acrescentou que Katherine Webb tinha dito: «Vou dar uma vista de olhos lá acima e depois volto para Phnom Penh».

Morreram nove correspondentes no ano passado no Camboja e dezassete foram dados como desaparecidos.

Jornalista na Academia Brasileira

RIO DE JANEIRO 8 — (A. N. I.) — O jornalista Herberto Sales foi eleito para a Academia Brasileira de Letras, numa eleição disputadíssima, e venceu ao terceiro escrutínio, com 20 dos 36 votos. Os outros candidatos — Djacir Menezes e Humberto Bastos — receberam 15 e um voto, respectivamente.

Humberto Sales trabalha nos Diários Associados desde 1948. Foi director da revista «O Cruzeiro» e hoje é director da revista «A Cigarra». O seu livro mais conhecido é «Cascalho», seguido por «Baixo relevo» e «Garimpos da Bahia».

DESORDEM E AFOGAMENTO

Presume-se que o marinheiro francês Alain Moreau, tripulante do submarino «Marsouin», desaparecido no dia 11 do mês passado, na sequência de uma desordem, tenha caído á água.

Segundo o que as autoridades apuraram, o Alain Moreau e outros colegas, prórimo da doca da Marinha, travaram-se de razões com alguns civis portugueses. A certa altura, conforme declarou o marinheiro francês Rémy Le Glent, que foi a última pessoa a ver o Alain, o seu colega saltou o gradeamento da rua para a estação fluvial, fugindo com receio de ser agredido. A partir desse momento, Le Glent não tornou a ver o camarada de armas, mas ficou com a impressão que o mesmo teria corrido em direcção ao rio acabando por cair á água.

O 50.º ANIVERSÁRIO DO «DIÁRIO DE LISBOA»

Referiram-se ao 50.º aniversário do «Diário de Lisboa» — o que nos cumpre agradecer — os prezados colegas «Diário de Notícias», «O Século», «Novidades», «A Época», «Diário Popular», «A Capital», «República», «Jornal de Notícias», «Comércio do Porto», «Primeiro de Janeiro» e «Jornal do Comérneiro», «Jornal do Comércio» e «A Bola».

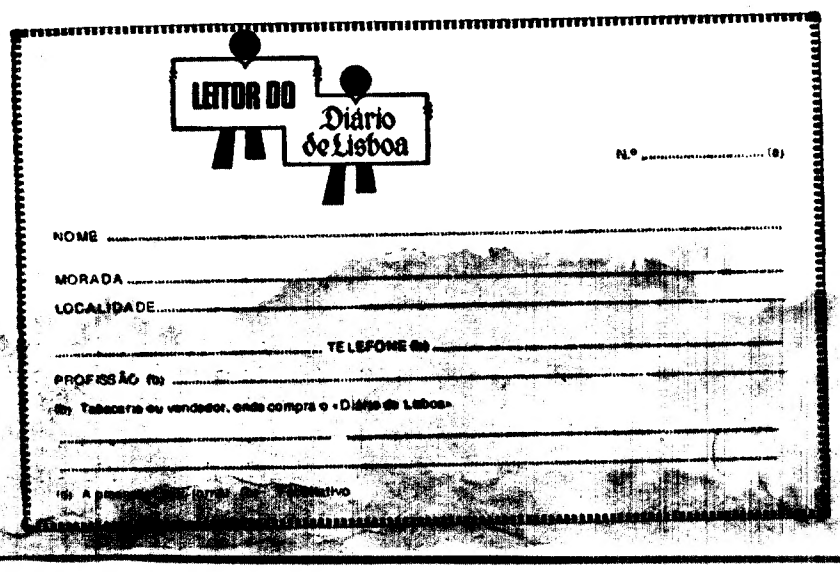
Igualmente chegaram à nossa redacção cartas, cartões e telegramas de felicitações, entre outros, dos srs. almirante Pereira Crespo, ministro da Marinha; dr. César Moreira Baptista, secretário de Estado da Informação; eng.º Vasco Leónidas, secretário de Estado da Agricultura; dr. Geraldes Cardoso, director-geral da Informação; dr. Afonso Marchueta, governador civil de Lisboa; eng.º Fernando de Santos e Castro, presidente da Câmara Municipal de Lisboa, e os vice-presidentes dr. Dinis Soares da Costa e eng.º Segismundo de Saldanha; tenente-coronel Chagas Lopes, chefe do Serviço de Informação Pública das Forças Armadas; dr. Luís Borges de Castro, presidente da Corporação da Imprensa e Artes Gráficas, e dr. Eduardo Costa

Também nos felicitaram a querida actriz Beatriz Costa («afilhada» do «Diário de Lisboa»), e os srs. dr. Abel das Neves, pintor Severo Portela; dr. Manuel Teles, em seu nome e no da administração da Sociedade Estoril-Sol; dr. Élio Cardoso, chefe das Relações Públicas da C. P.; actor Virgílio Macieira, presidente do Sindicato Nacional dos Artistas Teatrais; e os prezados correspondentes do nosso jornal em Luz de Tavira, José Félix Correia; Sabugosa, Abel Cabral; S. João da Madeira, Noé Correia Teixeira, e Vila Flor, Raul Alexandre Sá Carneiro.

Registamos, ainda, as felicitações enviadas ao jornal do sr. José Maria Gil Barata-Delgado; Sodinel; Mário Silva Braga, dedicado agente do «Diário de Lisboa» no Porto; direcção e chefe das Relações Públicas da F. N. P. T.; «Juventud de Galicia»; Liga dos Combatentes; Lisboa Ginásio Clube; Grupo Onomástico «Os Carlos»; Casa da Comarca da Sertã; Sindicato Nacional dos Profissionais de Artes Gráficas; União de Grémios de Lojistas de Lisboa; Agência Dias da Silva e Sociedade Filarmónica União e Capricho Olivalense.

*

O programa «Tempo Zip», com a actualidade que é seu timbre, referiu-se ao nosso aniversário logo na madrugada do dia 7. O director do «Diário de Lisboa», dr. António Pedro Ruella Ramos, foi entrevistado aos microfones do R. C. P. e felicitado pelos apresentadores de «Tempo Zip», em termos que nos cumpre registar e agradecer.


LEITOR DO Diário de Lisboa

N.º ..... (a)

NOME .....

MORADA .....

LOCALIDADE .....

..... TELEFONE (b) .....

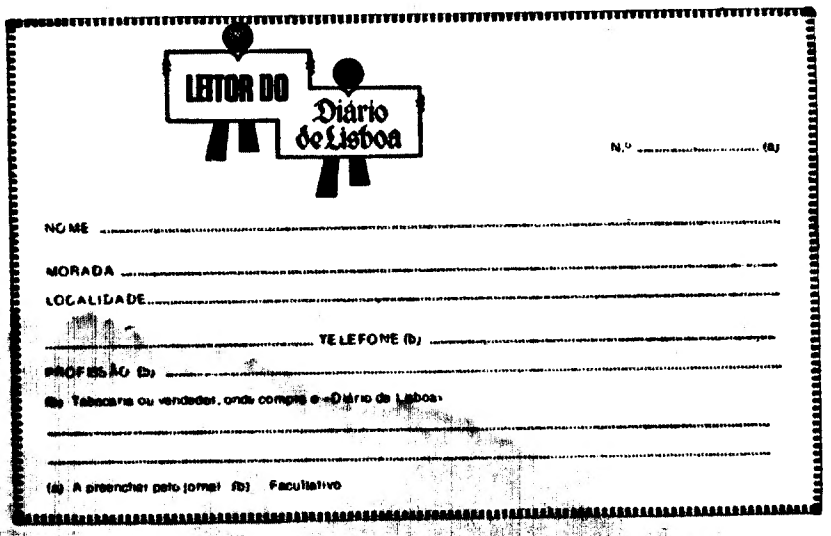
PROFISSÃO (b) .....

(b) Tabacaria ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

.....

.....

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo


LEITOR DO Diário de Lisboa

N.º ..... (a)

NOME .....

MORADA .....

LOCALIDADE .....

..... TELEFONE (b) .....

PROFISSÃO (b) .....

(b) Tabacaria ou vendedor, onde compra o «Diário de Lisboa»

.....

.....

(a) A preencher pelo jornal (b) Facultativo

ATENÇÃO — O cupão-duplo apenas deve ser preenchido e enviado pelos leitores que não participaram na primeira fase da iniciativa. Os outros leitores que já tomaram parte na primeira, estão, automàticamente, habilitados ao sorteio dos prémios da segunda fase.

AQUELES QUE SALTAM AS BARREIRAS (Conclusão)

JAGGER — PARA UMA PERGUNTA ESTÚPIDA UMA RESPOSTA ESTÚPIDA

Para além dos lábios que parecem pêssegos de espuma de borracha, para além do ar agressivo, petulante e cheio de bazófia, Mick Jagger é um jovem sério, sensível e chega mesmo a ser tímido.

Falar com ele é o mesmo que pretender um pastelão de gazela... Primeiro é preciso caçar o nosso Jagger.

Quando se senta à nossa frente, com um fato coçado, uma camisa de colarinho aberto e um «cachecol» cinzento, que parece uma piton enrolada ao pescoço — começou a caça.

Por KENNETH EASTANSH

(Exclusivo «The Sun»-«D. L.»)

Mexe a cabeça de um lado para o outro, resmunga irritadamente, e desdenha as perguntas que lhe parecem frívolas.

Pergunto-lhe quantos anos tem. Podemos descobrir muito do carácter de uma pessoa com essa simples pergunta... especialmente se sabemos de facto a idade da pessoa.

Diz Jagger, irritado.

— Que importância tem isso? Tenho 29 ou 30 ou 25 ou 26. Não sei. Não interessa. Tem 26 anos e nasceu no mês de Julho

Sempre que uma pergunta lhe parece disparatada, dá uma resposta disparatada.

ESTUDADOS

— Ouvi dizer que os seus gestos no palco são pré-determinados, estudados ao espelho. É verdade.

— Claro que são. Todos. Um por um. São coreografados por Lionel Blair.

Se ele sente que estamos a querer saber muito, tenta liquidar a pergunta com um sorriso largo, cheio de troça.

Uma vez que ele se convença de que não estamos ali por encomenda, de que a ideia da entrevista é nossa e não a recebemos de ninguém, Jagger cria respeito por nós... ainda que pense que essa nossa ideia é disparatada.

É muito importante para Jagger saber que as pessoas estão a fazer o que querem realmente fazer. Isso decide da sua atitude para com elas.

HOBBY

Saiu do «buraco» de cantor «pop» e fez os filmes «Performance» e «Ned Kelly».

— É impossível ser bom em «rock'n roll» e, ao mesmo tempo, ser actor. A maior parte dos que vieram do «rock» para o cinema não eram os melhores cantores de «rock». Eu sou sobretudo cantor e letrista de canções. Os filmes são o meu «hobby». Isso não significa que não os tome a sério. Tomo-os mesmo a sério. Não conheço ninguém que tenha um «hobby» e não o tome a sério. Ser actor não é nada de mentiroso ou inacessível. Desde que haja talento, podemos aprender a representar qualquer papel. Depende da pessoa que nos dirige.

Um actor de comédia pode representar Shakespeare. É possível. Porque não? Tommy Steele saiu do «rock'n roll» para os filmes. Mas estou convencido de que ele concordará se dissermos que era cantor «rock» só por acidente. O que ele é realmente é um artista de «music-hall». Não quero perder muito tempo a fazer filmes sem interesse. Toda a gente faz maus filmes. Não se pode evitar isso. Uma estrela de cinema provàvelmente faz 50 por cento dos filmes maus. Mas não sou do género ambicioso. A ambição pode ser perigosa. Pode transformar-se numa paixão desgastadora. Pode tornar-nos amargos se não conseguirmos o que queremos, e desiludir-nos se o alcançarmos.

De certo modo, Jagger foi feliz. Nasceu numa geração em que a barreira entre profissões «baixas» e «altas», «arte séria» e «arte ligeira» se está a debater.

Erradamente, segundo suponho, Jagger ajuizou mal e não prestou a devida atenção ao problema.

CONVICÇÃO

— Feliz — disse ele. — Sim, fui feliz. Penso que tive sorte quando abri os olhos pela primeira vez e vi que metade do mapa era vermelho... e que os meus pais tinham televisor. Passei em todos os exames.

Ficou calado — ouvindo o novo LP de John Lemon, que serviu de fundo musical à nossa entrevista.

— Devíamos afastar a ideia de que temos de fazer qualquer coisa. É uma barreira a saltar. A convicção de que temos de ter uma profissão. Não há razão para andarmos a encher resmas de papel para outras pessoas encherem outras resmas de papel. Há outras barreiras mais importantes que a das profissões «altas» e «baixas», na qual não acredito. Por exemplo, podemos ter um ponto de vista crítico sério acerca de um filme pornográfico. Ninguém é avaliado pelos seus méritos. As pessoas são sempre avaliadas em função daquilo que se sabe delas.

PENSAMENTOS

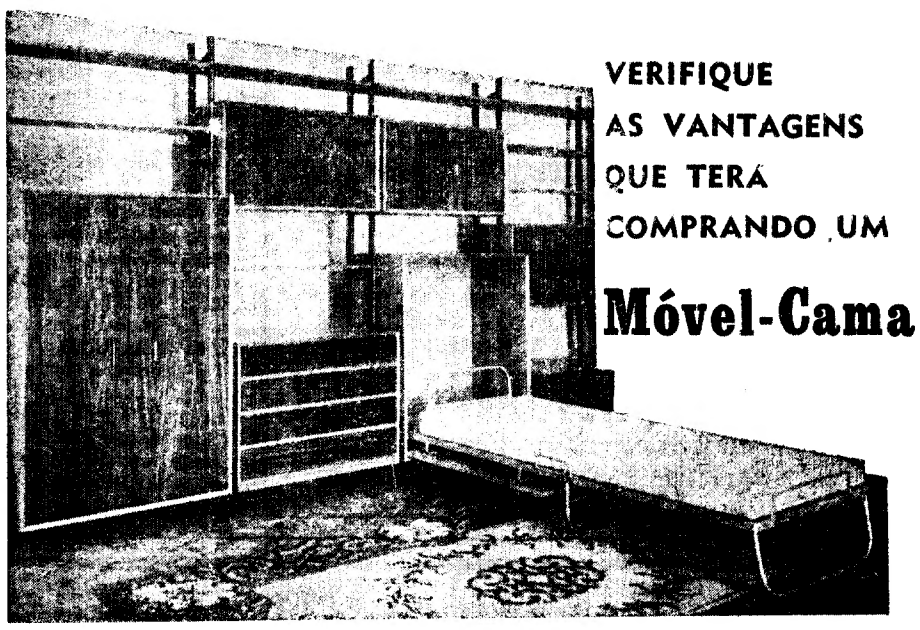
— O que interessa é que as pessoas se distraiam. Como as fazem distrair — isso não interessa.

— Em que está V. a pensar quando está no palco, a distrair milhares de *teenagers*? — perguntei.

— Estou a pensar no que irei fazer depois do espectáculo — diz Jagger.

MÓVEIS-BAÍA

A SOLUÇÃO IDEAL DA FALTA DE ESPAÇO EM SUA CASA



VERIFIQUE AS VANTAGENS QUE TERÁ COMPRANDO UM

Móvel-Cama

10 MODELOS DIFERENTES DE MÓVEIS-CAMA E SUAS ACOPULAÇÕES

CONSULTE O FABRICANTE COM PESSOAL DEVIDAMENTE ESPECIALIZADO. QUE O **AJUDARÁ** NA SUA DECISÃO

MÓVEIS-BAÍA

UM CASO CONCRETO DE QUALIDADE

ESTRADA DE BENFICA, 464-D — Telf.: 707599
RUA SANTANA À LAPA, 114-A — Telf.: 676778 / 677402
RUA D. MANUEL I, 76-B — BARREIRO — Telf.: 2275306
Fábrica: RUA 6 DE JANEIRO, 63 — LAVRADIO — BARREIRO — Telf.: 2273068

NOTA do dia

OLHAR PARA DENTRO

É UM EXERCÍCIO talvez salutar, talvez difícil, com certeza antipático. Mas as simpatias hão-de colher-se à custa de transigências? Transigir com o gosto, transigir com a rotina, transigir com o interesse instalado? Até onde é que vai a «escalada», como agora se vai dizendo? Mais vale ter a coragem de se arriscar alguém às antipatias se com isso lhe parecer que podem varrer-se alguns miasmas daqueles que nos empestam o ambiente. Na circunstância está-se daqui a pensar no que pode parecer um banho de chuva para alguns que pensam que lhes corre muito bem a vida e com isso fazem o que lhes possa parecer a sua paz de espírito. Mas paciência. Já uma vez se disse e hoje se repete que não estamos daqui à espera de votos para ninguém. Sendo assim...

O mal de que sofremos, ou talvez preferentemente o mal de que julgamos sofrer, diz-se em duas palavras: trabalha-se pouco. Duas palavras só, aritmèticamente, sem eufemismos. Mas podemos acrescentar e concretizar: trabalha-se pouco e mal. Podemos até mudar a pessoa ao verbo e, onde está a indefinição abstracta de um sujeito indeterminado, ter-se a coragem de personalizar o sujeito e metermo-nos a nós próprios no barulho, tão bons uns como os outros, tão bons ou tão maus, todos iguais que nós somos, gente de render pouco. E então corrija-se: trabalhamos pouco e mal, nós, vós, eles, toda a gente que nós somos, prosapiosos as mais das vezes, a alvejar tempo de férias, ou uma «ponte» milagrosa. Estamos nos dias felizes, semana da Páscoa até domingo.

Vamos a ver, nem que seja a ver se chove. Onde está o nosso interesse? A chuva veio perturbar muitos projectos de Páscoa, férias e passeios, pequeno ensaio para o Verão, a perspectiva com que vamos alegremente sonhando, campo e praia, vista de campo para a praia, como se dizia na comédia de Chagas Roquete. Mas logo a chuva! Com tantos projectos que se vão por água abaixo, projectos de férias, passeios e descanso, porque de resto, quem se lembra? A verdade é que a chuva não é só o passeio que se perde, nem as inundações de improviso para que nunca mais estamos preparados, a chuva é também... o não haver falta de chuva, as albufeiras por metade, a corrente eléctrica que temos andado ameaçados de ter de importar de Espanha.

O problema da electricidade referimo-lo aqui há dois ou três dias a propósito da visita do presidente do Conselho às obras do sistema de aproveitamento do Douro. Esse prodigioso milagre, que se observa por uma simples volta de interruptor, está em toda a parte, presente na mais ampla variedade de gestos do nosso quotidiano, em casa ou no escritório, na rua ou debaixo de telha, na fábrica ou até em numerosas fainas do mundo rural. Desde o fazer a barba a ouvir música, pôr a andar a mais diversa aparelhagem, para iluminação ou força motriz, a electricidade é uma das grandes dominantes da nossa época e, pelo seu consumo quantificado, um dos índices mais representativos do nível de desenvolvimento de qualquer país. Quanto toca nesse consumo a cada habitante?

Daí por diante são as estatísticas, cuja consulta nos diria o mesmo que já se sabe sem ela. Estatísticas, queremos dizer, nossas e lá de fora, mas não vale a pena, esses números vêem-se e repetem-se por toda a parte, as capitações em Portugal e na Suécia, por exemplo. Mas para quê ir tão longe? Para quê a suposta erudição se temos à mão a experiência que esquecemos? O quadro comparativo dos consumos europeus diz-nos muito, mas muito mais há-de dizer à nossa consciência o quadro comparativo dos consumos portugueses, quanta electricidade gastam um lisboeta ou um portuense e quanto gastam os portugueses de tantas aldeias perdidas na pequenez do nosso mapa. Está escrito. Até se lhe chama «a assimetria geográfica de distribuição dos grandes sistemas produtores». Escrito está. Mas o que é preciso é fazer. Mais depressa, mais depressa. Faça-se o Portugal para todos os Portugueses.

Conta Juventude
BANCO DO ALENTEJO

NA LINHA EMOCIONANTE DE
«LOVE STORY»
O MAIOR ÊXITO MUNDIAL DE TODOS OS TEMPOS!...

VASCO MORGADO
apresenta

SÓ AS BORBOLETAS SÃO LIVRES

COMÉDIA INTERPRETADA POR
MARIA DO CÉU GUERRA
(Prémio de Imprensa 1970)
VASCO MORGADO JR.
NORBERTO DE SOUSA
e a artista convidada
ALMA FLORA

ESTREIA
SÁBADO, 10 DE ABRIL
às 21,45 horas no
TEATRO LAURA ALVES
(Adultos)

VIDEGA MESQUITA
Rua do «Diário de Notícias», 107
Telef. 328307

A tradição vive aqui

O Fado na sua expressão autêntica.
Pratos tradicionais da boa cozinha portuguesa sob a direcção da Tia Adelina.
Almoços, jantares e ceias.
(M. 17 anos)

CASINO ESTORIL

Amanhã, devido à solenidade do dia, estão encerrados todos os serviços do Casino Estoril.

UMA SÓSIA DE CARMEN MIRANDA

BELO HORIZONTE, 8 — (L.) — Carmen Miranda «Volta» a Nova York, reencarnada na sr.ª Jane Soares, de Minas Gerais, a qual imita com fidelidade a falecida artista, que foi ídolo do Brasil e atingiu notoriedade no cinema norte-americano.

Jane Soares, admiradora de Carmen Miranda desde os doze anos, sabe tudo sobre ela e o êxito da sua imitação foi tal que acaba de ser convidada para apresentar o seu espectáculo no Hotel Waldorf, Astoria, de Nova York. É acompanhada por um conjunto que lembra o famoso «Bando da Lua».

O que faz correr Anna Karina?

Anna Karina fez dois filmes ao mesmo tempo

PARIS, 8 — (A. N. I.) — Anna Karina acaba de viver mais uma das duras experiências a que a profissão de actriz tantas vezes obriga. A actriz, para não perder o seu precioso tempo, interpretou dois filmes simultâneamente.

Durante a noite dedicava-se a «Tu e as tuas nuvens», sendo as horas do dia reservadas para «Rendez-vous em Braye», de André Delvaux. Roger Van Holl e Mathieu Carrière são igualmente intérpretes desta ultima película, em que Anna Karina encarna o papel de uma mulher misteriosa que pode talvez ser o símbolo da felicidade.

Christoff, um grande

VIDA MUSICAL

BORIS CHRISTOFF CANTA NOVAMENTE EM LISBOA

Boris Christoff, um dos maiores cantores da actualidade, que o nosso publico bem conhece e tantas vezes tem aplaudido, volta a cantar em Lisboa, pois será ele quem vai viver, no palco do Teatro Nacional de S. Carlos, a figura de «Filipe II», da ópera «D. Carlos», de Verda, com a qual prossegue, no próximo dia 15, ás 21 e 15, a temporada de ópera de 1971.

Ao lado deste cantor ouviremos ainda um elenco de excepcional categoria: Muriel de Channes, Franca Muttiucci, Ruggero Bondino, Franco Bordoni e Loris Gambelli. Dirige o maestro Gianfranco Veltri e a encenação é de Riccardo Moresco. No espectáculo, que se repetirá no domingo, 18, ás 16 e 30, e no Coliseu dos Recreios, a 21, ás 21 e 15, colaboram ainda a Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional e o Coro do Teatro de S. Carlos.

Uma cantora brasileira em Lisboa

A Fundação Gulbenkian vai realizar, em colaboração com a Embaixada do Brasil, um concerto para apresentação da cantora brasileira Maura Moreira, que será acompanhada pelo prof. Erik Werba, de Viena.

Aquela artista, que após estudos no Brasil, obteve uma bolsa de estudos do Ministério da Educação para prosseguir a sua aprendizagem na Europa, tem-se apresentado em diversos teatros da Alemanha, fazendo parte do elenco do Teatro de Ópera de Colónia desde 1961. Além de cantar alguns dos papéis mais representativos do reportório operático, tais como «Amneris», na «Aida», «Santuzza», na «Cavaleria Rusticana», «Vénus», no «Tannhauser», entre muitos outros, dedica-se também á oratória e ao «lied»

O recital de Maura Moreira e Erik Werba está marcado para o próximo dia 23, ás 18 e 30, no Auditório n.º 2 da Gulbenkian. O programa inclui obras de Francesco Durante, Jacopo Peri, Gustav Mahler, Respighi, Falla, Francisco Lacerda, António Viana, Villa-Lobos e várias peças de folclore brasileiro, incluindo cantos do «Candomblé» da Baía.

Eric Heidsieck no Tivoli

O pianista francês Eric Heidsieck, primeiro prémio do Conservatório de Paris, e Grande Prémio do Disco, vem a Lisboa no próximo dia 14 para dar um concerto reservado aos sócios da S. C. L.

Do programa desta audição, marcada para as 18 e 30, fazem parte a «Fantasia e sonata em dó menor», de Mozart, «Sonata op. 110», de Beethoven, e «Fantasia», de Schumann.

HOWARD HAWKS dirigiu JOHN WAYNE em «RIO BRAVO» e «EL DOURADO»
50 % DE ACÇÃO
50 % DE EMOÇÃO
OFERECE-NOS AGORA NA MELHOR TRADIÇÃO DO WESTERN

RIO LOBO

JOHN WAYNE
em
"RIO LOBO"
A Cinema Center Films apresenta
MAIORES 12 anos
com Jorge Rivero · Jennifer O'Neill · Jack Elam · Victor French · Susana Dosamantes
arg. Burton Wohl e Leigh Brackett · hist. de Burton Wohl · música de Jerry Goldsmith
prod. e real. Howard Hawks · Technicolor
Um excl. RIVUS

EM PLENA PÁSCOA ESTREIA DE UM GRANDE FILME EM DOIS GRANDES CINEMAS
UM GRANDE FILME — UM GRANDE ÊXITO
2.ª SEMANA ALVALADE EDEN
EM COMPLEMENTO: «TOMAR — CIDADE VERDE», produção de Miguel Spiguel, realização de António Ruano

TEATRO VARIEDADES TEL. 326037
HOJE: AS 21.45 H.
5.ª SEMANA
UMA COMÉDIA DE GARGALHADA PERMANENTE
de Francis Veber
O contrato
Adultos
com RIBEIRINHO ● HENRIQUE SANTANA ● e estreia no teatro declamado SIMONE DE OLIVEIRA
SÁBADO: ÁS 21.45 H.
DOMINGO: ÁS 16 H.

TEATRO CAPITÓLIO TEL. 327493
HOJE, AS 21.45 H.
DOMINGO: Á TARDE, ÁS 16 H. (Adultos)
VASCO MORGADO apresenta
LAURA ALVES
a QUERIDA MAMA
"LA MAMMA"
12.ª SEMANA

TEATRO MONUMENTAL TEL. 555133
(Adultos)
VASCO MORGADO apresenta
HOJE, ás 21.45 h.
uma comédia de Barillet & Grédy
numa tradução de Jerónimo Bragança
Quarenta Quilates
com Milú lado a lado com Irene Isidro, Armando Cortez, Maria Adelina, Guida Maria, Luis Pinhão, Óscar Caetano, António Machado, António Semedo e a colaboração especial de Maria Paula
Uma encenação de Armando Cortez
Cenas de António Casimiro

TEATRO LAURA ALVES TEL. 864756
Brevemente:
VASCO MORGADO apresenta
(Adultos)
SÓ AS BORBOLETAS SÃO LIVRES
de LEONARD GERSHE
Em todos os palcos do mundo... A COMÉDIA DO ANO
encenação de António de Cabo

DESCANSO DAS COMPANHIAS 6.ª-FEIRA (SANTA)

Teatro Maria Matos TELEF. 717017
HOJE ÀS 21,45 H.
e só até domingo, 11
O INVULGAR ESPECTACULO
M/ 17
as irmãzinhas
Amanhã descanso da companhia
De Eduardo Manet ● Encenação de Costa Ferreira
NOTAVEL REALIZAÇÃO DO grupo 4
HOJE
NOITE POPULAR
com a tabela de preços reduzidos de sábado á tarde
Balcão: 10$, 15$ e 30$
Plateia: 30$00 e 50$00
Nesta curta série de espectáculos até 11 de Abril os jovens dos 17 aos 24 anos têm sempre o desconto de 50 %
BREVEMENTE
Maiores 17 anos
JOGOS DE SOCIEDADE
APAIXONANTE COMÉDIA DRAMÁTICA PARA 150 MINUTOS DE INTENSA VIBRAÇÃO

Júlio Gomes estreia-se na sua terra como matador de touros na corrida de Domingo de Páscoa

No cumprimento de uma tradição que vem de há longos anos, as portas da primeira praça de touros do País vão abrir-se no Domingo de Páscoa para a inauguração oficial da temporada tauromáquica de 1971.

Como não podia deixar de ser, os empresários do Campo Pequeno organizaram, para a primeira corrida formal da temporada, um cartaz de bom nível, a que não faltam motivos de interesse, nomeadamente na parte apeada, em que a «afición» portuguesa vai ter ensejo de apreciar pela primeira vez em Lisboa dois artistas que, no estrangeiro, alcançaram já notável nomeada e estão a caminho de ocupar lugar cimeiro entre os maiores cultores da arte de Montes: «Morenito de Cáceres» e Julio Gomes.

«Morenito de Cáceres» é, neste momento, uma das mais prometedoras figuras do toureio espanhol. Verdadeiro fenómeno que desponta, alcançou em Março passado, em Badajoz, ruidoso triunfo, cortando quatro orelhas. Muitos milhares de portugueses tiveram, então, ocasião de verificar a firmeza da sua arte e as qualidades que o impõem, e não deixarão, por certo, de aproveitar esta oportunidade para confirmar a impressão que o artista vincou nessa corrida memorável.

Para alternar com ele, não poderia ter sido mais bem escolhido o outro espada da corrida inaugural da temporada. Com efeito, Julio Gomes, que tomou a alternativa das mãos de Raul García, sobrinho do célebre Gregorio García, na praça da cidade mexicana de Tlaxcala, em Novembro último, apresenta-se pela primeira vez entre nós como matador, depois de uma ausência de três anos. Toureiro de extrema finura, requintado artista, estilista aprimorado, arrebata os aficionados pela serenidade com que enfrenta os inimigos, que domina com excepcional mestria. Os seus êxitos no México granjearam-lhe grande cartel, pelo que toureou em Lima e está de

Júlio Gomes, de esperançoso novilheiro a matador feito

novo contratado para a capital peruana, no mês de Julho.

Na parte equestre, estarão em praça José Maldonado Cortes, que teve uma época triunfal em Espanha, com o seu toureio dinamico, vistoso e espectacular; e José Luís Sommer de Andrade, a grande revelação de 1970, que veio subindo de forma de corrida para corrida e conquistou, com a sua fidelidade ás formas clássicas, não só o apreço como a confiança dos aficionados. Os forcados serão os Amadores do Montijo (chefiados por António Sécio), que foram os galardoados com o «Prémio da Imprensa» na temporada passada.

Para completar este famoso cartaz, os toiros são dos Herdeiros do dr. Norberto Pedroso para os cavaleiros e de Porto Alto (que tão boas provas têm dado) para a lide apeada.

ECLECTISMO NUM RECITAL DE VIOLA E PIANO

Variedade (ou eclectismo bem entendido) ressaltou na elaboração do programa apresentado no Auditório Dois pelo violetista Tasso Adamopoulos, actualmente chefe de naipe da Orquestra Gulbenkian. Instrumentista de sólida formação e pouco inclinado á expressão veemente, Adamopoulos recomenda-se nomeadamente por uma bonita sonoridade, sempre aveludada, e um fraseio bem lançado. Dentro destas características, decorreu o recital. A «Sonata n.º 1», para viola e piano, de Darius Milhaud, é de uma veia prazenteira e essencialmente luminosa, no seu discurso escorreito e cheio de naturalidade. A «Sonata op. 25, para viola solo», de Hindemith, é mais severa ou menos complacente no lirismo que também a percorre. Teria ganho, desta vez, com uma execução mais angulosa, isto é, que lhe acusasse mais vigorosamente certos contornos. A «Sonata n.º 3, em sol menor», de Bach (escrita para viola de gamba, na versão original) constituiu, porventura, a mais interessante realização do concerto, o qual incluia ainda mais outra sonata: a famosa «Arpeggione», de Schubert, que estamos mais habituados a ouvir na transcrição para violoncelo.

Com frequência cada vez maior Maria João Pires surge-nos integrada nessa excelente escola de aprofundamento estilístico e de disciplina que é a prática da musica de conjunto. A jovem pianista não desmereceu, uma vez mais, da sua sensibilidade de uma grande finura e atenta ao colorido subtil.

NUNO BARREIROS

HOLLYWOOD À BEIRA DO COLAPSO

SAN CLEMENTE, 8 (A. N. I.) — Representantes da industria cinematográfica de Hollywood pediram ao presidente Nixon que, dê o seu apoio á legislação destinada a reduzir em vinte por cento os impostos que incidem sobre a mesma industria, a qual — afirmam — se encontra á beira de «colapso».

Jack Valenti, presidente da Associação dos Produtores do Cinema, falando aos jornalistas pouco antes de ser recebido por Nixon, elogiou o presidente, acentuando que «é o primeiro a preocupar-se com a industria cinematográfica e estamos-lhe muito gratos por isso».

Por seu turno, Charlton Heston, presidente do Sindicato dos Actores, afirmou que no ano passado 76 por cento dos 23 000 membros do seu sindicato não chegaram a ganhar 3 000 dólares (90 contos).

Um curso de direcção coral

COIMBRA, 8 — Promovido pela inspectora de Canto Coral em serviço no Liceu D. Duarte, D. Isabel da Silva Nunes, houve naquele liceu um curso de direcção coral, ao qual concorreram cerca de vinte professores da área da sua jurisdição.

O curso despertou o maior interesse, traduzido no voto unânime de que possam realizar-se outros com a mesma finalidade. A sessão de encerramento foi presidida pelo reitor dr. Álvaro Silvestre e assistiram também a delegada distrital da M.P. em Coimbra. Exibiu-se um grupo especializado de canto coral, sob a direcção da inspectora D. Isabel Nunes.

ÚLTIMOS DIAS

HOJE, AS 21.45 H. 7.ª semana (Maiores de 17 anos)

AR CONDICIONADO TEATRO VILLARET o mais moderno e confortavel de lisboa

AMANHÃ, Descanso da Companhia ● SÁBADO, «Matinée», ás 16 horas (com 50% de desconto para estudantes); Noite, ás 21 e ás 23 horas

DEPOIS DA QUEDA AFTER THE FALL

LURDES NORBERTO / ROGÉRIO PAULO

LAURA SOVERAL — LUISA NETO — EDUARDA PIMENTA
BAPTISTA FERNANDES — ANTÓNIO MONTEZ
CARLOS SANTOS — LIBÂNIA FEITEIRA

Subsídios: Fundo de Teatro e Fundação Gulbenkian

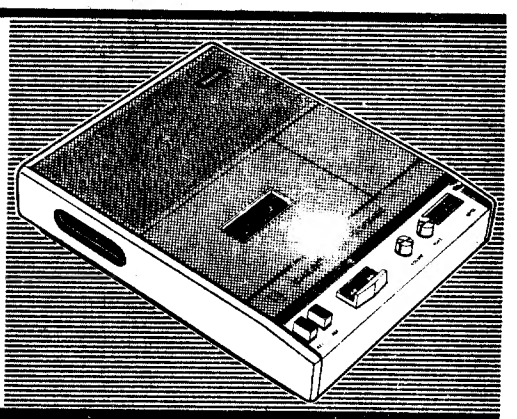
PEÇA DE Arthur Miller

HOJE, ás 18.30 horas
SÁBADO, ás 18.30 horas
DOMINGO DE PÁSCOA, ás 11 horas (6 anos)

A PEÇA INFANTIL (EM ULTIMOS DIAS)
EMÍLIO E OS DETECTIVES

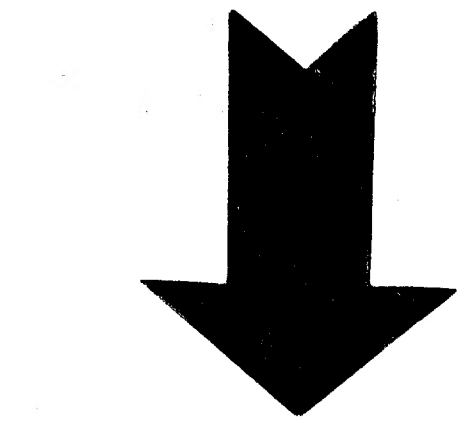
Estão já patentes ao público (entrada livre) os 200 desenhos infantis sobre a peça «EMÍLIO E OS DETECTIVES»

NOVO GRAVADOR DE "CASSETTES" PHILIPS MODELO N 2204



UMA PRENDA PARA RECORDAR

EM PORTUGAL prefira



HOTEL ESTORIL-SOL — De luxe —

404 QUARTOS COM CASA DE BANHO PRIVATIVA

AR CONDICIONADO EM TODO O EDIFÍCIO

PISCINA * SAUNA «BOITE» * BOWLING

CABELEIREIRO

ESTORIL (Cascais)

Telef. 28 28 31

Telex 1624 SOLTEL

Teleg. HOTELSOL

NOVO CASINO ESTORIL

(ABERTO TODO O ANO)

ROLETA, BANCA FRANCESA, BACARÁ CHEMIN DE FER, BACARÁ - BANCADO, BACARÁ PONTO E BANCA, BLACK-JACK/21, CHUCKLUCK, CRAPS E SLOT MACHINES

RESTAURANTE «MUSIC-HALL»

ESTORIL: NO INVERNO O CLIMA MAIS AMENO DA EUROPA

Telef. 26 45 21 — Telex 1660

Sob a mesma administração

(MAIORES DE 6 ANOS)

CORUCHE

DOMINGO 11 DE ABRIL ÁS 17 HORAS

Colossal Corrida, à portuguesa a favor da Liga dos Combatentes

6 corpulentos toiros de Herd. do Dr. Norberto Pedroso, para os ases do toureio a cavalo

J. Mestre Baptista
Luís M. Veiga
Fernando A. Salgueiro

com a colaboração dos dois mais famosos grupos de forcados, de Portugal, Amadores de Santarém e Amadores de Montemor

COLISEU

HOJE, ÁS 21.30
(Maiores 6 anos)
OS GRANDES FILMES
O DIVINO MESTRE
e
Aquele Fato Branco
PREÇOS POPULARES
AMANHÃ
Á TARDE, ás 16 h.
E Á NOITE, ás 21.30 h.
O mesmo programa

abc (Adultos)

EMPRESA TEATRAL JOSÉ MIGUEL, LDA.

HOJE, 2 ESPECTACULOS 20.45 e 23 h.

A REVISTA POPULAR

FRANGAS NA GRELHA

EM 3. MÊS DE EXIBIÇÃO

Uma produção de Humberto Cunha

interpretada por um elenco de primeiras figuras: IVONE SILVA, NICOLAU BREYNER, ANITA GUERREIRO, ÓSCAR ACURSIO Anabela, Luis Horta, Maria Tavares, Orlando Fernandes, Nina Flores, Lina Morgado, Eduardo Vilaverde, Fernanda Pinto, Leonor Cafum e, em participação especial, TONY DE MATOS

ATENÇÃO: Esta semana, o repouso da Companhia é amanhã, 6.ª-feira.

TRINDADE

HOJE, ás 21.45 horas
(Adultos)
E SÓ ATÉ AO DIA 14
O DUELO
de BERNARDO SANTARENO
Sábado — Tarde às 16 horas a preços reduzidos
Domingo — Tarde dedicada a estudantes

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

RESTAURANTE

A KAVERNA

Encerra amanhã, dada a solenidade do dia

TRAV. FIÉIS DE DEUS, 34 — TEL. 35591/2

A COMPANHIA PORTUGUESA DE CELULOSE EM 1970

Como foi noticiado, a assembleia geral ordinária da Companhia Portuguesa de Celulose aprovou, por unanimidade, na sua reunião de 23 de Março, o relatório e contas do conselho de administração e o parecer do conselho fiscal referentes ao exercício de 1970. No primeiro desses documentos, o conselho de administração começou por prestar sentida homenagem á memória do sr. eng.º Eduardo Rodrigues de Carvalho, evocando em termos enaltecedores a figura e a obra deste seu antigo presidente, falecido em Setembro ultimo, apresentando depois uma ideia geral sobre a situação da empresa e a análise esclarecedora dos seus aspectos essenciais.

Quanto á produção assinala que foi atingido, naquele ano, o total de 127 000 toneladas de pastas cruas, das quais se branquearam 97 500 toneladas de pinho e eucalipto.

O volume de pastas fabricado constitui um acréscimo de 12 000 toneladas relativamente a 1969 e representa, no curto espaço de três anos, a duplicação do nível de produção alcançado em 1967, quando ainda se não dispunha do novo equipamento fabril.

O relatório elucida, a seguir, sobre os motivos que impediram o cumprimento da programação de fabrico para 1970, e a natureza das providências impostas pelo problema. Fabricou-se um total de 31 000 toneladas de papel ou seja menos 5500 toneladas do que no ano anterior. Apontadas as causas desta redução, revela-se, seguidamente, como, sem prejuízo das exigências do sector das embalagens, se conseguiu colocar nos mercados interno e externo 12 000 toneladas dos papéis que a companhia fabricou.

Menciona ainda o capítulo dedicado á produção que no sector de embalagens — cartão canelado, caixas, sacos, fita gomada e sem goma — se atingiu um fabrico global equivalente ao do ano anterior.

Durante o ano de 1970 vigorou já a nova convenção negociada com a SOCEL pela qual foi criada uma Central Comum de Vendas com sede na Companhia Portuguesa de Celulose A evolução do volume total de vendas, relativamente ás duas empresas foi o seguinte: 714 205 contos, em 1968; 905 873 contos, em 1969; e 1 018 792 contos, em 1970. Nos mesmos anos, o valor das vendas realizadas teve a seguinte distribuição por mercados: mercado nacional — 322 427 contos, em 1968; 367 341 contos, em 1969; e 365 671 contos, em 1970. Mercados externos — 391 778 contos, em 1968; 538 532 contos, em 1969; e 653 121 contos, em 1970.

Os produtos vendidos apresentavam a seguinte distribuição por proveniências: Fabrico próprio — 410 795 contos, em 1968; 557 061 contos, em 1969; 625 663 contos, em 1970. Fabrico nacional alheio — 295 382 contos, em 1968; 334 586 contos, em 1969; e 391 339 contos, em 1970. O significativo contributo das actividades da Companhia Portuguesa de Celulose e da SOCEL para a balança de pagamentos do País tem a seguinte expressão no mesmo triénio, devendo considerar-se que as pástas vendidas para o mercado interno evitam a importação a que teria de recorrer-se na falta de produção das duas empresas: Exportado—391 778 contos, em 1968; 538 532 contos, em 1969; e 653 121 contos, em 1970. Vendas de pástas no mercado interno — 108 315 contos, em 1968; 165 037 contos, em 1969; e 211 573 contos, em 1970.

O relatório refere-se á maneira como em 1970 se manteve cuidadosa política de investimentos nas instalações fabris, de harmonia com linhas gerais de orientação que pormenorizadamente se indicam.

Salienta-se que atingiu 555 mil contos o valor total dos investimentos com a ampliação dos diversos sectores das instalações fabris da empresa, de 1964 até o fim de 1970.

Ao ocupar-se de matérias-primas, o relatório evidencia a forma totalmente satisfatória como, em 1970, o abastecimento de madeiras foi efectivado através da MADEIPER. E acentua, a propósito da actividade desta organização que «foi possível conciliar as conveniências próprias da Lavoura e da Industria, de harmonia com os superiores interesses nacionais, assegurando-se á primeira, a colocação dos seus produtos florestais e garantindo-se a esta ultima o seu abastecimento conforme as quotas estabelecidas. Os resultados obtidos no curto período de um ano de trabalho e a confiança que a MADEIPER conquistou já nos sectores a que está ligada são a prova da oportunidade da sua criação e da razão das esperanças que se depositavam na sua actividade. Resultados tão animadores ficam-se muito especialmente devendo á qualificada e prestimosa acção do Exmo. Sr. Manuel de Queiroz Pereira, que com desinteressada dedicação exerce desde o início as funções de presidente daquela organização, garantindo com a sua orientação o cumprimento dos objectivos para que foi criada».

Em capítulo próprio, o relatório apresenta breve análise do mercado do trabalho indicando as causas da rarefacção da mão-de-obra; a sensível elevação salarial; a progressiva melhoria de situação e das regalias dos trabalhadores da Companhia, etc.

O conselho de administração assinala ainda, o grande interesse com que foi recebida a publicação do decreto-lei n.º 491/70 que abre promissoras perspectivas á florestação do País e revela que a companhia criou um serviço de florestação para o fomento próprio desta actividade, particularmente no que respeita ao eucalipto.

Após ter exposto um resumo da situação económica da companhia, o conselho de administração afirma que ela «apesar de não ter alcançado ainda todos os objectivos programados, espera concretizá-los com a maior urgência, contribuindo com o melhor do seu esforço para o incremento económico do País e, simultaneamente, para o desenvolvimento da política de expansão industrial em que o Governo se encontra empenhado».

Ao fechar o capítulo dedicado á situação financeira da empresa o relatório conclui que ela continua a revestir-se dos aspectos positivos e optimistas que sempre a têm caracterizado

Para o saldo da Conta de Ganhos e Perdas, o Conselho de Administração propôs o reforço de algumas das reservas constantes do balanço e a atribuição do dividendo habitual.

No seu parecer, o Conselho Fiscal reconhece o esforço que foi necessário empenhar para que os resultados do exercício viessem a atingir valor tão significativo para a economia da empresa, que bem demonstram o impulso operado depois da ampliação das instalações fabris, iniciado em 1969 e que, seguidamente, começou a fazer-se sentir, não sómente no que respeita às quantidades produzidas, mas também ás suas qualidades.

ARRASTÕES GUARDADOS À VISTA

OLHÃO, 8 — A Guarda Fiscal continua a manter sob vigilancia os dois arrastões de pesca («Cidade de Portimão» e «Vila de Alportel») envolvidos, conforme largamente noticiámos, no caso de contrabando de cabos e rodeles para redes de pesca.

Assunto de todas as conversas durante largo tempo, ainda hoje não esqueceu, mantendo-se os referidos barcos fundeados na Doca de Abrigo, com guarda a vista, aguardando que aqui se desloque o engenheiro naval que os avalie, a pedido da Alfândega e no sentido de lhes ser arbitrada a requerida fiança, sem a prestação da qual não podem movimentar-se nem dedicar-se á sua faina da pesca.

Sabemos que a Alfândega pediu a vinda do engenheiro naval por intermédio da Capitania do Porto, pelo que a vinda do referido oficial só se pode efectuar por despacho ministerial. Esta a razão da demora.

HOMENAGEM A UM DEFENSOR DA LAVOURA

ABRANTES, 8 — Termina este ano a sua carreira de dirigente o capitão João da Costa Andrade, que completa 80 anos de idade e 30 de presidência do Grémio da Lavoura dos concelhos de Abrantes, Constancia, Mação e Sardoal.

Firme nas suas convicções leal e urbano no trato, agiu sempre sem tibiezas, pois nunca receou jogar o lugar quando era preciso defender a lavoura regional. Por esse motivo um grupo de amigos, ligado ao sector agrícola, vai homenageá-lo de uma maneira simples no próximo dia 18.

O programa inclui missa na paroquial de S. João, transmissão de poderes ao seu sucessor e almoço de homenagem no Hotel de Turismo.

Aspecto da reunião da I. A. A. em Luanda

NUMA REUNIÃO EM LUANDA

Salientada a importância da presença do Ultramar no Congresso do I. A. A.

LUANDA, 8. — (L.) — A importancia da participação do Ultramar Português no próximo Congresso Mundial da Associação Internacional de Publicidade, a realizar em Junho, em Lisboa, foi salientada na reunião promovida, num dos hotéis de Luanda, pelo Chapeter Português de International Advertising Association e pela comissão organizadora daquele congresso, que será o vigésimo segundo.

Por impossibilidade, da ultima hora, do sr. governador-geral, coronel Rebocho Vaz, presidiu á sessão o secretário-geral, dr. Governo Montês, que o representou. Compareceram as mais altas individualidades de Angola, do sector oficial e das actividades privadas, com especial preponderancia para os meios económicos.

Recebidos pelo sr. Jorge Rodrigues, membro do conselho de administração da International Advertising Association, na sua qualidade de secretário-geral do Chapeter Português da I. A. A. e do próximo Congresso Mundial de Lisboa; pelo sr. José Manuel Pereira da Costa, subdirector do «Diário de Luanda», delegado em Angola do «Chapeter», e pelo sr. Rui Correia de Freitas, director do jornal «A Província de Angola» e presidente da delegação angolana ao Congresso, os convidados tiveram oportunidade de escutar uma pormenorizada exposição feita pela primeira daquelas individualidades, sobre o próximo congresso.

O sr. Jorge Rodrigues começou por historiar a formação dos E. U. A., da I. A. A., passando depois a caracterizar pragmáticamente, as determinantes e objectivos da instituição. Realçou, seguidamente, que a reunião em Portugal do 22.º Congresso Mundial da I. A. A. constituiu motivo de justificada honra para o Conselho Territorial Português da I. A. A. e, também, para o próprio País, conforme explicitamente afirmou, em tempo, o presidente do Chapeter Português, dr. Augusto de Castro.

Prosseguindo, o sr. Jorge Rodrigues anunciou que o dr. César Moreira Baptista aceitou o cargo de presidente nacional do congresso e que todas as parcelas de Portugal foram incluídas numa só região geográfica, das 14 em que a I. A. A. dividiu o Mundo.

Usaram ainda da palavra o sr. Rui Correia de Freitas, que sublinhou a importancia da iniciativa do Chapeter Português da I. A. A. para o desenvolvimento de Angola, e o dr. Governo Montês, que apelou, em nome do governador-geral, para que os representantes das organizações económicas e empresariais presentes, para que em grande numero, se todos o não puderem, se inscrevam e estejam presentes no congresso, dado que «dessa comparticipação resultará decerto grande benefício para Angola, o que quer dizer para Portugal».

AS EXPORTAÇÕES DA EFTA EM JANEIRO AUMENTARAM 6,4 %

• AS DE PORTUGAL PARA A CEE DIMINUÍRAM

GENEBRA, 8 — (F. P.) — As exportações totais da EFTA em Janeiro de 1971 atingiram 3 biliões e 382 milhões de dólares tendo tido um aumento de 6,4 por cento relativamente a Janeiro do ano passado.

As importações gerais da EFTA atingiram 4 biliões e 72 milhões de dólares ou seja mais 4,4 por cento. As exportações e importações do Reino Unido foram registadas com atrazo por causa da greve dos correios britânicos. O comércio total da EFTA foi um pouco mais importante do que indicam estes numeros.

As exportações interregionais da EFTA, num montante total de 951 milhões de dólares foram 9,4 por cento mais do que em Janeiro de 1970. As vendas de Portugal, da Islandia e do Reino Unido aos seus colegas diminuíram 39,1, 33,3 e 4,2 por cento respectivamente.

O numero indicado para o Reino Unido está um pouco prejudicado pela razão já apontada. Foram a Suécia e a Dinamarca que registaram os aumentos mais sensíveis em percentagem: 19,1 e 18,2 por cento.

As exportações da AFTA para a CEE (os seis) elevaram-se em Janeiro a 899 milhões de dólares. As importações ascenderam a um bilião 271,6 milhões de dólares, tendo havido assim aumentos de 4,6 e de 8,7 por cento respectivamente. Este aumento das exportações da EFTA foi atingido a despeito das vendas á CEE da Islandia, da Noruega, da Dinamarca e de Portugal terem diminuído.

As exportações da EFTA para os Estados Unidos continuaram a crescer para atingirem 298 milhões de dólares, mais 8,2 por cento, relativamente a Janeiro do ano passado.

As importações provenientes dos Estados Unidos, com 339 milhões de dólares, foram inferiores em 1-2 por cento ao nível de Janeiro de 1970.

«VOZ DO OPERÁRIO»

Comunica-nos a prestigiosa Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário» que, na sua assembleia geral, foi aprovado por unanimidade um voto de louvor ao «Diário de Lisboa».

ESCORT
EM 6 VERSÕES
EXPERIMENTE...
E DEPOIS DECIDA
NO SEU CONCESSIONÁRIO
FORD LINCURI
AV. DA REPÚBLICA, 32 — LISBOA
e concelhos de Cascais, Loures, Oeiras, Sintra e V. F. Xira

A COMPANHIA PORTUGUESA DE CELULOSE EM 1970

Como foi noticiado, a assembleia geral ordinaria da Companhia Portuguesa de Celulose aprovou, por unanimidade, na sua reunião de 23 de Março, o relatório e contas do conselho de administração e o parecer do conselho fiscal referentes ao exercício de 1970. No primeiro desses documentos, o conselho de administração começou por prestar sentida homenagem á memória do sr. eng.º Eduardo Rodrigues de Carvalho, evocando em termos enaltecedores a figura e a obra deste seu antigo presidente, falecido em Setembro ultimo, apresentando depois uma ideia geral sobre a situação da empresa e a análise esclarecedora dos seus aspectos essenciais.

Quanto á produção assinala que foi atingido, naquele ano, o total de 127 000 toneladas de pastas crúas, das quais se branquearam 97 500 toneladas de pinho e eucalipto.

O volume de pastas fabricado constitui um acréscimo de 12 000 toneladas relativamente a 1969 e representa, no curto espaço de três anos, a duplicação do nível de produção alcançado em 1967, quando ainda se não dispunha do novo equipamento fabril.

O relatório elucida, a seguir, sobre os motivos que impediram o cumprimento da programação de fabrico para 1970, e a natureza das providências impostas pelo problema. Fabricou-se um total de 31 000 toneladas de papel ou seja menos 5500 toneladas do que no ano anterior. Apontadas as causas desta redução, revela-se, seguidamente, como, sem prejuizo das exigências do sector das embalagens, se conseguiu colocar nos mercados interno e externo 12 000 toneladas dos papéis que a companhia fabricou.

Menciona ainda o capítulo dedicado á produção que no sector de embalagens — cartão canelado, caixas, sacos, fita gomada e sem goma — se atingiu um fabrico global equivalente ao do ano anterior.

Durante o ano de 1970 vigorou já a nova convenção negociada com a SOCEL pela qual foi criada uma Central Comum de Vendas com sede na Companhia Portuguesa de Celulose. A evolução do volume total de vendas, relativamente ás duas empresas foi o seguinte: 714 205 contos, em 1968; 905 873 contos, em 1969; e 1 018 792 contos, em 1970. Nos mesmos anos, o valor das vendas realizadas teve a seguinte distribuição por mercados: mercado nacional — 322 427 contos, em 1968; 367 341 contos, em 1969; e 365 671 contos, em 1970. Mercados externos — 391 778 contos, em 1968; 538 532 contos, em 1969; e 653 121 contos, em 1970.

Os produtos vendidos apresentavam a seguinte distribuição por proveniências: Fabrico próprio — 410 795 contos, em 1968; 557 061 contos, em 1969; 625 663 contos, em 1970. Fabrico nacional alheio — 295 382 contos, em 1968; 334 586 contos, em 1969; e 391 339 contos, em 1970. O significativo contributo das actividades da Companhia Portuguesa de Celulose e da SOCEL para a balança de pagamentos do País tem a seguinte expressão no mesmo triénio, devendo considerar-se que as pastas vendidas para o mercado interno evitam a importação a que teria de recorrer-se na falta de produção das duas empresas: Exportado — 391 778 contos, em 1968; 538 532 contos, em 1969; e 653 121 contos, em 1970. Vendas de pastas no mercado interno — 108 315 contos, em 1968; 165 037 contos, em 1969; e 211 573 contos, em 1970.

O relatório refere-se á maneira como em 1970 se manteve cuidadosa política de investimentos nas instalações fabris, de harmonia com linhas gerais de orientação que pormenorizadamente se indicam.

Salienta-se que atingiu 555 mil contos o valor total dos investimentos com a ampliação dos diversos sectores das instalações fabris da empresa, de 1964 até o fim de 1970.

Ao ocupar-se de matérias-primas, o relatório evidencia a forma totalmente satisfatória como, em 1970, o abastecimento de madeiras foi efectivado através da MADEIPER. E acentua, a propósito da actividade desta organização que «foi possível conciliar as conveniências próprias da Lavoura e da Industria, de harmonia com os superiores interesses nacionais, assegurando-se á primeira, a colocação dos seus produtos florestais e garantindo-se a esta ultima o seu abastecimento conforme as quotas estabelecidas. Os resultados obtidos no curto período de um ano de trabalho e a confiança que a MADEIPER conquistou já nos sectores a que está ligada são a prova da oportunidade da sua criação e da razão das esperanças que se depositavam na sua actividade. Resultados tão animadores ficam-se muito especialmente devendo á qualificada e prestimosa acção do Exmo. Sr. Manuel de Queiroz Pereira, que com desinteressada dedicação exerce desde o início as funções de presidente daquela organização, garantindo com a sua orientação o cumprimento dos objectivos para que foi criada».

Em capítulo próprio, o relatório apresenta breve análise do mercado do trabalho indicando as causas da rarefacção da mão-de-obra; a sensível elevação salarial; a progressiva melhoria de situação e das regalias dos trabalhadores da Companhia, etc.

O conselho de administração assinala ainda, o grande interesse com que foi recebida a publicação do decreto-lei n.º 491/70 que abre promissoras perspectivas á florestação do País e revela que a companhia criou um serviço de florestação para o fomento próprio desta actividade, particularmente no que respeita ao eucalipto.

Após ter exposto um resumo da situação económica da companhia, o conselho de administração afirma que ela «apesar de não ter alcançado ainda todos os objectivos programados, espera concretizá-los com a maior urgência, contribuindo com o melhor do seu esforço para o incremento económico do País e, simultaneamente, para o desenvolvimento da política de expansão industrial em que o Governo se encontra empenhado».

Ao fechar o capítulo dedicado á situação financeira da empresa o relatório conclui que ela continua a revestir-se dos aspectos positivos e optimistas que sempre a têm caracterizado

Para o saldo da Conta de Ganhos e Perdas, o Conselho de Administração propôs o reforço de algumas das reservas constantes do balanço e a atribuição do dividendo habitual.

No seu parecer, o Conselho Fiscal reconhece o esforço que foi necessário empenhar para que os resultados do exercício viessem a atingir valor tão significativo para a economia da empresa, que bem demonstram o impulso operado depois da ampliação das instalações fabris, iniciado em 1969 e que, seguidamente, começou a fazer-se sentir, não sómente no que respeita ás quantidades produzidas, mas também ás suas qualidades.

ARRASTÕES GUARDADOS À VISTA

OLHÃO, 8 — A Guarda Fiscal continua a manter sob vigilancia os dois arrastões de pesca («Cidade de Portimão» e «Vila de Alportel») envolvidos, conforme largamente noticiámos, no caso de contrabando de cabos e rodeles para redes de pesca.

Assunto de todas as conversas durante largo tempo, ainda hoje não esqueceu, mantendo-se os referidos barcos fundeados na Doca de Abrigo, com guarda a vista, aguardando que aqui se desloque o engenheiro naval que os avalie, a pedido da Alfândega e no sentido de lhes ser arbitrada a requerida fiança, sem a prestação da qual não podem movimentar-se nem dedicar-se á sua faina da pesca.

Sabemos que a Alfândega pediu a vinda do engenheiro naval por intermédio da Capitania do Porto, pelo que a vinda do referido oficial só se pode efectuar por despacho ministerial. Esta a razão da demora.

HOMENAGEM A UM DEFENSOR DA LAVOURA

ABRANTES, 8 — Termina este ano a sua carreira de dirigente o capitão João da Costa Andrade, que completa 80 anos de idade e 30 de presidência do Grémio da Lavoura dos concelhos de Abrantes, Constancia, Mação e Sardoal.

Firme nas suas convicções leal e urbano no trato, agiu sempre sem tibiezas, pois nunca receou jogar o lugar quando era preciso defender a lavoura regional. Por esse motivo um grupo de amigos, ligado ao sector agrícola, vai homenageá-lo de uma maneira simples no próximo dia 18.

O programa inclui missa na paroquial de S. João, transmissão de poderes ao seu sucessor e almoço de homenagem no Hotel de Turismo.

Aspecto da reunião da I. A. A. em Luanda

NUMA REUNIÃO EM LUANDA

Salientada a importância da presença do Ultramar no Congresso do I. A. A.

LUANDA, 8. — (L.) — A importancia da participação do Ultramar Português no próximo Congresso Mundial da Associação Internacional de Publicidade, a realizar em Junho, em Lisboa, foi salientada na reunião promovida, num dos hotéis de Luanda, pelo Chapeter Português de International Advertising Association e pela comissão organizadora daquele congresso, que será o vigésimo segundo.

Por impossibilidade, da ultima hora, do sr. governador-geral, coronel Rebocho Vaz, presidiu á sessão o secretário-geral, dr. Governo Montês, que o representou. Compareceram as mais altas individualidades de Angola, do sector oficial e das actividades privadas, com especial preponderancia para os meios económicos.

Recebidos pelo sr. Jorge Rodrigues, membro do conselho de administração da International Advertising Association, na sua qualidade de secretário-geral do Chapeter Português da I. A. A. e do próximo Congresso Mundial de Lisboa; pelo sr. José Manuel Pereira da Costa, subdirector do «Diário de Luanda», delegado em Angola do «Chapeter», e pelo sr. Rui Correia de Freitas, director do jornal «A Província de Angola» e presidente da delegação angolana ao Congresso, os convidados tiveram oportunidade de escutar uma pormenorizada exposição feita pela primeira daquelas individualidades, sobre o próximo congresso.

O sr. Jorge Rodrigues começou por historiar a formação dos E. U. A., da I. A. A., passando depois a caracterizar pragmáticamente, as determinantes e objectivos da instituição. Realçou, seguidamente, que a reunião em Portugal do 22.º Congresso Mundial da I. A. A. constituiu motivo de justificada honra para o Conselho Territorial Português da I. A. A. e, também, para o próprio País, conforme explicitamente afirmou, em tempo, o presidente do Chapeter Português, dr. Augusto de Castro.

Prosseguindo, o sr. Jorge Rodrigues anunciou que o dr. César Moreira Baptista aceitou o cargo de presidente nacional do congresso e que todas as parcelas de Portugal foram incluídas numa só região geográfica, das 14 em que a I. A. A. dividiu o Mundo.

Usaram ainda da palavra o sr. Rui Correia de Freitas, que sublinhou a importancia da iniciativa do Chapeter Português da I. A. A. para o desenvolvimento de Angola, e o dr. Governo Montês, que apelou, em nome do governador-geral, para que os representantes das organizações económicas e empresariais presentes, para que em grande numero, se todos o não puderem, se inscrevam e estejam presentes no congresso, dado que «dessa comparticipação resultará decerto grande benefício para Angola, o que quer dizer para Portugal».

AS EXPORTAÇÕES DA EFTA EM JANEIRO AUMENTARAM 6,4 %

• AS DE PORTUGAL PARA A CEE DIMINUÍRAM

GENEBRA, 8 — (F. P.) — As exportações totais da EFTA em Janeiro de 1971 atingiram 8 biliões e 382 milhões de dólares tendo tido um aumento de 6,4 por cento relativamente a Janeiro do ano passado.

As importações gerais da EFTA atingiram 4 biliões e 72 milhões de dólares ou seja mais 4,4 por cento. As exportações e importações do Reino Unido foram registadas com atrazo por causa da greve dos correios britânicos. O comércio total da EFTA foi um pouco mais importante do que indicam estes numeros.

As exportações interregionais da EFTA, num montante total de 951 milhões de dólares foram 9,4 por cento mais do que em Janeiro de 1970. As vendas de Portugal, da Islandia e do Reino Unido aos seus colegas diminuíram 39,1, 33,3 e 4,2 por cento respectivamente.

O numero indicado para o Reino Unido está um pouco prejudicado pela razão já apontada. Foram a Suécia e a Dinamarca que registaram os aumentos mais sensíveis em percentagem: 19,1 e 18,2 por cento.

As exportações da AFTA para a CEE (os seis) elevaram-se em Janeiro a 899 milhões de dólares. As importações ascenderam a um bilião 271,6 milhões de dólares, tendo havido assim aumentos de 4,6 e de 8,7 por cento respectivamente. Este aumento das exportações da EFTA foi atingido a despeito das vendas á CEE da Islandia, da Noruega, da Dinamarca e de Portugal terem diminuído.

As exportações da EFTA para os Estados Unidos continuaram a crescer para atingirem 298 milhões de dólares, mais 8,2 por cento, relativamente a Janeiro do ano passado.

As importações provenientes dos Estados Unidos, com 339 milhões de dólares, foram inferiores em 1-2 por cento ao nível de Janeiro de 1970.

«VOZ DO OPERÁRIO»

Comunicam-nos a prestigiosa Sociedade de Instrução e Beneficência «A Voz do Operário» que, na sua assembleia geral, foi aprovado por unanimidade um voto de louvor ao «Diário de Lisboa».

ESCORT
EM 6 VERSÕES
EXPERIMENTE...
E DEPOIS DECIDA
NO SEU CONCESSIONÁRIO
FORD LINCURI
AV. DA REPÚBLICA, 32 — LISBOA
e concelhos de Cascais, Loures, Oeiras, Sintra e V. F. Xira

CANAL DA CRÍTICA

por MÁRIO CASTRIM

CALMA!, HÁ CAVALOS PARA TODAS AS BOLSAS.

Ao princípio na TV Educativa, foi a presença de Pimenta da Gama. Vem dar umas lições de Hipismo. Chama ao cavalo «nobre bruto», digamos que começou a montar em burros com a idade de um ano e mais tarde confidenciou-nos que *«o hipismo hoje é acessível a quase todas as bolsas»*. Tomei nota, com um contentamento bem compreensível, pois julgo ver chegar um dia a minha vez de andar por esses montes e vales integrado em opulentas coboiadas.

Porém, eu gostaria de perguntar a Pimenta da Gama se não haverá por aí alguma ponta de exagero. Será assim mesmo tão acessível a qualquer bolsa? Certo, existem picadeiros civis e a Mocidade Portuguesa mantém cursos que funcionam nos quartéis da G. N. R.

O curso de hipismo vai prosseguir por algumas (muitas, muitas!) semanas. Naturalmente Pimenta da Gama não deixará de responder á minha pergunta. Daqui lho solicito.

Falemos agora, falemos tanto quanto possível, da rubrica quinzenária «Convergência». Nela, a poetisa Natália Correia proferia numa conferência de bom recorte literário sobre Almada Negreiros; Mário Dias Ramos referiu-se «aos especialistas do bombismo intelectual», com intenções que não se descortinam fàcilmente; Jacinto Prado Coelho, entrevistado por Luís Cajão, falou da novel revista «Colóquio Letras» que co-dirige e afirmou, a propósito, que «ela vinha preencher uma lacuna» pois *«não havia em Portugal qualquer revista dedicada à literatura»*.

Retenha-se esta afirmação, que para muitos telespectadores terá sido uma grande surpresa. Surpresa, decerto, logo substituída por uma sensação de alívio. Não havia revista literária, mas já há, uff!, pois assim se preenche uma lacuna!

No entanto, faltou dizer que, a revista custa 25 escudos. O bom-senso, entenderá que a lacuna pouco preenchida ficará. Ainda mais se nos lembrarmos que sairá quatro vezes por ano... Pela parte que me toca, desejo à novel revista as maiores venturas e prosperidades, a bem da literatura nacional e brasileira, «sem dependência de escolas, sectarismos ou de proselitismos, apenas fará uma discriminação: a de qualidade; apenas imporá uma norma: a da tolerância, de respeito mútuo». Como se lê nas palavras de apresentação da revista.

No entanto, o mais valioso da «Convergência» consistiu no capítulo dedicado a Sintra e ao Palácio da Pena. Sintra merece.

A vila de Sintra, com um total de 79 964 habitantes, fica na extremidade do caminho-de-ferro Lisboa-Sintra. Na outra extremidade fica Lisboa. Sintra, Lisboa e Cascais formam um triângulo. Tem vegetação luxuriante e também é uma vila suficientemente histórica.

Ver vi. Mas não ouvi. As condições acústicas, talvez porque o estádio estava quase vazio, talvez pelo tecto baixo das nuvens, eram tremendamente favoráveis. Tão tremendamente, que nunca apito arbitral nenhum se ouviu tão bem. Além disso, havia aquela corneta. Corneta feroz, implacável, tentónica. Corneta resolvida a estoirar-nos os tímpanos. Odienta corneta, perdão, já nem sei o que digo.

Rádio

PAOGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.º Programa metropolitano — Ás 16: Noticiário, 16 e 05: Ao sabor da fantasia; 17: Canconetas francesas, 17 e 30, «Falua», Programa Infantil, por Ana Maria 18 e 05: O convidado de hoje: Cat Stevens; 18 e 25: Musica popular portuguesa; 19 e 10: Musica de Zarzuela: «La Verbena de la Paloma» (Tomas Breton e Ricardo de La Vega); 20: Diário Sonoro; 20 e 20: O Conjunto: «Every Mothers» Son; 20 e 30: 12.º Episódio do Folhetim «Ben-Hur»; 21: Momento 71»; 21 e 20: Musica, só musica; 21 e 50: Dia a dia com a Ciência, pelo dr Marques da Costa; 22 e 10: Fados, por Maria Portugal e José Amaro; 22 e 30: Novidades em Discos, texto e selecção de Paulo Medeiros; 23 e 05: Êxitos da Europa; 23 e 30: Canções que o mundo canta, 0 e 05: Ao encontro da melodia; 0 e 30: Rádio desporto; 0 e 45: Fados de Coimbra, por Loubet Bravo; 1: Diário Sonoro e Fecho.

2.º Programa metropolitano— Ás 16: Que quer ouvir? — Programa elaborador por Margarida Brandão; 18 e 10: Musica Portuguesa — Obras de Luís de Freitas Branco; 19: Transmissão da Sé Patriarcal do Pontifical de comemoração da Cria do Senhor; No final: (cerca dos 20 e 15) — Solos de órgão — Pastoral em fá maior (Bach), pelo organista André Marchal; 20 e 45: Consolações (Liszt), pelo pianista Aldo Ciccolini; 21: Oratória «Davidde Penitente» (Mozart); 21 e 20: Tempo literário; 21 e 45: Uma Abertura de Brahms; 22: Teatro dos nossos dias, pelo dr Leopoldo de Araujo — «Presença Actuante de Marte no Teatro Simoblista»; 22 e 58: Fecho.

Programa Este reofónico — MF 2 — Ás 21: Festival de Bayreuth de 1970 (gravações cedidas pela Rádio da Bavieral); Transmissão do drama musical em 3 actos «Parsifal», de Wagner; 0 e 58 Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — Ás 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio Jornal; 20 e 07: Selecção para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio Placard; 21 e 03: Diálogo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Mensagens bíblicas; 23 e 19: Grande roda, 0 e 02: «P.B.X.»; 2: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Ás 16 e 04: Programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-noite em SM; 22 e 02: Programa á Gá-Gá; 0 e 02: Em órbita - dois; e 02: Banda Sonora; 2: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Ás 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 19 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: «Matinée» teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Rabbialac; 19 e 35: Estudio 64; 20 e 10: Norte dia a dia; 21 e 05: Só-Rádio; 21 e 40: Contrastes musicais; 21 e 45: O Arauto da Verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Tirocínio; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA—233,2 m — 1286 kc/s — Ás 16: Radiorama; 18 e 05: Acerte connosco; 18 e 30: Recitação do terço; 19: Transmissão da Basílica dos Mártires, da Missa da Ceia do Senhor, da Cerimónia do Lava-Pés e do Serão; 20 e 55: Meditando; 21: O meu Cristo partido de casa em casa; 21 e 45: Musica; moderna religiosa; 22 e 30: A noite de 5.ª-feira, segundo a Bíblica; 23: Transmissão da Hora Santa, da Basílica dos Mártires; 24: Encerramento.

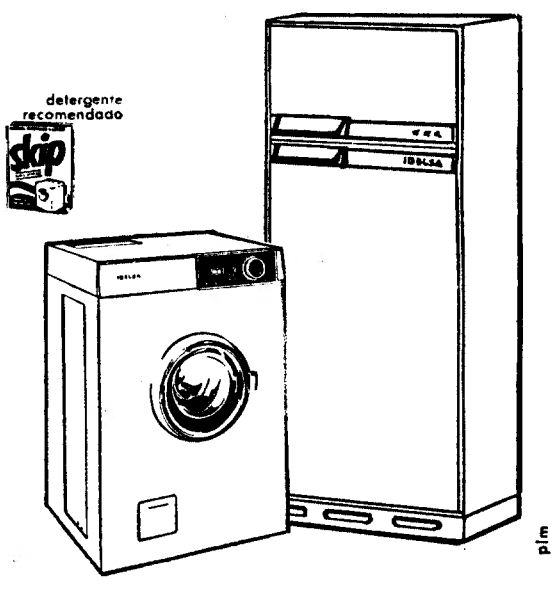
Estação do Porto — 256,6 m — 1169 kc/s — Ás 16: Radiorama; 17 e 15: Musica seleccionada; 17 e 30: Missa da Ceia do Senhor, transmitida da Sé Catedral do Porto; 19: Terço, da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 19 e 30: Eventual; 20 e 55: Meditando; 21: O meu Cristo partido de casa em casa; 21 e 45: Musica moderna religiosa; 22 e 30: A noite de quinta-feira, segundo a Bíblia; 23: Transmissão da Hora Santa, da Basílica dos Mártires; 24: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA—Onda média—188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 ás 8 e das 12 ás 14 e 30: **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 ás 12 e das 19 e 30 ás 22; **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 ás 10 e das 22 ás 2; **Rádio Graça**—Das 14 e 30 ás 19 e 30.

Electrodomésticos

IBELSA

qualidade sinónimo de garantia



DISTRIBUIDORES GERAIS

MONTEIROS & REYNOLDS, LDA.

(DIVISÃO ELÉCTRICA) TELFS. 83 81 70 - 42 49 5

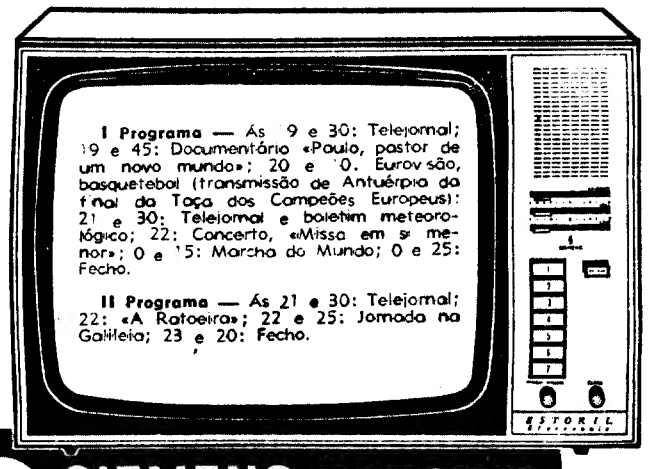
À VENDA NAS CASAS DA ESPECIALIDADE

CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

OS SERVIÇOS DESTE ESTABELECIMENTO ESTARÃO ENCERRADOS NOS DIAS 9 E 10 DO CORRENTE.

TV dia a dia

HOJE PODE VER...



I Programa — Ás 9 e 30: Telejornal; 19 e 45: Documentário «Paulo, pastor de um novo mundo»; 20 e 10. Eurovisão, basquetebol (transmissão de Antuérpia da final da Taça dos Campeões Europeus): 21 e 30: Telejornal e boletim meteorológico; 22: Concerto, «Missa em si menor»; 0 e 15: Marcha do Mundo; 0 e 25: Fecho.

II Programa — Ás 21 e 30: Telejornal; 22: «A Ratoeira»; 22 e 25: Jornada na Galileia; 23 e 20: Fecho.

SIEMENS ESTORIL electronic

AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — Ás 20 e 45: Abertura e Telejornal; 21 e 10: Eurovisão, transmissão directa de Roma da Via Sacra presidida pelo Papa Paulo VI; 23: Fecho.

Devido à solenidade do dia, não há emissão no II Programa.

TUDOR

pilhas para transistores

QUINTA-FEIRA SANTA NA SÉ

A homilia do cardeal-patriarca referiu-se à crise de fé na Igreja

Os actos liturgicos de Quinta-Feira Santa iniciados de manhã, tiveram maior imponência na Sé Patriarcal, dada a presença do cardeal-patriarca e de elevada representação do clero.

Pouco antes das 11 horas chegou D. Manuel Gonçalves Cerejeira. Depois de paramentado no seu camarim, assim como os membros do Cabido, o eminente purpurado orou na capela do Santissimo e seguiu em procissão para a capela-mor, enquanto um grupo coral feminino, dirigido pelo padre Manuel Luís, entoava o cantico alusivo ao acto, acompanhado pelo organista francês Antoine Sibertin-Blanc.

Já ali se encontravam cerca de cem sacerdotes do clero regular e secular da diocese. O cardeal-patriarca tomou lugar no trono, tendo como presbitero-assistente o rev. cónego D. João de Castro, pró-vigário geral do Patriarcado e assistentes os cónegos dr. Figueiredo Sarmento e José Amaro Teixeira. Em redor do trono de D. Manuel Gonçalves Cerejeira sentavam-se os componentes do cabido e os leigos auxiliares de Mitilene, Telepte e Tigilava.

Iniciou-se, em seguida, o Pontifical, concelebrado pelo presbitério, para a bênção dos óleos e renovação das promessas sacerdotais.

A renovação das promessas sacerdotais

Depois da liturgia da palavra, com leituras do profeta Isaías, o cardeal-patriarca proferiu uma homília em que falou sobre a crise de fé na Igreja e a missão do sacerdote: continuar Cristo perante o mundo. Depois convidou os sacerdotes a renovarem publicamente os compromissos assumidos quando da sua ordenação.

Após a homília, os sacerdotes circunstantes afirmaram a sua vontade de permanecer fiéis ás regras fundamentais do exercício do ministério: o celibato e a obediência.

A missa prosseguiu e ao ofertório o antístite dirigiu-se para a entrada da capela-mor, onde procedeu á bênção dos Santos Óleos, que, como nos anos anteriores, foram oferecidos ao cardeal-patriarca pela Associação dos Farmacêuticos Católicos. A cerimónia decorreu na presença de presbíteros, diáconos e subdiáconos. Ao Evangelho o purpurado pronunciou uma breve homília alusiva ao acto.

Almoço no Seminário de Cristo-Rei

A exemplo do ano passado o tradicional almoço oferecido pelo cardeal-patriarca no Patriarcado aos membros do cabido e familiares do Paço do Campo de Santana, como símbolo da ultima ceia de Cristo com os apóstolos, efectuou-se no Seminário Maior Patriarcal de Cristo Rei, nos Olivais.

Roubou cinco carros e assaltou mais dois numa só noite de «trabalho»

• O «rato» tinha dois cúmplices

Um «rato» de automóveis (ajudado por dois companheiros) roubou no passado sábado cinco «minis» e assaltou ainda outros dois veículos, mas o grupo acabou por ser detido em consequência de um desastre ocorrido na Venda do Pinheiro.

O carro com que ocorreu o acidente (choque contra uma carroça) pertence ao médico dr. Fernando Alberto Flores Pimenta, residente em Almada.

Após o acidente, surpreendidos por uma brigada da G. N. R., os dois companheiros do principal «rato» (António Paulo Conceição Lopes, cadastrado em Portugal e Espanha, por furto e contrabando, actualmente a prestar serviço militar no B. C. 5), negaram conhecê-lo, afirmando que lhe haviam pedido uma boleia.

Mas foi rápido o desfecho da história. «Enganados» pelos agentes da G. N. R., que lhes disseram já ter o outro confessado tudo, os dois viajantes (António da Silva Pereira, de 19 anos, solteiro, sem profissão, residente na Estrada da A-da-Maia, e José Manuel Gomes Soares, de 18 anos, mecânico de óptica, morador na Estrada do Poço do Chão, a Benfica) exclamaram:

— *Está na tropa!...*

A partir daí, tudo foi fácil para os agentes. E os dois jovens ajudantes já foram enviados ao Tribunal de Mafra, como cumplices do Lopes, enquanto o «rato»-mor será julgado pela justiça militar.

Segundo nos disse, esta manhã, o dr. Fernando Pimenta, entre os documentos e objectos por cuja falta deu figuram elementos importantes para a organização do colóquio sobre diabetes, a realizar, no Hospital do Ultramar, em 21 e 22 de Maio próximo.

— *Se as penas não fossem leves, como são, para estes roubos, certamente eles não seriam tão frequentes* — comentou o dr. Fernando Pimenta.

A técnica dos «ratos» consiste em roubar um carro, gastar-lhe a gasolina e abandoná-lo para logo em seguida roubar outro, no mesmo local. No entanto, parece que no carro daquele médico, ao contrário, chegaram os larápios a meter gasolina.

Os veículos foram roubados (e abandonados) em Paço de Arcos, e na Avenida Ellas Garcia, em Lisboa.

Grémio Lisbonense

Por iniciativa do Fundo de Beneficência do Grémio Lisbonense foi ontem distribuído, a exemplo dos anos anteriores, um bodo a 100 famílias pobres de Lisboa, recebendo, cada, géneros alimentícios no valor de 50$00.

Um casal madrileno chegou a Lisboa de automóvel e foi ao Castelo de S. Jorge, ver a cidade lá de cima...

EMIGRANTES E TURISTAS EM VISITAS DE PÁSCOA

(Continuaçao da 1.ª página)

ras: alegria, saudações, cestos, malas e garrafões.

Gente de primeira e gente de segunda classe com um objectivo comum: deixar Lisboa para trás e chegar dentro de uma, duas, três, quatro, cinco horas, á terra (ou torrinha) da naturalidade. Aí é que a Páscoa será boa. Trata-se de uma razão sentimental: não se discute.

Os comboios são «assaltados» por homens, mulheres e crianças. Janelas abertas pelos mais expeditos, imediatamente a bagagem é por ali introduzida pelos familiares que (estratégicamente) ficaram no cimento dos cais de embarque.

Bastantes «emigrantes»

E quanto aos efigrantes? Segundo a Secretaria Nacional da Emigração, cujos funcionários, pela primeira vez na Páscoa, foram colocados nos postos fronteiriços de Irun, Vilar Formoso e Valença, *«entraram esta madrugada e nas primeiras horas da manhã bastantes emigrantes.*

Os funcionários da Secretaria Nacional da Emigração estarão naqueles postos até dia 10, prestando todo o apoio aos portugueses que, trabalhando no estrangeiro, vêm passar a Páscoa entre nós.

Nórdicos em Lisboa e no Algarve

Utilizando ligações aéreas, regulares e de «charters», centenas de turistas, nomeadamente escandinavos, têm estado a chegar a Portugal com o objectivo de cá passarem as férias da Páscoa.

De manhã, procedente de Atenas, aterrou na Portela um aparelho com turistas — e de tarde (14 e 30) chegou ali um outro procedente de Copenhague.

— *Carreiras directas das capitais nórdicas para Faro, em regime de «charter», serão efectuadas amanhã e depois* — disse-nos o movimento do aeroporto da Portela.

Muitos turistas chegaram de Espanha

Muitos foram os turistas que, de Espanha, vieram de automóvel, á procura do Sol... e ficaram desolados por encontrarem *«tudo encoberto»*. As pensões e hotéis de Lisboa estão cheios de visitantes espanhóis que hoje partiram á procura dos pontos pitorescos da cidade, a despeito dos aguaceiros.

Fomos encontrar, no Castelo de S. Jorge, de máquina fotográfica em punho, o eng. aeronáutico Octavio Ulibarri Maestre, de Madrid.

Acompanhavam-no sua esposa, Paquita Sastre de Ulibarri, que trazia ao colo a pequenita Eva, de 3 meses, filha de ambos. *«Estamos desolados com a falta de Sol»*, disseram. *«Ficaremos cá até sábado, se não surgir o Sol. Se ele aparecer, só nos iremos embora na segunda-feira.»*

Viram-se em grande dificuldade para encontrar alojamento. *«Não havia um quarto livre em qualquer hotel. Fomos para uma pensão.»*

«A Páscoa na neve»

O Clube de Campismo de Lisboa, promove mais uma das suas tradicionais organizações «A Páscoa na neve», na Serra da Estrela, amanhã, sábado e domingo.

A digressão far-se-á em autocarros e automóveis, sendo a partida ás 6 horas de amanhã, no alto do Parque Eduardo VII, junto á Penitenciária.

Esta organização do C. C. L. tem por fim proporcionar a mais de uma centena de campistas e familiares, durante três dias, um alegre convívio em camaradagem e mostrar as belezas naturais da serra da Estrela.

DUAS COZINHEIRAS FERIDAS POR EXPLOSÃO DO FOGÃO A GÁS

Feridas em consequência de explosão de um fogão a gás no restaurante onde trabalham, em Carcavelos, recolheram ao Hospital de S. José a cozinheira Albertina Pereira Cardoso, de 42 anos, e a ajudante Inácia Maria de Almeida, de 31 anos, residentes na Rua Olivença, n.º 5-cave (Carcavelos).

ACIDENTE COM ARMA DE FOGO

Por acidente com arma de fogo, foi internado, esta madrugada, em estado muito grave, com uma bala na cabeça, no Hospital de São José, o sr. Luís dos Santos, de 54 anos, proprietário, residente em Conceição, Faro.

BOM APETITE

Restaurante CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 15 anos)

CAFÉ «IMPAR»
NO
BAR RIBATEJO
PRAÇA DO AREEIRO, 11-D ABRE AS 7 HORAS

a furna
almoços jantares e ceias até às 3 da madrugada
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 D (à duque de loulé) tel. 53 44 66-56 19 49

RESTAURANTE
QUINTA DE S. VICENTE
Telheiras de Cima, 144
Telef. 790211 (M/ 15 anos)
JANTARES DANÇANTES AOS SÁBADOS E DOMINGOS
C/ conjunto privativo
AMBIENTE DISTINTAMENTE FAMILIAR
PREMIADO PELO SNI

COZINHA VELHA
QUELUZ — TELEFONE 950232
DOMINGO DE PÁSCOA
ALMOÇOS E JANTARES — EMENTA ESPECIAL
Lembramos aos nossos Ex.mos Clientes a conveniência de reservarem as suas mesas
A DIRECÇÃO

1as EXIBIÇÕES

«DOMICÍLIO CONJUGAL»

TÍTULO ORIGINAL — «Domicile Conjungal»
REALIZAÇÃO — François Truffaut, 1970 (França)
ARGUMENTO — François Truffaut, Claude de Givray e Bernard Revon
FOTOGRAFIA — Nestor Almendros (Eastmancolor)
MÚSICA — Antoine Duhamel
INTÉRPRETES — Jean-Pierre Leaud, Claude Tade, Hiroko, Barbara Laage, Daniel Boulanger, Claire Duhamel, etc.
DISTRIBUIÇÃO — Filmes Castello Lopes
ESTREIA — Cinema Condes (30-3-971).

Caso unico na história do cinema mundial é, sem duvida, a figura de Antoine Doinel, de que Truffaut traça o retrato de corpo inteiro ao longo de (já) quatro obras. Surgido nos «400 golpes», Doinel prossegue a sua aventura em «Antoine e Colette» (episódio de cerca de vinte minutos, inserito no filme «L'Amour á Vingt Ans», inédito comercialmente entre nós), «Beijos Roubados» e, agora, «Domicilio Conjugal». Da adolescência ao casamento, Doinel (onde Truffaut se reflecte um pouco a si próprio) vai descobrindo os outros e o mundo, caminhando da paixão ao amor adulto, da timidez á rebeldia, da desilusão á amargura. Existindo, cruzando-se com outros, Doinel descobre a alegria de viver, a mágica felicidade de estar vivo. Mesmo quando á sua frente se estende o mar insondável, mesmo quando última a história seja a de uma desilusão de amor, mesmo quando, como em «Domicilio conjugal», tudo parece indicar que o homem aceitou as regras do jogo.

Pertencente a um grupo de filmes que constituem como que a tradição *renoiriana* do cinema francês, «Domicilio conjugal» possui grande parte das virtudes das obras de Truffaut, acentuando, no entanto, os seus limites. O tom é de crónica onde a paisagem é humana. Doinel vive os primeiros tempos de casado, dorme lado a lado com a mulher que ama, espera o primeiro filho, comete o primeiro adultério, passa as primeiras noites fora de casa, ultrapassa a primeira grave crise matrimonial. Truffaut é um cineasta de olhar discreto e pudico, um homem incapaz de julgar severamente as pessoas «Domicílio conjugal» é, por isso mesmo, um filme que reflecte um certo desencanto, mas não critica uma situação, não impõe um juízo, não obriga o espectador a uma atitude activa frente á realidade que apresenta. As desventuras de Doinel, agora assimilado pela engrenagem burguesa da sociedade, são episódios por onde perpassa uma certa melancolia, mas onde se pode descobrir também um fatalismo algo desagradável de surpreender. Truffaut tem consciência disso e, assumindo conscientemente o tom escolhido, põe na boca do seu protagonista uma frase-chave: «Uma obra de arte não é um ajuste de contas, ou então não é uma obra de arte». Frase que poderá suscitar graves reparos, o que se verifica, aliás, no contexto de «Domicílio conjugal», pelas razões atrás expostas.

TRUFFAUT (NO «VOX»)

Dito isto, quer-nos parecer igualmente estulto afirmar ser este «Domicílio conjugal» um filme totalmente falhado. Será não só não compreender Truffaut, como ao mesmo tempo cometer grave injustiça. Na verdade, François Truffaut nunca foi um cineasta particularmente incisivo na sua análise frente á realidade social francesa. Ele sabe apenas de algumas pessoas e fala unicamente do que sabe. O seu cinema nunca foi um *ajuste de contas* e será impossível pedir-lhe isso agora. No caso presente, Doinel é um homem que se vai fechando dentro de círculos cada vez mais apertados. De filme para filme sente-se esse esgotamento. As consequências desta opção são certamente ditadas pela observação directa da sociedade que Truffaut retrata (e na qual se inscreve). O seu testemunho só terá, todavia, valor de denuncia social quando enquadrado por uma análise exterior á própria obra. Truffant eaime-se pessoalmente a qualquer comentário que sugira *ajuste de contas*. Fica-se pelo retrato, não penetra a realidade. Por isso Doinel nos surge desamparado, perdido, assimilado já. Final que é, afinal, o da burguesia francesa do pós-guerra. Coerência, portanto. Que Doinel terminasse de outra forma, isso é que seria de espantar...

Quanto ao resto, Truffaut é um cineasta admirável pelo rigor da observação, pelo pudor do tratamento, pelo humor das situações. «Domicilio conjugal» não será o melhor exemplo, mas é seguramente Truffaut. Mesmo quando ele não esquece Hitchcock e passeia o *estrangulador* pela cidade. Mesmo até quando não sabe fugir à facilidade de certas anotações.

Jean-Pierre Léaud continua sendo Antoine Doinel. Impossível dissociar um do outro Christine é a bela Claude Jade e a tentação da liberdade é aqui Hiroko. Antoine Duhamel compõe a partitura musical, criando uma atmosfera que oscila do desalento á alegria de estar vivo. Pequena alegria esta de estar vivo num mundo que se articula na base do conformismo. Alegria, porém, que ainda se não perdeu. Aqui reside a única esperança. O trajecto de Doinel permanece *á suivre*...

LAURO ANTÓNIO

«AS VIAGENS DE GULLIVER PARA ALÉM DA LUA»

TÍTULO ORIGINAL: Gulliver's Trawels Beyond The Moon
REALIZAÇAO: Yoshio Kuroda, 1966 (Japão-E. U. A.)
ARGUMENTO: Sinichi Sekizava
DESENHOS: Hideo Furusawa (Technicolor e Cinemascope)
MÚSICA: Milton Deluge e Anne Deluge
DISTRIBUIÇAO: Exclusivos Triumf
ESTREIA: Cinema Odeon (31-3-1971)

Discursivo (o que é mau) e didáctico (o que pode até ser bom), *As viagens de Gulliver para Além da Lua* pretende ser a apologia da esperança. Esperança vaga em melhores dias para os homens. O realizador, o japonês Yoshio Kuroda, faz o seu filme partir de uma exibição de clássico de Dave e Max Fleischer: «Gullivers Travel's» (1939), presenciada por um rapazinho perseguido pela má sorte. Será ele, porém, (juntamente com um «gronel» de madeira e um cão pequenote), quem irá descobrir o velho Gulliver que prepara uma viagem interplanetária, em direcção a uma estrela formosa.

O resto é a viagem e as suas peripécias padrorentas. Tudo com um desenho muito primário que fica a milhas do talento barroco dos irmãos Fleischer, (a comprovar, temos a sequência do naufrágio que Kuroda cita em homenagem). Mas, como as crianças merecem ir ao cinema e como do mal o menos, «Gulliver» é sempre de ver. Não é muito bom, mas é, ainda assim, um convite ao impossível.

L. A.

BOM TEATRO NO MARIA MATOS — O Grupo 4 continua a apresentar todas as noites no Maria Matos a excelente peça de Eduardo Manet «As irmãzinhas», traduzida e encenada por Costa Ferreira. Espectáculos só até domingo, com descanso da companhia amanhã

INDÚSTRIA DE SEGUROS

Uma vez que a Union Assurance Society, Ltd., com sede em Londres, desistiu de todas as autorizações que lhe foram concedidas para exercer a indústria seguradora em Portugal e requerem autorização para transferir o activo e o passivo, bem como a carteira de seguros, para a sua congénere The Northern Assurance Company, Ltd., também com sede em Londres, por intermédio de E. Pinto Basto & C.ª, Ld.ª, seu agente geral em Portugal, foi isso autorizado, bem como a exploração dos ramos «Agrícola», «Riscos múltiplos» e «Viagens — Terra, mar e ar»

«SOLNADO-SHOW» SÓ EM 1972

RIO DE JANEIRO, 8 — (A. N. I.) — Raul Solnado, convidado para fazer uma temporada no Brasil, recusou por se encontrar nesta cidade em férias e ter já compromissos para os próximos meses.

Prometeu, porém, actuar no Brasil em 1972 e entretanto procura contratar o cómico brasileiro Chico Anísio para se apresentar ao publico de Lisboa, no Teatro Villaret.

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elisete Cascais ✲ Tocam: António Bessa e Fernando Reis **Consumo mínimo 60$00 ✲ Rua das Taipas, 14 ✲ Tel. 32 72 56.**

BALEEIRA

Elenco seleccionado — almoços a 25$00 ✲ À noite, consumo mínimo 40$00 — Av. Marginal, 21-22 (Dafundo) — Telef. 21 32 59 ✲ Encerra ás quartas-feiras.

MIL E UM

cantam: Henrique Manuel, Fátima do Rosário, Zita Maria, Fernanda Machado, Maria Eva, Fernanda Silva, Adriana Franco, José de Barros, Artur dos Santos e Moisés Campelos Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto — **Cons. mínimo 40$00 ✲ Trav. da Espera, 8 — telef. 35 4 64 ✲ Encerra ás 5 da madrugada.**

TAVERNA DO EMBUÇADO

elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Camara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Mello-Corrêa. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal. ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mínimo: 90$00 ✲ Beco dos Cortumes, 10 ✲ Telef. 86 0816.**

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Natália dos Anjos, Rossana Lima, Armando Miranda Tocam: Acácio Gomes e Amadeu Ramim. Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português» ✲ **Cons. mín. 50$00. R. da Barroca, 133 ✲ Telfs.: 36 97 60 e 30532 ✲ Encerra ás 3.as feiras.**

LUSO

elenco: Maria da Fé, Fernando Maurício, Glória Maria, Augusto Ermida, Odete Mendes, Plínio Sérgio (em todos de Coimbra) e Manuel Mestre, Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola) Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha ✲ **Travessa da Queimada, 10-16 ✲ Telfs.: 362889-328503.**

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, Tina Ferreira Fados de Coimbra por João Queiroz. Trio Arautos Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira ✲ **Cons. mín. 70$00 ✲ Rua do Norte, 91 ✲ Telefs.: 30095-328713 ✲ Encerra á segunda-feira**

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis, Luís Braga e Benvindo Cruz. Tocam: Pedro Calgeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola, 24 ✲ Telefones: 67 66 55 e 67 24 31.**

ADEGA MESQUITA

cantam: Fernando Pinto, Maria Amélia Proença, Francisco Martinho e Alcindo de Carvalho. Tocam: Jaime Santos e António Proença. Danças regionais por conjunto privativo ✲ **Rua «Diário de Notícias», 107 ✲ Telef.: 32 83 07. ✲ Encerra aos domingos.**

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

ADAGGIO

A presença de António Macedo. Pop—Soul e Undergrouna ✲ sempre os ultimos êxitos em discos, recebidos directamente de Inglaterra Estados Unidos e Brasil ✲ **Aberto todos os dias das 16 ás 20 e das 22 ás 3.30 h ✲ Rua Carlos dos Reis, 51-A ✲ Telef 775695.**

CLUBE ANDALUZ

Boite com atracções espanholas ✲ Música constante ✲ Calçada Marquês de Abrantes, 64-66 ✲ Telefone 667264

«PORTAS DO SOL»

Restaurante-Bar. Reabertura sob ve R. S. Tomé, 86, A. B. P. ALFAMA—LISBOA — Tel. 861633.

SANZALA

Um pouco de África em Lisboa — Musica constante ✲ Av. Mar ✲ Telef 367136 ✲ Encer 3 horas

MAXIME

Conjunto 6 ✲ Reacção e Maxim... ✲ «Show» turístico ✲ Vedades internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef. 55366.**

a Ferria
música gravada
até às 3 da manhã
fechado aos domingos
ferreira borges, 33-d
(á duque de loulé)

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado ✲ Variedades internacionais ✲ 264526-264

POPPOTAMO

Av. Gal. Augusto de Aguiar, 3-A ✲ Telef. ... Coral, Waldir Reis ✲ Encerrado aos domingos.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto ... Virgos ✲ Ave... ✲ Telef. 76 00 ...

«DOMICÍLIO CONJUGAL»

TÍTULO ORIGINAL — «Domicile Conjungal»
REALIZAÇÃO — François Truffaut, 1970 (França)
ARGUMENTO — François Truffaut, Claude de Givray e Bernard Revon
FOTOGRAFIA — Nestor Almendros (Eastmancolor)
MÚSICA — Antoine Duhamel
INTÉRPRETES — Jean-Pierre Leaud, Claude Tade, Hiroko, Barbara Laage, Daniel Boulanger, Claire Duhamel, etc.
DISTRIBUIÇÃO — Filmes Castello Lopes
ESTREIA — Cinema Condes (30-3-971).

Caso único na história do cinema mundial é sem dúvida, a figura de Antoine Doinel, de que Truffaut traça o retrato de corpo inteiro ao longo de (já) quatro obras. Surgido nos «400 golpes», Doinel segue a sua aventura em «Antoine e Colette» (episódio de cerca de vinte minutos, parte de um filme «L'Amour à Vingt Ans», inédito comercialmente entre nós). «Beijos Roubados» e agora, «Domicílio Conjugal». Da adolescência ao casamento, Doinel (onde Truffaut se reflecte um pouco a si próprio) vai descobrindo os outros e o mundo, caminhando da paixão ao amor adulto, da timidez à rebeldia, da ilusão à amargura. Existe ao mesmo tempo em Doinel uma busca sobre a própria identidade e uma recusa desta mesma identidade. Mesmo quando se esconde e se anula, mesmo quando foge à história e aos outros, mesmo quando foge de amor, nesse momento como em Domicílio conjugal», todo parece indicar que ele não anseia senão ser aceite, ser amado, ser jogo.

Pertence a um género de filmes que consiste em como que a tradução romanesca do cinema francês. «Domicílio conjugal» possui grande parte das virtudes das obras de Truffaut, acentuando, no entanto, os seus limites. O bom é de crónica onde a paisagem é humana. Doinel vive os primeiros tempos de casado, dorme lado a lado com a mulher que ama, espera o primeiro filho, comete o primeiro adultério, passa as primeiras noites fora de casa, ultrapassa a primeira grave crise matrimonial. Truffaut é um cineasta de olhar discreto e pudico, um homem incapaz de julgar severamente as pessoas. «Domicílio conjugal» é, portanto, um filme que evolui num certo desencanto, sem nunca critica uma situação, não impõe um juízo, não obriga o espectador a uma atitude activa frente á realidade que apresenta. As desventuras de Doinel, agora assimilado pela engrenagem burguesa da sociedade, são episódios por onde perpassa uma certa melancolia, mas onde se pode descobrir também um fatalismo algo desagradável de surpreender. Truffaut tem consciência disso e, assumindo conscientemente o tom escolhido, põe na boca do seu protagonista a frase-chave: «Isto não é um ajuste de contas, ou então não é uma obra de arte». Frase que poderá suscitar graves reparos, o que se verifica, aliás, no contexto de «Domicílio conjugal», pelas razões atrás expostas.

Dito isto, quer-nos parecer igualmente estulto afirmar ser este «Domicílio conjugal» um filme totalmente falhado. Será não só não compreender Truffaut, como ao mesmo tempo cometer grave injustiça. Na verdade, François Truffaut nunca foi um cineasta particularmente incisivo na sua análise frente á realidade social francesa. Ele sabe apenas de algumas pessoas e fala unicamente do que sabe. O seu cinema nunca foi um *ajuste de contas* e será impossível pedir-lhe isso agora. No caso presente, Doinel é um homem que se vai fechando dentro de círculos cada vez mais apertados. De filme para filme sente-se esse esgotamento. As consequências desta opção são certamente ditadas pela observação directa da sociedade que Truffaut retrata (e na qual se inscreve). O seu cinema só terá, talvez, valor de denúncia social quando enquadrado por uma análise exterior á própria obra. Truffaut exime-se pessoalmente a qualquer comentário que suscite *ajuste de contas*. Fica pelo retrato, não penetra a realidade. Por isso Doinel nos surge desamparado, perdido, assimilado já. Final que é, afinal, o da burguesia francesa do pós-guerra. Coerência, portanto. Que Doinel permaneça de outra forma, isso é que seria de espantar...

Quanto ao resto, Truffaut é um cineasta admirável pelo rigor da observação, pelo poder do tratamento, pelo humor das situações. «Domicílio conjugal» não será o melhor exemplo, mas é seguramente Truffaut. Mesmo quando ele não esquece Hitchcock e passa o *estrangulador* pela cidade. Mesmo até quando não sabe fugir à facilidade de certas anotações.

Jean-Pierre Léaud continua sendo Antoine Doinel. Impossível dissociar um do outro. Christine é a bela Claude Jade e a tentação da liberdade é aqui Hiroko. Antoine Duhamel compõe a partitura musical, criando uma atmosfera que oscila do desalento á alegria de estar vivo. Pequena alegria esta de estar vivo num mundo que se articula na base do conformismo. Alegria, porém, que ainda se não perdeu. Aqui reside a única esperança. O projecto de Doinel permanece *à suivre*...

LAURO ANTÓNIO

BOM TEATRO NO MARIA MATOS — O Grupo 4 continua a apresentar todas as noites no Maria Matos a excelente peça de Eduardo Manet «As irmãzinhas», traduzida e encenada por Costa Ferreira. Espectáculos só até domingo, com descanso da companhia amanhã

«AS VIAGENS DE GULLIVER PARA ALÉM DA LUA»

TÍTULO ORIGINAL: Gulliver's Travels Beyond The Moon
REALIZAÇÃO: Yoshio Kuroda, 1966 (Japão-E. U. A.)
ARGUMENTO: Sinichi Sekizava
DESENHOS: Hideo Furusawa (Technicolor e Cinemascope)
MÚSICA: Milton Deluge e Anne Deluge
DISTRIBUIÇÃO: Exclusivos Triumf
ESTREIA: Cinema Odeon (31-3-1971)

Descanso do que é mau e deliciemo-nos com o que pode ser bom). *As viagens de Gulliver para Além da Lua* pretende ser a apologia da esperança. Esperança vaga em melhores dias para os homens. O realizador, o japonês Yoshio Kuroda, faz o seu filme partir de uma extensão do clássico de Dave e Max Fleischer. «Gulliver's Travels» (1939), pressentido por um espaziado preenchido pela má sorte. Será ele, porém, fortemente com um «grumel» de madeira e um cão pequinote), quem há-de descobrir o velho Gulliver que prepara uma viagem interplanetária, em direcção a uma estrela formosa.

O resto é a viagem e as suas peripécias patrocinantes. Tudo com um desenho muito primário que fica a milhas do talento barroco dos irmãos Fleischer. (a Compañy, ltd., com sede em Londres, por intermédio de E. Pinto Basto & C.ª, Ltd.ª seu agente geral em Portugal, foi isso autorizado, bem, como a exploração dos ramos «Agrícola», «Riscos Nucleares» e «Vagens-Bens Marítimos»

TRUFFAUT (NO «VOX»)

INDÚSTRIA DE SEGUROS

Uma vez que a Eagle Assurance Society, Ltd., com sede em Londres, desistiu de todas as autorizações que lhe foram concedidas para exercer a indústria seguradora em Portugal e requereu autorização para transferir o activo e o passivo bem como a carteira de seus ramos para a sociedade The Northern Assurance Company, Ltd., também com sede em Londres, por intermédio de E. Pinto Basto & C.ª, Ltd.ª seu agente geral em Portugal, foi isso autorizado, bem, como a exploração dos ramos «Agrícola», «Riscos Nucleares» e «Vagens-Bens Marítimos»

«SOLNADO-SHOW» SÓ EM 1972

RIO DE JANEIRO, 8 — (A. N.) — Raul Solnado, convidado para ir ao Brasil e recomendado no Brasil, resolveu pôr-se em contacto com esta cidade em Julho e fez compromissos para os próximos meses.

Pretendia, porém, actuar no Brasil em 1972 e entretanto procura contactar o cómico brasileiro Chico Anísio para se apresentar ao público de Lisboa, no Teatro Villaret.

o fado e o folclore — restaurantes típicos

VIELA

cantam: Sérgio, Barria Cardoso, Beatriz Ferreira, Tucha Mascarenhas e Elsete Correia ✲ Tocam: António Bessa e Fernando Reis **Consumo mínimo 60$00 ✲ Rua das Taipas, 14 ✲ Tel 32 72 56.**

BALEEIRA

Elenco seleccionado — amanhã a 25$00 ✲ **A noite, consumo mínimo 40$00 — Av. Marginal, 21-22 (Dafundo) — Telef. 21 32 59 ✲ Encerra ás quartas-feiras.**

MIL E UM

cantam: Henrique Manuel, Fátima do Rosário, Zita Maria, Fernanda Machado, Maria Eva, Fernanda Silva, Adriana Franco, José de Barros, Artur dos Santos e Moisés Campelos Tocam: Alfredo Alves e Joaquim Pinto — **Cons. mínimo 40$00 ✲ Trav. da Espera, 8 — telef. 35 4 64 ✲ Encerra ás 5 da madrugada**

TAVERNA DO EMBUÇADO

elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Mello-Corrêa. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal ✲ **Encerra aos domingos ✲ Consumo mínimo: 90$00 ✲ Beco dos Cortumes, 10 ✲ Telef 86 0816.**

LAR PORTUGUÊS

cantam: José Borges, Natália dos Anjos, Rossana Lima, Armando Miranda. Tocam: Acácio Gomes e Amadeu Ramim. Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português» ✲ **Cons. mín. 50$00. R. da Barroca, 133 ✲ Telfs.: 36 97 60 e 30532 ✲ Encerra ás 3.as feiras.**

LUSO

elenco: Maria da Fé, Fernando Maurício, Glória Maria, Augusto Ermida, Odete Mendes, Plínio Sérgio (em todos de Coimbra) e Manuel Mestre, Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barradas (viola). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha ✲ **Travessa da Queimada, 10-16 ✲ Telfs.: 362889-328503.**

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amoedo, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, Tina Ferreira, Fados de Coimbra por João Queiroz, Trio Arautos Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira ✲ **Cons. mín. 70$00 ✲ Rua do Norte, 91 ✲ Telefs.: 30095-328713 ✲ Encerra á segunda-feira**

TIMPANAS

cantam: Trio Odemira, João Fernandes, Emílio Reis, Luís Braga e Bernardo Cruz. Tocam: Pedro Calheiros Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico da Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros ✲ **Cons. mín. 61$50 (taxas incl.) ✲ Rua Gilberto Rola, 24 ✲ Telefones: 67 66 55 e 67 24 31.**

ADEGA MESQUITA

cantam: Fernanda Pinto, Maria Amélia Proença, Francisco Martinho e Alcindo de Carvalho. Tocam: Jaime Santos e António Proença. Danças regionais por conjunto privativo ✲ **Rua «Diário de Notícias», 107 ✲ Telef.: 32 83 07. ✲ Encerra aos domingos.**

restaurantes, bares, «boites» e «dancings»

ADAGGIO

A presença de António Macedo Pop—Soul e Underground ✲ sempre os últimos êxitos em discos, recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil ✲ **Aberto todos os dias das 16 ás 20 e das 22 ás 3.30 h ✲ Rua Carlos dos Reis, 51-A ✲ Telef 775695**

CLUBE ANDALUZ

Boîte com atracções espanholas ✲ Música constante ✲ Calçada Marques de Abrantes 64-66 ✲ Telefone 667264

«PORTAS DO SOL»

Restaurante-Bar. Reabertura breve. R. S. Tomé, 86, A. B. C — ALFAMA—LISBOA — Tel. 861633.

SANZALA

Um pouco de África em Lisboa — Música constante ✲ **Av.ª Marechal Craveiro Lopes, 7-A ✲ Telef 367136 ✲ Encerra ás 3 horas**

MAXIME

Conjunto 6 ✲ Reacção e Maximiliano ✲ «Show» turístico ✲ Variedades internacionais ✲ **Praça da Alegria, 58 ✲ Telef. 55366**

a furna
música gravada
ceias até às 3 da manhã
fechado aos domingos
r. ferreira lapa, 38 d
(à duque de loulé)
53 44 66 56 1 49

TAMILA

Morão e s/ Conjunto ✲ Avenida Duque de Loulé, 69—Tel. 534117 ✲ Matinées todos os dias ✲ Encerra aos domingos.

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado ✲ Variedades internacionais ✲ **Telefs. 264521 - 264526-264596-264621-264946**

HIPOPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A ✲ Telef. 48384 ✲ Conj. Helder Reis ✲ Encerrado aos domingos.

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas ✲ Avenida Duque de Loulé, 73 ✲ Telef 530171

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

A SORTE ESCOLHEU UM ARDINA E UMA TABACARIA

QUANDO É O LEITOR QUE COM UM PRÉMIO FAZ DOIS PREMIADOS

Salvador Libânio: «Ligam-me muitas simpatias ao «Diário de Lisboa»

Espalhou-se depressa entre os agentes e vendedores do nosso jornal a notícia da atribuição dos prémios que lhes eram destinados. O mais curioso é que o leitor premiado não tinha indicado o nome de nenhum vendedor. Assim houve que recorrer aos suplentes. Mas aí novo problema surgiu aos nossos serviços. O suplente apurado tinha indicado o nome de dois vendedores. Nos dias de semana, como trabalha em Lisboa, compra o jornal ao vendedor Libanio que há 18 anos exerce a sua actividade no Terreiro do Paço, junto aos cacilheiros. Nos dias de semana é cliente da Casa Havaneza, em Almada.

A solução foi atribuir o prémio aos dois vendedores indicados

Salvador Figueiredo Libanio tem centenas de clientes certos que o felicitavam. Clientes e, simultaneamente, amigos para quem comprar o *Diário de Lisboa* antes de tomar o barco para a outra [illegible] um hábito.

— *Fiquei como é natural muito satisfeito. Até agora não houve nenhum jornal que se lembrasse dos vendedores* [illegible]

O publico gosta destas iniciativas e fica satisfeito por saber que o vendedor também é contemplado. Ligam-me muitas simpatias ao Diário de Lisboa. O meu pai foi lá empregado muitos anos.

Salvador Libanio falou-nos depois dos seus clientes que compram o Diário de Lisboa e que identificou num grupo específico.

«Foi um susto tremendo que apanhámos. Agora estamos contentes, como se imagina» — disseram os proprietários da Casa Havaneza, em Almada

— *São normalmente pessoas de 35 anos para baixo havendo mesmo muitos com idade inferior a 20 anos.*

— Uma vez que apenas lhe saiu meio automóvel o que tenciona fazer?

—*Vou fazer um acordo com o meu «sócio». Se fosse só eu sabia como dar resolução ao caso. O carro seria para o meu filho que está internado num hospital há quatro anos, devido a uma queda que deu de um autocarro e a um atropelamento e deve ficar agora curado após uma série de operações. Era depois da cura o* [illegible] *prémio que eu podia*

UM GRANDE SUSTO

—*Vou dar-lhes uma novidade. Ficaram com metade do* [illegible]

Esta foi a maneira subtil como a sr.ª D. Conceição Ester Silva Lourenço e o marido, proprietários da Casa Havaneza, em Almada, receberam a notícia e que começou por lhes provocar um tremendo susto pois o casal, que já tinha automóvel, deixara-o estacionado na rua. O primeiro pensamento foi que algum autocarro lhes tinha destruído metade do carro.

— *Foi um susto tremendo que apanhámos. Agora estamos contentes como se imagina. Acho esta iniciativa maravilhosa. O publico gosta porque não tem problemas, não precisa cadernetas nem nada. Basta entregar apenas os cupões.*

— Quando procuraram confirmar a notícia?

— *Não procurámos confirmar porque a pessoa que nos informou merecia toda a confiança. Aguardávamos era com expectativa a chega do jornal.*

A Casa Havaneza é uma das antigas tabacarias de Almada revelando-nos o seu proprietário sr. Carlos da Silva Lourenço:

— *Vendemos o Diário de Lisboa há 20 anos. A principio esta zona era nova e tinha pouco movimento mas agora tem uma óptima situação e possuimos muitos leitores certos do jornal.*

SEGUNDA FASE DA NOSSA INICIATIVA

OUTRO AUTOMÓVEL PARA QUEM VENDE

• «Acho óptimo que se lembrem de nós» — aprova um vendedor de Algés

Provocou natural satisfação entre as muitas centenas de vendedores do «Diário de Lisboa» a iniciativa lançada pelo nosso jornal «Leitor do Diário de Lisboa», extensiva também a quem vende. Pela primeira vez (muitos foram os que referiram esse facto), os vendedores, que são também um pouco da vida do jornal, foram lembrados e, tal como para os leitores, também para eles há prémios de apreciável valor.

Terminada a primeira fase da iniciativa «Leitor do Diário de Lisboa» vai agora principiar a segunda, tendo como primeiro prémio destinado aos vendedores e agentes, uma carrinha Citroen, que já ontem pôde ser observada por um grupo numeroso de vendedores. Naturalmente excitados com a perspectiva de lhes sair um prémio como o primeiro que acaba de ser atribuído.

Delfim Pereira, de Algés, vende jornais há pelo menos 15 anos e manifestou-se nos seguintes termos:

— *Acho óptimo que se lembrem de nós. É uma iniciativa que ninguém tivera ainda. Sempre é um apoio e um motivo para o vendedor ter mais vontade de trabalhar. Claro que nem todos podem ter sorte mas de qualquer forma, mesmo que não me saia fico na mesma satisfeito.*

Outro vendedor entusiasmado era Fernando dos Santos que há 23 anos vende jornais na Avenida da Liberdade, em frente ao Café Palladium.

— *Para mim todas as iniciativas do «Diário de Lisboa» são esplêndidas. Claro que antes queria o dinheiro em lugar do carro mas para outros colegas o carro está bem.*

Entre os vendedores mais conhecidos alguns quase são figuras típicas da cidade. Arlindo da Assunção, por exemplo, vende jornais há cerca de 40 anos, dos quais 20 á porta do Palladium.

— *Foi uma boa iniciativa. Eu pessoalmente nunca na minha vida tive um prémio. Um automóvel é sempre prático para a nossa vida embora se me saisse eu antes queresse o dinheiro. Para quem tem vendas grandes o automóvel faz jeito. Eu ando há 40 anos a pé e debaixo de chuva. Vamos lá ver se desta vez tenho sorte.*

[illegible] primeiro prémio destinado aos [illegible] da segunda fase da nossa iniciativa [illegible] pois este grupo [illegible] vendedores, naturalmente excitados com a perspectiva de lhes sair [illegible] prémio

LEITOR DO "DIÁRIO DE LISBOA"

A SORTE ESCOLHEU UM ARDINA E UMA TABACARIA

QUANDO É O LEITOR QUE COM UM PRÉMIO FAZ DOIS PREMIADOS

Salvador Libânio: «Ligam-me muitas simpatias ao «Diário de Lisboa»

Espalhou-se depressa entre os agentes e vendedores do nosso jornal a notícia da atribuição dos prémios que lhes eram destinados. O mais curioso é que o leitor premiado não tinha indicado o nome de nenhum vendedor. Assim houve que recorrer aos suplentes. Mas aí novo problema surgiu aos nossos olhos. O suplente apurado pelo indicado o nome de dois vendedores. Nos dias de semana, como trabalha em Lisboa, compra o jornal ao vendedor Libânio que há 18 anos exerce a sua actividade no Terreiro do Paço, junto aos cacilheiros. Nos dias de semana é cliente da Casa Havaneza, em Almada.

A solução foi atribuir o prémio aos dois vendedores indicados

Salvador Figueiredo Libânio tem centenas de clientes certos que o felicitaram. Clientes e, simultaneamente, amigos para quem comprar o *Diário de Lisboa* antes de tomar o barco para a outra banda é um hábito.

— ***Fiquei como é natural muito satisfeito. Até agora não houve nenhum jornal que se lembrasse dos vendedores como fez o Diário de Lisboa.*** *O público gosta destas iniciativas e fica satisfeito por saber que o vendedor também é contemplado. Ligam-me muitas simpatias ao Diário de Lisboa. O meu pai foi lá empregado muitos anos.*

Salvador Libânio falou-nos depois dos seus clientes que

«Foi um susto tremendo que apanhámos. Agora estamos contentes, como se imagina — disseram os proprietários da Casa Havaneza, em Almada

compõem o Diário de Lisboa e que identificou com grande específico.

— *São normalmente pessoas de 35 anos para baixo havendo mesmo muitos com idade inferior a 20 anos.*

— Uma vez que apenas lhes saiu meio automóvel o que pensa fazer?

— *Vou fazer um acordo com o meu «sócio». Se fosse só eu sabia como dar resolução ao caso. O carro seria para o meu filho que está internado num hospital há quatro anos, devido a uma queda que deu de um autocarro e a um atropelamento e deve ficar agora curado após uma série de operações. Era depois da cura o melhor prémio que lhe podia dar.*

UM GRANDE SUSTO

— *Vou dar-lhes uma novidade. Ficaram com metade do carro. A outra foi-se.*

Esta foi a maneira subtil como a sr.ª D. Conceição Esteves Silva Lourenço e o marido, proprietários da Casa Havaneza, em Almada, receberam a notícia e que começou por lhes provocar um tremendo susto pois o casal, que já tinha automóvel, deixara-o estacionado na rua. O primeiro pensamento foi que algum autocarro lhes tinha destruído metade do carro.

— *Foi um susto tremendo que apanhámos. Agora estamos contentes como se imagina. Acho esta iniciativa maravilhosa. O público gosta porque não tem problemas, não pede cadernetas nem nada. Basta entregar apenas os cupões.*

— Quando procuraram confirmar a notícia?

— *Não procurámos confirmar porque a pessoa que nos informou merecia toda a confiança. Aguardávamos era na expectativa a chegada do Leal.*

A Casa Havaneza é uma das antigas tabacarias de Almada revelando-nos o seu proprietário sr. Carlos da Silva Lourenço:

— *Vendemos o Diário de Lisboa há 20 anos. A princípio esta zona era nova e tinha pouco movimento mas agora tem uma óptima situação e possuímos muitos leitores certos do jornal.*

SEGUNDA FASE DA NOSSA INICIATIVA

OUTRO AUTOMÓVEL PARA QUEM VENDE

• «Acho óptimo que se lembrem de nós» — aprova um vendedor de Algés

Provocou natural satisfação entre as muitas centenas de vendedores do «Diário de Lisboa» a iniciativa lançada pelo nosso jornal «Leitor do Diário de Lisboa», extensiva também a quem vende. Pela primeira vez (muitos foram os que reclamaram esse facto), os vendedores, que são também um pouco da vida do jornal, foram lembrados e, tal como para os leitores, também para eles há prémios de apreciável valor.

Terminada a primeira fase da iniciativa «Leitor do Diário de Lisboa» vai agora principiar a segunda, tendo como primeiro prémio destinado aos vendedores e agentes, uma carrinha Citroen, que já ontem pôde ser observada por um grupo numeroso de vendedores, naturalmente excitados com a perspectiva de lhes sair um prémio como o primeiro que acaba de ser atribuído.

Delfim Pereira, de Algés, vende jornais há pelo menos 15 anos e manifestou-se nos seguintes termos:

— *Acho óptimo que se lembrem de nós. É uma iniciativa que ninguém fizera ainda. Sempre é um apoio e um motivo para o vendedor ter mais vontade de trabalhar. Claro que nós todos podem ter sorte mas de qualquer forma, ao menos não me saía fico na mesma satisfeito.*

O vendedor entusiasmado era Fernando dos Santos que há 23 anos vende jornais na Avenida da Liberdade, em frente ao Coliseu Paladium.

— *Para mim todas as iniciativas do «Diário de Lisboa» são e obtidas. Claro que antes queria o dinheiro em lugar do carro mas para outros colegas o carro está bem.*

Entre os vendedores mais conhecidos alguns quase são figuras típicas da cidade. Arlindo da Assunção, por exemplo, vende jornais há cerca de 40 anos, dos quais 20 à porta do Paladium.

— *Foi uma boa iniciativa. Eu pessoalmente nunca na minha vida tive um prémio. Um automóvel é sempre prático para a nossa vida embora se me saísse eu antes quisesse o dinheiro. Para quem tem vendas grandes o automóvel faz jeito. Eu ando há 40 anos a pé e debaixo de chuva. Vamos lá ver se desta vez tenho sorte.*

A carrinha «Citroen», primeiro prémio destinado aos vendedores na segunda fase da nossa iniciativa, já ontem pode ser observada por um grupo numeroso de vendedores, naturalmente excitados com a perspectiva de lhes sair tão valioso prémio

Que entre um avião e um carrinho de bebé?

a IMPÉRIO sabe que acima de tudo os seus clientes exigem segurança

Para transportar mais depressa, os homens criaram a força poderosa dos reactores. Contudo, uma força simples faz mover um carrinho de bebé: o amor de mãe. O amor da família que quer criar um filho em segurança. E em segurança cria para ele um futuro. Também numa grande companhia aérea se exige segurança. As pessoas e os bens transportados. Os homens que nela vivem e lhe dão vida, porque querem trabalhar em segurança. A Império sabe que, acima de tudo, os seus clientes exigem segurança. No mundo do lar. Da profissão. Dos bens. Dos negócios.

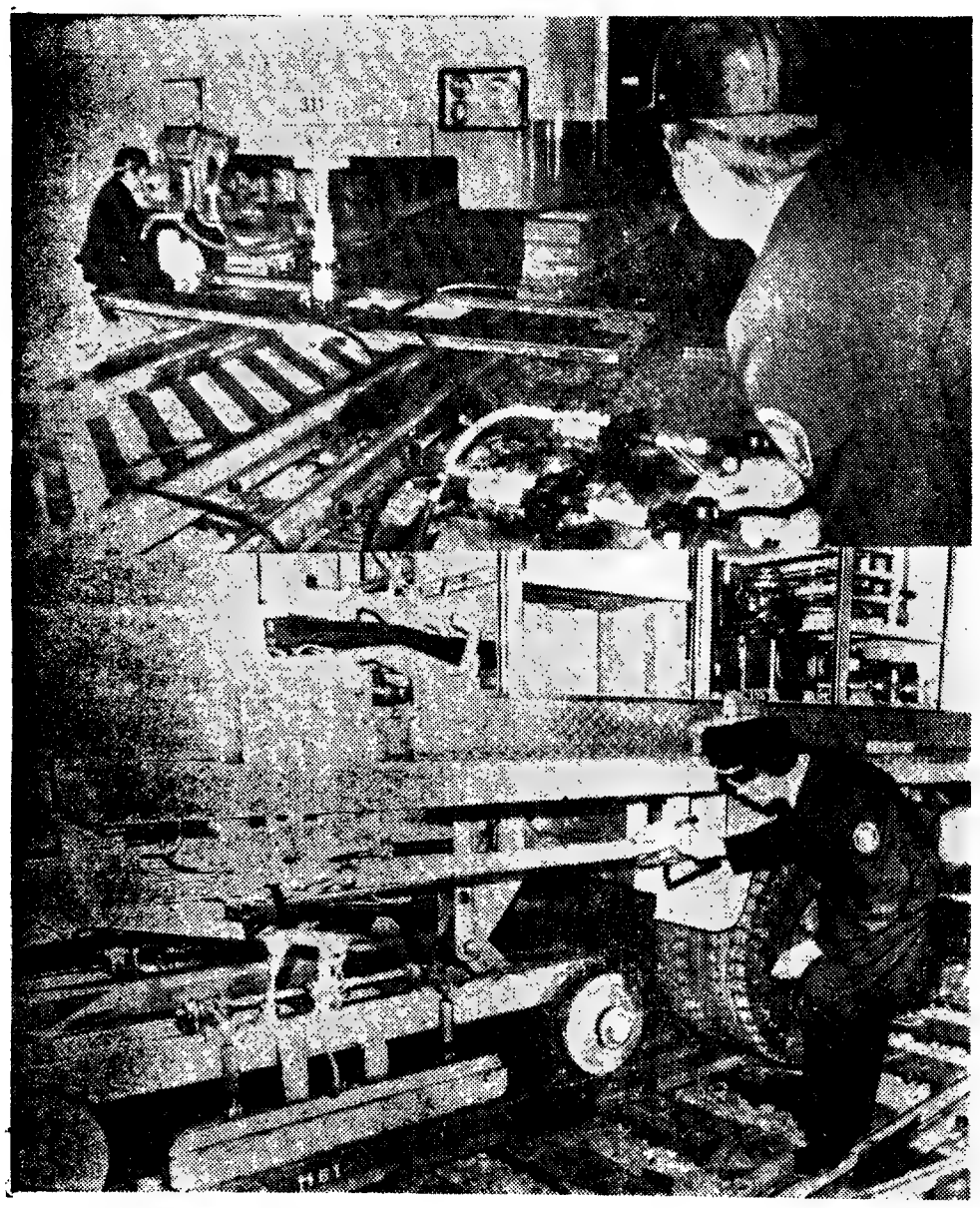
A Império tem para todos a medida exacta duma vida mais segura. Criou modalidades racionais de seguros que respondem abertamente às necessidades dos homens. Às necessidades das empresas. No mundo de hoje. E frente ao futuro.

* *Ainda àcerca de aviões - a Império é no nosso país a maior seguradora do ramo aéreo.*
Cada Boeing em voo, representa um capital em risco, semelhante ao valor da ponte sobre o Tejo.

Contacte um homem da Império. É um amigo.

AO SEU SERVIÇO
IMPÉRIO
a sua seguradora

PENTA



Os bombeiros de Francfurt possuem um carro de socorro que deve ser unico no Mundo, pois além das rodas de pneus, para estrada, está equipado com um dispositivo que lhe permite circular sobre carris. Assim, o pronto-socorro, em caso de sinistro na via férrea ou no metropolitano, pode ir até ao próprio local do acidente. A mudança é rápida e fácil e o motor de propulsão, de 250 cavalos, serve para ambos os sistemas. O modelo deste carro foi realizado com a colaboração de quatro firmas alemãs. Apesar do seu elevado custo — cerca de dois mil contos — os bombeiros de Francfort já encomendaram outro carro do mesmo tipo

«NÓ FERROVIÁRIO DE LISBOA»

A nova estação de Pa e a futura ferrovia

Deverá começar ainda este ano o estudo dos projectos para remodelar a estação do Rossio e construir a nova estação de Palhavã, para tráfego suburbano de passageiros, nos terrenos entre a Praça de Espanha e as Avenidas Gulbenkian e Columbano Bordalo Pinheiro — segundo nos informou um porta-voz do conselho de administração da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses (C. P.). As respectivas obras deverão ser incluídas no IV Plano de Fomento, a iniciar em 1974.

Tanto a remodelação do Rossio como a nova estação de Palhavã fazem parte do estudo de revisão do «nó ferroviário de Lisboa» elaborado de 1964 a 1968 pelo Gabinete de Estudos e Planeamento dos Transportes Terrestres, de colaboração com a C.P., e revisto, depois, pelo Conselho Superior de Obras Públicas. O referido estudo prevê ainda os seguintes empreendimentos: nova linha entre Benfica e Marinha (Cascais); estação de passageiros de longo curso na zona da Luz; segunda cintura ferroviária entre Benfica e Sacavém; prolongamento da linha de cintura existente, a partir de Campolide, para a margem sul do Tejo, através da ponte. Na margem sul, o plano do «nó ferroviário de Lisboa» inclui: ligação pela ponte, em direcção a Coina e Moita, onde ligará à actual linha do Sul; ramal Coina-Seixal, servindo a Siderurgia; ramal Almada-Costa da Caparica e Fonte da Telha. O Conselho Superior de O.P. aconselhou ainda uma ligação directa de Coina a Setúbal para aproximar mais esta cidade de Lisboa. Recomendou também o prolongamento do ramal do Montijo a Alcochete e Muge.

Além disso, na margem sul do Tejo, está também prevista a ligação ferroviária ao futuro aeroporto de Lisboa, em Rio Frio, a partir da linha que vai para Setúbal e para a Moita

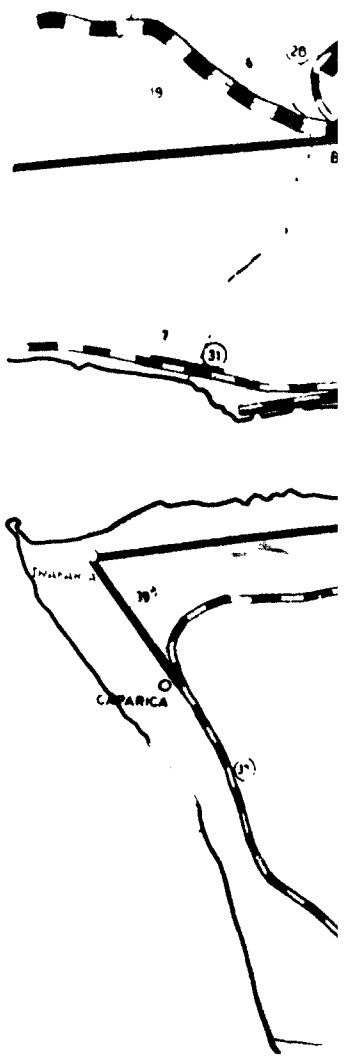
A estação de Palhavã e a linha Benfica-Cascais

«Nó ferroviário de Lisboa» é a designação dada pelos técnicos a todas as infra-estruturas ferroviárias existentes em Lisboa e arredores, abrangendo um raio de 50 a 60 quilómetros. Se tivermos em conta as tendências do movimento demográfico e o crescimento do parque industrial em Lisboa e arredores, concluiremos fàcilmente pela importancia do papel que o «nó ferroviário» vai desempenhar no futuro.

A nova estação de Palhavã situar-se-á em terrenos da Camara Municipal, muito perto da Praça de Espanha, entre a Avenida Gulbenkian e a Avenida Columbano Bordalo Pinheiro. De acordo com o respectivo plano, será uma estação para tráfego suburbano de passageiros da linha de Sintra e de nova linha que o Conselho Superior de Obras Públicas propôs. Sairá do Benfica (a norte da actual estação) seguindo para a Marinha (Cascais), tangenciando pelo norte os aglomerados da linha do Estoril. Como se sabe, esta linha, que quase atingiu o estado de saturação, sobretudo em certas épocas do ano e sempre nas «horas de ponta», está condicionada pela urbanização. A nova linha surge, assim a terminar em Benfica, como solução ideal, na opinião dos técnicos, até porque a estação do Rossio, mesmo após as obras de beneficiação que vai sofrer, não poderá satisfazer as exigências futuras do tráfego suburbano para Cascais. Deste modo, a estação de Palhavã funcionará, antes de mais nada, em apoio à do Rossio.

Mas é evidente que não podemos encarar qualquer aspecto isoladamente, segundo acrescentou o mesmo informador. O «nó ferroviário de Lisboa» constitui um conjunto cuidadosamente estudado, em função das perspectivas de crescimento da cidade.

Assim, outra zona de Lis-



Esquema futuro do «Nó Ferrovi vias entre Campolide e Cacém; estação de passageiros do Rego; ção de mercadorias de Braço d e Vila Franca de Xira; 25, esta de cintura; 27, remodelação e a ção de mercadorias em Venda ração das ligações ferroviárias de Cascais na cidade de Lisboa; do Seixal; 34, linha Coina-Mod 37, linha da Costa da Caparic portuário de contentores na T contentores na Trafaria (2.ª so Coina-Setúbal; 42, linha Alcoch ferroviária na zona do Montijo na zo Alc

OS PROBLEMAS DA FRUTICULTURA NO DISTRITO DE COIMBRA

COIMBRA, 8 — Com a instalação de pomares, especialmente de macieiras no alto do distrito de Coimbra, a fruticultura está a tomar apreciável incremento e pode ter significativa influência na economia local.

A instalação desses pomares obrigou os agricultores a dispêndios avultados, mas a rentabilidade do investimento será sèriamente prejudicada se os cuidados nas culturas não forem devidamente conduzidos, e a fruta produzida não satisfazer as exigências de qualidade que garantam preço remunerador.

A Brigada Técnica da XVIII Região Agrícola mantém nos concelhos de Oliveira do Hospital, Tábua e Arganil um técnico, cuja principal actividade tem sido a assistência aos fruticultores, nomeadamente para a plantação e poda das fruteiras.

A sua acção deverá, porem ser apenas encaminhada no sentido de dar aos produtores as indicações convenientes para a condução dos seus pomares, mas serão necessàriamente estes que se deverão encarregar da execução.

De facto, dado o numero de pomares já existentes, as tarefas que o técnico tem a seu cargo, se este assumisse, também, as funções de gestor das explorações, além de um condenável desvio de atribuições, os resultados seriam francamente negativos, por o técnico não poder atender devidamente todos os pomares.

Por isso se vai procurar desenvolver um trabalho de grupo de fruticultores, com a colaboração do técnico dos serviços para que, em conjunto, tratem de assuntos de interesse comum e procurem resolver as suas dificuldades.

Um dos aspectos que convém desde já encarar é o da defesa sanitária dos pomares. Para que se consigam bons resultados dos tratamentos é necessário que se apliquem os produtos adequados, na oportunidade devida e com uma técnica eficiente. Dado que a oportunidade de execução de tratamentos decorre num período muito curto, é indispensável que o fruticultor saiba quando deve intervir e disponha de quem saiba preparar as caldas e executar as aplicações.

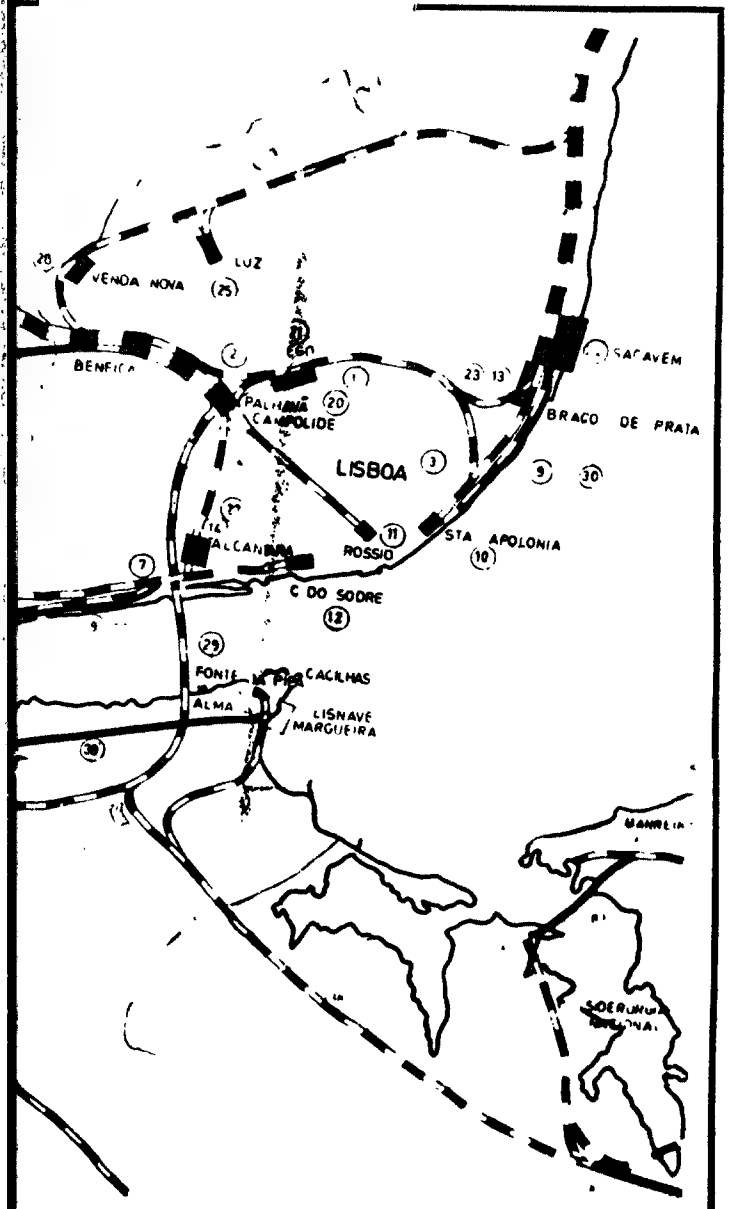
APARTAMENTOS
«QUINTA DOS LOMBOS»
CARCAVELOS
INFORMAMOS QUE NO PRÓXIMO DIA 10, **DOMINGO DE PÁSCOA,** ESTARÁ ENCERRADO O NOSSO SERVIÇO DE VENDA NO LOCAL
emaco
EMPRESA DE ADMINISTRAÇÃO E CONSTRUÇÕES, S. A. R. L.
Rua Barata Salgueiro, 53-R/C — LISBOA

CAMPANHA D
Ford ES
2 ou 4 PORTAS E
até 15 do corren
com 2 cintos de seg
CONCESSIONÁRIOS Ford em LISBOA e nos concelhos de: CASCA

Palhavã servirá Sintra via Benfica-Cascais

boa será contemplada com uma estação de passageiros de longo curso: situar-se-á na zona da Luz, a norte da Avenida Marechal Carmona, incluída na segunda cintura ferroviária, passando pela Venda Nova, Luz, Paço do Lumiar e Sacavém. Anote-se que esta cintura terá um túnel debaixo de uma das pistas do aeroporto da Portela. A propósito, recorde-se que a outra linha de cintura é a actual: Braço de Prata, Areeiro, Entrecampos, Rego e Campolide. No futuro, esta estação (de onde parte já um ramal para Alcantara) terá maior importancia: ali começará a linha para a margem sul, através da Ponte sobre o Tejo, cuja construção será, possivelmente, incluída no IV Plano de Fomento. O projecto prevê ainda a ligação ferroviária à doca de pesca de Pedrouços.

As estações de passageiros, no conjunto de Lisboa, ficarão, em princípio, afectas aos seguintes tráfegos: Santa Apolónia — linha do Norte; Rego — margem sul do Tejo; Palhavã e Rossio — Sintra e Cascais (Marinha); Cais do Sodré — Estoril e Cascais; Luz — todo o tráfego de passageiros de longo curso.



Ferroviário» de Lisboa: margem norte — 19, quadruplicação das Sacavém; 20, estação de Palhavã; 21, remodelação e ampliação da Rego; 22, gare de triagem de Sacavém; 23, remodelação da estação de Braço de Prata; 24, quadruplicação das vias entre Braço de Prata e Sacavém; 25, estação de longo curso de passageiros na Luz; 26, nova linha Luz e ampliação da estação de mercadorias de Alcântara; 28, estação Venda Nova; 29, atravessamento da ponte sobre o Tejo; 30, alterações do porto de Lisboa; 31, alteração da penetração da linha de Lisboa; 32, nova linha de Cascais. Margem sul — 33, novo ramal Coina-Moita; 35, ramal de Alhos Vedros; 36, ramal da Margueira; Aparica; 38, linha Ponte-Almada-Coina; 39, ramal do terminal na Trafaria (1.ª solução); 39, ramal do terminal portuário de Trafaria (2.ª solução); 40, prolongamento do ramal do Montijo; 41, linha Alcochete-Muge; 43, linha Águas de Moura-Pocerão; 44, ligação Montijo ás instalações do porto de Lisboa; 45, ligação ferroviária de Alcochete ás instalações do porto de Lisboa

Projectos para a margem sul

Os projectos para a margem sul estão já mais ou menos concluídos. A sua concretização, no entanto, depende de ligação entre as duas margens, através da ponte sobre o Tejo. Pormenorizando o esquema apontado, a parte sul do «nó ferroviário de Lisboa» desenvolver-se-á do seguinte modo: ligação pela ponte em direcção a Coina e à Moita, onde liga à actual linha do Sul; ramal de Coina para o Seixal; ligação de Almada para a Costa da Caparica e Ponte da Telha; ligação para o aeroporto (Rio Frio); ligação directa de Coina a Setúbal.

Como se compreende, é cedo ainda para se falar em datas. De concreto, sabe-se que o plano começará a ser executado com a remodelação do Rossio, seguindo-se as obras da estação de Palhavã e de remodelação da estação do Rego. Mas também é verdade que um plano como este terá de ser executado a longo prazo.

De qualquer modo, deve recordar-se que as características próprias do caminho de ferro lhe conferem hoje, por toda a parte, no ambito dos transpores suburbanos de passageiros, uma aptidão especial para o desempenho deste papel de serviço público fundamental. Entre essas características citam-se a sua elevada capacidade de transporte, a sua grande velocidade comercial a regularidade de circulação e a fraca ocupação do solo.

Compreende-se, assim, que os responsáveis se preocupem com o «nó ferroviário de Lisboa» — um nó que, sem dúvida, muito vai custar a desatar.

PARA COMPRAR OU VENDER
AS SUAS JÓIAS
BARBOSA, ESTEVES & C.ª, LD.ª
293 — Rua da Prata — 295

A BUROCRACIA E OS ABONOS

Da Caixa Nacional de Pensões e assinado, de forma ilegível, por um representante da respectiva direcção, recebemos o seguinte ofício.

«Sobre a local publicada no jornal que V. dirige, na edição de 16 de Fevereiro do corrente ano, sob o título «Torna-se muito complicada a burocracia para se receberem reformas e subsídios de abonos», cumpre-nos informar o seguinte, no tocante ao assunto referido na carta a que respeita ás dificuldades relativas ao recebimento da pensão de reforma do pai do signatário da mesma:

Em conformidade com o disposto na Base XXVI da Lei n.º 2115, de 18 de Junho de 1962, as prestações devidas a beneficiários não podem ser cedidas a terceiros nem penhoradas.

No intuito de facilitar, tanto quanto possível, o recebimento de pensões de beneficiários que, por razões de vária ordem, não podem deslocar-se aos respectivos locais de pagamento, tem esta Caixa adoptado o critério de as pagar a pessoa diferente do titular, desde que o interessado indique, prèviamente, em declaração com assinatura reconhecida pelo notário o nome da pessoa a quem pretende que as pensões sejam pagas.

No caso em apreciação, o pensionista veio transferido da Caixa de Previdência do Pessoal da Panificação, Moagem e Massas Alimentícias não constando, do respectivo processo, qualquer declaração ou procuração para aquele fim, razão por que lhe foi exigida a sua apresentação.

Esclarecemos V. de que a declaração ou procuração entregue nesta Caixa, para aquele efeito, será sempre válida enquanto o beneficiário o entender, sem necessidade de qualquer renovação anual.»

Pretendem vender ouro, pratas ou jóias recebendo o máximo?
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

Agora, também em Portugal.
pat.
HELIFLEX®
leve
durável
prático
económico
O MAIS FAMOSO
TUBO FLEXIVEL,
EM P.V.C. REFORÇADO.
Fabricado sob patente de
A.G. PETZETAKIS A.S. ATENAS

UM TIPO PARA CADA FIM: AGRÍCOLA, DOMÉSTICO OU INDÚSTRIAL

Heliflex Portuguesa, L.da
TUBOS FLEXÍVEIS
FÁBRICA — R.HAVO — ESTRADA DA MOTA - TEL. 24011
ESCRITÓRIO — AVEIRO — AV. ARAÚJO E SILVA, 109 - TEL. 24010 - APART. 100
DELEGAÇÃO — LISBOA — R. CORONEL BENTO ROMA 12 D - TELEF. 717169

DA PÁSCOA
ESCORT
S E ESTATE CAR
rrente equipados
e segurança grátis
STAND MODERNO
RUA JOÃO SARAIVA, 15 — LISBOA — (Alvalade)
Telef. 71 10 65 (10 linhas)
Salão de Exposição: Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A
ASCAIS — LOURES — OEIRAS — SINTRA — VILA FRANCA DE XIRA

Andares
Vivendas
Apartamentos
mobilados

J. PIMENTA, S. A. R. L.

Óptimo emprego de capital para a valorização das suas economias

Andares, bem localizados, de 2 a 10 divisões assoalhadas a preços muito acessíveis.

Apartamentos Mobilados para venda, desde 140 contos, cuja escritura pode ser imediata.

LOCAIS DE CONSTRUÇÃO

Paço de Arcos—Bairro Comendador Joaquim Matias * Cascais—Conjunto Turístico da Pompilheira
Reboleira — Edifício Oeiras

ESCRITÓRIOS:

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefs. 4 59 43/4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
BRAGA: Av. Marechal Gomes da Costa, n.º 590, 3.º Dt.º
COIMBRA: Aven. Fernão de Magalhães, 470, 1.º, Sala 1
CASTELO BRANCO: Pr. do Rei D. José (com entrada pela R. da Figueira)
LUANDA: Henrique L. Castendo, Apartado 1224

ESTÁGIOS DE TÉCNICOS NO ULTRAMAR

Para conhecimento dos alunos dos estabelecimentos de ensino médio e superior, referidos na alínea a) do artº 1.º do Decreto N.º 47 558, de 23 de Fevereiro de 1967, que termina o curso ou a respectiva parte escolar no ano lectivo de 1970-1971, torna-se público que poderão requerer a sua admissão a estágio profissional nos Serviços Públicos seguintes, para as vagas que se indicam:

GUINÉ — Camara Municipal de Bissau (com a duração de três a seis meses), um engenheiro civil, um arquitecto, um agente técnico de Engenharia (Construção Civil) e um agente técnico de Engenharia (Máquinas e Electricidade); Repartição Provincial dos Serviços de Obras Publicas e Transportes (com a duração mínima de três meses), um engenheiro civil e um adjunto técnico de Construção Civil; Repartição Provincial dos Serviços de Veterinária, um técnico veterinário para as especialidades de Bacteriologia e Clínica Médica.

S. TOMÉ E PRÍNCIPE — Dois estágios de Agronomia (Agricultura Geral) e um estágio de Medicina Veterinária.

ANGOLA — Camara Municipal do Lobito, um arquitecto; Direcção dos Serviços de Agricultura e Florestas, dois engenheiros agrónomos e dois regentes agrícolas; Direcção Provincial dos Serviços de Geologia e Minas, dois agentes técnicos de Engenharia Civil; Direcção Provincial dos Serviços Hidráulicos, um engenheiro civil e um agente técnico de Engenharia Civil; Direcção Provincial dos Serviços de Obras Publicas e Transportes, dois engenheiros civis e dois arquitectos; Direcção Provincial dos Serviços de Veterinária, dois médicos veterinários e dois regentes agrícolas; Junta Autónoma de Estradas, um engenheiro civil, um agente técnico de Engenharia Civil e um agente técnico de Elec. e Máquinas; Laboratório de Engenharia de Angola, dois engenheiros civis (com o curso concluído e classificação mínima de 14 valores).

MOÇAMBIQUE — Serviços de Agricultura e Florestas, dois estágios para finalistas do Curso de Agronomia; Inspecção Provincial de Crédito e Seguros, um estágio para finalista do Curso de Economia (duração máxima de 6 meses); Junta Autónoma de Estradas de Moçambique, um estágio para engenheiro civil, um estágio para agente técnico civil e dois estágios para finalistas de cursos médios que poderão ser, por opção: Serviços de Economia (duas vagas para finalistas dos Institutos Industriais) e Serviços de Geologia e Minas (dois estágios para agentes técnicos de Engenharia).

Os estágios, cuja duração não se encontra indicada, terão a que for estabelecida entre os estagiários e a província, devendo, no entanto, ter-se em conta o período mínimo de 3 meses.

Esclarece-se que o prazo para a entrega dos requerimentos de quaisquer candidatos terá lugar entre 15 de Julho e 11 de Agosto, exceptuando-se os finalistas do 6.º ano dos Cursos de Engenharia, em que o prazo de entrega dos requerimentos foi estabelecido de 1 a 15 de Abril corrente.

Na Direcção-Geral de Educação do Ministério do Ultramar serão prestados todos os esclarecimentos sobre o assunto.

Um velho largo de Leiria sai agora do abandono

LEIRIA, 8 — Depois de vários anos votado ao abandono, o Largo de Infantaria 7, mereceu agora a atenção da entidade municipal, que lhe reconheceu destino mais honroso e funcional para a cidade.

Localizado a Nascente da urbe, o antigo largo, que fica no sopé do antiquíssimo templo de Nossa Senhora da Encarnação, como a fotografia deixa ver, está a receber as beneficiações e cuidados indispensáveis para tornar o local mais airoso.

Assim, após o rebaixamento e regularização do pavimento, procedeu-se á abertura de ruas e ao empedramento do piso, a fim de servir de estacionamento a veículos pesados, que já não encontram espaço no centro da urbe, cada vez mais pequeno pelo aumento crescente de veículos. Ao mesmo tempo, foram plantadas algumas árvores, na preocupação de criar mais uma zona verde na cidade, a compensar outras que têm sido arrancadas em obediência a planos urbanísticos.

Estranham, entretanto, os moradores próximos, que não tivesse sido encarado o problema da construção de sentinas publicas para servir esta zona citadina, e que viriam pôr termo a espectaculos pouco dignificantes que se observam com certa frequência.

Não sabemos se ainda será possível satisfazer tais anseios, que sem duvida viriam ao encontro de uma comprovada necessidade. Nesse sentido lembramos a conveniência de se promover a sua construção, para interesse do próprio publico, descanso dos locatários das imediações e melhoria do aspecto sanitário desta zona citadina.

O novo perfil do Largo de Infantaria 7

Em três linhas

O sr. dr. José Maria de Almeida Correia Mendes foi nomeado professor provisório do Instituto Técnico Militar dos Pupilos do Exercito.

///

O sr. dr. Fernando de Melo Caeiro, adjunto do quadro do pessoal técnico da Direcção-Geral de Saúde foi nomeado para o desempenho, interino, das funções de director de serviços técnicos do mesmo quadro.

///

A utilidade pública e a muita urgência da expropriação, requerida pela Secretaria de Estado da Aeronáutica, dos imóveis necessários às obras de instalação do Centro de Receptores da Força Aérea, Cacém, foram reconhecidas de carácter muito urgente.

Nos Hospitais da Universidade de Coimbra está aberto concurso documental, pelo prazo de dez dias, para provimento, a título provisório ou em comissão de serviço, de três lugares de director de serviço de apoio geral, entre pessoal diplomado com curso superior.

///

Uma portaria da Presidência do Conselho manda inscrever e reforçar, com quantia de 116 846 838$00 as verbas da tabela de despesa do orçamento das forças terrestres ultramarinas em vigor em Moçambique no ano de 1970.

///

O delegado do procurador da República de 1.ª classe sr. dr. José António Aguiar Ferraz e Silva, exercendo, em comissão de serviço, as funções de inspector da Polícia Judiciária, foi colocado na comarca de Lisboa.

///

Vem no «Diário do Governo» a lei que cria no Ministério das Obras Públicas a Direcção-Geral das Construções Hospitalares, para a qual transitam a competência e as atribuições da Comissão de Construtores Hospitalares, a qual é extinta.

///

Passam a constituir um único organismo, designado Obra Social dos Ministérios das Obras Públicas e das Comunicações (O. S. M. O. P.), o Cofre de Auxílio dos Funcionários do Ministério das Obras Públicas (C. A. F. M. O. P.) e os Serviços Sociais do Ministério das Comunicações (S. S. M. C.).

///

Foi aberto um crédito de [illegible] do Ministério das Finanças para constituir a rubrica «Empréstimo por contrato de 17 de Março de 1970», da alínea 2 «Contraída ao abrigo de outros acordos», do n.º 4) «Dívida externa a cargo do Tesouro» do artigo 36.º «Juros», capítulo 5.º «Encargos da dívida pública», do orçamento deste ano económico do referido Ministério.

///

O sr. dr. Porfírio de Oliveira Amado foi provido no lugar de assistente além do quadro de Histologia e Embriologia da Faculdade de Medicina de Lisboa.

A sr.ª dr.ª D. Maria Luísa Melo de Noronha Galvão foi nomeada professora extraordinária do 1.º grupo (Matemática Pura) da 1.ª secção da Faculdade de Ciências da mesma Universidade.

///

O sr. António Bagorro Pimenta foi nomeado representante dos serviços centrais de turismo na Comissão Municipal de Turismo de Elvas.

///

Foi concedida autorização para o guarda n.º 70/14 172 Armando Freitas Alves, do Comando Distrital da P.S.P. de Viana do Castelo ser demandado criminalmente.

///

O sr. dr. Manuel José Moutinho de Pádua foi nomeado subinspector interino, por um ano, do quadro da Direcção-Geral da Previdência e Habitações Económicas.

///

Está concluído o edifício do Dispensário Antituberculoso da Vila Verde, [illegible] vai ser entregue ao Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos.

IMPRENSA

«O Algarve»

Entrou no seu 65.º ano de publicação o nosso prezado colega «O Algarve», que se publica em Faro e é um vigoroso defensor dos valores e dos interesses daquela província. Ao seu director, sr. Artur Serrão e Silva e aos colaboradores as nossas felicitações.

A ANTIGA «MISS MUNDO» Eva Pueber-Staier juntou à sua longa lista de prémios o da «Rapariga Amiga da Vida Selvagem». O prémio foi-lhe dado porque a bela austríaca gosta muito de animais. Na foto, vêmo-la acompanhada por um simpático jupará

ARROZ
agulha
«MOÇAMBIQUE»
ARROZ
«TREVO»
Especiarias
«TREVO»
3 produtos procurados de alto renome
Distribuidores:
A. D. Oliveira Magalhães
EXPORT — PORTO

Moradias — Seixal
TERRENOS
de que restam, ainda, projecto, cálculos, legisto, escritura. Alvará da C. M. S. Pedro [illegible] técnicos e primeiro [illegible] material, dinheiro, etc. Sandro, [illegible]

contra a calvície
Numerosos certificados, reconhecidos por notários, provam a eficácia do ITEM
Aplicado a tempo e convenientemente, antes que as raízes [illegible]
tratamento
ítem
[illegible]

Andares
Vivendas

Apartamentos
mobilados

J. PIMENTA, S. A. R. L.

Óptimo emprego de capital para a valorização das suas economias

Andares, bem localizados, de 2 a 10 divisões assoalhadas a preços muito acessíveis.

Apartamentos Mobilados para venda, desde 140 contos, cuja escritura pode ser imediata.

LOCAIS DE CONSTRUÇÃO

Paço de Arcos—Bairro Comendador Joaquim Matias ✲ Cascais—Conjunto Turístico da Pampilheira ✲ Reboleira — Edifício Oeiras

ESCRITÓRIOS:

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefs. 4 59 43 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21, 22
BRAGA: Av. Marechal Gomes da Costa, n.º 590, 3.º Dt.º
COIMBRA: Aven. Fernão de Magalhães, 470, 1.º, Sala 1
CASTELO BRANCO: Pr. do Rei D. José (com entrada pela R. da Figueira)
LUANDA: Henrique L. Castendo, Apartado 1224

ESTÁGIOS DE TÉCNICOS NO ULTRAMAR

Para conhecimento dos alunos dos estabelecimentos de ensino médio e superior, referidos na alínea a) do artº 1.º do Decreto N.º 47 558, de 23 de Fevereiro de 1967, que termina o curso ou a respectiva parte escolar no ano lectivo de 1970-1971, torna-se público que poderão requerer a sua admissão a estágio profissional nos Serviços Públicos seguintes, para as vagas que se indicam:

GUINÉ — Câmara Municipal de Bissau (com a duração de três a seis meses), um engenheiro civil, um arquitecto, um agente técnico de Engenharia (Construção Civil) e um agente técnico de Engenharia (Máquinas e Electricidade); Repartição Provincial dos Serviços de Obras Públicas e Transportes (com a duração mínima de três meses), um engenheiro civil e um adjunto técnico de Construção Civil; Repartição Provincial dos Serviços de Veterinária, um técnico veterinário para as especialidades de Bacteriologia e Clínica Médica.

S. TOMÉ E PRÍNCIPE — Dois estágios de Agronomia (Agricultura Geral) e um estágio de Medicina Veterinária.

ANGOLA — Câmara Municipal do Lobito, um arquitecto; Direcção dos Serviços de Agricultura e Florestas, dois engenheiros agrónomos e dois regentes agrícolas; Direcção Provincial dos Serviços de Geologia e Minas, dois engenheiros técnicos de Minas; Comissão Directiva dos Serviços Hidráulicos, um engenheiro civil e um agente técnico de Engenharia; Direcção Provincial dos Serviços de Obras Públicas e Transportes, dois engenheiros civis e dois agentes; Direcção Provincial dos Serviços de Veterinária, dois médicos veterinários e dois regentes agrícolas; Junta Autónoma de Estradas, um engenheiro civil e técnico de Engenharia Civil e um agente técnico de Estradas e Máquinas; Laboratório de Engenharia de Angola, dois engenheiros civis (um com o curso completo e outro com o de licenciatura) e um técnico de 11 valências).

MOÇAMBIQUE — Serviços de Agricultura e Florestas, dois estágios para finalistas do Curso de Agronomia; Inspecção Provincial de Crédito e Seguros, um estágio para finalista do Curso de Economia (duração máxima de 6 meses); Junta Autónoma de Estradas de Moçambique, um estágio para engenheiro civil, um estágio para agente técnico civil e dois estágios para finalistas de cursos médios que poderão ser, por opção: Serviços de Economia (duas vagas para finalistas dos Institutos Industriais) e Serviços de Geologia e Minas (dois estágios para agentes técnicos de Engenharia).

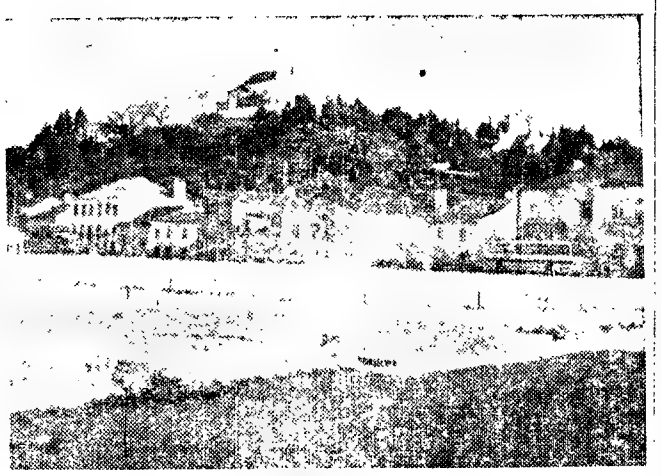
Os estágios, cuja duração não se encontra indicada, terão a que for estabelecida entre os estagiários e a província, devendo, no entanto, ter-se em conta o período mínimo de 3 meses.

Esclarece-se que o prazo para a entrega dos requerimentos de quaisquer candidatos terá lugar entre 15 de Julho e 11 de Agosto, exceptuando-se os finalistas, do 6.º ano dos Cursos de Engenharia, em que o prazo de entrega dos requerimentos foi prorrogado de 1 a 15 de Novembro.

Um velho largo de Leiria sai agora do abandono

LEIRIA, 8 — [illegible] o Largo de Infantaria 7 [illegible] do edifício do riquíssimo templo de Nossa Senhora da Encarnação, [illegible] hoje [illegible] pode [illegible] e [illegible] a fim de [illegible] já não encontra abrigo no centro da urbe, cada vez mais pequeno pelo [illegible] crescente de veículos. Ao mesmo tempo, foram plantadas algumas árvores, na perspectiva de criar mais uma zona verde na cidade, a compensar outras que têm sido arrancadas em obediência a planos urbanísticos.

Estranha-se, entretanto, os moradores próximos, que não tivesse sido encarado o problema da construção de sanitas públicas para servir esta zona citadina, o que viriam [illegible] Não se [illegible] pelo [illegible] que [illegible] centro [illegible] necessidade. Nesse [illegible] lembramos a [illegible] se pense [illegible] para [illegible] bilhão, [illegible] [illegible] espaço [illegible] citadina.



O novo perfil do Largo de Infantaria 7

Em três linhas

O sr. dr. José Maria de Almeida Correia Mendes foi nomeado professor provisório do Instituto Técnico Militar dos Pupilos do Exército.

///

O sr. dr. Fernando de Melo Caeiro, adjunto do quadro do pessoal técnico da Direcção-Geral de Saúde foi nomeado para o desempenho, interino, das funções de director de serviços técnicos do mesmo quadro.

///

A utilidade pública e a muita urgência da expropriação, requerida pela Secretaria de Estado da Aeronáutica, dos imóveis necessários às obras de instalação do Centro de Receptores da Força Aérea, Caxém, foram reconhecidas de carácter muito urgente.

///

Na Reitoria da Universidade de Coimbra está aberto concurso documental, pelo prazo de dez dias, para provimento, a título provisório, em comissão de serviço, de três lugares de director de serviço de apoio geral, entre pessoal diplomado com curso superior.

///

Uma portaria da Presidência do Conselho manda inscrever e reforçar, com a quantia de 116 816 535$00 as verbas da tabela de despesa do orçamento das forças terrestres ultramarinas em vigor em Moçambique no ano de 1970.

///

O delegado do procurador da República de 1.ª classe, dr. José António Aguiar Ferraz e Silva, exercendo, em comissão de serviço, as funções de inspector da Polícia Judiciária, foi colocado na comarca de Lisboa.

///

Vem no «Diário do Governo» a lei que cria no Ministério das Obras Públicas a Direcção-Geral das Construções Hospitalares, para a qual transitam a competência e as atribuições da Comissão de Construtores Hospitalares, a qual é extinta.

///

Passam a constituir um único organismo, designado Obra Social dos Ministérios das Obras Públicas e das Comunicações (O. S. M. O. P. C.), o Cofre de Auxílio dos Funcionários do Ministério das Obras Públicas (C. A. F. M. O. P.) e os Serviços Sociais do Ministério das Comunicações (S. S. M. C.).

///

Foi aberto um crédito de 25 000 000$00 no Ministério do Ultramar, para construir a ruptura «Empresa mo» por contrato de 17 de Março de 1970», da alínea 2 «Contraída ao abrigo de outros acordos», do n.º 4) «Dívida externa a cargo do Tesouro» do artigo 36.º «Juros», capítulo 5.º «Encargos da dívida pública», do orçamento deste ano económico do referido Ministério.

///

O sr. dr. Porfírio de Oliveira Amado foi provido no lugar de assistente além do quadro de Histologia e Embriologia da Faculdade de Medicina de Lisboa.

A sr.ª dr.ª D. Maria Luísa Melo de Noronha Galvão foi nomeada professora extraordinária do 1.º grupo (Matemática Pura) da 1.ª secção da Faculdade de Ciências da mesma Universidade.

///

O sr. António Bagorro Pimenta foi nomeado representante dos serviços centrais de turismo na Comissão Municipal de Turismo de Elvas.

///

Foi concedida autorização para o guarda n.º 70/11 172 Armando Freitas Alves, do Comando Distrital da P.S.P. de Viana do Castelo ser demandado criminalmente.

///

O sr. dr. Manuel José Moutinho de Pádua foi nomeado subinspector interino, por um ano, do quadro da Direcção-Geral da Previdência e Habitações Económicas.

///

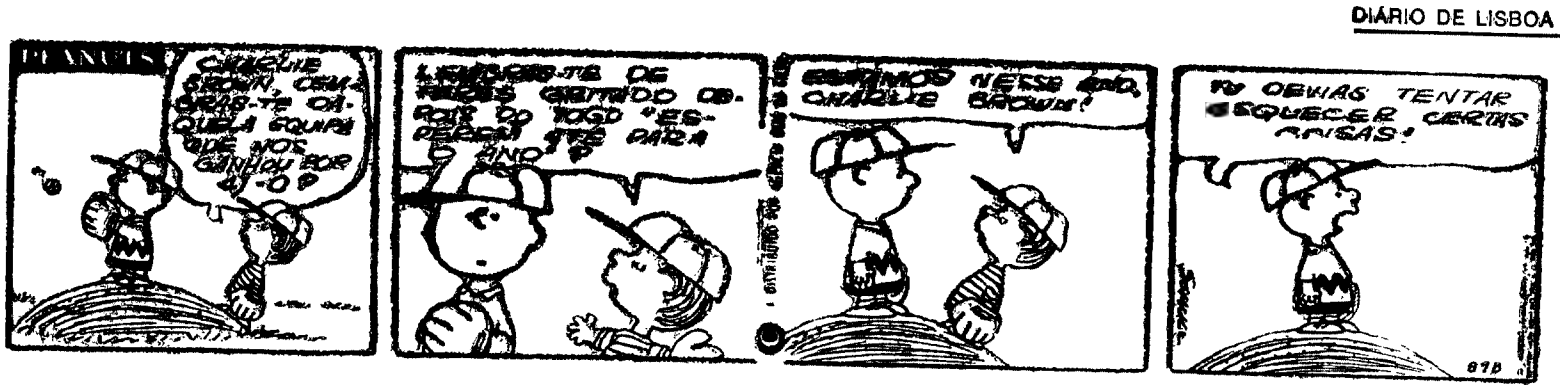
Está concluído o edifício do Dispensário Antituberculoso de Vila Verde, que vai ser entregue ao Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos.

IMPRENSA

«O Algarve»

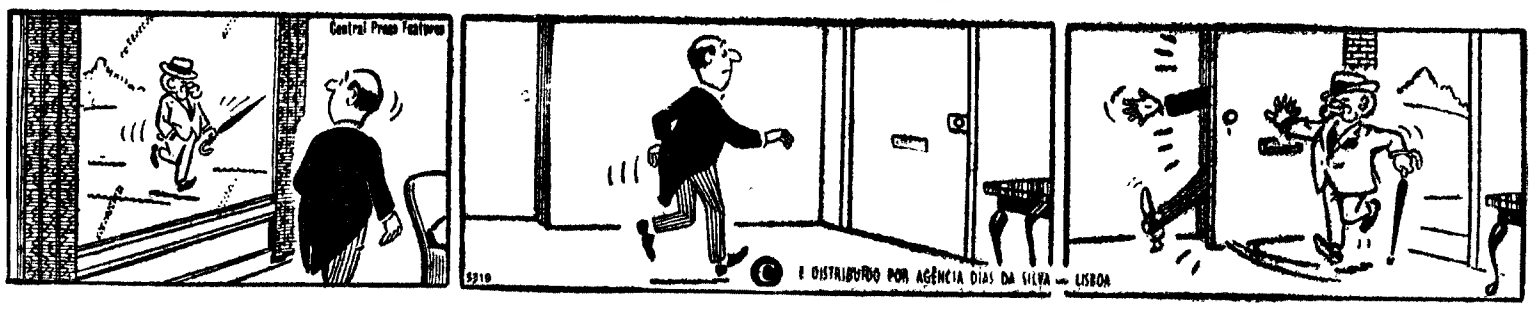
[illegible] 65.º [illegible] [illegible] [illegible]

OS PEANUTS



CAROL DAY

AVENTURAS DO TIO CARLOS



HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 8 de Abril de 1941 publicava:

«NOVA YORK, 8 — Notícias aqui recebidas dizem que forças yugo-eslavas penetraram no porto de Fiume, na costa italiana do Adriático, junto á fronteira que separa os dois países.

«Outras informações, igualmente recebidas em Nova York, dizem que as tropas yugo-eslavas se apoderaram da cidade de Santari na Albania.»

CAMISAS POR MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

LUSTRES
Se está interessado na sua compra, não o faça sem visitar a Fábrica. Av. 5 de Outubro, 203, r/c., esq. (Ao Campo Pequeno) — Telefone 77 16 39.
VENDA AO PÚBLICO

CAMISAS DE HOMEM
ÚLTIMOS MODELOS
BASTA TELEFONAR PARA 32 48 31 VAI A CASA DE V. EX.ª UMA EMPREGADA

Bilhetes de «Fim-de-Semana»

A C. T. T. comunica que, na semana em curso os bilhetes de «Fim de Semana» são válidos para início da viagem de Ida, desde as 17-00 horas do dia 7, quarta-feira, até às 12-00 horas de domingo, dia 11, e, para início da viagem de Regresso, desde as 12-00 horas do mesmo domingo até às 24 horas do dia 13.

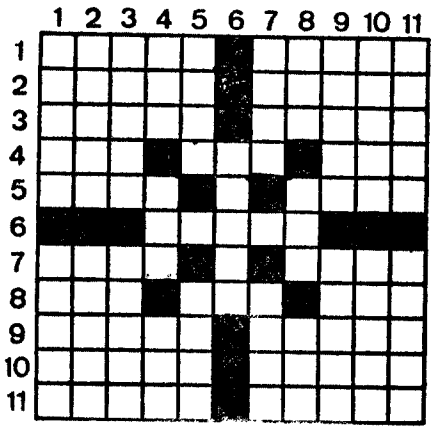
Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5857

HORIZONTAIS: 1 — Mapa. Escavara. 2 — Guarnecer de ameias. Nicar. 3 — Susto. Continua; 4 — Nome de mulher. Pronome pessoal. Bondoso. 5 — Invulgar. Degradação moral (fig.). 6 — Disputa. 7 — Africano. Rio de Portugal. 8 — Tempo que decorre entre o nascer e o pôr do sol. Jibóia. Doçura. 9 — Cidade de Espanha. Aparece. 10 — Tornar a ver. Ler de novo. 11 — Poisa no mar (o avião). Guarnecera de asas.

VERTICAIS: 1 — Pesquisar. Venera. 2 — Delicada. Segurem. 3 — Mover os remos. Ódio. 4 — Em tal grau. Cidade da Finlândia. Observar. 5 — Apre. Criança francesa célebre pelo seu heroísmo. 6 — O mesmo que loureiro (planta). 7 — Produto. Descerre. 8 — Reme para trás. Forma apocopada e proclítica de vale. Rente. 9 — Conclui. Sacrifica. 10 — Mamíferos roedores. Introduzir. 11 — Cerca com arames. Formara em alas.



Resolveu completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5856

HORIZONTAIS: 1 — FORMOSURA. 2 — Pairara. 3 — El. Trela. Ge. 4 — Sacar. Troas. 5 — Cravais. 6 — Em. Ar. Ra. Cl. 7 — Mas. Avá. Aos. 8 — POUCO. Marat. 9 — Emas. DURA. 10 — Rer. Bio. Per. 11 — Ataco. Brasa.

VERTICAIS: 1 — Destempera. 2 — Lá. Maomet. 3 — Op. CC. Suara. 4 — Ratara. Cs. 5 — Minrarão. Bo. 6 — Ore. Si. 7 — Saltaram. Ob. 8 — Urária. Ad. 9 — Rã. Os. Arupa. 10 — Cá. Coares. 11 — Despistara.

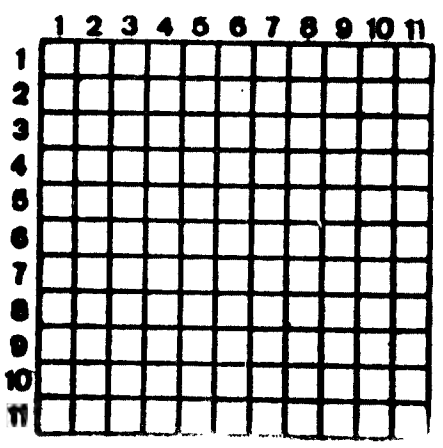
Provérbio: FORMOSURA POUCO DURA.

(NOVA MODALIDDE)

PROBLEMA N.º 9700

HORIZONTAIS: 1 — Rio da Ásia Menor, hoje Quizil Irmaque. Antiga cidade de Monte Albano (Itália). 2 — Verbais. Fio de latão. 3 — Grande quantidade. Cidade da Jugoslávia. 4 — Estimem. Oculte. 5 — Pessoa muito parecida com outra. Chuvisco (Bras.). 6 — Indício. 7 — Entrega. Mulher da Mauritânia. 8 — Superfícies planas delimitadas. Cantores entre os Gregos. 9 — Carril, calha de ferro. 10 — Íntimo. Sustento. Vai para fora. 11 — O mesmo que pendura Globulos.

VERTICAIS: 1 — Livro de orações. Cidade da França. 2 — Perfumo. Guarnece de arames. 3 — Pátria (pl). Curvas. 4 — Segundo. Livro que contém as orações para todos os dias do ano. 5 — Abreviatura de Santíssimo Sacramento. Camareiras. Deus dos pastores. 6 — Basta. 7 — Freguesia do concelho de Esposende. Escala (fig). Rei de Basã que se opunha á passagem os Israelitas. 8 — Atmosfera. Homens calaceiros (prov). 9 — Molhar com baba. Velho. 10 — Sacrílico. Românico (estilo). 11 — Que é do ar. Guarneceis de asas.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9699

HORIZONTAIS: 1 — Edo. Avô. Lai. 2 — Lonpa. Caira. 3 — Maria. Arder. 4 — Orar. Mon. 5 — Safra. Camas. 6 — Almas. 7 — Cerca. Isolo. 8 — Orear. Selas. 9 — Pais. Sais. 10 — Rim. Vim. Ivo. 11 — Asada. Araós.

VERTICAIS: 1 — Simão. Cobra. 2 — Doara. Erais. 3 — Ensa. Reima. 4 — Pirraças. 5 — Aoa. Alar. Vil. 6 — Dl. 7 — Oca. Cais. Ma. 8 — Armasses. 9 — Lidam. Olaia. 10 — Arena. Laivo. 11 — Iaras. Ossos.

BEDFORD J. 6
REPARADA C/ GARANTIA
QUINTA DO RIO 10 — TELEF. 2519437
SACAVÉM

NORMA
Sociedade de Estudos para o Desenvolvimento de Empresas
Av. 5 de Outubro, 122 - LISBOA
DEP. PSICOLOGIA APLICADA

SELECCIONAMOS
PARA
FÁBRICA DE CELULOSE
— CASTELO BRANCO —
2 ENG.os QUÍMICOS
— RECÉM-FORMADOS —
CONDIÇÕES OFERECIDAS
● Boas possibilidades de promoção
● Pagamento do 13.º mês. Regalias sociais
● Ordenado compatível.
●
Respostas para a NORMA. Confidencialidade
Indicar Ref. 219/Q/DL.

Actualidade internacional

UM SUBMARINO NO PÓLO — Esta silhueta escura emergindo do gelo é a torre do submarino nuclear inglês «Dreadnaught», que acaba de «furar» o pólo Norte. Durante sete dias o submersível percorreu 2500 quilómetros sob a calote polar, vindo apenas cinco vezes á superfície. Entre as suas missões contava-se a de recolher água do pólo para análise

BEIRUTE: CIDADE SÍMBOLO DA DECADÊNCIA OCIDENTAL

BEIRUTE — Recentemente, enquanto os comandos palestinianos debatiam o seu sombrio futuro em Damasco e funcionários governamentais egípcios discutiam o cessar-fogo no Suez, um destacado político libanês convidou cerca de 200 amigos para a festa de aniversário de sua mulher.

O cenário foi a mais moderna discoteca de Beirute, chamada «Blowup», onde predominam os cromados, o coiro negro, os espelhos e o som, sendo a festa descrita nos seguintes termos pelo principal comentarista de assuntos mundanos de Beirute:

«O champanhe não parava um instante de correr e o caviar lembrava uma pequena montanha em cima de enorme prato de cristal. Os convidados divertiram-se dançando até depois das quatros horas da manhã. As mulheres brilhavam dos pés à cabeça com as suas jóias pendentes das orelhas, pescoços, pulsos, dedos e vestidos».

Indiferente á gravidade dos acontecimentos políticos que possam perturbar o Cairo, Damasco, Amã ou Bagdad, a «dolce vita», estilo oriental, está presente e próspera nesta cidade. A alegre vida de Beirute, a depeito das guerras, revoluções e aumento de impostos, parece tornar-se cada dia mais preocupada.

Numa região dia-a-dia mais dominada por austeros regimes revolucionários, Beirute continua a ser o último lugar do Médio Oriente onde se vive uma vida regalada, frívola e de folia, não dando mostras de lamentar a sua falta de determinação.

SEM CONSCIÊNCIA

Trata-se de uma cidade meio ocidental e meio oriental, meio árabe e meio francesa, meio cristã e meio muçulmana, que conseguiu aprender a viver com as dicotomias e consigo própria.

Beirute é uma cidade sem consciência, que deve a sua existência ao comércio — de ouro, armas ou raparigas — onde tudo tem o seu preço e onde desde os tempos dos fenícios, cada um se preocupa com a sua sobrevivência.

«Se você possuir um dólar» diz um habitante da cidade, «você vale um dólar, seja qual for o lugar e o modo como o obteve».

Em Beirute, um membro do Parlamento pode tornar-se rico cultivando e vendendo enormes quantidades de haxixe, enquanto que jovens estudantes estrangeiros que tentam levar algum para fora do país são metidos na prisão.

Há, quem tenha feito fortuna importando armas através do porto franco, sem querer saber se acabam nas mãos de monárquicos ou revolucionários, palestinianos ou israelitas.

Há, também, quem prospere importando belas loiras da Europa, que estejam dispostas — em troca de remuneração adequada — a passar três a seis meses como concubinas de xeiques do deserto enriquecidos pelo oiro negro.

Para muitos «leaders» árabes de ideias modernas, Beirute e o seu estilo de vida são um símbolo de tudo o que é decadente e desprezado na vida ocidental, ameaçando os [illegible]veis valores e instituições [illegible]der Islão.

[illegible] os dirigentes árabes, [illegible], perdem uma oportunidade de [illegible] com a corrupta e velha cidade do Mediterrâneo oriental, com os seus magníficos armazéns e bons restaurantes.

A SUÍÇA DO MÉDIO ORIENTE

Todavia, a benévola tolerancia que encoraja a vida sumptuosa de Beirute proporciona, simultaneamente, uma importante e vital válvula de escape política para o mundo árabe.

O Líbano é a Suíça do Médio Oriente: Beirute é um refugio para os refugiados políticos árabes de todas as cores, os quais, apenas nesta cidade, podem encontrar liberdade de expresão através dos 40 jornais e dezenas de outros meios de propaganda.

E, embora Beirute seja inegávelmente impudente e oca, possui, contudo, duas das melhores universidades existentes no Médio Oriente, onde a causa do nacionalismo árabe foi reavivada, juntamente com uma tradição de respeito pelos valores democráticos.

«O que Genebra foi para Voltaire e Rosseau», diz um antigo residente da cidade, «Beirute é-o para os dissidentes políticos árabes e pensadores livres».

É tal a tradição de santuário político, que o Governo libanês preferiu uma quebra das relações diplomáticas com o Irão a extraditar um refugiado político para Teerão.

Em virtude da sua posição especial como posto de escuta na fronteira do mundo árabe Beirute, serve, também, de ponto focal para as embaixadas do Ocidente e do Leste — os Estados Unidos, a União Soviética e os principais países árabes possuem todos importantes missões — e os diplomatas, agentes dos serviços secretos, correspondentes estrangeiros e homens de negócio contribuem para o ar de intriga que paira na cidade.

A esposa de destacado diplomata, uma bela mulher que aprecia a doce vida, confessou, em particular, que tenciona intitular as suas memórias «Do travesseiro ao emprego».

MUITOS BARES

As fileiras dos foliões de Beirute são aumentadas com

(Continua na 18.ª página)

Por WILLIAM TUOHY

Exclusivo «The Los Angeles Times»/«D.L.»

...tarefas agradáveis...

É verdade! Desde que utilizo a Canola 1210 resolvo o dobro dos problemas em metade do tempo! E isso, mesmo sendo trabalho, é agradável. É que a Canola possui a "inteligência" do ser humano e a impecabilidade da máquina: memória, registos, factor constante – um sem número de características que fazem o assombro de quem trabalha e marcam o avanço da empresa.

Consulte os agentes CANON para uma demonstração desta e outras CANOLAS.

Can
Lisboa – Delegação Dep. de vendas [illegible] – Telef. 53 70 [illegible]

Actualidade internacional

UM SUBMARINO NO POLO — Esta silhueta escura emergindo do gelo é a torre do submarino nuclear inglês «Dreadnaught», que acaba de «furar» o pólo Norte. Durante sete dias o submersível percorreu 2500 quilómetros sob a calote polar, vindo apenas cinco vezes à superfície. Entre as suas missões contava-se a de recolher água do pólo para análise

BEIRUTE: CIDADE SÍMBOLO DA DECADÊNCIA OCIDENTAL

BEIRUTE — Recentemente, enquanto os comandos palestinianos debatiam o seu sombrio futuro em Damasco e funcionários governamentais egípcios discutiam o cessar-fogo no Suez, um destacado político libanês convidou cerca de 200 amigos para a festa de aniversário de sua mulher.

O cenário foi a mais moderna discoteca de Beirute, chamada «Blowup», onde predominam os cromados, o coiro negro, os espelhos e o som, sendo a festa descrita nos seguintes termos pelo principal comentarista de assuntos mundanos de Beirute:

«O champanhe não parava um instante de correr e o caviar lembrava uma pequena montanha em cima de enorme prato de cristal. Os convidados divertiram-se dançando até depois das quatros horas da manhã. As mulheres brilhavam dos pés à cabeça com as suas jóias pendentes das orelhas, pescoços, pulsos, dedos e vestidos».

Indiferente á gravidade dos acontecimentos políticos que possam perturbar o Curo, Damasco, Amã ou Bagdad, a «dolce vita», estilo oriental, está presente e próspera nesta cidade. A alegre vida de Beirute, a despeito das guerras, revoluções e tumultos impostos, parece ser a cada dia mais procurada.

Numa região dia a dia mais dominada por austeros regimes revolucionários, Beirute continua a ser o último lugar do Médio Oriente onde se vive uma vida regalada, frívola e de folia, não dando mostras de lamentar a sua falta de determinação.

SEM CONSCIÊNCIA

Trata-se de uma cidade meio ocidental e meio oriental, meio árabe e meio francesa, meio cristã e meio muçulmana, que conseguiu aprender a viver com as dicotomias e consigo própria.

Beirute é uma cidade sem consciência, que deve a sua existência ao comércio — de ouro, armas ou raparigas — onde tudo tem o seu preço e onde desde os tempos dos fenícios, cada um se preocupa com a sua sobrevivência.

«Se você possuir um dólar» diz um habitante da cidade, «você vale um dólar, seja qual for o lugar e o modo como o obteve».

Em Beirute, um membro do Parlamento pode tornar-se rico cultivando e vendendo enormes quantidades de haxixe, enquanto que jovens estudantes estrangeiros que tentam levar algum para fora do país são metidos na prisão.

Há, quem tenha feito fortuna importando armas através do porto franco, sem querer saber se acabam nas mãos de monárquicos ou revolucionários, palestinianos ou israelitas.

Há, também, quem prospere importando bolas Koiras da Europa, que estejam disponíveis — em troca de remuneração adequada — a passar três a seis meses como companheiros de xeiques do deserto enriquecidos pelo ouro negro.

Para muitos dirigentes árabes de ideias modernas, Beirute e o seu estilo de vida são um símbolo de tudo o que é decadente e desprezado na vida ocidental, ameaçando os inflexíveis valores e tradições do Islão.

Poucos dirigentes árabes, contudo, perdem uma oportunidade de visitarem a cosmopolita e velha cidade do Mediterrâneo oriental, com os seus magníficos armazéns e bons restaurantes.

A SUÍÇA DO MÉDIO ORIENTE

Todavia, a benévola tolerância que encoraja a vida sumptuosa de Beirute proporciona, simultaneamente, uma importante e vital válvula de escape política para o mundo árabe.

O Líbano é a Suiça do Médio Oriente; Beirute é um refúgio para os refugiados políticos árabes de todas as cores, os quais, apesar disso e tudo, podem encontrar liberdade de expressão através dos 40 jornais e dezenas de outros meios de propaganda.

E, embora Beirute seja flagrantemente impudente e ávida, possui, contudo, duas das melhores universidades existentes no Médio Oriente, onde a cultura do nacionalismo árabe foi reavivada, juntamente com uma tradição de respeito pelos valores democráticos.

«O que Genebra foi para Voltaire e Rousseau, foi um amigo residente da cidade,

Por WILLIAM TUOHY

Exclusivo «The Los Angeles Times»/«D.L.»

«Beirute é o país dos dissidentes políticos árabes e pensadores livres».

É tal a tradição de santuário político, que o Governo libanês preferiu uma quebra das relações diplomáticas com o Irão a extraditar um refugiado político para Teerão.

Em virtude da sua posição especial como posto de escuta na fronteira do mundo árabe Beirute, serve, também, de ponto focal para as embaixadas do Ocidente e do Leste — os Estados Unidos, a União Soviética e os principais países árabes possuem todos importantes missões — e os diplomatas, agentes dos serviços secretos, correspondentes estrangeiros e homens de negócios contribuem para o ar de animação que paira na cidade.

A esposa de um banqueiro libanês que apoia a democracia, mas é, sem particular, que tenciona intitular as suas memórias «Do feudalismo ao império».

MUITOS BARES

As [illegible] de Beirute são [illegible]

(Continua na 18.ª página)

...tarefas agradáveis...

É verdade! Desde que utilizo a Canola 1210 resolvo o dobro dos problemas em metade do tempo! E isso, mesmo sendo trabalho, é agradável. É que a Canola possui a "inteligência" do ser humano e a impecabilidade da máquina: memória, registos, factor constante – um sem número de características que fazem o assombro de quem trabalha e marcam o avanço da empresa.

Consulte os agentes CANON para uma demonstração desta e outras CANOLAS.

Canon
Comundo

LISBOA – Comundo Dep. de equip. de esc. – Telef. 53 70 91 ★ PORTO – Sonipol, SARL – Telef. 2 05 53
COIMBRA – Zume, Lda. – Telef. 2 44 56 ★ FARO – A Mecanográfica – Telef. 2 22 91

ACUSAÇÃO NA ONU:

ENVIADOS VOLUNTÁRIOS INDIANOS PARA O PAQUISTÃO ORIENTAL

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 8 — (R.) — O Paquistão acusou a noite passada a Índia de conspirar para minar a solidariedade nacional e a integridade territorial do Estado paquistaniano.

«O Governo do Paquistão considera deplorável que a Índia, embora manifeste fidelidade á Carta das Nações Unidas, esteja a tentar demolir um dos seus princípios básicos ao ignorar o princípio de não interferência nas questões internas de Estados membros» — declara numa nota verbal, apresentada ao secretário-geral U Thant, o embaixador paquistaniano Aga Shahi.

«A Índia forneceu provas da forma como se portou, a qual abriga desígnios de minar a solidariedade nacional e integridade territorial do Paquistão» — dizia ainda Shahi.

Os serviços de informação indianos desencadearam uma virulenta campanha de propaganda contra o Governo do Paquistão e em certas ocasiões têm inventado notícias disparatadas acerca da situação no Paquistão Oriental — observa o embaixador.

«Como resultado directo do incitamento e encorajamento por parte de dirigentes indianos, funcionários governamentais em Calcutá estão a encorajar abertamente o enviado de voluntários indianos armados para o Paquistão Oriental» — queixava-se a nota.

Shahi declarou que círculos oficiais indianos em Calcutá estavam «mesmo a falar de um bloqueio naval para interromper as comunicações marítimas entre as duas regiões do Paquistão».

A Índia desdobrara seis divisões do Exército perto das fronteiras do Paquistão Oriental — asseverava o embaixador.

Contudo, a situação no Paquistão Oriental estava a voltar á normalidade — disse Shahi.

«Segundo as últimas notícias, os infiltradores armados, que vieram á paisana da Índia para auxiliar forças antinacionais, encontram-se agora isolados, após serem repelidos pelo povo pacífico e patriótico do Paquistão Oriental. O fluxo de abastecimentos do interior para Dacca está a aumentar, exercendo um efeito salutar nos preços» — acrescentava o embaixador.

DESTRUIÇÃO DE NAVIOS PARA EVITAR POLUIÇÃO

LONDRES, 8. — (F. P.) — As autoridades britânicas poderão afundar ou destruir navios nacionais ou estrangeiros que se encontrem para além do limite das águas territoriais em risco de envolver a poluição das costas do Reino Unido.

Com efeito a Câmara dos Comuns adoptou, sem votação, um texto nesse sentido, provocado pelo encalhe, a semana passada, do petroleiro liberiano «Panther», num banco de areia ao largo da costa do condado de Kent.

O «Panther», que, aliás, não derramou senão uma pequena quantidade de petróleo, encontrava-se fora das águas territoriais britânicas, mas, se se tivesse partido, teria ocasionado a poluição das praias do Sudoeste de Inglaterra.

Os guerrilheiros palestinianos abandonam Amã

AMÃ, 8 — (ANI) — Os guerrilheiros palestinianos abandonam Amã, com as suas armas pesadas, dirigindo-se para os seus campos no Norte da Jordânia, tal como exige o ultimato do rei Hussein cujo prazo expira á meia-noite (22 TMG).

Um informador dos guerrilheiros anunciou que, no princípio desta semana, deixaram a cidade quatro colunas de veículos e muitas pessoas assistiram hoje á saída dos palestinianos da cidade, com armas antitanque como «bazookas», foguetões, metralhadoras ligeiras e pesadas e morteiros.

CHEGADA DE TLASS

A retirada coincidiu praticamente com a chegada inesperada, a Amã, do general Mustapha Tlass, chefe do estado-maior sírio, que á partida de Damasco declarou que o Governo sírio tem estado em contacto com os guerrilheiros e com as autoridades jordanas e que pretende que a luta acabe no solo árabe, para que todas as armas sejam dirigidas para o «inimigo sionista».

BOICOTAGEM

CAIRO, 8 — (ANI) — A conferência dos países árabes, convocada pelo Egipto para discutir a situação na Jordânia, já não poderá ter qualquer utilidade, devido á declarada intenção do Governo jordano de a boicotear — anuncia hoje o jornal «Al Ahram».

O jornal acrescenta que a ausência da Jordânia condenaria a conferência ao malogro e acusa o Governo jordano de mentos de armas a esse país para vibrar um golpe mortal nos guerrilheiros palestinianos.

ARMAS AMERICANAS

WASHINGTON, 8—(F. P.) — Numa carta dirigida ao rei Hussein da Jordânia, o secretário da Defesa, Melvin Laird anuncia que os Estados Unidos tencionam aumentar substancialmente os seus forneci- M-60 A-1 (ultramodernos) e — revela «New York Times» de hoje.

Laird responde a uma carta do soberano pedindo tanques M-60 A-1 (ultra modernos) e espingardas M-16 A-1, armas ligeiras do tipo mais aperfeiçoado.

O secretário da defesa acrescenta que os EUA estão prontos a encarar o fornecimento de aviões de transportes C-130

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

CONDIÇÕES ESPECIAIS DE JURO

DEPÓSITOS À ORDEM ATÉ 50 CONTOS

3%

DEPÓSITOS A MAIS DE 1 ANO

5,75%

TODAS AS OPERAÇÕES DE BANCO

Campos de concentração encerrados na Grécia

ATENAS, 8 — (F. P.) — Para festejar o quarto aniversário do golpe de Estado militar de Abril de 1967, o primeiro-ministro grego, George Papadopoulos, acaba de mandar encerrar os campos de concentração reservados aos comunistas e libertar os deputados centristas com residência fixa e vigiada, bem como vários oficiais fiéis ao rei.

Depois dessas libertações, ficam ainda sob vigilancia 50 homens de esquerda, considerados como «comunistas perigosos e reincidentes», especialmente Manolis Glezos, que arrancou a bandeira alemã do alto da Acrópole durante a ocupação nazi, e 15 oficiais monárquicos e oito opositores políticos de várias origens.

Encontram-se ainda detidas cerca de 400 pessoas, em consequência da decisão dos tribunais militares ou então aguardando julgamento.

Há quatro anos, quando do golpe de Estado de 21 de Abril de 1967, foram presas umas 10 000 pessoas. Entre os prisioneiros postos em liberdade contavam-se 13 oficiais realistas (entre os quais quatro generais de brigada). Estes oficiais, assim como outros 40, foram presos em Junho de 1969 e colocados em regime de residência vigiada. Nunca foram julgados.

O presidente Duvalier teria sido vítima novamente de congestão cerebral

WASHINGTON, 8 — (F. P.) — O presidente François Duvalier teria sido vítima de uma congestão cerebral, pela segunda vez desde o passado mês de Novembro, segundo se tem por certo nos meios americanos geralmente bem informados.

De acordo com essas fontes, [illegible] teria sido enviado para o Haiti, a fim de tratar o presidente vitalício, que tem 68 anos de idade.

Em meados de Março, «Papa Doc» teria sido vítima dessa congestão cerebral. Efectivamente, [illegible] em Washington, o presidente deixou de aparecer em público depois dessa data.

Entretanto, notícias de Port au Prince dizem que o gabinete do Turismo anunciou que o «presidente vitalício» da República do Haiti, presidirá, na próxima semana, a uma cerimónia militar destinada a celebrar o seu 64.º aniversário.

Se esse aparecimento em público se confirmar, será a primeira [illegible] François Duvalier surgirá em público de há um mês a esta parte.

O director do Turismo recusou-se a falar sobre a doença do «presidente vitalício».

ACUSAÇÃO NA ONU:

ENVIADOS VOLUNTÁRIOS INDIANOS PARA O PAQUISTÃO ORIENTAL

NAÇÕES UNIDAS (Nova York), 8 — (R.) — O Paquistão acusou a noite passada a Índia de conspirar para minar a solidariedade nacional e a integridade territorial do Estado paquistaniano.

«O Governo do Paquistão considera deplorável que a Índia, embora manifeste fidelidade á Carta das Nações Unidas, esteja a tentar demolir um dos seus princípios básicos ao ignorar o princípio de não interferência nas questões internas de Estados membros» — declara numa nota verbal, apresentada ao secretário-geral U Thant, o embaixador paquistaniano Aga Shahi.

«A Índia forneceu provas da forma como se portou, a qual abriga desígnios de minar a solidariedade nacional e integridade territorial do Paquistão» — dizia ainda Shahi.

Os serviços de informação indianos desencadearam uma virulenta campanha de propaganda contra o Governo do Paquistão e em certas ocasiões têm inventado notícias disparatadas acerca da situação no Paquistão Oriental — observa o embaixador.

«Como resultado directo do incitamento e encorajamento por parte de dirigentes indianos, funcionários governamentais em Calcutá estão a encorajar abertamente o enviado de voluntários indianos armados para o Paquistão Oriental» — queixava-se a nota.

Shahi declarou que círculos oficiais indianos em Calcutá estavam «mesmo a falar de um bloqueio naval para interromper as comunicações marítimas entre as duas regiões do Paquistão».

A Índia desdobrara seis divisões do Exército perto das fronteiras do Paquistão Oriental — asseverava o embaixador.

Contudo, a situação no Paquistão Oriental estava a voltar á normalidade — disse Shahi.

«Segundo as últimas notícias, os infiltradores armados, que vieram á paisana da Índia para auxiliar forças antinacionais, encontram-se agora isolados, após serem repelidos pelo povo pacífico e patriótico do Paquistão Oriental. O fluxo de abastecimentos do interior para Dacca está a aumentar, exercendo um efeito salutar nos preços» — acrescentava o embaixador.

DESTRUIÇÃO DE NAVIOS PARA EVITAR POLUIÇÃO

LONDRES, 8. — (F. P.) — As autoridades britânicas poderão afundar ou destruir navios nacionais ou estrangeiros que se encontrem para além do limite das águas territoriais em risco de envolver a poluição das costas do Reino Unido.

Com efeito a Câmara dos Comuns adoptou, sem votação, um texto nesse sentido, provocado pelo encalhe, a semana passada, do petroleiro liberiano «Panther», num banco de areia ao largo da costa do condado de Kent.

O «Panther», que, aliás, não derramou senão uma pequena quantidade de petróleo, encontrava-se fora das águas territoriais britânicas, mas, se se tivesse partido, teria ocasionado a poluição das praias do Sudoeste de Inglaterra.

Os guerrilheiros palestinianos abandonam Amã

AMÃ, 8 — (ANI) — Os guerrilheiros palestinianos abandonam Amã, com as suas armas pesadas, dirigindo-se para os seus campos no Norte da Jordânia, tal como exige o ultimato do rei Hussein cujo prazo expira á meia-noite (22 TMG).

Um informador dos guerrilheiros anunciou que, ao princípio desta semana, deixaram a cidade quatro colunas de veículos e muitas pessoas assistiram hoje á saída dos palestinianos da cidade, com armas antitanque como «bazookas», foguetões, metralhadoras ligeiras e pesadas e morteiros.

CHEGADA DE TLASS

A retirada coincidiu praticamente com a chegada inesperada, a Amã, do general Mustapha Tlass, chefe do estado-maior sírio, que á partida de Damasco declarou que o Governo sírio tem estado em contacto com os guerrilheiros e com as autoridades jordanas e que pretende que a luta acabe no solo árabe, para que todas as armas sejam dirigidas para o «inimigo sionista».

BOICOTAGEM

CAIRO, 8 — (ANI) — A conferência dos países árabes, convocada pelo Egipto para discutir a situação na Jordânia, já não poderá ter qualquer utilidade, devido á decisão da Jordânia [illegible] Governo [illegible] de a boicotar — [illegible] hoje o jornal «Al Ahram».

O jornal acrescenta que a ausência da Jordânia condenaria a conferência ao malogro e acusa o Governo jordano de mentor de armas a esse país para vibrar um golpe mortal nos guerrilheiros palestinianos.

ARMAS AMERICANAS

WASHINGTON, 8 — (F. P.) — Numa carta dirigida ao rei Hussein da Jordânia, o secretário da Defesa, Melvin Laird anuncia que os Estados Unidos tencionam aumentar substancialmente os seus fornecimentos de armas a esse país — revela «New York Times» de hoje.

Laird responde [illegible] carta do soberano pedindo tanques M-60 A-1 (ultramodernos) e espingardas M-16 A-1 (armas ligeiras do tipo mais aperfeiçoado).

O secretário da defesa acrescenta que os EUA estão prontos a encarar o fornecimento de aviões de [illegible] C-130

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

CONDIÇÕES ESPECIAIS DE JURO

DEPÓSITOS À ORDEM ATÉ 50 CONTOS

3%

DEPÓSITOS A MAIS DE 1 ANO

5,75%

TODAS AS OPERAÇÕES DE BANCO

Campos de concentração encerrados na Grécia

ATENAS, 8 — (F. P.) — Para festejar o quarto aniversário do golpe de Estado militar de Abril de 1967, o primeiro-ministro grego, George Papadopoulos, acaba de mandar encerrar os campos de concentração reservados aos comunistas e libertar os deputados centristas com residência fixa e vigiada, bem como vários oficiais fiéis ao rei.

Depois dessas libertações, ficam ainda sob vigilância 50 homens de esquerda, considerados como «comunistas perigosos e reincidentes», especialmente Manolis Glezos, que arrancou a bandeira alemã do alto da Acrópole durante a ocupação nazi, e 15 oficiais monárquicos e oito opositores políticos de várias origens.

Encontram-se ainda detidas cerca de 400 pessoas, em consequência da decisão dos tribunais militares ou então aguardando julgamento.

Há quatro anos, quando do golpe de Estado de 21 de Abril de 1967, foram presas umas 10 000 pessoas. Entre os prisioneiros postos em liberdade contavam-se 13 oficiais realistas (entre os quais quatro generais de brigada). Estes oficiais, assim como outros 40, foram presos em Junho de 1969 e colocados em regime de residência vi[illegible]. Nunca foram julgados.

O presidente Duvalier teria sido vítima novamente de congestão cerebral

WASHINGTON, 8 — (F. P.) — O presidente François Duvalier teria sido vítima de uma congestão cerebral, pela segunda vez desde o passado mês de Novembro, segundo se tem por certo nos meios americanos geralmente bem informados.

De acordo com essas fontes, um grupo de médicos franceses teria sido enviado para o Haiti, a fim de tratar o presidente vitalício, que tem 63 anos de idade.

Em meados de Março, «Papa Doc» teria sido vítima dessa congestão cerebral. Efectivamente, observa-se em Washington, o presidente deixou de aparecer em público depois dessa data.

Entretanto, notícias de Port au Prince dizem que o gabinete do Turismo anunciou que o «presidente vitalício» da República do Haiti, presidirá, na próxima semana, a uma cerimónia militar destinada a celebrar o seu 64.º aniversário.

Se esse aparecimento em público se confirmar, será a primeira vez que François Duvalier surgirá em público de há um mês a esta parte.

O director do Turismo recusou-se a falar sobre a doença do «presidente vitalício».

Actualidade internacional

BARCELONA

REDACÇÃO OCUPADA

BARCELONA, 8 — (F. P.) — Cento e cinquenta pessoas empregadas na Grande Enciclopédia Catalã ocupam desde terça-feira a redacção desta, no centro de Barcelona, a fim de protestar contra a incerteza em que vivem desde que os dirigentes da empresa pediram ao Ministério do Trabalho a «suspensão provisória» de todos os contratos de trabalho.

A publicação da Grande Enciclopédia Catalã, iniciada em 1969, esbarrou há meses com dificuldades financeiras e a editora decidiu então desistir da obra e vendê-la a um organismo bancário de Barcelona. Foi esse organismo que pediu autorização para suspender provisòriamente os contratos.

Na realidade — afirma o pessoal — os novos dirigentes da empresa querem desistir definitivamente da publicação da obra.

... de dois anos de idade, [illegible] e, efectivamente, já matou uma criança de 19 meses, em Little Waltham, Inglaterra. Contudo, os pais do bebé, Winton Goodchild e Audrey, não se opõem a que o cão durma junto da sua outra filha, Carolina, de 4 anos, pois pensam que «Blakie» julgou apenas brincar com uma boneca. A Polícia advertiu, no entanto o casal do risco que Carolina corre

NIXON RECUSA-SE A ALTERAR A POLÍTICA PARA O VIETNAM

WASHINGTON, 8 — (R.) — O presidente Nixon, falando ontem á noite aos americanos pela Televisão, anunciou a retirada de mais 100 mil soldados do Vietnam desde 1 de Maio até 1 de Dezembro, mas, ao mesmo tempo, rejeitou uma alteração da sua política que, segundo disse, equivaleria a uma rendição aos comunistas.

A retirada do novo contingente de tropas eleva em cerca de 2000 por mês o número de soldados americanos que actualmente estão a ser retirados do Vietnam á razão de 12 500 por mês. Esta retirada reduzirá as forças americanas no Vietnam a um terço dos seus efectivos máximos que, há dois anos, eram superiores a meio milhão de homens.

Num discurso enérgico e por vezes emocional que os observadores consideraram uma demonstração de coragem política, o presidente recusou-se a ceder ás pressões cada vez maiores do movimento a favor da paz, abstendo-se também de anunciar quaisquer medidas espectaculares capazes de reforçar o seu prestígio em declínio, a avaliar pelos inquéritos á opinião pública.

Mais uma vez Nixon se recusou a anunciar uma data limite para a retirada total do Vietnam, declarando que essa retirada se estava a fazer de forma a deixar os sul-vietnamitas com força suficiente para se defenderem e permitir uma geração de paz.

Nixon deixou em aberto os seus projectos para 1972, que é o ano das eleições presidenciais, mas os senadores que particularmente foram por ele informados do teor do discurso antes da sua transmissão, vieram da Casa Branca convencidos que o presidente Nixon retirará os Estados Unidos totalmente da guerra antes dos americanos irem ás urnas para eleger o novo presidente.

O próprio Nixon pôs o seu futuro político em jogo ao declarar aos americanos: «Se eu falhar vocês deverão pedir-me contas».

Os congressistas democráticos, partidários da retirada, criticaram imediatamente o discurso que disseram ter ficado muito aquém daquilo que se esperava.

A anunciada retirada de tropas americanas ficou aquém do que se esperava, pois as previsões oscilavam entre 16 000 e 20 000 por mês, ao passo que o presidente anunciou apenas a retirada de 14 300 homens.

O plano agora anunciado prevê que em Dezembro deste ano as forças americanas no Vietnam totalizarão 184 mil homens depois de terem atingido o número máximo de 535 000 em 1969.

Nixon declarou que a participação americana na guerra está a chegar ao fim, pois «encontra-se já á vista o dia em que os sul-vietnamitas poderão encarregar-se da sua defesa».

«O nosso objectivo é o de uma retirada total do Vietnam. Podemos e conseguiremos alcançar esse objectivo através do nosso programa de vietnamização.»

PÉLA RETIRADA IMEDIATA

MADISON, 8 — (F. P.) — Setenta por cento dos habitantes de Madison, capital do Estado do Wisconsin, declararam-se a favor de uma retirada imediata das tropas e do material americano do Vietnam, durante um referendo organizado ontem pelo governador, Patrick Lucey.

Em 1968, cerca de 55 por cento dos habitantes de Madison pronunciaram-se contra essa retirada. Sessenta e um por cento dos eleitores foram ontem ás urnas e Lucey manifestou a esperança de que o presidente Nixon tivesse em conta esse resultado quando decidir sobre o assunto.

Laos
GOLPE DE ESTADO MALOGRADO

VIENTIANE, 8 — (A.N.I.) — A Polícia descobriu e esmagou um golpe de Estado que visava destituir o governo neutral laociano do príncipe Souvanna Phouma — anunciaram hoje fontes militares.

A Polícia prendeu ontem «vários» oficiais do Exército real laociano.

Foi um dos conspiradores que informou a Polícia.

Bombardeados pela Aviação os rebeldes cingaleses

COLOMBO, 8. — (F. P.) — Aparelhos da aviação do Ceilão bombardearam duas posições rebeldes, infligindo pesadas baixas ao inimigo — anunciou hoje a rádio oficial.

Foram enviadas unidades do Exército em reforço para as cidades de Galle, Matara, Hambantota e outras ao longo da costa meridional. Por outro lado, seguiram tropas para a região de Kegalle.

Em Kegalle, a 75 km de Colombo, a Polícia matou 30 rebeldes, anunciou também a rádio oficial. Outros 25 foram mortos na aldeia de Paranagama. O banço total das perdas das forças rebeldes nestes últimos três dias eleva-se a 112 mortos, segundo informações obtidas junto do Ministério da Informação.

O importante complexo textil de Thulhiriya, construído com o auxílio da Alemanha Oriental e que seria um dos centros da rebelião, foi atacado pela aviação. A outra posição atacada pela aviação foi um estabelecimento de ensino perto de Thulhiriya. O primeiro ataque aéreo contra os insurrectos teve lugar na passada terça-feira. Estes tinham tomado posição numa ponte em Alawwa, na mesma região.

Paralelamente, o Governo requisitou os veículos dos diferentes ministérios para os colocar á disposição do Exército. O recolher obrigatório continua em vigor das 15 ás 6 horas. Mesmo em Colombo as medidas de segurança são extremamente rigorosas.

DESPORTISTAS NORTE-AMERICANOS PARTEM AMANHÃ PARA PEQUIM

NAGOYA (JAPÃO), 8 — (A. N. I.) — Dezasseis norte-americanos — dirigentes e jogadores de ténis de mesa — partem amanhã para Pequim, a convite da China continental, para ali disputarem algumas partidas.

Desde 1949 que não vai á China continental uma equipa desportiva dos Estados Unidos.

O interesse da China é tão grande que se prontificou a pagar as despesas da deslocação, por via aérea de Tóquio a Pequim e volta.

Nos campeonatos mundiais, os norte-americanos demonstraram que são muito mais fracos do que os chineses no ténis de mesa.

«Napalm» contra marijuana

RIO DE JANEIRO, 8 — (F. P.) — Os aviões militares brasileiros vão destruir, com a ajuda de bombas de «napalm», as plantações de marijuana no país — anunciava ontem o jornal brasileiro «O Globo».

O jornal acrescentava que essa operação principiará logo que as autoridades tenham terminado as investigações para localizar as culturas de marijuana.

O governo brasileiro iniciou recentemente uma vasta campanha de luta contra o tráfico e o uso de estupefacientes, em colaboração com a Polícia e com os serviços de segurança nacional.

Beirute: cidade símbolo da decadência Ocidental

(Continuação da 16.ª página)

visitantes provenientes de todo o mundo árabe: príncipes da Arábia Saudita, xeiques e homens do petróleo dos ricos Estados do Golfo, que possuem sumptuosas vivendas ou estravagantes «suites» em hotéis e sabem receber condignamente.

Em Beirute, o príncipe da Arábia Saudita desembaraça-se do seu trajo do deserto e enverga o elegante fato de Saville Row, ao passo que sua mulher troca o longo véu negro pelas ultimas modas parisienses.

Mituram-se com os «play-boys» libaneses, vestidos por Pierre Cardin e Ted Lapidus, nas loucas festas que terminam a altas horas da noite nos clubes nocturnos e nas discotecas de Beirute.

Beirute possui tantos bares como qualquer capital em [illegible] mundo. Muitos deles têm hospedeiras, cuja missão é distrair os clientes masculinos pelo preço de uma garrafa de «champanhe» de má qualidade.

Muitas das raparigas vêm da Europa, mas algumas das recém-chegadas estão revoltadas, afirmando que foram atraídas a Beirute com um bilhete de avião de ida e volta e falsas promessas.

O único local de prostituição que resta no Médio Oriente situa-se a uma distancia considerável do principal largo da baixa de Beirute, um bairro mal-afamado onde se chama a atenção para as casas por meio de alegres reclamos luminosos.

Todavia, como a lei do país não permite que novas raparigas vão trabalhar nos bordéis, a idade das prostitutas, é, em média, bastante acima dos 40.

EXILADOS E ESPIÕES

A zona mais alegre de Beirute, hoje em dia, é a Rua Hamra, na cidade alta, onde se situam os grandes armazéns, e ao longo da qual desfilam as raparigas de tez de cor de mel nas suas minis, [illegible] actualmente, «hot pants». [illegible] os carro de desporto [illegible] play-boys» desfilam lentamente pela avenida.

Nos cafés, os exilados políticos — palestinianos, sírios, iraquianos, jordanos, iemenitas, líbios, egípcios, etc. — juntam-se para tagarelar, recordar e fazer projectos.

Não estão em boas relações com os respectivos Governos e usam Beirute como base de informações, refugio e, possívelmente, regresso ao seu país. Revoluções golpes de estado e movimentos de libertação têm todos eles sido planeados por intelectuais em Beirute.

Ao longo dos anos, Beirute concedeu asilo a reis e rainhas destronados, a presidentes e primeiros-ministros destituídos, bem como aos políticos e revolucionários que tentaram derrubá-los. Mas, quer fossem reaccionários, quer revolucionários quando se encontravam no poder, muitos deles tiveram o cuidado de depositar algumas economias numa conta de um banco de Beirute, na previsão de um dia sombrio.

Deste modo, Beirute é uma cidade onde se cruzam políticos do mundo árabe a caminho do êxito e... da derrota.

Entre os exilados existem espiões e pseudo-espiões, todos preocupados em obter informações acerca do que se está a passar nos confins do mundo árabe.

Os expatriados publicam os seu pontos de vista nos 40 jornais da cidade, muitos dos quais podem as suas colunas de editoriais á disposição dos interessados, a preços de anuncios, ou são propriedade de um ou outro partido político.

A Imprensa de Beirute, para melhor ou para pior, é a maior fonte de notícias e opiniões não censuradas do mundo árabe. Até mesmo o falecido presidente do Egipto Gamal Nasser, aconselhou certo dia um diplomata sírio a ler «pelo menos três» jornais de Beirute por dia.

Conforme disse o conhecido escritor-viajante James Morris;

Chegados de Pequim ou de Pittsburgh, encontraremos, em breve, um recanto deste país liberal onde, quer nos entreguemos ao erotismo ou á discussão de conceitos filosóficos, acabaremos por nos sentir como em nossa casa».

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

Actualidade internacional

BARCELONA

REDACÇÃO OCUPADA

BARCELONA, 8 — (F. P.) — Cento e cinquenta pessoas empregadas na Grande Enciclopédia Catalã ocuparam esde cerca de meia-noite a redacção desta, no centro de Barcelona, a fim de protestar contra a incerteza em que vivem desde que os proprietários da empresa pediram ao Ministério do Trabalho a suspensão provisória de todos os contratos de trabalho.

A publicação da Grande Enciclopédia Catalã, iniciada em 1969, está já quase concluída e a última decisão foi de desistir da obra e vendê-la a um grupo financeiro de Barcelona. Este grupo pediu autorização para suspender provisòriamente todos os contratos.

Na redacção a ocupação pesca — os proprietários da empresa querem desistir definitivamente da publicação da obra.

Um cão, «Blakie», matou uma criança de 15 meses, em Little Waltham, Inglaterra. Contudo, os pais do bebe, Winton Goodchild e Audrey, não se opõem a que o cão durma junto da sua outra filha, Carolina, de 4 anos, pois pensam que «Blakie» julgou apenas brincar com uma boneca. A Polícia advertiu, no entanto o casal do risco que Carolina corre

NIXON RECUSA-SE A ALTERAR A POLÍTICA PARA O VIETNAM

WASHINGTON, 8 — (R.) — O presidente Nixon, falando ontem à noite aos americanos pela Televisão, anunciou a retirada de mais 100 mil soldados do Vietnam desde 1 de Maio até 1 de Dezembro, mês, ao mesmo tempo, rejeitou uma alteração da sua política que, segundo disse, equivaleria a uma rendição aos comunistas.

A retirada do novo contingente de tropas eleva em cerca de 2000 por mês o número de soldados americanos que actualmente estão a ser retirados do Vietnam á razão de 12 500 por mês. Esta retirada reduzirá as forças americanas no Vietnam a um terço dos seus efectivos máximos que, há dois anos, eram superiores a meio milhão de homens.

Num discurso enérgico e por vezes emocional que os observadores consideraram uma demonstração de coragem política, o presidente recusou-se a ceder ás pressões cada vez maiores do movimento a favor da paz, abstendo-se também de anunciar quaisquer medidas espectaculares capazes de reforçar o seu prestígio em declínio, a avaliar pelos inquéritos á opinião pública.

Mais uma vez Nixon se recusou a anunciar uma data limite para a retirada total do Vietnam, declarando que essa retirada se estava a fazer de forma a deixar os sul-vietnamitas com força suficiente para se defenderem e permitir uma geração de paz.

Nixon deixou em aberto os seus projectos para 1972, que é o ano das eleições presidenciais, mas os senadores que particularmente foram por ele informados do teor do discurso antes da sua transmissão, vieram da Casa Branca convencidos que o presidente Nixon retirará os Estados Unidos totalmente da guerra antes dos americanos irem ás urnas para eleger o novo presidente.

O próprio Nixon pôs o seu futuro político em jogo ao declarar aos americanos: «Se eu falhar vocês deverão pedir-me contas».

Os congressistas democráticos, partidários da retirada, criticaram imediatamente o discurso que disseram ter ficado muito aquém daquilo que se esperava.

A anunciada retirada de tropas americanas ficou aquém do que se esperava, pois as previsões oscilavam entre 16 000 e 20 000 por mês, ao passo que o presidente anunciou apenas a retirada de 14 300 homens.

O plano agora anunciado prevê que em Dezembro deste ano as forças americanas no Vietnam totalizarão 184 mil homens depois de terem atingido o número máximo de 535 000 em 1969.

Nixon declarou que a participação americana na guerra está a chegar ao fim, pois «encontra-se já á vista o dia em que os sul-vietnamitas poderão encarregar-se da sua defesa».

«O nosso objectivo é o de uma retirada total do Vietnam. Podemos e conseguiremos alcançar esse objectivo através do nosso programa de vietnamização.»

PELA RETIRADA IMEDIATA

MADISON, 8 — (F. P.) — Setenta por cento dos habitantes de Madison, capital do Estado do Wisconsin, declararam-se a favor de uma retirada imediata das tropas e do material americano do Vietnam, durante um referendo organizado ontem pelo governador, Patrick Lucey.

Em 1968, cerca de 55 por cento dos habitantes de Madison pronunciaram-se contra essa retirada. Sessenta e um por cento dos eleitores foram ontem ás urnas e Lucey manifestou a esperança de que o presidente Nixon tivesse em conta esse resultado quando decidir sobre o assunto.

Laos
GOLPE DE ESTADO MALOGRADO

VIENTIANE, 8 — (A.N.I.) — A Polícia descobriu e esmagou um golpe de Estado que visava destituir o governo neutral laociano do primeiro-ministro Souvanna Phouma — anunciaram hoje fontes militares.

A Polícia prendeu ontem «vários» oficiais do Exército real laociano.

Foi um dos conspiradores que informou a Polícia.

Administração de Propriedades
BANCO DO ALENTEJO

Bombardeados pela Aviação os rebeldes cingaleses

COLOMBO, 8. — (F. P.) — Aparelhos da aviação do Ceilão bombardearam duas posições rebeldes, infligindo pesadas baixas ao inimigo — anunciou hoje a rádio oficial.

Foram enviadas unidades do Exército em reforço para as cidades de Galle, Matara, Hambantota e outras ao longo da costa meridional. Por outro lado, seguiram tropas para a região de Kegalle.

Em Kegalle, a 75 km de Colombo, a Polícia matou 30 rebeldes, anunciou também a rádio oficial. Outros 25 foram mortos na aldeia de Paranagama. O banço total das perdas das forças rebeldes nestes últimos três dias eleva-se a 112 mortos, segundo informações obtidas junto do Ministério da Informação.

O importante complexo textil de Thulhiriya, construído com o auxílio da Alemanha Oriental e que seria um dos centros da rebelião, foi atacado pela aviação. A outra posição atacada pela aviação foi um estabelecimento de ensino perto de Thulhiriya. O primeiro ataque aéreo contra os insurrectos teve lugar na passada terça-feira. Estes tinham tomado posição numa ponte em Alawwa, na mesma região.

Paralelamente, o Governo requisitou os veículos dos diferentes ministérios para os colocar á disposição do Exército. O recolher obrigatório continua em vigor das 15 ás 6 horas. Mesmo em Colombo as medidas de segurança são extremamente rigorosas.

DESPORTISTAS NORTE-AMERICANOS PARTEM AMANHÃ PARA PEQUIM

NAGOYA (JAPÃO) 8 — (A. N. I.) — Dezasseis norte-americanos — dirigentes e jogadores de ténis de mesa — partem amanhã para Pequim a convite da China continental para ali disputarem algumas partidas.

Desde 1949 que não vai á China continental uma equipa desportiva dos Estados Unidos.

O interesse da China é tão grande que se prontificou a pagar as despesas da deslocação, por via aérea de Tóquio a Pequim e volta.

Nos campeonatos mundiais os norte-americanos demonstraram que são muito mais fracos do que os chineses no ténis de mesa.

«Napalm» contra marijuana

RIO DE JANEIRO, 8 — (F. P.) — Os aviões militares brasileiros vão destruir, com a ajuda de bombas de «napalm», as plantações de marijuana no país — anunciava ontem o jornal brasileiro «O Globo».

O jornal acrescentava que essa operação principiará logo que as autoridades tenham terminado as investigações para localizar as culturas de marijuana.

O governo brasileiro iniciou recentemente uma vasta campanha de luta contra o tráfico e o uso de estupefacientes, em colaboração com a Polícia e com os serviços de segurança nacional.

Beirute: cidade símbolo da decadência Ocidental

(Continuação da 16.ª página)

visitantes provenientes de todo o mundo árabe: príncipes da Arábia Saudita, xeiques e homens do petróleo dos ricos Estados do Golfo, que possuem sumptuosas vivendas ou estravagantes «suites» em hotéis e sabem receber condignamente.

Em Beirute, o príncipe da Arábia Saudita desembaraça-se do seu trajo do deserto e enverga o elegante fato de Saville Row, ao passo que sua mulher troca o longo véu negro pelas últimas modas parisienses.

Misturam-se com os «play-boys» libaneses, vestidos por Pierre Cardin e Ted Lapidus, nas loucas festas que terminam a altas horas da noite nos clubes nocturnos e nas discotecas de Beirute.

Beirute possui tantos bares como qualquer capital em todo o mundo. Muitos deles têm hospedeiras, cuja missão é distrair os clientes masculinos pelo preço de uma garrafa de «champanhe» de má qualidade.

Muitas das raparigas vêm da Europa, mas algumas das recém-chegadas estão revoltadas, afirmando que foram atraídas a Beirute com um bilhete de avião de ida e volta e falsas promessas.

O único local de prostituição que resta no Médio Oriente situa-se a uma distância considerável do principal largo da baixa de Beirute, um bairro mal-afamado onde se chama a atenção para as casas por meio de alegres reclamos luminosos.

Todavia, como a lei do país não permite que novas raparigas vão trabalhar nos bordéis, a idade das prostitutas, é, em média, bastante acima dos 40.

EXILADOS E ESPIÕES

A zona mais alegre de Beirute, hoje em dia, é a Rua Hamra, na cidade alta, onde se situam os grandes armazéns, e ao longo da qual desfilam as raparigas de tez de cor de mel nas suas minis, midis, maxis, e, actualmente, «hot pants», enquanto os cárro de desporto dos «play-boys» desfilam lentamente pela avenida.

Nos cafés, os exilados políticos — palestinianos, sírios, iraquianos, jordanos, iémenitas, líbios, egípcios, etc. — juntam-se para tagarelar, recordar e fazer projectos.

Não estão em boas relações com os respectivos Governos e usam Beirute como base de informações, refúgio e, possìvelmente, regresso ao seu país. Revoluções golpes de estado e movimentos de libertação têm todos eles sido planeados por intelectuais em Beirute.

Ao longo dos anos, Beirute concedeu asilo a reis e rainhas destronados, a presidentes e primeiros-ministros destituídos, bem como aos políticos e revolucionários que tentaram derrubá-los. Mas, quer fossem reaccionários, quer revolucionários quando se encontravam no poder, muitos deles tiveram o cuidado de depositar algumas economias numa conta de um banco de Beirute, na previsão de um dia sombrio.

Deste modo, Beirute é uma cidade onde se cruzam políticos do mundo árabe a caminho do êxito e... da derrota.

Entre os exilados existem espiões e pseudo-espiões, todos preocupados em obter informações acerca do que se está a passar nos confins do mundo árabe.

Os expatriados publicam os seu pontos de vista nos 40 jornais da cidade, muitos dos quais podem as suas colunas de editoriais á disposição dos interessados, a preços de anuncios, ou são propriedade de um ou outro partido político.

A Imprensa de Beirute, para melhor ou para pior, é a maior fonte de notícias e opiniões não censuradas do mundo árabe. Até mesmo o falecido presidente do Egipto Gamal Nasser, aconselhou certo dia um diplomata sírio a ler «pelo menos três» jornais de Beirute por dia.

Conforme disse o conhecido escritor-viajante James Morris:

Chegados de Pequim ou de Pittsburgh, encontraremos, em breve, um recanto deste país liberal onde, quer nos entreguemos ao erotismo ou á discussão de conceitos filosóficos, acabaremos por nos sentir como em nossa casa».

MONTEIROS & REYNOLDS, LDA.
COMEMOROU UM QUARTO DE SÉCULO DE ACTIVIDADE COMERCIAL

No passado dia 3 Monteiros & Reynolds, Lda. comemorou vinte cinco anos de existência.

Num almoço íntimo que reuniu todo o pessoal que trabalha naquela firma e onde estiveram presentes os Directores Carlos Nunes Gonçalves, Eng.º Carlos Fernando Gonçalves e Rui Pedrosa, foi referida a actividade daquela firma ao longo destes 25 anos.

Salientando-se uma gestão que permite hoje homenagear a fidelidade comercial dos seus clientes, foi referida a notoriedade da empresa citando algumas das suas representadas como a Union Oil Company of California, Ekco Heating & Appliance Division of Pye Ltd. e Ibelsa — Ibérica de Electrodomésticos, S.A.

Foram ainda enaltecidas as qualidades reveladas por todos os seus colaboradores no desempenho das diversas funções, agradecendo-se o bom espírito de colaboração de que todos têm dado provas ao longo destes anos de contínua e produtiva actividade.

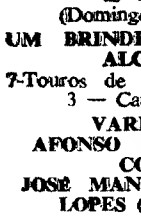
A inauguração de um busto de Ferreira de Castro nas Caldas das Taipas

Nas Caldas das Taipas, ultimam-se os preparativos da homenagem a Ferreira de Castro, que decorrerá no dia 17. O busto, da autoria do escultor António Duarte, já está fundido e deve chegar ainda esta semana a Guimarães.

Jorge Amado, impossibilitado de comparecer, enviou uma saudação, que será lida na homenagem.

Também vai ser editado um opúsculo com o programa e dois textos de Ferreira de Castro (ainda não incluídos em nenhum livro do escritor), um sobre as Caldas das Taipas e outro sobre o Minho.

No mesmo dia, às 20 horas, no Restaurante Jordão, em Guimarães, haverá um jantar de homenagem a Ferreira de Castro, encontrando-se as listas de inscrição nas livrarias e em outras casas comerciais daquela cidade.



M/ 6 anos

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Domingo, 11 de Abril, ás 16 horas
(Domingo de Páscoa)

UM BRINDE AO PÚBLICO ALGARVIO

7-Touros de Casta Espanhola-7
3 — Cavaleiros — 3

VARELA CID
AFONSO MALDONADO CORTES
JOSÉ MANUEL CORREIA LOPES (ZÉ MANEL)

1 — Matador — 1

O maior Toureiro Português da Actualidade

J O S É J Ú L I O

O maior Prémio da Crítica em 1970

O Toureiro Português que mais corridas tem contratadas

2 — Grupos de Forcados Amadores — 2

Amadores da Tertulia T. do Montijo e Amadores de Cascais, capitaneados por Domingos Batista e Vitor Freire

Transportes assegurados pela Empresa de Camionagem «RODOVIÁRIA», entre Faro e Vila Real, antes e depois

Preços Populares
Sol desde 20$00
Sombra desde 30$00

ATENÇÃO — Visite o Algarve, quem não conhece o Algarve, não conhece Portugal.

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Luísa Nunes Coelho de Almeida

Faleceu a sr.ª D. Luísa Nunes Coelho de Almeida, de 85 anos, natural de Medelim, residente nà Rua Passos Manuel, 84-A, r/c., mãe do nosso antigo camarada na Imprensa, José Joaquim Coelho de Almeida, há pouco falecido, e do sr. Joaquim Coelho de Almeida, residente em Lourenço Marques, e avó do sr. Carlos Alberto Barata Coelho de Almeida, casado com a sr.ª D. Maria Manuela Trigueiros de Castro Serra Coelho de Almeida. O funeral realiza-se amanhã, ás 11 horas, de igreja dos Anjos para o cemitério do Alto de S. João.

FUNERAIS

José Nunes Coriseo

MONTARGIL, 8. — Para o cemitério da vizinha povoação de Foros do Mosno, realizou-se o funeral do sr. **José Nunes Coriseo, de 81 anos,** casado, proprietário.

Facultamos
crédito a médio ou longo prazo para:
- Investimento
- Produção e venda a prazo de bens de equipamento nacionais
- Exportação

Colaboramos
com as actividades económicas nacionais na realização de:
- Estudos económicos sobre oportunidades de investimento
- Contactos com empresas nacionais e estrangeiras, para a concretização de iniciativas de interesse mútuo.

Remuneramos
depósitos de prazo superior a um ano à taxa de 5,75%, com
- Isenção total de impostos
- Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças
- Segurança total.

BANCO DE FOMENTO NACIONAL

METRÓPOLE Sede: LISBOA. Delegações: PORTO, COIMBRA, BRAGA, SANTARÉM, ÉVORA, VISEU, AVEIRO.
ULTRAMAR Direcções-Gerais: LUANDA, LOURENÇO MARQUES.

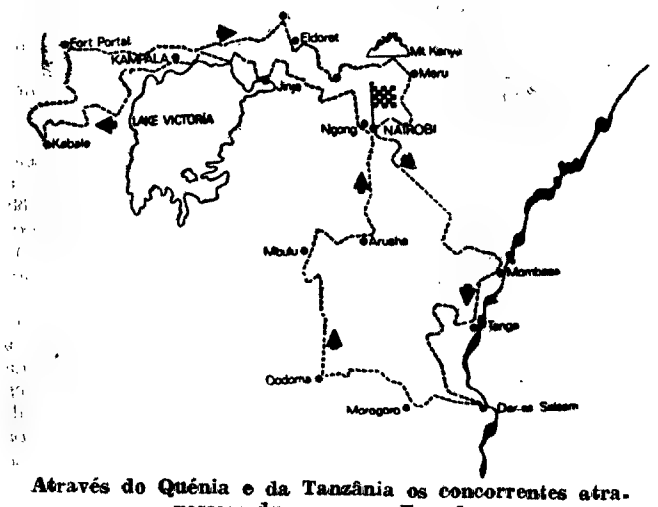
IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO PORTUGUÊS

AUTOMOBILISMO

COMEÇA HOJE EM NAIROBI O XIX EAST AFRICAN SAFARI

UM DOS MAIS DUROS RALLYES DO MUNDO

Principia hoje o XIX East African Safari, uma das provas automobilísticas mais duras do mundo e que até hoje



Através do Quénia e da Tanzânia os concorrentes atravessam duas vezes o Equador

nunca foi ganha por nenhum volante europeu. Talvez por esta razão os pilotos europeus mostram-se cada vez mais interessados na famosa prova queniana.

Entre os mais cotados para vencer este ano contam-se as equipas constituídas por Hannu Mikkola-Gunnar Palm (que foram os vencedores da maratona Londres-México), Timo Makkinen-Henry Liddon, Roger Clark-Gilbert Staepelaere e Robin Hillyar-Jock Aird. Todas estas equipas tripularão os «Ford Escort RS», especialmente preparados para o East African Safari.

Prevê-se que a competição atinja este ano uma dureza invulgar, não devido ao elevado numero de equipas inscritas (130) como ao nível dos participantes. Só a marca japonesa «Datsun» tem 33 viaturas em prova.

O veterano do «Rallye» é Joginder Singh, cidadão britanico de origem indiana, que vive no Quénia e já tomou parte em 12 edições do Safari do Leste Africano.

A competição principia hoje em Nairobi, desenrolando-se por um itinerário através do Quénia e da Tanzania

Este tipo de estrada é típico do Safari do Quénia

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

TÉNIS DE MESA

O «MUNDIAL» DE SINGULARES PARA UM SUECO

NAGOYA, 8 — (R.) — O sueco Stellan Bengtsson, de 18 anos, ganhou o título mundial de singulares masculinos em ténis de mesa ao derrotar na final o japonês Shigeo Ito, que era o seu detentor, por 19-21, 21-13 e 21-10.

Bengtsson é o primeiro europeu desde 1953 que ganha o título mundial de singulares masculinos, conseguindo pôr fim ao domínio dos japoneses e chineses, que ganharam sucessivamente 10 campeonatos mundiais.

O jovem sueco, que joga com a esquerda, demonstrou nítida superioridade sobre o campeão japonês,

ESTA NOITE

ANDEBOL — Taça Nacional de Juvenis, no Pavilhão Gimnodesportivo da Póvoa de Varzim: Beira-Mar - Padroense, ás 20 e 45; Boa Hora-Setúbal, ás 21 e 35; Belenenses-Académica, ás 22 e 20; e C. D. U. P.-Vitória de Guimarães, ás 23 e 10.

BILHAR — Campeonato de Lisboa de 1.ª categoria a uma tabela, na Associação dos Amadores de Lisboa, ás 21.

TÉNIS DE MESA — Campeonato de Lisboa da II Divisão (desempates): Amoreiras-Académica da Amadora, ás 21 e 30, no Desportivo Operário; 2.ª categoria: S. L. Águias-Armadorense, ás 21 e 30, no Amoreiras.

— Torneio de Preparação de Juniores: Alunos Apolo B-Alunos Apolo A. Ateneu-Centro Católico e Academia Verdi-Rio Seco, ás 21 e 30, nas mesas dos primeiros.

Campeonato de Lisboa da III Divisão: 1.ª categoria, Oeiras-Graça e Alunos Apolo-Cimento Tejo; 2.ª categoria, Fontainhas-Castelo e Cimento Tejo-Alunos Apolo, ás 21 e 30, nas mesas dos primeiros.

MINI-ANDEBOL

Vinte equipas no torneio do Benfica

Pela segunda vez, o Benfica organiza, a partir do próximo dia 17, um torneio de mini-andebol, destinado ás camadas jovens.

Cerca de 200 atletas, que integrarão as 20 equipas concorrentes, participarão na interessante competição, cujo objectivo fundamental é proporcionar a propaganda da modalidade e a prospecção de novos valores.

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação para o Concurso n.º 31 – 10.ª Época

Açores, 2xx 121 xx1 x1xx, Beira Baixa, 111, 111, 211, 211x; Brados do Alentejo, 121, 2x1, 212, 1x21; Cardeal Saraiva, 211, x11, 2x1, 2112 Comércio de Portimão, 111, 111, 2x1, 1212; Correio dos Açores, 111, 111, 221, xx12; Correio de Coimbra, x11, 111, 211, x112; Correio da Horta, 111, x11, x1x, 2212; A Defesa, 11x, 1x1, 2x1, x11x, Defesa de Espinho, 112, 111, 121, 1112; Eco de Estremoz, 121, 12x, 121, 12x1, Estrela da Manhã, 212, 1x1, 2xx, xx12; Eu Sei Tudo, 21x, 121, 2xx, 1112; Folha do Domingo, 11x, 1x1, 211, 111x; Gazeta do Sul, 111, 121, 1x1, x21x; A Ilha, 211, 1x1, x11, 1xx2; Jornal das Aves, 11x, 211 x11, 2212 Jornal do Barreiro, x1x, 122, 212, xx1x; O Jornal de Felgueiras, 21x, 121, x11, 1x1x; Jornal da Lixa, 211, 111, 211, 1112; Jornal de S. Tirso, 1x1, xx2, 2xx, 112x; Jornal do Sul, x2x, x11, 221, x11x; Jornal de Viseu, 21x, 121, 2x1, 12x2; Linhas de Elvas, x11, 1x1, 111, 1212; Maria da Fonte, 21x, 121, 211, 1212; Notícias de Chaves, 211, 1xx, 1xx, 2x1x; Notícias de Felgueiras, 21x, 1x1, 2x2, 1x1x; Povo Algarvio, 212, 1x1, 22x, 2x22; A Rabeca, 211, 121, xx1, 1x12; Rádio Altitude, 111, 111, 2x1, 1212; Bondiazinho, x11, x11, 2x1, 2x12; Brado Africano, 122, 2x1, 212, 1x22; Cidade 71, 1x1, 111, 211, 2112; Domingo Alegre, x11, x12, 2x1, 1x12; Jornal Desportivo, 212, 1x1, 211, 1x12; Passatempo, 1x1, 111, 211, 1x11; Roteiro Sonoro, 11x, 121, 1xx, 2111; Terceiro Programa, 211, 1x1, 221, xx1x; Vamos Jogar no Totobola, 111, 111, 2x1, 1x12; Boletim Desportivo, 212, 121, 222, 1212; Miscelania Musical, xx2, x11, 1x1, 2111; Montra do Exito, 1x2, 111, x11, 11x2; Música e Desporto, 21x 121, 22x, 1212; Prograda da Manhã, 11x, 111, 11x, 1x21; Rádio Placard, 111, 111, 11x, 1111; Estudios 64, x11, 111, 2x2, 1111; Placard Desportivo, 111, 111, x11, 1111; Notícias do Douro, xx1, 111, xxx, x112; Pro. da Só-Rádio, 111, x11, 1x2, 2x1x; A Lição do Menino Quim, 211, 121, 2x1, 1xxx; Manchete Desportiva, 211, 121, 221, x212; Penalti, 211, 12x, 22x, xx12; Colina Sagrada, 2xx, x12, 2x2, x111; Comércio de Leixões, 212, 1x2, 22x, x2x2; De Tudo Um Pouco, 211, 111, 211, 1x12; Jornal Notícias, x11, x21, 2xx, x21x; Mosaico, 111, 121, 211, 2x12; Primeiro de Janeiro, 11x, 121, x1x, x212; Rádio Sports, x1x, 121, xxx, xxxx; Repórter do Dia, 211, x21, 2x1, xx12; Repórter do Dia (Angola), 211, 121, 212, 1x12; Novidades, 211, x21, 21x x112; Boletim Desportivo, 111, 11x, x12, 1111; Cavalgada do Ritmo, 212, 121, x11, 2x1x; Centro Desportivo, 112, 1x1, xx1, 112; O Comércio do Porto, 211, 1x1, 2xx, 1112; Correio do Vouga, 212, 111, 221, xx1x; Ás 10 Espera Por Nós, x11, 111, x11, 1111; Diário de Coimbra, 211, 121, 2x2, x21x; Diário do Minho, 211, 111, x11, 1111; Diário do Sul, 1x1, 121, 1x1, x1xx; Ecos de Cacia, 211, 121, 211, 1212; Ecos do Desporto, 211, 111, 2x1, xx11; Dos Fracos Não Reza a História, 111, 111, 111, 1111; Imagens Piedenses, 212, 1x1, 2x1, x2xx; Jornal de Sintra, 112, 1x1, 221, 2212; Litoral, 212, 1x1, 2x1, x11x; Momento do Totobola, 11x, 2x1, 211, 1x12; Mundo Desportivo, 211, x21, x21, 1x12; O Norte Desportivo, x11, 1x1, 2x1, x21x; Notícias de Évora, x11, 1x1, xx1, 121x; A Ordem, 112, 121, x2x 2212; Passatempo JJ, x1x, 121, 2x1, 1x12; Peça Que Não Maça, 211, 1x1, 2x1, 1x12; Póvoa de Lanhoso, 112, 11x, 211, 1x12; Prog. Diário do Porto, x11, x21, x11, x112; Prog. Sem Nome, 111, 121, 2xx, 1112; Rádio Clube do Norte, x11, 1x1, 2x1, xx11; Rádio Oceano, 211, 111, 2xx, x21x; Auto Rádio, x11, 111, x2x, 1111; Campeão Português, 211, 111, 1x1, 1111; Renovação, 211, 11x, 22x, 1x12; República, 21x, 121, 21x, 1212; Resenha Desportiva, 2x1, 1x1, 221, xx12; Revista de Som, x12, 111, 211, xx1x; O Sorriso da Hora do Almoço, 2x1, 11x, 211, 121x; O Telégrafo, 211, 121, x11, xx12; O Templário, 211, 111, 111, xxxx; O Apostolado, 2x1, 111, 2x1, 2x12; Diário, x1x, 121, xx1, 1212; A Nossa Chave, 111, 121, 211, xx12; Notícias do Totobola, 211, 121, 22x, 1x12; Canal 18, 211, 1x1, 2x1, 1112; Estádio, 21x, 1x1, 212, 1x1x; Ronda da Noite, x11, 121, x11, 1212; Terra Alta, 111, 12x, 111, 21x1; Voz do Casa Pia, x11, 1x1, 2x1, 1x12; A Voz Desportiva, 121, 112, 2x1, x121; A Voz do Domingo, 211, 121, x11, xxx2; Voz de Lamego, 211, 121, 212, x212; A Voz dos Ridículos, 211, 121, 222, 1x12.

	RESUMO 1	X	2	BOLAS (a) 1	X	2
1. Mirandela-Fafe	37	22	52	4	2	6
2. Lamego-Chaves	94	12	5	10	1	1
3. A. Viseu-Oliveirense	71	21	19	8	2	2
4. Sacavenense-Caldas	93	14	4	10	1	1
5. Vilafranquense-Estoril	42	28	41	5	3	4
6. Juventude-Amora	97	8	6	10	1	1
7. Málaga-At. Madrid	15	25	71	1	3	8
8. Gijon-Bilbau	45	46	20	5	5	2
9. Granada-Celta	72	25	14	8	3	1
10. Bolonha-Cagliaria	57	37	17	6	4	2
11. Lanerosi-Juventus	36	47	28	4	5	3
12. Milan-Napoles	92	13	6	10	1	1
13. Varese-Inter	20	29	62	2	3	7

E a chave lógica será: 211 1l1 2X1 1X12

(a) — Nos termos do Art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na altura do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.

amanhã
a oportunidade é SUA
ganhe os
16 MILHÕES
da
LOTARIA
DA PASCOA

BENFICA, 3-OFFENBACK, 0

NUM JOGO EM FAMÍLIA GANHOU O DONO DA CASA...

Torres, bem á sua maneira, obtém golo

Foi um jogo em família, quase íntimo, sem a emoção das grandes noites. Ganhou o dono da casa, como não podia deixar de ser, pois a diferença entre hóspedes e anfitriões era considerável.

O Benfica não precisou de apresentar a sua melhor equipa, conforme, aliás, já havia sido anunciado. E o Offenbach, apesar disso, não se mostrou com ensanchas para discutir, a sério, com os «reservistas» da Luz.

Cedo se percebeu que os alemães não representavam qualquer perigo. Eles tinham uma ideia de ligação e domínio de bola, mas o futebol dos portugueses possuía outro conteúdo, situar-se em nível mais alto.

Principalmente no que respeita a capacidade realizadora. Certo que eles também remata-am e Fonseca defendeu muito e bem. No entanto, os pontapés dos germanicos davam principalmente para «keeper» brilhar e não para ser batido

Já as avançadas benfiquistas continham um poder de perfuração que proporcionava autênticas oportunidades de marcar. Como a desenvolvida e convertida, aos 20 minutos, por Torres e Águas, com toque de cabeça daquele e chuto potente, antecedido de «drible» curto, do segundo.

O tom próprio dos encontros particulares acentuou-se com o decorrer dos minutos. O Benfica fazia o seu jogo sem pressas mas com entendimento visível e os tentónicos, cheios de boa vontade, replicavam como podiam.

Terminava a primeira parte quando os visitados obtiveram outro tento. Águas retribuiu a oferta do seu companheiro Torres e o «gigante» da Luz achou maneira de fazer passar a bola por entre as pernas de Bertran.

As facilidades do primeiro tempo diminuiram um tanto na segunda metade. O Offenbach tornou dos vestiários com maior desenvoltura e a partida passou a ser menos desnivelada.

Neste período, os estrangeiros meteram alguns cruzamentos e passes em espaços vazios e acercaram-se da grande área do adversário com mais hipóteses de marcar. O pontapé ás redes continuou, porém, a ser o seu calcanhar de Aquiles e, nas alturas em que chutavam aceitávelmente, Fonseca respondia com decisão e segurança.

Um cruzamento de Toni, aos 71 m., atravessou a cortina defensiva do Kickers e Torres, abrindo o compasso, apareceu frente ás redes para nelas introduzir o esférico com um toque aplicado como deve ser.

Persistentes e disciplinados (ou não se tratasse de alemães, os «encarnados» da Alemanha (os de cá vestiram-se de branco) procuraram obstinadamente não ficar em «branco». Eson Kramers, o n.º 11, que pareceu a «estrela» da turma, tem iniciativas dignas de realce mas sem continuidade por parte dos colegas. Ainda por cima, os dianteiros «deles» caíam na ratoeira do «fora de jogo» armada pelos defesas dos «nossos» e tudo ficava como dantes.

Como o Offenbach havia feito refrescar a equipa, o mesmo resolveram os «responsáveis» de cá: entraram Vítor Martins, Nené e Diamantino, que se limitaram a assinar o ponto. E prento...

Resta assinalar que Américo Barrada arbitou bem.

As equipas:

BENFICA — Fonseca, Barros, Messias, Marques e Jacinto (V Martins, aos 68 m.); Matine e Toni; Calado, Águas (Nené, aos 72 m.), Torres e Praia (Diamantino, aos 72 m.)

OFFENBACH — Bertran; Weibacku, Spimler, Weida e H. Kremers (Semlitsh, na 2.ª parte; Reich (Skala, aos 75 m.) e Gecks, Bechfold, Warlinger (Schomberger, na 2.ª parte), Tchafer e Eson Kremers.

FRANCISCO CAMILO

Em Chateauroux, contra o Berrichonne

ACADÉMICA: vitória (3-1) e exibição

Ao princípio foi o frio e a chuva e um guarda-redes (o do La Berrichonne) a impedirem que a máquina Coimbrã funcionasse

Mas não durou muito. Breve os estudantes acertaram o passo e as jogadas começaram a aparecer fluídas, proporcionando fortes motivos de agrado aos três mil espectadores que arrostaram com o mau tempo — certo que grande percentagem de portugueses. Breve se assistiu a um caudal atacante português (embora repousado) a que os franceses opuseram muita ingenuidade... e um guarda-redes — Odejnik, de seu nome — excepcional, ou em dia excepcional. Mas o que é certo (estas coisas que o futebol tem...) é que ao intervalo e com os locais que venciam por 1-0, golo marcado (ou consentido?...) no ultimo minuto. Mas não se acreditava. E, na realidade, a segunda parte viu as coisas serem repostas nos devidos lugares: a Académica acelerou, os franceses oscilaram (ainda mais e com três golos (falhando, embora, outros três ou mais — muito por isto e por aquilo, muito por causa de Olejnik) a questão ficou arrumada. E arrumada pelo melhor: isto é, através de exibição categórica. Marcaram os golos «académicos»: Alhinho, aos 6 minutos, na sequência de um centro; Serafim, á meia hora (um «golão» com um remate á entrada da área sem-deixar-a-bola cair) e Gervásio, aos 41 minutos, depois de uma tabelinha, com José Manuel.

Assinale-se, no plano individual, além do já falado Olejnik que, porventura não esquecerá tão cedo este jogo, as exibições de Rui Rodrigues, Vítor e Mário Campos, Serafim, Artur e Vala, um novo (mais um dos tais em que a Académica é pródiga) que pode vir a dar que falar.

BAMBO: dois jogos

O desaguisado que teve, domingo ultimo, com Ernesto (Belenenses) custou ao cufista Bambo dois jogos de suspensão.

Mas a lista dos jogadores castigados distribuída pela F. P. F. não fica por aqui. Extensa, ela implica jogadores da II III Divisões — e ainda juniores e juvenis. Em relação a estes pode dizer-se que estão a ter mau começo...

TOTOBOLA
O NOSSO PALPITE

Mirandela-Fafe	X
Lamego-Chaves	1
A. Viseu-Oliveirense	1
Sacavenense-Caldas	1
Vilafranquense-Estoril	1
Juventude-Amora	1
Málaga-Atl. Madrid	2
Gijon-Bilbau	X
Granada-Celta	1
Bolonha-Cagliari	1
Lanerossi-Juventus	X
Milan-Nápoles	1
Varese-Inter	2

Hóquei em Patins

LISBOA EM MONTREUX

Partindo hoje para a Suíça, a selecção de Lisboa de hóquei em patins joga, amanhã, contra a França, no encontro inaugural do Torneio de Montreux.

Jogadores seleccionados: Coelho, Ramalhete, Reis, Garrancho, Leitão, Luís Barros, Jorge Vicente, Abreu, Puskas e António José.

Calendário dos jogos:

Amanhã à tarde — Portugal-França (14 e 30), Espanha-Itália e Suíça-Holanda. À noite: Argentina-Portugal (20 e 30), Holanda-Espanha e Itália-Suíça.

Sábado à noite — Holanda-Itália, Argentina-França e Espanha-Suíça.

Domingo à tarde — Argentina-Holanda e França-Suíça. À noite: Espanha-Argentina e Portugal-Suíça.

Segunda-feira à tarde — Eslia e Holanda-Portugal. À noite: França-Itália, Suíça-Argentina e Portugal-Espanha.

Os desafios à tarde começam às 14 e 30 e à noite às 20 e 30 (horas de Lisboa).

A Emissora Nacional transmitirá o relato directo e integral de todos os jogos da equipa portuguesa.

CÂMARA MUNICIPAL DA MOITA

AVISO

APEADEIRO DA BAIXA DA BANHEIRA

Concurso publico para arrematação da empreitada de Construção do Apeadeiro de Caminho de Ferro da Baixa da Banheira — 1.ª fase: Plataformas, abrigos e vedação».

Faz-se publico que até ás 17.30 horas do dia 6 de Maio próximo a Camara Municipal da Moita recebe propostas para a execução da empreitada em epigrafe. No dia imediato ás 14.30 horas perante a Camara Municipal reunida proceder-se-á ao acto publico do concurso

A base de licitação é de 851 663$20 (oitocentos e cinquenta e um mil seiscentos e sessenta e três escudos e vinte centavos).

O depósito provisório da importancia de 16 291$60 deverá ser feito na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia passada pelo próprio concorrente e á ordem da Camara Municipal da Moita.

O programa de concurso, caderno de encargos e projecto estão patentes todos os dias uteis durante as horas de expediente, na Secretaria desta Camara Municipal

Moita, 6 de Abril de 1971.

O Presidente da Camara,
VICTOR BRITO DE SOUSA

ÍNDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base: Dez. 65=100)

	2/4/71	7/4/71	Desvio %
GERAL	152,2	151,9	—
METROPOLITANAS	148,0	147,8	—
Bancarias	304,9	304,1	—
Electricas	92,8	92,8	—
Industriais	114,2	114,0	—
Diversas	139,5	139,4	—
ULTRAMARINAS	182,8	181,7	—
Angolanas	189,7	188,5	—
Moçambicanas	103,5	103,5	—

MOBILIAS
Normais e de estilo
COLCHÕES Molaflex
NOVO SISTEMA DE PAGAMENTO
VISITE e CONSULTE: ESTABELECIMENTOS Cancela
ALGÉS - Av. Combatentes da Grande Guerra, 85 B
ALMADA - R. Bernardo Francisco da Costa, 22
MONTIJO - R. José Joaquim Marques, 106
LISBOA Calçada do Combro, 21-23

LINHA DE CASCAIS

HORÁRIO DO DIA 9 DE ABRIL

Durante o dia de amanhã, 9 de Abril, Sexta-Feira Santa, funcionará na linha de Cascais o horário de domingos e feriados

CONVITE

O GRÉMIO REGIONAL DA INDUSTRIA DE VESTUARIO DO SUL, representante da Indústria de Vestuário, convida todas as alfaiatarias não abrangidas pela Portaria de Regulamentação do Trabalho para os Empregados no Comércio, publicada no Boletim do I. N. T. P., N.º 12, de 29 de Março de 1971 que, solidàriamente com o comércio, encerrem as suas casas na 6.ª Feira Santa. — A DIRECÇÃO

SINDICATO NACIONAL DOS CONTÍNUOS, PORTEIROS E PROFISSÕES SIMILARES DO DISTRITO DE LISBOA

AVISO

Em conformidade com o n.º 3 do Art.º 21.º dos Estatutos, convoco os Associados deste Sindicato a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária, na Sede do Sindicato Nacional dos Telefonistas, na Rua S. Pedro de Alcântara, 63-2.º, em Lisboa, às 16 horas do dia 17 de Abril de 1971, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS:

Apreciação e Aprovação do Relatório e Contas do Ano de 1970.

No caso de não haver número legal de sócios para a Assembleia funcionar em primeira convocação, os trabalhos terão início uma hora depois com qualquer numero de sócios nos termos do Art.º 29.º dos Estatutos.

Lisboa, 29 de Março de 1971.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
a) **Alexandrino Dias**

EXCURSÕES DA C. P.

MADRID, ANDALUZIA E FEIRA DE SEVILHA

A C. P. realiza, em colaboração com a Agência de Viagens e Empresa Geral de Transportes e por ocasião da Feira de Sevilha as seguintes excursões:

MADRID E FEIRA DE SEVILHA

(datas de partida: 16 e 19 de Abril)

Viagens nos comboios «Lusitania Expresso» e «TER» até Madrid e autocarro no restante percurso. Dois dias em Madrid e três dias em Sevilha, incluindo alojamento e refeições nos hotéis e comboio «TER», assistência e transferências em Madrid, etc.

Preço por pessoa:
(Partida em 16-4) 2630$00
(Partida em 19-4) 2800$00

MADRID, ANDALUZIA E FEIRA DE SEVILHA

(data de partida: 19 de Abril)

Viagens nos mesmos comboios até Madrid e circuito de autocarro para Granada, Córdova, Sevilha, etc. Dois dias em Madrid e cinco dias na Andaluzia, com visita á Feira de Sevilha, alojamento e refeições nos hotéis e comboio «TER», assistência e transferências em Madrid, etc.

Preço por pessoa ... 3250$00

Informações telefónicas:
Telef. 36 75 29

Distribuição de programas descritivos, informações e inscrições:

Estações de Lisboa (Rossio) e Lisboa (Santa Apolónia), Centrais do Caminho de Ferro de Lisboa, E. G. T. - Rua do Arsenal, 124, e demais Agências de Viagens.

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS EM ANGOLA

LUANDA, 5 — (A. N. I.) — O Comando-Chefe das Forças Armadas em Angola informa:

«1. No mês de Março, o numero das acções levadas a efeito pelo terrorismo teve uma quebra de 27% em relação ao mês anterior

«2. Para refazer os seus quadros, que sistemáticamente têm vindo a ser destroçados pela actividade operacional das nossas tropas o terrorismo promoveu novas infiltrações de grupos armados, a partir dos países limítrofes. Detectadas, foram repelidas e as nossas tropas, especialmente numa delas, junto á fronteira norte, provocaram grande numero de baixas e capturaram elevada quantidade de armamento, de que se destacam dez armas automáticas trinta minas trinta e cinco granadas e quatro mil munições

«3. As acções dos terroristas repartiram-se pelas seguintes modalidades: implantação de engenhos explosivos, 33,1 por cento; reacções ao avanço das nossas tropas, 30,3 por cento; acções de intimidação ás populações, 28,3 por cento; flagelações contra as nossas tropas, 6,3 por cento; outras acções 2 por cento

«4. Analisando a sua actividade verifica-se que:

a) As acções de intimidação das populações, pela primeira vez desde há muito tempo deixaram de ocupar o primeiro lugar. Mesmo assim foram raptadas 156 pessoas e mortos dezasseis civis, alguns depois de sujeitos a atrocidades

b) Continuou a aumentar a percentagem de engenhos explosivos implantados que em mais de cinquenta por cento dos casos foram detectados e levantados. Os accionados provocaram três mortos ás nossas tropas e quatro de civis

c) Aumentou a percentagem de reacções ao nosso avanço, mas diminuiram as flagelações, o que, conjugado com os resultados por nós obtidos, continua a demonstrar estarem os terroristas sem espírito agressivo e a actuarem quase só quando contactados

«5 Como actividade puramente defensiva da sua parte, há a mencionar uma emboscada perto de Massau, feita com fins de propaganda internacional, conforme as notícias posteriores vieram a confirmar, por um grupo de mais de cinquenta elementos, que, para o efeito, vieram de uma das suas bases na Republica Democrática do Congo, e ainda o ataque ao Aquartelamento de Lumbala.

— No primeiro caso, finda a acção em que sofremos quatro baixas, o grupo voltou a acoitar-se no Congo.

— Na segunda acção, os terroristas foram postos em debandada com elevado numero de mortos e feridos

«6 Porfiando nos seus esforços de pacificação, as actividades das forças militares e militarizadas, além das missões de vigilancia das fronteiras, que levaram ás detecções atrás indicadas, foram orientadas para missões de assalto e neutralização dos focos terroristas.

«7. Em consequência desta actividade ofensiva, de que se salientam, no norte, as operações «Inop», «Raposa 19», «Primeiro encontro» e «Leopardo», e a leste, as operações «Pato 5», «Crosta», «Alista 2», «Lupi» e «Andrade» obtiveram os seguintes resultados:

a) Ocasionaram se duzentos e quatro mortos e vinte e nove feridos confirmados.

b) Capturaram-se armas, munições e documentos em quantidade apreciável.

c) Libertaram-se trezentos e noventa e sete pessoas que os terroristas, pela força, submetiam ao seu jugo.

d) Com a destruição de alguns fócos e a desorganização imposta a outros, proporcionaram-se condições para que mais 433 pessoas se apresentassem, para iniciarem uma vida de paz

«8 É já do conhecimento publico a identificação de nove militares mortos em combate, durante o mês de Março

Comunicado do S. I. P.

O Serviço de Informação Pública das Forças Armadas comunica que morreram em combate na província de Moçambique os soldados n.º 13467670, Manuel Rosário Gonçalves Lambaz, natural dos Açores, filho de João Gonçalves Lambaz e de Francisca Joaquina, e o soldado do recrutamento da província n.º 70989968, Luís Janisse Pivaul; e na província de Angola o soldado n.º 17296969, João Barradas Fé, natural de Portalegre, filho de Manuel Baptista Fé e de Angelina Pedro Barradas.

CAMINHOS DE FERRO

LEILÃO

Em 19 do mês de Abril e dias seguintes, ás 10 horas, na *estação de Lisboa (Jardim)*, proceder-se-á á venda, em hasta publica, de todas as remessas que não tenham sido retiradas nos prazos estabelecidos, bem como de outros volumes abandonados e que não tenham sido reclamados.

Avisam-se os Srs. Consignatários das remessas de que podem ainda retirá-las, pagando á Companhia os débitos que corresponderem, para o que poderão dirigir-se ao Serviço de Promoção do Tráfego — Escritório de Reclamações (Rua Vítor Cordon, n.º 45, Lisboa) — nos dias uteis, até ao dia 16 daquele mês, das 10 ás 17 horas, excepto aos sábados.

Nas estações estão afixados Avisos em que se enumeram as remessas acima referidas, os quais podem ser consultados pelas pessoas interessadas.

TRANSUL-EMPRESA DE TRANSPORTES, LDA.

TRANSUL

Serviços Comerciais e de Tráfego

LARANJEIRO

CARREIRAS PARA A PRAÇA DE ESPANHA

HORÁRIOS

Inicia-se no próximo dia 10 de Abril de 1971 a exploração das seguintes carreiras.

N.º 39 — ALMADA — PRAÇA DE ESPANHA

	b	*a*								
ALMADA	0.15	8.15	9.15	13.15	14.15	15.15	16.15	17 00	18.00	19.00
COVA DA PIEDADE	0.25	8.25	9.25	13.25	14.25	15.25	16.25	17.10	18.10	19.10
PRAÇA DE ESPANHA	0.45	8.45	9.45	13.45	14.45	15.45	16.45	17.30	18.30	19 30

	b	*a*								
PRAÇA DE ESPANHA	0.45	8.45	9.45	13.45	14.45	15.45	16.45	17.30	18.30	19.30
COVA DA PIEDADE	1.05	9.05	10.05	14.05	15.05	16.05	17.05	17.50	18.50	19.50
ALMADA	1.15	9.15	10.15	14.15	15 15	16.15	17.15	18.00	19.00	20.00

a) — Excepto aos domingos e feriados nacionais equiparados
b) — Ás 2.as feiras e dias seguintes a feriados nacionais equiparados

N.º 40 — COSTA DE CAPARICA — PRAÇA DE ESPANHA

								a	
COSTA DE CAPARICA	8 15	10.30	12.30	14.30	16.00	18.00	19.00	20 00	22.00
PRAÇA DE ESPANHA	8.45	11.00	13.00	15.00	16.30	18.30	19.30	20.30	22.30

								a	
PRAÇA DE ESPANHA	8.45	11.00	13.00	15.00	16.30	18.30	19.30	20.30	22.30
COSTA DE CAPARICA	9.15	11.30	13.30	15.30	17.00	19 00	20.00	21.00	23.00

a) — Efectuam-se de 1 de Julho a 15 de Setembro

N.º 41 — SEIXAL — PRAÇA DE ESPANHA

SEIXAL	18 15	PRAÇA DE ESPANHA	8 30
PRAÇA DE ESPANHA	18.45	SEIXAL	9 00

Gráfica Almadense, Lda — 1000 ex. — 5-4-71

CHAMUSCA

MANUEL GOMES

FALECEU

Eurico Manuel da Silva Gomes, sua mulher Maria Garcia Varela de Oliveira Gomes e filha, Ilisabete da Silva Gomes Pestana, seu marido Inácio Augusto Prestes Pestana e filhas, Laura Gomes Valério e demais familia, participam o falecimento de seu pai, sogro, avô, irmão e parente cujo funeral se realiza amanhã, dia 9, ás 12 h. da sua residência para o cemitério local.

CARTAZ DOS CINEMAS

IMPÉRIO
(Adultos) Tels 555134/5
Às 15 e 21.45
3.ª SEMANA
Segundo Boris Pasternack
Um filme de David Lean
«DOUTOR JIVAGO»
com Omar Sharif — Geraldine Chaplin — Julie Christie
70 m m — Metrocolor
ATENÇÃO O filme começa a ser exibido às 15 15 e às 21 30

ESTÚDIO
(Adultos) Tel. 555134
5.ª SEMANA
Às 15 30 18 30 e 21.45
A obra-prima de
Jean Luc Godard
«O ACOSSADO»
(A Bout de Souffle)
com Jean Paul Belmond
e Jean Sebera

ROYAL
(M. 12 anos) Tel. 865037
As 21 horas
GIGANTES NO INFERNO

EDEN
(M. 12 anos) Tel. 320768
2.ª SEMANA
Às 15.15 18.30 e 21.45
50% de acção + 50% de emoção
John Wayne em
RIO LOBO
Um filme de Howard Hawks
Technicolor

ESTÚDIO 444
(M. 12 anos) Tel. 779095
Às 15.30. 18.30 e 21.45
Um dos processos mais dramáticos da História pela primeira vez no cinema!
GALILEU
com Cyril Cusack
EASTMANCOLOR

LIDO
(M. 12 anos) Tel. 937593
Às 21 horas
O filme especialmente escolhido para a quadra da Páscoa
BEN-HUR
O mais espectacular filme de sempre no «écran»-gigante — 70 mm

POLITEAMA
Tel. 426305
HOJE, ÀS 21.30 (Para todos)
ESTREIA GRANDIOSA
O BRINDE DA PASCOA DO POLITEAMA
O INVENCIVEL ROBIN DOS BOSQUES
com Charles Quiney e Pascale Basile
Eastmancolor

Hoje, ás 18.30 — Sessão Clássica com o atrevido filme
«OS LOUCOS DO AMOR»
(Adultos)

SÃO LUIZ
(Adultos) Tel. 327172
As 15.15. 18.15 e 21.30
O melhor filme americano do ano!
Na linha de «Easy Rider»
Jack Nicholson e Karen Black
DESTINOS OPOSTOS
(Five Easy Pieces)

ALVALADE
(M. 12 anos) Tel. 717480
2.ª SEMANA
Às 15.45 e 21.45
50% de acção + 50% de emoção
John Wayne em
RIO LOBO
Technicolor
Um filme de Howard Hawkes

RESTELO
(M. 12 anos) Tel. 610375
As 21.30 h.
BARRABÁS
com Anthony Quinn

AVIS
(Adultos) Tel. 47163
As 15.30 e 21.45
2.ª SEMANA
Divertida comedia sentimental!
com Gianni Morandi
QUEM SE METE COM RAPAZES...
Eastmancolor

LUMIAR
(M. 12 anos) Tel. 79593
As 21 horas
JOANA D'ARC
LUCI «SEM» RIBALTA

SÃO JORGE
(M. 17 anos) Tel. 54153
As 15.15, 18.15 e 21.30
6.ª SEMANA
de um invulgar êxito
O PATIFE
com Jean-Louis Trintignant
ÚLTIMAS EXIBIÇÕES

AMANHÃ 6.ª FEIRA SANTA
As 15.15 e 21.30
2 ÚNICOS ESPECTÁCULOS
O filme sublime de George Stevens
A MAIOR HISTÓRIA DE TODOS OS TEMPOS
com Max Von Sydow, Charlton Heston, Sidney Poitier e John Wayne
Panavision/Technicolor
M/12 — Copia nova

BERNA
(M 12 anos) Tel 776098
As 18.30 e 21.45 h.
3.ª SEMANA DE ÊXITO!
Peter O'Toole, Ava Gardner e Richard Harris
na espectacular superprodução de Lino de Laurentiis, realizada por mestre John Huston
A BIBLIA

À Av. Marques de Tomar

EUROPA
(M. 12 anos) Tel. 661016
As 15.15 e 21.30 h
Não há má disposição que resista às computadelas deste filme
O COMPUTADOR DE SAPATOS DE TÉNIS
Technicolor

Às 18.15 — Matinée Infantil com a maior obra-prima do desenho animado de Walt Disney
B A M B I
Technicolor — (M. 6 anos)
Sábado e Domingo ás 11 horas da manhã — «Matinée» Infantil com **B A M B I**

CASINO ESTORIL
(M. 12 anos) Tel. 264821
Às 17 e 21.30 h.
AQUELA JOVEM DE BRANCO
com Cristina Galbo, Roberto Camardiel e Adriano Dominguez

TIVOLI
Tel. 50595
Às 3 e 6.15 da tarde (p. red.) (M. 6 anos)
e 9.30 da noite (M. 12 anos)
na tela gigante da Super Panavision
A CANÇÃO DA NORUEGA
com Toriav Maurstad
e Florence Henderson

VOX
(Adultos) Tel 720808
As 21.45
6.ª SEMANA TRIUNFAL!
com o excitante e discutido filme colorido de
Andre Cayatte
OS CAMINHOS DE KATMANDOU

As 18.30 (M. 6 anos)
A RAPARIGA DOS ALPES
Um belo filme em technicolor
(Junto à Av. de Roma)

CONDES
(Adultos) Tel 322523-326710
As 14.15. 16.30 18.45 e 21.45
2.ª SEMANA
DOMICILIO CONJUGAL
com Jean Pierre Léaud e Claude Jade

LIZ
(M. 12 anos) Tel. 48560
As 21 horas
JUVANKA E AS OUTRAS
COMEÇOU EM NÁPOLES

MONUMENTAL
(M 12 anos) Tel 555131
As 15 15 e 21.30
2.ª SEMANA
O talento e a voz
A presença e o charme de
Barbra Streisande
e Yves Montand em
MELINDA
Realização de Vicente Minnelli
Technicolor — Panavision

QUINZENA SÉRIE NEGRA
Amanhã — Adultos — 18.45 h.
A ÚLTIMA AMEAÇA
de Richard Brooks
com Humphrey Bogart e Kim Hunter

SATÉLITE
(Adultos Tel 562632
7.ª SEMANA
As 15.30 18.30 e 21.45
Um filme de Claude Soutet
COISAS DA VIDA
Eastmancolor
(Este cinema encontra-se situado no edifício do Monumental)

ROMA
(M. 12 anos) Tel. 72778
As 15.30 e 21.45
UMA SATIRA AOS TEMPOS DOS CAVALEIROS ANDANTES
CAPITÃO BRANCALEONE
com Vittorio Gassman
e Catherine Spaak
TECHNICOLOR

ODEON
(M. 6 anos) Tel. 326283
As 15.15 e 18.15 (Pr. red.)
2.ª SEMANA DE UM ÊXITO SEMPRE EXTRAORDINÁRIO
AS VIAGENS DE GULLIVER PARA ALEM DA LUA
(Eastmancolor)
SO A NOITE, AS 21.30
(M. 17 anos)
Sara Montiel em 6.ª semana triunfal no filme
ESSA MULHER

CHIADO TERRASSE
(M 17 anos Tel. 320917
As 21 h
O ÚLTIMO GUERREIRO
JOVENS DE SANGUE ARDENTE

MUNDIAL
(M 12 anos Tel 538743
As 18.30 e 21.45
2.ª SEMANA de enchentes!
Shirley MacLaine e Clint Eastwood numa espectacular aventura para não mais esquecer!
OS ABUTRES TEM FOME

METRO Estação Picoas

IMPERIAL
(M. 17 anos) Tel. 45923
As 21 h
O SALÁRIO DO MEDO
A MORTE A COMPASSO

outros espectáculos

● LISBOA

T E A T R O S

MONUMENTAL — Ás 21 e 45 h.: «A Cozinha» (17 anos)
TRINDADE — Ás 2 e 45: «O Duelo» (17 anos
VARIEDADES — As 2 e 45: «O Contrato» (17 anos)
A B C — As 20 e 45 e ás 23 h: «Frangas na greina» (17 anos)
VASCO SANTANA — As 2 e 40: «A Cozinha» (17 anos)
CAPITÓLIO — As 2 e 45: «A querida mamã» (17 anos)
MARIA MATOS — As 2 e 45: «As Irmãzinhas» (17 anos)
VILLARET — As 2 e 45 «Depois da queda» (17 anos)

C I N E M A S

OLIMPIA — As 9: «Os Homens de Bonanza» (12 anos)
JARDIM—Às 21: «De braço dado» (12 anos).
PARIS — Ás 21: «O Rei dos Reis» (12 anos)
CINEARTE — Às 21: «A Ira dos Deuses» (12 anos).
ARCO ÍRIS — As 21: «Os cavaleiros da Távola Redonda» (12 anos)
MOSCAVIDE — Ás 21: «Amor de Perdição» (12 anos)
IDEAL — Ás 2 : «Mal d'África» (17 anos)

● Linha de Cascais

PAREDE — ROYAL - CINE — Ás 2 : «Matem Johnny Ringo» e «A Colina da Saudade» (17 anos)
ESTORIL — CASINO — Ás 17 e ás 21 e 30: «Aquela jovem de branco» PALÁCIO — Ás 21 e 30. «O ultimo comboio de Katanga» (17 anos)

● Linha de Sintra

VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — As 2 e 5: «O Bom Pastor» (12 anos)
DAMAIA — D JOÃO V — Às 21 e 30: «Marcelino pão e vinho» (6 anos)
AMADORA — RECREIOS-DESPORTIVOS — As 2 e 5: «Um composta em couros» (12 anos).
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 2 e 5: «Deus perdoa .. eu não!» e «O grande ídolo» (17 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRIVEL — Às 21 e 5: «Tim Tim e o tempo do sol» 6 anos).
COSTA DA CAPARICA — COPACABANA — Às 21: «Vera Cruz» e «Assalto á cidade» (17 anos.
LARANJEIRO — INSTRUÇÃO E RECREIO — Às 21 e 30: «Nada de rosas para 005-17» (17 anos)

farmácias de serviço

● LISBOA

AJUDA — Mendes Gomes Calçada da Ajuda, 222 (te 638256 ✲ **Tapada**, Calçada da Tapada 83-A (tel 634721)
ALCÂNTARA — Ester Nogueira, R de Alcântara, 5-A (tel 637563)
ALFAMA—Cruz de Malta Largo do Chafariz de Dentro 36 (tel 866126)
ALMIRANTE REIS—Lusa Avenida A mirante Reis, 99-A (tel 4 269)
ALTO DE S JOÃO — **Dalton**, Av Mouzinho de Albuquerque, 7 (telefone 84357)
ALVALADE — **Nova Iorque**, Av Estados Unidos da América, 40-B (tel 760658 ✲ **Líbia**, Av da Igreja 4-B (tel 717681) ✲ **Celta**, Rua Moura Girão, 3-B (te 7 062) ✲ **Marbel**, Avenida de Roma, 31-A (tel 776235)
AMOREIRAS — **Amoreiras** Praça das Águas Livres 8-D (telef 68 5 5)
ANJOS — **Magalhães**, Av Almirante Reis, 4-D (te 49479)
ARCO DO CEGO — **Providência**, Rua D Filipa de Vilhena, 9-C (tel 770324)
AREEIRO — **Lusitânia** — Avenida de Roma, 8-A (te 725443) ✲ **Chinde**, Rua Agostinho Lourenço, 6-B (tel 7 033)
AVENIDA DA LIBERDADE — **Morais Sarmento**, Rua de Santa Marta 5 ao Tivoli (telef 46490)
AVENIDAS NOVAS — **Lungen-t** Avenida da Republica 55 (tel 772 32) ✲ **Oliveira Viegas** — Rua Viriato, 29-A (Tel 48966 e 553601) ✲ **Sá da Bandeira**, Rua Marquês Sá da Bandeira, 42 (tel 54672)
BAIRRO ACTORES — **Lusa** Av Almirante Reis, 99-A (telf 4 269.
BAIRRO ALTO — **Andrade**, Rua do Alecrim, 25 (tels 823446-370685)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — **Ziro**, Praça das Casas Novas lote 66 (tel 3'0'72
BAIRRO DA LIBERDADE — **Zenal**, Rua A. 82 (T 65'840)
BAIXA — **Simões Pires**, Rua do Prata, '5 (Telefone 362350)
BELÉM —**Botânica**, Rua da Junqueira, 38 (Telefone 638 32)
BENFICA —**Macedo**, Estrada do Poço do Chão, 69-C (tel 703697) ✲ **Benfiluz**, Estrada de Benfica 444 (tel 782606)
CAMPOLIDE —**Nova**, R. de Campolide 297-C (tel 687475) ✲ **Renil**, Rua Rodrigo da Fonseca, '53 (telefone 683438)
CAMPO DE OURIQUE— **Findor**, Rua D Maria Pia, 5'4 (tel 687949) ✲ **Lisalde**, Rua Ferreira Borges, 30 (tel 660955)
CAMPO DE SANTANA — **Peninsular** Campo dos Mártires da Pátria, '17 (tel 553308)
CASTELO — **Santa Luzia**, Rua do Saudade 2-A (te 86983)
CHIADO — **Andrade**, Rua do Alecrim, 25 (telefone 323446
CONDE BARÃO — **Marcos do Nascimento**, Calçada Marquês de Abrantes, 36-A te 664238
ENTRECAMPOS — **Nova Iorque**, Av Estados Unidos da América, 40-B (te 760658)
ESTEFÂNEA — **Fonseca**, Largo de D Estefânea 4 (te 54808 ✲ **Romana Baptista**, Rua Passos Manuel, 6-0 (tel 50593)
GRAÇA —**Almeida Dias**, Largo da Graça, 38-A (te 862909) ✲ **Higiénica**, Rua Heliodoro Salgado, 20-A (tel 84436)
ESTRADA DA DAMAIA — **Progresso**, Estrada A-da-Maia 64-C (telefone 702226)
ESTRELA — **Linalde**, R Ferreira Borges 30 (telefone 660955)
GRILO — **Madre de Deus** Rua da Margem, 5-B (te 382470)
JUNQUEIRA — **Botânica**, Rua do Junqueira 38 (tel 638132)
LAPA — **Alb.** Rua de Santana, '56 (tel 663562) ✲ **Moderna**, R Garcia da Orta 24 (te 683
LUMIAR — **Pitalcia**, R do Lumiar, 22 (telefone 790332 ✲ **Douro**, Avenida das Linhas de Torres, 93-A (tel 79' 3')
Madre de Deus, Rua da Margem, 5-B (tel 382470)
OLIVAIS — **Simão**, Rua Cidade de Cabinda 6-A (junto á piscina (telefone 3 058)
PEDROUÇOS — **Higilux**, Rua de Pedrouços, 52 (telefone 610280.
PENHA DE FRANÇA — **Higiénica**, Rua Heliodoro Salgado 20-C (t 84436) ✲ **Zema**, R General Justiniano Padrel, 2 (á Calçada dos Barbadinhos telefone 832580)
SANTA MARTA — **Morais Sarmento**, Rua de Santa Marta, 5 (ao Tivoli (te 46490)
PICHELEIRA — **Marluz** — Calçada da Picheleira, 40 B (t 720703-728395)
S SEBASTIÃO DA PEDREIRA — **Oliveira Viegas** Rua do Viriato, 29-A (tel 48966-553601)
SETE RIOS — **Canto**, Estrada dos Laranjeiras, 202-B (tel 780841)
SOCORRO — **Ferrão**, R da Mouraria, 12 (telefone 860464)

● Linha de Cascais

ALGÉS — **Almeida Nita** — Cons G Guerra, 64 (Tel 212070)
CAXIAS — **Nova** — R. Bernardim Ribeiro, 1-A — (tel 242839)
PAÇO DE ARCOS — **Trindade Brás** — R Costa Pinto, 86 (Te 2432024)
OEIRAS — **Godinho**, Rua Candido dos Reis 98 (Tel 2430090)
PAREDE — **Aizir**, Bairro das Caixas de Previdência, Bloco A (tel 2472948).
ESTORIL — **Marques dos Santos** — R Ferreira, 1-A, '5 (Tel 260'6)
CASCAIS — **Marginal** — Av Marginal (Te 2800781 ✲ **A Costa** — R Freitas Reis 24-C (Tel 2802 41
S. PEDRO DO ESTORIL — **S. Pedro** (tel 263052).

● Linha de Sintra

AMADORA — **Dias** — Av Marquês de Pombal, Lote 9 (Tel 934589') ✲ **Campos** — R Elias Garcia, 85 (Tel 930072) ✲ **Clabel** — R António Sardinha, 23-D (Tel 938551).
DAMAIA — **Confiança** —Est Militar Lote D (Tel. 9710231)
QUELUZ — **Gil** — Av Miguel Bombarda, 28 (Telefone [illegible]) ✲ **Simões Lopes** — Av Elias Garcia, 5 (Te 950123)
CACÉM — **Garcia** — Av. dos Missionários, 2 (Telef 2942'81)
MEM MARTINS — **Quintela** — Est Mem Martins, 285 (Te 29'00'2)
S. PEDRO DE SINTRA — **Valentim** (Tel 980456)
SINTRA — **Misericórdia** — L Dr Gregório de Almeida, 2 (tel 980391)
COLARES — **Colares** — Adreia (Te 299088)

● Outra banda

ALCOCHETE — **Gameiro** — L António dos Santos Jorge, 5 (Tel 234'00)
ALHOS VEDROS — **Portugal** — Av da Bela Rosa, 8 (Tel 224250)
ALMADA — **Nuno Álvares** — Av D Nuno Álvares Pereira, 39 (Telef 270504)
BAIXA DA BANHEIRA— **Nova Fátima** — Estrada Nacional, 221-B (telefone 224'4')
BARREIRO — **Soares** — Av da Republica, 1 (Tel. 2278035).
COVA DA PIEDADE — **Atlântico** — Quinta do Pombal (Tel 274365)
MOITA — **União Moitense** — Av Dr Teófilo Braga (tel. 239025).
MONTIJO — **Montepio** —Av Almirante Reis, 93 (Tel 230095)
SESIMBRA — **Lopes** — R Candido dos Reis, 67 (tel. 229028)
SETÚBAL — **Lisboa** — R Dr Paulo Borba (Telefone 22248) ✲ **Saúde** — Av Portela (Tel 22709)
SEIXAL — **Godinho** — L da Igreja, 51 (Telefone 2218580)

● PORTO

Antero de Quental, Rua Antero de Quental, 520 (te 45048 ✲ **Azevedo**, Rua do Metro, 513 (telefone 52344 ✲ **Constituição** Rua da Constituição, 93 (Telefone 4908 3) ✲ **Correio de Araujo**, Rua de Santa Catarina 259 (Tel 256-11 ✲ **Cruz**, Rua Costa Cabral 1082 (Tel 4004) ✲ **Guarani** Rua Pedro Hispano 367 (Tel 62250) ✲ **Heliotano**, Rua Alexandre Herculano, 384 (Telefone 27943 ✲ **Liga Ass. Soc. Mútuos**, Rua do Bonfim 286 (Tel 2171) ✲ **Magalhães**, Rua de Sarmento 566 (Tel 6356) ✲ **Nova do Monsanto**, Rua do Monsanto, 48 (Telefone 490889 ✲ **Ribeiro Junior, Sucr.**, Rua da Firmeza, 99-A (Tel 23849) ✲ **Sampaio** Rua de Cedofeita 63c (Tel 21782) ✲ **Sanil**, Rua do Paraíso, 214 (Tel 23935 ✲ **Vitália**, P da Liberdade, 34-37 (Tel 24 33 ✲ **Gondarém**, Rua de Gondarém, 360 (Foz)

● COIMBRA

Cruz Vieges — Rua do Brasil (tel 22961) ✲ **Penete** — Rua Ferreira Borges (tel 22603) ✲ **Rainha Santa** — Rua da Figueira da Foz (tel. 24737).

Diário de Lisboa
Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho, 185-1.º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos.
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA. Telex 1363
Lisboa — Portugal

Seguiu para a América o pai do piloto português que desapareceu num voo

Partiu, ontem, para Melburne (Florida), o pai do aluno de pilotagem Jorge Roque de Pinho, de 28 anos, que desapareceu no avião monomotor que se despenhou no oceano ao sul da cidade de Melburne, quando tomava lições de pilotagem com o instrutor norte-americano Art Bishop, de 51 anos.

Segundo telegrama da A. N. I., do dia 16, o avião «AT-6» mergulhou no oceano cerca de 16 quilómetros ao sul da costa, mas até á data não foram encontrados os destroços e é desconhecida a causa do desastre.

Jorge Roque Pinho é natural de Lisboa, onde nasceu a 7 de Setembro de 1942, e residente na Av.ª Pedro Alvares Cabral, 28, 5.º-Dt.º Filho do sr. Jorge de Andrade Roque de Pinho e da sr.ª D. Maria Teresa Raposo de Sousa d'Alte Espargosa Roque de Pinho e irmão do sr. José Luís Raposo Roque de Pinho. O sr. Jorge Roque de Pinho foi aluno do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, não tendo, porém concluído o curso. Esteve em missão de soberania na Guiné, de 1964 a 1966. Desempenhou as funções de secretário do ministro da Saude e Assistência, dr. Lopo Cancela de Abreu, de 1968 a 1970.

Desde Outubro passado que Jorge Roque de Pinho se encontrava nos Estados Unidos a especializar-se na escola Flight Safety Inc., em Nero-Beach na Florida, para ingressar profissionalmente na aviação portuguesa.

o tempo

INFORMAÇAO DO SERVIÇO METEOROLOGICO

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE—Em Portugal continental, o céu esteve em geral muito nublado e o vento era fraco soíam aguaceiros em alguns locais

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Coimbra, 4°; Faro 2°; Funchal, 5°; Lisboa, 3°; Portalegre, 1°; Porto 2°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL AS 9 HORAS DE HOJE — Na atmosfera, 4° na água do mar 3°4

PREVISAO GERAL ATE AS 24 HORAS DE AMANHA

Períodos de céu muito nublado; vento fraco ou moderado do quadrante Norte; aguaceiros; possibilidade de trovoadas dispersas.

Amanhã
Nascer ás 7 e 13
Ocaso ás 20 e 6

Dia 10 Dia 18 Dia 25 Dia 2

MARÉS:

PREIA-MAR: **Hoje** — 2 e 33 (3,7 m) **Dia 8** — 3 e 07 33 (3,7 m); 4 e 57 (3,6). **Dia 8** — 3 e 07 (3,8 m); 15 e 30 (3,7 m) **Dia 9** — 3 e 4[illegible] (3,8 m); 15 e 59 (3,8 m)

BAIXA-MAR: **Hoje** — 8 e [illegible]3 (1,3 m), 20 e 20 (1,4 m). **Dia 8** — 8 e 34 (1,2 m); 20 e 44 (1,2 m) **Dia 9** — 9 (1,1 m) [illegible] e 3[illegible] m)

LINHA DE CASCAIS

Muito embora o dia de amanhã Sexta-Feira Santa, não seja feriado oficial a Sociedade Estoril fará cumprir, na Linha de Cascais, o horário dos domingos e feriados.

O MUNICÍPIO DECIDIU REVER A SUA POLÍTICA TEATRAL

Novidade na nova época da Companhia de Teatro Popular dirigida por Augusto de Figueiredo: as peças estarão em cena apenas enquanto houver frequência que o justifique, saindo da Estufa Fria quando o público rarear.

Para abertura da temporada foi escolhido um original de Joaquim Paço d'Arcos, «O cumplice».

Outra novidade desta temporada (cujo início será a 15 de Abril) diz respeito aos bilhetes, que deixam de ser gratuitos para passar a custar de 10$00 a 20$00. O Município de Lisboa, promotor destes espectáculos, é de opinião que *«o período experimental e de divulgação já foi preenchido*

«A prática de um preço para os bilhetes tem ainda o objectivo de evitar que sejam levantados, como acontecia, por quem acaba por não utilizá-los.»

DOMINGO DE PÁSCOA ÀS 16 HORAS
CAMPO PEQUENO
M/6 anos **INAUGURAÇÃO DA TEMPORADA**

DESCARRILOU UM VAGÃO NO TÚNEL DE S. BENTO

• Atrasos nas ligações com o Minho

PORTO, 8 — Esta manhã, pouco antes das 11 horas, descarrilou, ainda dentro do túnel de São Bento, quando andava em manobras, um vagão, o que prejudicou durante algum tempo todo o tráfego daquela e para aquela estação.

O vagão descarrilou na intercepção de duas vias, e daí as maiores dificuldades criadas. Entretanto, ás 11 horas, devia sair dali para Braga um comboio de passageiros, e assim, a C. P. fez seguir todos eles em autocarros para a estação de Campanhã, ao mesmo tempo que da estação mandava seguir para Braga o comboio chegado antes daquela cidade, com destino a Porto-São Bento.

Os trabalhos de desimpedimento das vias começaram imediatamente por brigadas próprias.

Restaurante
LISBOA À NOITE
Encerra amanhã, dada a solenidade do dia
Excepcionalmente, dia 11, por ser Domingo de Páscoa, abrirá ao público.
RUA DAS GÁVEAS, 69 — TELEFONE 368557

PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA
apresenta em
livros de bolso
as obras-primas da literatura nacional e universal em TEXTOS INTEGRAIS

15$
Sempre às terças-feiras de 15 em 15 dias
Tem tempo para ler cada volume
Com o primeiro volume oferecemos-lhe uma sobrecapa com a gravação do monograma da colecção

livros de bolso europa america

a venda
esteiros
de SOEIRO PEREIRA GOMES
o músico cego
de VLADIMIRO KOROLENKO

SAIU HOJE

motor

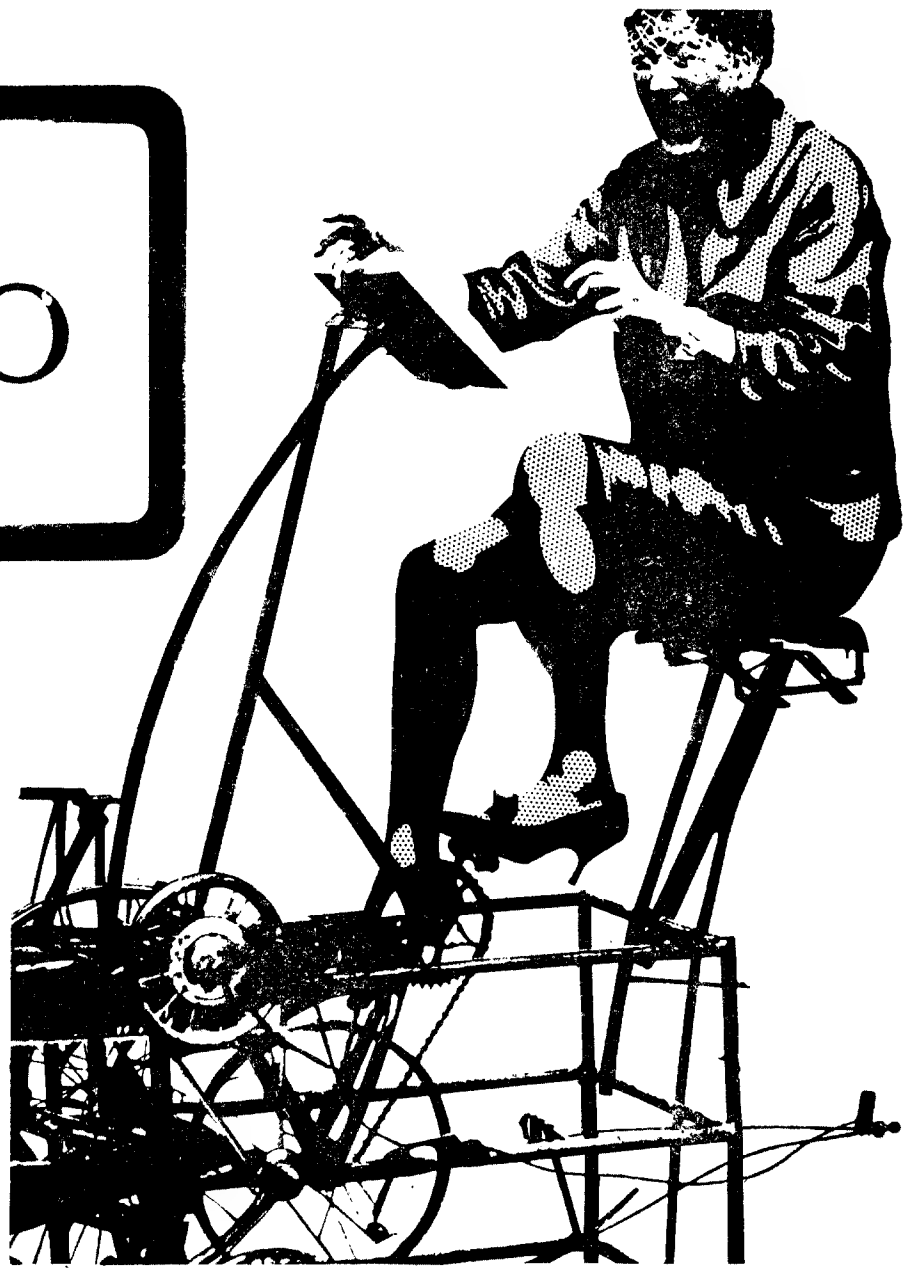
NESTA EDIÇÃO:

- TOYOTA 1200 COROLLA — ENSAIO (PHILIPPE TOUSSAINT)
- RALLYE ÁS ANTAS (AUGUSTO VILELA)
- RALLYE NOCTURNO DO SPORTING (MARIA DO CÉU)
- O MOTOR V12 DE SÉRIE (BANDEIRA DE LIMA)
- OS 1000 KM DE BRANDS HATCH
- KARTING (HERLANDER GARCIA)
- PORTUGUESES EM JARAMA
- FÓRMULA DOIS — CÉVERT NO PODIUM
- MOTONAUTICA
- NOTICIARIO E AS HABITUAIS SECÇÕES

24 PÁGINAS PREÇO 2$50

SUPLEMENTO LITERÁRIO

657 ■ 8 DE ABRIL ■ 1971



A PESQUISA DO RIGOR NA POESIA MODERNA/I

Por E. M. de Melo e Castro

A IDEIA DE RIGOR é, em si própria, uma ideia fascinante. Esse fascínio parece ser, actualmente um denominador comum da actividade do homem em diversos sectores. Diremos que já, por exemplo, Álvaro de Campos sentia esse mesmo fascínio pela ideia do rigor quando dizia «o binómio de Newton é tão belo como a Venus de Milo».

Assim o rigor está ligado a ideias de quantificação, medida e cálculo, que terão em si próprias um valor estético. O Pitagorismo está pois latente na própria noção de rigor não só quanto á natureza quantificável (numérica) de todas as coisas do Universo (ciência) mas também quanto á estrutura dos objectos de comunicação produzidas pelo homem (arte) e tende a estender-se até aos fenómenos da natureza psicológica e emotiva na vida de relação do homem.

Numa perspectiva pragmática o rigor é necessário principalmente quando pretendemos alcançar algo mais com a nossa acção do que uma mera agitação superficial fracamente eficaz. Logo que desejarmos uma mais completa perspectiva ou um salto mais arriscado é o rigor da acção e do seu

Adolfo Casais Monteiro: um rigor pròpriamente poético

planeamento que se nos impõe como indispensável para, por um lado, podermos coordenar e compreender o material informativo de que dispomos, e por outro, imaginar, planear e executar a acção. Mas o fascínio que a ideia de rigor exerce sobre determinados espíritos é também, certamente, limitativo, principalmente, se ela tentar reduzir a ideação da acção a uma unívoca formalização de meios.

Assim esta ideia elementar de rigor parece-me realmente perigosa em relação a actividade poética, se ela se tornar em particularismo ou em especialização, demasiada em relação ao que se pretende criar. A POESIA. É por isso que, para a actividade poética o rigor é mais uma pesquisa do que uma descoberta, é mais um limite para que se tende do que um fim que se atinge, é mais um processo em aberto do que uma categoria lógica, moral ou simplesmente pragmática. É uma tendência, um devir, que certamente terá as suas razões na própria orgânica do poema e no próprio objecto da poesia. Isto é, se o rigor não estiver realmente integrado dentro da tecitura e dentro da necessidade interior e estrutural do poema, esse rigor passa a ser apenas um academismo.

O rigor na criação poética tem portanto características de assíntota e o limite para o qual tende, sem nunca o atingir, ou é um parâmetro estrutural do poema ou não tem razão de ser.

Se procurarmos na Poesia manifestações desta pesquisa do rigor logo deparamos com um primeiro facto: na Poesia o rigor aparece ligado a uma noção de economia do vocábulo no texto, e de tensão textual em relação á sua capacidade semântica. Isto será melhor sentido e entendido se começarmos por considerar os HAIKU japoneses.

Recentemente fez-se uma edição portuguesa de alguns HAIKU, cujas traduções me parecem muito felizes (Paulo de Morais). Trata-se de fórmulas extremamente condensadas, capazes de despertar imagens visuais ou conceptivas imediatas, apenas em 17 sílabas, com uma organização tradicional 5/7/5.

HAIKU

já! já! já!
num repente as aves
das águas se levantam

(Izen)

■

ao luar
a dança da raposa
entre os narcisos

(Buson)

Esta nitidez da imagem visual é, de facto, um caminho certo para a consideração daquilo a que se poderá chamar um rigor próprimente poético, diferente do rigor pragmático primeiramente referido, e já em si diferente do rigor matemático de que se falará adiante. Portanto trata-se de uma sobrecarga semântica obtida através de uma contenção ou de uma grande economia morfológica das palavras. Evidentemente que nós poderemos dar exemplos mais recentes, mesmo dentro da poesia portuguesa. Certas quadras populares, nas 28 sílabas da redondilha menor, são até flagrantes exemplos de formulação conceitual sintética. Mas julgo necessário citar um poema de Adolfo Casais Monteiro, que me parece muito importante sob este ponto de vista. Trata-se de um poema publicado

Cont. na pág. 6

APOLOGIA DO ARTISTA

Por Nikias Skapinakis

UMA DAS QUESTÕES habitualmente levantadas em relação à sobrevivência do artista tradicional (Picasso ou Vieira da Silva pertencem a esse tipo, em última análise, individualista) consiste em pôr-lhe em causa o sentido ou, por outras palavras, duvidar que o pintor ou o escultor que se afirmam isoladamente tenham nas sociedades modernas outra justificação que se não reduza a uma especulação financeira, absurda e convencional, sobre as suas obras.

É um facto que, contemporâneamente, vimos surgir um novo tipo de artista e novas técnicas de criação adequadas a uma função marcadamente interveniente. Com a Arte Industrial (1) a Arte Cinética (2), os recursos da Cibernética (3), a «Minimal Art», surgiram expressões artísticas capazes de integração ou utilização colectivas e resultantes de complexa coordenação; e assistimos a espectáculos pelos quais são responsáveis não o artista que assina a sua obra mas equipas ou grupos de trabalho criador (4).

Todavia, não deduzirei dessa nova situação a inoperância social, a ineficácia do artista tradicional: pelo contrário julgo que a sua intervenção no nosso tempo é mais importante e mais necessária do que em qualquer outra ocasião.

Não julgo sequer que a sua validade dependa necessàriamente de uma relação harmoniosa e ocasional com o grupo empenhado numa tarefa ou espectáculo artísticos, por exemplo, á escala urbana, nem da possibilidade de uma vasta reprodução de obras ou cartões originais. Tudo isso pode verificar-se ultimamente mas creio que a importância ou justificação do artista tradicional é outra; decerto, o seu reconhecimento nas sociedades modernas não é incondicional nem se passa sem atritos; e, sobretudo, ele não pode manter-se actuante desde que a sua obra permaneça indiferente ás conquistas do presente onde quer que se verifiquem ou ao apelo do futuro onde quer que se manifeste. Num mundo que se tornou apertado os «naifs» deixaram, talvez, de ser possíveis e toda a arte socialmente circunscrita tende a tornar-se académica.

Em relação poré à situação de isolamento que pôde verificar-se no século passado, e se prolongou no nosso próprio tempo, o pintor ou o escultor tradicionais dispõem, em geral, nas cidades modernas, de um lugar activo assegurado através de uma rede divulgadora que conta com a acção de museus, galerias, crítica e literatura especializadas, etc., toda uma organização, em suma, capaz de abranger e de formar um número jamais igualado de espectadores interessados. Um simples quadro, uma escultura, ou um objecto, produtos de um trabalho de certo modo isolado e individual, são susceptíveis de ser vistos por muitos milhares de pessoas — o que constitui um fenómeno puramente actual de participação, de ascenção á cultura ou de alargamento dos círculos restritos de amadores dos salões oitocentistas.

Correlativamente, toda a actividade artística individual tornou-se não só objecto de prazer, como tal procurado, mas, com frequência significativa, em mercadoria mais ou menos integrada nos circuitos de consumo, mais ou menos sujeita ás leis habituais de oferta e de procura e, nos casos mais extremos, revestindo-se até do atributo de vantajoso investimento.

A posição do artista tradicional na medida em que o profissionalismo o integra socialmente não pode ser, contudo, a de evitar, receosa ou ingénuamente, o consumo dos seus produtos artísticos (analogamente, os grupos criadores não podem evitar dirigir-se a

Cont. na pág. 3

Poesia & Não

PEDRO TAMEN
«DANIEL NA COVA DOS LEÕES»
COL. CÍRCULO DE POESIA
MORAES EDITORES
LISBOA, 1970

UMA LEITURA menos cuidada da poesia de Pedro Tamen (não só portanto deste seu último livro mas de todos os anteriores) terá decerto o risco de nos pôr

em evidência como que uma fácil elaboração estilística. Resultará esta primeira impressão do constante recurso á rima cruzada e consoante, da excessiva adjectivação, de uma certa restrição ou contenção metafórica, da coexistência ou súbita variação de zonas semânticas distintas, talvez até do carácter aparentemente discursivo que esta poesia às vezes não deixa de patentear.
Vejamos exemplos:

Tenso perfume
imenso lume.
Agonia gorada,
estrada
erma
de uma só berma.
Frio líquido alheio,
próximo e distante,
oculto e exposto, cheio
de um centro inexistente
[mas constante,
búzio onde tu cabes
e agudamente sabes.

ou,

... ...
— Ou será só não mais
[do que um motivo
para andar mais depressa
[pelo meio
de estar presente e morto,
[ausente e vivo,

e vir, depois de esperas
[e paleio,
beber água deveras nesse
[esquivo,
porém terno e tremente,
[agudo seio?

Por estes dois exemplos será fácil verificar a excessiva mas intencional e autónoma utilização do adjectivo (sobretudo nos versos finais de cada um dos tercetos do segundo exemplo), a coexistência de zonas temáticas distintas que aqui quase sempre se manifestam através da antítese *(presente e morto, ausente e vivo; próximo e distante; oculto e exposto)*, a variação ou súbita derivação dessas mesmas zonas *(Tenso perfume / imenso lume./ / Agonia gorada, / estrada)*, uma certa escassez metafórica, o recurso á rima regular, cruzada e consoante, claramente verificável, por exemplo, no segundo poema acima transcrito.

Todas estas características que, como dissemos, a uma leitura menos cuidada poderão apresentar-se como sinais de facilidade resultam, pelo contrário, de um profundo e atento manejo da escrita, de um trabalho de elaboração estilística visando como que a destruição da coerência lógica do discurso tradicional. Neste sentido, a poesia de Pedro Tamen aproxima-se da de um outro poeta da sua geração (Ruy Belo) onde a subversão dos esquemas discursivos utilizados pelos poetas da década 40 é igualmente levada a efeito através da justaposição de zonas semânticas bem diferenciadas — como aliás

Pedro Tamen

Gastão Cruz o mostrou com bastante clareza num texto sobre *Homem de Palavra (s)* [1].

O texto assim produzido (pleno de silêncios, de ausências, de uma indefinível penumbra) revela-se-nos construído não sobre um *sentido único* que interiormente o atravessasse e ele procurasse a todo o custo dar voz e manifestar, mas sobre um *conflito de sentidos*, um permanente confronto entre as várias zonas de exposição em que se fundamenta e organiza. É esse conflito que a leitura tende a fazer falar, que ela insistentemente questiona perseguindo como que uma sua questão fundamental: como [illegible] que é feito o livro; de que modos e através de formas se organizam nele os elementos que tornaram possível a transmissão daquilo que ele na verdade nos transmite. O que a leitura questiona, portanto, é o trabalho de elaboração de dizer, o processo mediformador de uma matéria (a língua, *o material da produção*) num objecto acabado (a obra, o *produto trabalhado*). É este trabalho transformador *(o modo de produção)* que permanece oculto sob a face opaca e indiferente da mercadoria, do objecto de troca *(de sentidos)* em que o livro nos aparece. Mas é ele sem dúvida que lhe concede o seu *valor*.

Trata-se pois de pôr em evidência, como o disse Barthes [2], o processo propriamente humano, segundo o qual os homens dão sentido às coisas.

Regressemos agora à poesia de Pedro Tamen para verificarmos com a organização do discurso se fundamenta precisamente nesse conflito entre núcleos temáticos aparentemente distintos, confrontando-se através do silêncio, das elisões que entre eles se estabelecem.

... ...

Um túmulo concreto
que se passou de nós,
um salvador secreto,
mudo, mas todo voz

a inocente espia
nos muros convocados
donde sofrida via
que estávamos deitados.

Tu, isto é, o lenço,
quente, isto é, a lava,
E o ar que porque tenso
de nós compartilhava.

poema que, aliás, deste modo se inicia:

Eu, isto é, o braço,
a noite, isto é a, casa
... ...

Dentro de uma estrutura de algum modo regular (falámos já da regularidade da rima, por exemplo), o texto contém em si mesmo a reflexão sobre o seu modo de elaborar-se, pretende mesmo mostrar-nos, com alguma clareza, que se trata de um objecto construído, trabalhado, não nos escondendo, portanto, o artifício ou a ilusão de que é *feito*. Mas talvez que o poema seguinte, de um modo mais evidente, nos mostre em definitivo as súbitas variações temáticas que, tão ao *geito* surrealista, coexistem na textura do poema que nelas fundamenta toda a sua interna organização:

Que morte amar-te
que morte e espaço
anéis súbitos de fogo
anéis de fogo — *cavames*
não de mel — *de abelhas*
de abelos — *à floresta*
à do vasto verde
como as mãos de entrar
como as mãos de amar
onde a sombra cresce
da qual as crianças
me dizem que fico

Mas não é apenas nestes aspectos que estes textos manifestam a *lição* surrealista. Também numa certa violência verbal, numa ironia corruptora, numa desenvoltura que parecendo próxima da facilidade é, no entanto, resultado de uma cuidade elaboração, numa evidente atitude crítica, tal como nos poderá ser legível, por exemplo, neste poema:

Vá, gambuzino,
deixe lá de coçar-se,
basta de contentar-se,
seu libertino.
gambuzino crelino.

Coma tudo,
que o que não mata en-
[gorda,
faça de conta que é açorda,
[illegible]cho peludo,
[illegible]o de entrudo.

Qual por favor
A sua obrigação é não
[deixar nada
na alternativa de um ano
[de chapéu
Seja como for,
fedor, estupor.

Vá, insecto,
coma a sopa amarela.
Não entorne a gamela.
Lamba o dejecto,
insecto abjecto.

Fechado o livro sobre estes breves apontamentos de uma primeira leitura, ele se encerra sobre a sua própria incompletude. Que a crítica não procure nunca preencher ou transformar essa ausência ou esse silêncio que é condição essencial de todo o texto. Que ela procure apenas encará-lo nessa sua face incompleta e fundamentar aí os pressupostos da sua leitura. Apesar de inacabada, apesar de susceptível de múltiplas leituras, a 'obra' não está *aberta* na expectativa de que a análise crítica venha preencher esse seu silêncio. Isso seria fundamentarmo-nos numa ideologia da *profundidade* que, como diz Pierre Macherey, nos levaria a dizer do texto o que, na realidade, ele não consente que se diga.

Mas porque hoje se discute com algum alvoroço a velha problemática da *obra aberta*, aqui deixamos transcrito este elucidativo trecho do livro de Macherey: «Não devemos, sob pretexto de identificar na obra o seu inacabamento teórico, cair numa ideologia de 'obra aberta': a obra, constituído ela própria, pelo artifício da sua interna organização, o princípio da sua variação indefinida. Não teria neste caso

Cont. na pág. 7

Um dos mais notáveis livros de poesia publicados em 1970:

A CANÇÃO QUE O VENTO ME TROUXE

por NOEL DE ARRIAGA

...«Bem, falarmos do livro que, por certo merece o calor, a cordealidade, o entusiasmo que dispensamos às obras de alto nível. Um belo e moderno volume apresentado ao público brasileiro, uma voz dessa poesia que tanto amamos através dos maiores poetas portugueses»...

Edmundo Lys
«O Jornal» — Rio de Janeiro

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO CARREGADORES AÇOREANOS

N/M «SEAHAWK»

Sai de Lisboa no dia 15 de Abril

para

N. YORK
BOSTON (Se convier)
FILADÉLFIA
BALTIMORE
NORFOLK (Se convier)

Aceitam-se cargas.
Contacte com os nossos serviços na
Avenida D. Carlos I, 42-4.º
Tel 690151 — LISBOA-2

O DEAMBULADOR

Por Alexandre O'Neill

QUE SIM, QUE AS JANELAS PARECIAM OLHOS DE CEGO. QUE NÃO, QUE LEMBRAVAM PULMÕES. DAÍ AO FOLHETIM FALTAVA DE OLHOS NOUTROS EN- «TIVE UMA PRIMA QUE...». MAS O POETA DEAMBULADOR JÁ ESTAVA DE OLHOS NOUTROS ENQUADRAMENTOS. PENSOU: «QUE GENTINHA!». E, TOMADAS AS DISTÂNCIAS, PREPAROU O SEU PRÓXIMO CLIC, MUITO CONSCIENTE DA VOLUNTÁRIA BANALIDADE DAS SUAS TOMADAS DE VISTAS...

Poesia & Não

PEDRO TAMEN
«DANIEL NA COVA DOS LEÕES»
COL. CIRCULO DE POESIA
MORAES EDITORES
LISBOA, 1970

UMA LEITURA menos cuidada da poesia de Pedro Tamen (não só portanto deste seu último livro mas de todos os anteriores) terá decerto o risco de nos pôr

em evidência como que uma fácil elaboração estilística. Resultará esta primeira impressão do constante recurso á rima cruzada e consoante, da excessiva adjectivação, de uma certa restrição ou contenção metafórica, da coexistência ou súbita variação de zonas semânticas distintas, talvez até do carácter aparentemente discursivo que esta poesia às vezes não deixa de patentear.
Vejamos exemplos:

Tenso perfume
imenso lume.
Agonia gorada,
estrada
erma
de uma só berma.
Frio líquido alheio,
próximo e distante.
oculto e exposto, cheio
de um centro inexistente
[mas constante,
búzio onde tu cabes
e agudamente sabes.

ou,

... ...
— Ou será só não mais
[do que um motivo
para andar mais depressa
[pelo meio
de estar presente e morto,
[ausente e vivo,

e ser, depois de espesso
[o palco,
beber água doceras nesse
[esquico,
parem terno e tremente,
[agudo seio?

Por estes dois exemplos será fácil verificar a excessiva mas intencional e autónoma utilização do adjectivo (sobretudo nos versos finais de cada um dos tercetos do segundo exemplo), a coexistência de zonas temáticas distintas que aqui quase sempre se manifestam através da antítese (*presente e morto, ausente e vivo; próximo e distante; oculto e exposto*), a variação ou súbita derivação dessas mesmas zonas (*Tenso perfume / imenso lume. / Agonia gorada, / estrada*), uma certa escassez metafórica, o recurso á rima regular, cruzada e consoante, claramente verificável, por exemplo, no segundo poema acima transcrito.

Todas estas características que, como dissemos, a uma leitura menos cuidada poderão apresentar-se como sinais de facilidade resultam, pelo contrário, de um profundo e atento manejo da escrita, de um trabalho de elaboração estilística visando como que a destruição da coerência lógica do discurso tradicional. Neste sentido, a poesia de Pedro Tamen aproxima-se da de um outro poeta da sua geração (Ruy Belo) onde a subversão dos esquemas discursivos utilizados pelos poetas da década 40 é igualmente levada a efeito através da justaposição de zonas semânticas bem diferenciadas — como aliás

Pedro Tamen

Gastão Cruz o mostrou com bastante clareza num texto sobre *Homem de Palavra (s)* (1).

O texto assim produzido (pleno de silêncios, de ausências, de uma indefinível penumbra) revela-se-nos construído não sobre um *sentido único* que interiormente o atravessasse e ele procurasse a todo o custo dar voz e manifestar, mas sobre um *conflito de sentidos*, um permanente confronto entre as várias zonas de exposição em que se fundamenta e organiza. É esse conflito que a leitura tende a fazer falar, que ela insistentemente questiona perseguindo como que uma sua questão fundamental: como e de que é feito o livro; de que modo e porque formas se organizam nele os elementos que tornaram possível a transmissão daquilo que ele na verdade nos transmite. O que a leitura questiona, portanto, é o trabalho de elaboração da escrita, o processo transformador de uma matéria (a língua, *o material da produção*) num objecto acabado (a obra, o *produto trabalhado*). É este trabalho transformador (*o modo de produção*) que permanece oculto sob a face opaca e indiferente da mercadoria, do objecto de troca (*de sentidos*) em que o livro nos aparece. Mas é ele sem dúvida que lhe concede o seu *valor*.

Trata-se pois de pôr em evidência, como o disse Barthes (2), o processo propriamente humano, segundo o qual os homens dão sentido às coisas.

Regressemos agora à poesia de Pedro Tamen para verificarmos como a organização do discurso se fundamenta precisamente nesse conflito entre núcleos temáticos aparentemente distintos, confrontando-se através do silêncio, das elisões que entre eles se estabelecem.

... ...
Um túmulo concreto
que se passou de nós,
um salvador secreto,
mudo, mas todo voz,

a inocente espia
nos muros convocado
donde saída via
que estávamos detido.

Tu, isto é, o lenço,
quente, isto é, a lava,
E o ar que porque tenso
de nós compartilhava.

poema que, aliás, deste modo se inicia:

Eu, isto é, o braço,
a noite, isto é a, casa
... ...

Dentro de uma estrutura de algum modo regular (falámos já da regularidade da rima, por exemplo), o texto contém em si mesmo a reflexão sobre o seu modo de elaborar-se, pretende mesmo mostrar-nos, com alguma clareza, que se trata de um objecto construído, trabalhado, não nos escondendo, por tanto, o artifício ou a ilusão de que é *feito*. Mas talvez que o poema seguinte, de um modo mais evidente, nos mostre em definitivo as súbitas variações temáticas que, tão ao *gosto* surrealista, coexistem na textura de poema que nelas fundamenta toda a sua intenção organizativa:

Que sorte avoar
que sorte o espaço
aves subtis de fogo
antes de fogo estrumes
não de mel de abelhas
de abelhas à floresta
à do vasto verde
como as mãos de criar
como as mãos de amar
onde a sombra cresce
da qual as crianças
me disseram que fico

Mas não é apenas destes aspectos que estes textos manifestam a *lição* surrealista. Também numa certa violência verbal, numa ironia corruptora, numa desenvoltura que parecendo próxima da facilidade é, no entanto, resultado de uma cuidada elaboração, numa evidente atitude crítica, tal como nos poderá ser legível, por exemplo, neste poema:

Vá, gambuzino,
deixe lá de roçar-se,
basta de contentar-se,
seu libertino,
gambuzino cretino.

Coma tudo,
que o que não mata engorda,
faça de conta que é açorda,
bicho peludo,
cabeçudo de entrudo.

Qual por favor!
A sua obrigação é não
[deixar nada
na alternativa de um ano
[de chapada.

Seja como for,
fedor, estupor.

Vá, inseeto,
coma a sopa amarela.
Não estorve a gamela.
Lambe o dejecto,
rasteiro objecto.

Fechado o livro sobre estes breves apontamentos de uma primeira leitura, ele se encerra sobre a sua própria incompletude. Que a crítica não procure nunca preencher ou transformar essa ausência ou esse silêncio que é condição essencial de todo o texto. Que ela procure apenas encará-lo nessa sua face incompleta e fundamentar aí os pressupostos da sua leitura. Apesar de inacabada, apesar de susceptível de múltiplas leituras, a 'obra' não está aberta na expectativa de que a análise crítica venha preencher esse seu silêncio. Isso seria fundamentarmo-nos numa ideologia da *profundidade* que, como diz Pierre Macherey, nos levaria a dizer do texto o que, na realidade, ele não consente que se diga.

Mas porque hoje se discute com algum alvoroço a velha problemática da *obra aberta*, não deixamos transcrito este elucidativo trecho do livro de Macherey: «Não devemos, sob pretexto de identificar na obra o seu inacabamento teórico, cair numa ideologia de 'obra aberta': a obra, constituída ela própria, pelo artifício da sua interna organização, o princípio da sua variação indefinida. Não teria nesse caso

Cont. na pág. 7

Um dos mais notáveis livros de poesia publicados em 1970:

A CANÇÃO QUE O VENTO ME TROUXE

por NOEL DE ARRIAGA

...«Bem, falarmos do livro que, por certo merece o calor, a cordealidade, o entusiasmo que dispensamos às obras de alto nível. Um belo e moderno volume apresentado ao público brasileiro, uma voz dessa poesia que tanto amamos através dos maiores poetas portugueses»...

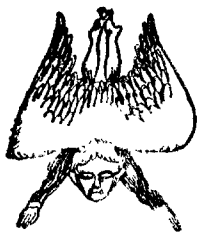
Edmundo Lys
«O Jornal» — Rio de Janeiro

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO
CARREGADORES AÇOREANOS

N/M «SEAHAWK»

Sai de Lisboa no dia 15 de Abril
para
N. YORK
BOSTON (Se convier)
FILADÉLFIA
BALTIMORE
NORFOLK (Se convier)

Aceitam-se- cargas.
Contacte com os nossos serviços na
Avenida D. Carlos I, 42-4.º
Tel. 690151 — LISBOA-2



O DEAMBULADOR

Por Alexandre O'Neill

CONSULTORIO MEDICO
RADIOLOGIA

QUE SIM, QUE AS JANELAS PARECIAM OLHOS DE CEGO. QUE NÃO, QUE LEMBRAVAM PULMÕES. DAÍ AO FOLHETIM FALTAVA DE OLHOS NOUTROS EN- «TIVE UMA PRIMA QUE...». MAS O POETA DEAMBULADOR JÁ ESTAVA DE OLHOS NOUTROS ENQUADRAMENTOS. PENSOU: «QUE GENTINHA!». E, TOMADAS AS DISTÂNCIAS, PREPAROU O SEU PRÓXIMO CLIC, MUITO CONSCIENTE DA VOLUNTÁRIA BANALIDADE DAS SUAS TOMADAS DE VISTAS...

Folhetim-artístico de José-Augusto França

INEVITÀVELMENTE, OS QUADROS DA «BRASILEIRA»

...seriam objecto deste folhetim.

Foi noticiado que os compradores dos velhos quadros da Brasileira do Chiado encarregaram a A. I. C. A. portuguesa de indicar os artistas que haviam de realizar os onze novos quadros. A compra dos antigos (ou do pouco que deles restava) foi feita nessas condições de substituição — assim cumpridas com a colaboração da crítica de arte nacional. Mais exactamente, e em representação da secção portuguesa da Association Internationale de Critiques d'Art por uma comissão de quatro críticos eleita numa reunião da secção. Mais exactamente ainda: por Fernando Pernes, Francisco Bronze, Rui Mário Gonçalves e o autor destes folhetins.

Onze quadros a substituir, ou seja onze pintores a escolher, já que em 1970 havia muito mais artistas em exercício que em 1923, quando só sete se podiam encontrar.

Que pintores? Primeiro, que o sejam mais ou menos dentro de técnicas tradicionais, dadas as características do local. Relevos ou matérias perecíveis (como colagens), de difícil limpeza ou conservação, não poderiam ser admitidos — e logo isso levou á eliminação de um certo número de artistas que nessas técnicas se exprimem. É, por exemplo, o caso duma Helena Almeida ou duma Maria Velez ou dum Artur Rosa, que não foram, por tais razões, trazidos á votação dos críticos apontados.

Em segundo lugar, preferiram-se pintores lisboetas que aqui trabalham e não em outro sítio. A Brasileira do Chiado faz parte duma cultura lisboeta e justo parece que para a decorar não venham pintores do Porto. Um vice-versa seria, evidentemente defendido por nós, se tal for ou vier a ser o caso.

Também a oportunidade deste trabalho não seria dada a artistas emigrados, que se foram (e bem fizeram, com certeza, mas isso é outra história...) á procura de outros mercados. Café de Lisboa, para os lisboetas de obra e de fidelidade deve ficar reservado, por razões de métodos e. até, de moralidade. Logo se eliminaram da liça grande número de artistas — todo um valoroso conjunto portuense; e todo o grupo dos que se instalaram mais ou menos em Paris—como o Bertholo, a Lurdes Castro, o Pomar, o Escada, ou o Costa Pinheiro, de Munique, ou o António Sena, de Londres.

A eliminação foi metódica e reduziu o campo operatório no qual os críticos haviam e houveram de mover-se.

Outra redução foi por razões de idade — optando-se pelos jovens com provas já dadas, ao nível da «terceira geração» e já duma «quarta», em dosagem que mais ou menos correspondesse á situação cronológica dos primeiros pintores da «Brasileira», quando o Viana tinha 45 anos e o Bernardo Marques 25. Entre as duas idades foram escolhidos os artistas de agora — sem passar muito acima, nem vir muito abaixo, e apenas procurando um ou dois pontos de ligação, que logo ressaltam.

Com este voluntário e meditado condicionamento, pensaram os críticos em seleccionar 22 nomes, o dobro dos necessários, e em sortear depois as encomendas. Mas não encontraram tantos nomes — e concordaram em 15, depois de demorada análise da situação. Para lá destes 15 as dificuldades de escolha eram muito grandes e quase sempre os nomes sugeridos acabaram por receber quatro ou pelo menos três bolas pretas..

«Brasileira do Chiado»: onze quadros a substituir

Dos 15 que ficaram — 7 tiveram unanimidade; 4 um voto duvidoso; 1 dois votos duvidosos; 2 um voto duvidoso e outro negativo; 1 dois votos duvidosos e um negativo. Não era possível ir mais longe (ou mais abaixo) — e os quatro críticos apontados concordaram, para além de divergências de opinião, em **considerarem os 15 artistas em plano equivalente,** de modo a poder ser sorteada a sua posição. Assim, entre os onze que ficaram definitivamente escolhidos e os quatro que ficaram de fora, estabeleceu-se apenas uma diferenciação de «acaso de rifas». E tendo desistido dois do primeiro grupo, entraram naturalmente os n.os 12 e 13 do segundo núcleo, sem qualquer melindre.

Foram então escolhidos os seguintes artistas: Carlos Calvet, Noronha da Costa e Manuel Baptista (que foram sucessivos prémios «Soquil» em 1968, 69 e 70) E. Nerye A. Palolo, (que no «Soquil» tiveram mensões honrosas) e João Hogan, Joaquim Rodrigo, Paula Rego, Nikias Skapinakis, Sá Nogueira e Fernando Azevedo — nos 11 primeiros lugares da sorte; e mais Menês, João Vieira, Vespeira e A. Charrua, nos lugares 12.º, 13.º, 14.º e 15.º. Tendo desistido a Paula Rego e o Sá Nogueira, a Menês e o J. Vieira tomaram os seus lugares, e depois entrou o Vespeira por desistência posterior da Menês.

...onze quadros novos vai então ter «A Brasileira» e creio terem sido bem escolhidos os seus autores. Além dos que a sorte (Charrua), ou impossibilidades pessoais (Paula Rego, Sá Nogueira e Menês) arredaram — e sem falar dos pintores alheios ou alheados de Lisboa, (que não contaram) — não creio que, nos limites de geração ou gerações e nos limites técnicos que nos impusemos, havia outros pintores que «ficassem melhor» naquele local. Ou «tão bem», sequer, se considerarmos outro qualquer conjunto de onze pintores.

(Quanto a quem os escolheu...)

E assim, á míngua de outro, «A Brasileira do Chiado» continuará a ser o museu de arte moderna de Lisboa. Já o foi nos anos 20, contra o museu oficial; mais uma vez o é, contra o mesmo inexistente museu. Onde, como por acaso, só dois dos quinze pintores seleccionados estão representados

Mas, mais do que museu (e é até discutível que hoje possa haver museus como há dez anos se supunha ..), «A Brasileira», em 1971 como em 1925, faz o ponto do que circunstanciadamente em Lisboa se pinta. O que é historicamente importante.

...E de um certo e escandaloso quadro de entre os onze vos falarei, com divertida mente, em outro folhetim.

Apologia do artista

Cont. da pág. 1

públicos vastos, consumidores em larga escala) mas utilizar esse consumo em vez de condicionamento da motivação criadora, como condição de uma autêntica e total liberdade expressiva susceptível de encontrar projecção em públicos não discriminatórios que começam surgindo um pouco em toda a parte.

Se, pelo contrário, o consumo do objecto artístico acaba por implicar uma cedência perante o gosto discriminador dominante, contrário ou restritivo das necessidades expressivas do artista, o que decerto acontece em muitos casos de academização mental e formal, a explicação reside menos nas pressões desse gosto dominante do que numa relativa secundaridade criadora, posta á prova pelas solicitações decorrentes da aceitação, isto é, do consumo.

A academização ou a corrupção estética e ética atribuíveis ás exigências do consumo não são significativas logo que recordemos que, contemporaneamente, muitos artistas tiveram mão no seu destino, mau grado as dificuldades, tornando-se capazes de impor o seu próprio gosto — o consumo das suas obras limitou-se «a posteriori» a sublinhar esse facto.

Contudo, parecerá contraditório e injustificado que o artista tradicional continue agindo «a latere» do grupo de trabalho criador precisamente num mundo onde vemos despontar uma dinâmica colectiva capaz de assumir uma nova dignidade humana e uma mais justa relação entre os indivíduos.

Em grande parte tal diferenciação, ás vezes conflituosa, resultará do facto de não se exigir desse artista tradicional aquilo que pode fazer não o entendendo como um tipo de homem relativamente determinado e que, através do tempo, parece caracterizar-se pelo que, á falta de melhor terminologia, definirei como aristocratismo individualista. Não atribuo a essa saliente faceta aristocrática em relação á psicologia do grupo um sentido autista mas um sentido revelador (5).

O Mundo àparte, ou o mistério, que o artista pode através da obra individual revelar, não é mera auto-satisfação, embora, talvez, comece aí; quando o artista se satisfaz, afrontando o fundo de si mesmo, começa a possibilidade da criação de algo que pode comunicar com as pulsões mais profundas da comunidade — quanto mais individual mais verdadeiro.

Certamente, o grupo dispõe da sua psicologia e da sua dinâmica próprias, dispõe, obviamente, de um treino de trabalho e de um intercâmbio de sugestões criadoras — mas disporá de paixão? E verificar-se-á inerente angústia que é o preço que o artista isolado paga por enfrentar o nada?

Julgo que o grupo responde adequadamente não só a certo tipo de carências criadoras, que se compensam na expressão colectiva, como ao receio de solidão da maior parte dos indivíduos.

A solidão no artista não é porém, paradoxalmente, senão o seu processo específico de aproximação do comunitário, a sua paixão não se trata necessáriamente de exacerbação romântica mas daquela espécie de íntima e absoluta convicção que preside á criação individual e, de certo modo, actua como um mecanismo de defesa autoconvencendo-o da validade insubstituível do seu trabalho; contudo, esse mecanismo começando por isolá-lo na respectiva «torre de marfim» desencadeia um processo de concentração que propicia ou restitui o acesso a uma comunicação intemporal e transcende as circunstâncias sociológicas imediatas. Assim, no domínio do mito, as mais diferentes experiências criadoras, no espaço e no tempo mais diversos, acabam por encontrar-se e, ás vezes, por coincidir desconhecendo-se.

O artista tradicional pode, então, assumir através da sua capacidade de paixão um papel dinamizador e renovador da problemática do grupo; a investigação pictórica pura será mesmo essencial para o desenvolvimento de uma arte grupal e de aplicação (6) muito embora estas não disponham do mesmo tipo de reflexão e, sobretudo, não requeiram o mesmo tipo de pessoas. Porque, se o grupo é capaz de dominar um certo número de técnicas de comunicação, e de comunicação artística, será capaz de criar uma metodologia de auto-renovação?

De resto, é interessante reparar que enquanto o artista aristocrático e individualista defronta constantemente o risco de alienação, o grupo corre o da massificação do gosto...

Assim, a eficácia imediata de uma obra isolada e individual compensa-se logo que contribui para inverter essa massificação propondo uma visão original do mundo — agónica, lírica, apologética, contestatária — isto é, uma reflexão sobre o que acontece (nos acontece).

Trata-se então de uma eficácia social mais profunda porque a des-massificação do gosto sempre acarreta um estilo de vida ou uma visão das coisas perigosamente provocatória das normas do comportamento standardizado.

E se o artista resta nas sociedades modernas cada vez mais o paradigma da intervenção orfginal e apaixonada, liberto da noção de responsabilidade do grupo, da sua necessária disciplina dos limites do seu gosto, poder-se-á eliminá-lo sem correr o risco de impedir o contágio aliciante e vivificador da paixão?

NIKIAS SKAPINAKIS

---

(1) — Exposições de Arte Industrial (mobiliário, têxteis, utensílios domésticos, etc.). Design Centre — Londres.

(2) — Art Cinétique à Paris. Musée d'Art Moderne, Paris, 1967

(3) — Cibernetic Serendipity-Institute of Contemporary Arts, Londres, 1968

(4) — V. um interessante artigo de A. Sena da Silva — in «Suplemento Literário» do «Diário de Lisboa» de 30 de Julho de 1970.

(5) — Um notável conjunto de obras reveladoras e apaixonadas — «Expressionismo Europeu», Haus der Kunst, Munique, 1970.

(6) — Recordemos, a propósito, a experiência de Bauhaus — «Le Bauhaus», Musée d'Art Moderne, Paris, 1969.

Um grande acontecimento na literatura do mundo da medicina

Sono Selvagem

ROMANCE DE

MILLEN BRAND

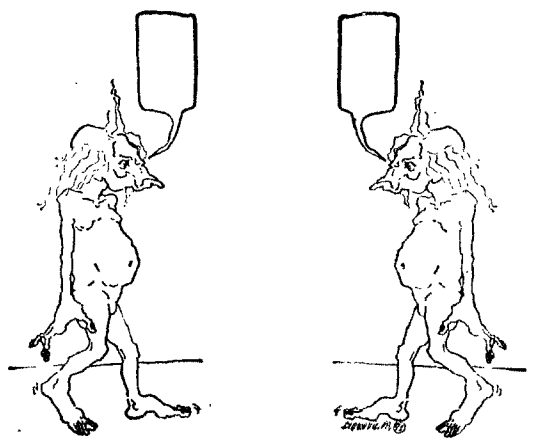
que nos revela o clima perturbante da psiquiatria DA CRÍTICA AMERICANA:

«Uma obra-prima de arte literária»

«Um documento médico e humano excepcional»

EDITORIAL MINERVA

VEJA NAS LIVRARIAS



DA NOSSA CRÍTICA DE ESPECTÁCULO E DE C

A ECONOMIA ENTRE OS CI

Por Manuel João Gomes

OU DOS MÉTODOS QUE A CRÍTICA USA PARA CONSEGUIR OS SEUS INTENTOS. DIVIDIREMOS ESTE ESTUDO EM VÁRIAS PARTES E SEJA A PRIMEIRA DELAS UMA ANÁLISE ESTILÍSTICA E DE TEOR GRAMÁTICO-RETÓRICO,

1.º — DE UMA CERTA INFLAÇÃO

podendo desde já afirmar-se de alguns críticos que os seus textos se destinam a ser primeiro literatura *sine additu* e não têm o mínimo sinal para serem literatura-em-teatro.

A este primeiro ponto se pode acrescentar outro: é que, efectivamente, o cuidado tido para isso nem sempre é o suficiente. E as críticas não são, no geral, o que ao menos se esforçam por ser — *jóias literárias*.

Numa crítica de *O SÉCULO*, a 3 colunas, se pode ler esta primeira frase (que me fez lembrar as minhas redacções do 1.º ano — 12 valores, mas cuja assinatura, ao fundo, me dizem ser de um escritor de 1.ª fila, professor e doutor):

«*é esta a sua suprema tentativa de consciencialização da vida — toda a consciência de um homem, as suas opções políticas, a coragem de dizer «não» e o sim que ele «não atinge»; os seus amores e as suas culpas e as raízes dessas culpas, a família, o berço de mitos, ninho de remorsos, as suas duas sucessivas mulheres, tão diversas mas identificadas nas mesmas acusações, a visita ao campo de concentração.*» (25-2-71)

É uma frase que não tem erros de ortografia. (Por acaso sei de um crítico a quem um colega, designado na direcção, emendava os erros ortográficos todos os dias. Não é o caso). Entretanto só um herói é capaz de ler até ao fim, sem parar no meio para se situar; ficando o herói abananado quando nem isso consegue. Efectivamente esta descrição virgulada (aliás bem) é digna de um escritor dádá (dos maus): os alhos e os bogalhos metem-se uns nos outros, à mistura com a desvairada erudição e tudo reunido despista o mais pintado. Não mais que o seguinte:

«*Também a projecção de* slides que *reproduzem aspectos da grande depressão de 29 nos Estados Unidos, o* crak *da bolsa, os desempregados, as marchas da fome, etc., concorrem de modo funcional para a criação de um clima* que *explica um ser habitado pela angústia, perplexo ante o destino, propenso a uma visão reformista de um mundo em* que *importa sobretudo vencer o medo e olhar de frente todas as motivações de um acto, ou seja, em* que *todos se sujam, porque viver é isso, caminhar na lama amassada com as culpas dos irmãos bons sacrificados e dos irmãos maus aqui já punidos ali triunfantes e repressivos, e de toda essa miséria extrair as difíceis pepitas do amor possível*». (iD.)

Ler isto é mais outra tarefa ciclópica — como diria o outro. Partido em três bocados é quase legível e capaz de não nos desorientar. Por mim, andei mais de um mês à procura do sentido disto sem o ter encontrado assim muito bem.

Há aqui nada mais nada menos que 14 *des*, 16 vírgulas, 4 orações relativas (ver acentuação) havendo depois da última delas tanto como 9 adjectivos, os quais somados ao resto dão a bela soma de 22 adjectivos.

Em [illegible] campo é [illegible]

esta prosa de um outro doutor tirada do DIÁRIO POPULAR (25-2-71)

«*Numa* poderosa *linguagem pictural, de* originalíssima *imagética, fortemente* sugestiva *e* evocadora *e, a um tempo,* lírica *e* tensional, *Santareno faz evoluir no palco dois seres* solares.»

Ver também *República* de 28-2-71 — em 72 linhas, 54 adjectivos. Não cito, entretanto, mais nada, porque me estou a guardar para lhes mostrar mais esta frasezinha-frasesona:

«*Clara Lannes, se nos ativermos aos factos, é a mulher quase silenciosa,* de aspecto frágil, aparentemente *dócil, consentanea, imersa* em longas sonolências no seu jardim, *que* um dia, *sem que ninguém perceba* como *nem* porquê, *mata* à facada, na cave *da sua moradia,* da forma mais brutal, *a prima surda-muda que lhe servia* de criada, *e, depois, corta o cadáver* aos bocados *e lança-o (com excepção da cabeça que será enterrada* em lugar sacral) sobre os comboios *que passam* debaixo do viaduto *de Viornes,* na calma *da província francesa.*» (Urbano Tavares Rodrigues — SEARA NOVA N.º 1499).

Balancete económico: 16 complementos circunstanciais (sublinhados)
13 adjectivos
4 orações relativas
7 *des*
e ainda 1 parêntesis.

Ilegível até à 5.ª casa. E quem se quiser dar ao desporto de ler a crónica inteira poderá fazer a mesma estatística da frase anterior, da posterior e por aí fora. Sabem onde se vende a SEARA NOVA?

E chega para concluirmos. O quê? Da erudição incontrolável dos fazedores da crítica? De um certo *literalismo-só-literário* usado para estudar questões da arte teatral? E do resto: alguma falta de imaginação, alguma falta de vocabulário especializado, alguma pressa na escrituração do texto. E o pior: uma fuga a uma linguagem científica, uma impotência de violência estruturalmente crítica de que poderemos depois falar.

2.º — ONDE SE FALA DS FUTEBOL

Sob alguns aspectos é a crítica de futebol a que entre nós é mais completa.

Ao fim e ao cabo, cada um dos portugueses é um bom crítico de futebol ao menos como, no fundo, ele é definido pelo senso comum e sistematizada num livro aliás imbecil de Jacques Brenner (LES CRITIQUES DRAMATIQUES) ou seja: a visão discutida e escalpelizada de um acontecimento.

Se não avançamos mais num conceito de crítica é porque se nos põe na frente uma pergunta terrível: «É ao menos tão cuidada e eficaz a crítica de teatro-cinema como a crítica de futebol?»

Aqui se responde negativamente.

Os melhores críticos — modo de falar — os *melhores* críticos de teatro encartados não costumam ser entre nós tão conscientes, rigorosos e meticulosos como o mais analfabeto dos espectadores de futebol. A crítica à maneira como Eusébio levantou o pé esquerdo para chutar enche páginas e provoca artigos enquanto no teatro não são percebidos nem criticados nenhum dos gestos essenciais do actor, do encenador, do cenógrafo.

A nenhum crítico de futebol passaria pela cabeça dizer de Lurdes Norberto que «*tem a graça loira e carnosa*» e «*uma irreprimível vontade de destruição*». O crítico de futebol tem mais que dizer.

«*Abusaram os azuis do pontapé por alto para um hipotético lanceador (Ernesto? Arlindo?) que jamais ganhava um destes lances*».

Aqui o crítico até prevê muitas coisas:

«*Persistiam os estudantes na sua dobadoira. Lateralizações até ao centro do terreno e, a partir daí, sistemàticamente abertura para* Serafim *carrilar o panico sobre a rede de* Mourinho.

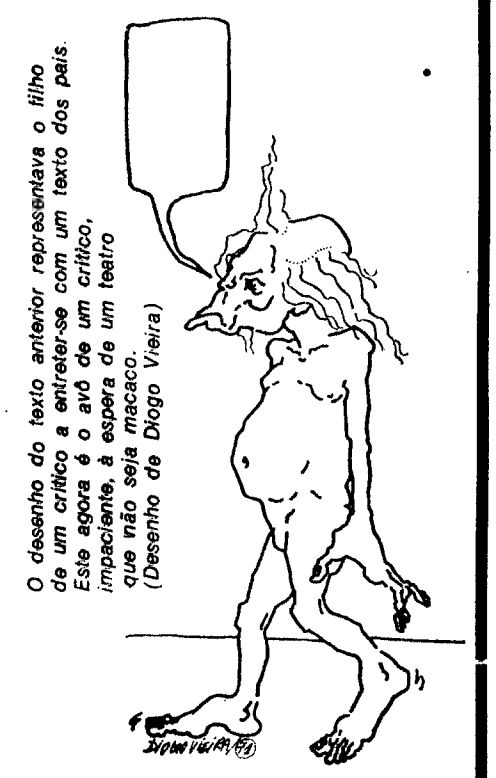
Continuou Ernesto *a dar nas vistas sob vários aspectos: o unico jogador com peugos brancos (de enchimento) postos por fora das meias azuis deixava-se ingénuamente cair na ratoeira do fora de jogo, metia a bota quando deveria deixar a bola passar, carregava os adversários quando o seu lance já terminara e assim por diante*». (Neves de Sousa — D. L. — 23 de Novembro de 1971).

O vocabulário do futebol, DOBADOIRA, LATERALIZAÇÃO, FORA DE JOGO, LANCE, ABERTURA, ENCHIMENTO, além de BOLA e CENTRO DO TERRENO tem correspondente no teatro uma pobreza a toda a prova. No texto que segue, além de CENOGRAFIA e FIGURINOS, ?????? (Note-se a abundancia de nomes próprios num lado e noutro. Ou as mistificações)

(...) Artur Ramos *dirigiu-a* (a peça) *com uma competência que a torna límpida, transparente, próxima. A cenografia e a direcção plástica de* Abel Manta *enquadram perfeitamente a acção. É impressionante a paisagem da lua, gélida, espectral, vazia, a servir de fundo ao cadáver de* Maryln. *Bons figurinos de* Artur Casais» (...) — (A Capital - 25-2-71)

Quanto a adjectivos, estão no futebol a perder por 10-5. O que é de considerar. Se aqui viram alguma coisa que diga respeito a teatro, creio bem ter sido engano. Vejam de novo; e se os adjectivos *límpido, transparente, próximo, impressionante, gélida, espectral, vazia, bons* definem alguma coisa de um espectáculo, eu corto a cabeça!...

Vejam também se encontram assim bocadinhos preciosos em Brecht ou Artaud .. É um bom exercício este de comparar os mestres.



O desenho do texto anterior representava o filho de um crítico a entreter-se com um texto dos pais. Este agora é o avô de um crítico, à espera de um teatro impaciente, à espera macaco. que não seja macaco. (Desenho de Diogo Vieira)

3.º — ONDE SE VOLTA A FALAR DAS LIGAÇÕES PERIGOSAS

O material linguístico apontado é entretanto posto ao serviço de textos, como se disse, de interesse literário (não-teatral) ou nem tanto.

A estrutura dos textos é, no geral, clara ou confusamente organizada assim:

a) *referências ao autor da peça ou resumo do enredo*

b) *referências á forma como os actores interpretam a peça do autor (sem preocupação de ver se é ou não realmente interpretada e sem preocupação de ligar ao trabalho do actor em si).*

c) *referências ás técnicas sonoplásticas, luminotécnicas, etc. além dos cenógrafos e arrumadores da sala.*

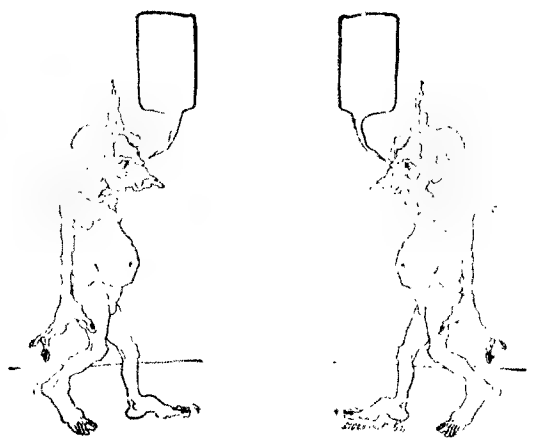
É nesta forma que o bolo vai ao forno, ao sair-se da estreia da peça. Este é o esquema de todo o crítico aqui e agora; o qual facilita muito as coisas; permite divações retórico-eruditas; tem tempo para a publicidade e a louvaminha; tudo é possível desde referências aos amigos até *palha* da que se mete nos pontos quando não se estudou a matéria.

Esta forma-de-ir-ao-forno não é usada por crítico nenhum no mundo e é própria cá dos nossos territórios. É o que se chama um modo idiotista de ver teatro. Em parte nenhuma do mundo se olha o teatro pelo esquema *texto - interpretação- técnicos,* porque em qualquer parte do mundo se olha

«A RELIGIÃO ENTRE OS CRÍTICOS»

Li, com um sentimento primeiramente de piedade e depois de nojo, os desconchavos publicados no suplemento literário do «Diário de Lisboa» pelo atrasado mental confuso e raivoso que se assina Manuel João Gomes. Há mais de quinze anos que, [illegible] minhas [illegible]ações, faço crítica teatral. Quando aconselho ao público um espectáculo, isso significa que desejo dar, minimamente que seja, a prova [illegible] teatro entre nós — daquele que, com [illegible] razão, acho autêntico. Nunca tive [illegible] tenho compromissos com qualquer empresa ou encenador, nem até hoje pedi a críticas [illegible] favores [illegible] meus melhores amigos (que o diga o Rogério Paulo). Apenas acontece que tenho sempre evitado, por formação e sensibilidade, dirigir seja a quem for insultos soezes. Não considero a atrabiliário e espumejante Sr. Gomes digno de uma resposta polémica. Nem por sombras iria auxiliar a sua bem evidente e bem repugnante estratégia da glória pelo processo do escarro. Não sei se tem três metros de [illegible] ou se é um pigmeu. Nem isso me [illegible] despeito. Espero, de viva voz as suas razões, tendo [illegible] ocasião de lhe pôr a vista em cima.

Urbano Tavares Rodrigues



DA NOSSA CRÍTICA DE ESPECTÁCULO E DE C

A ECONOMIA ENTRE OS CI

Por Manuel João Gomes

OU DOS MÉTODOS QUE A CRÍTICA USA PARA CONSEGUIR OS SEUS INTENTOS. DIVIDIREMOS ESTE ESTUDO EM VÁRIAS PARTES E SEJA A PRIMEIRA DELAS UMA ANÁLISE ESTILÍSTICA E DE TEOR GRAMÁTICO-RETÓRICO,

1.º — DE UMA CERTA INFLAÇÃO

podendo desde já afirmar-se de alguns críticos que os seus textos se destinam a ser primeiro literatura *sine additu* e não têm o mínimo sinal para serem literatura-em-teatro.

A este primeiro ponto se pode acrescentar outro: é que, efectivamente, o cuidado tido para isso nem sempre é o suficiente. E as críticas não são, no geral, o que ao menos se esforçam por ser — *jóias literárias*.

Numa crítica de *O SÉCULO*, a 3 colunas, se pode ler esta primeira frase (que me fez lembrar as minhas redacções do 1.º ano — 12 valores, mas cuja assinatura, ao fundo, me dizem ser de um escritor de 1.ª fila, professor e doutor):

«*é esta a sua suprema tentativa de consciencialização da vida — toda a consciência de um homem, as suas opções políticas, a coragem de dizer «não» e o sim que ele «não atinge»; os seus amores e as suas culpas e as raízes dessas culpas, a família, o berço de mitos, ninho de remorsos, as suas duas sucessivas mulheres, tão diversas mas identificadas nas mesmas acusações, a visita ao campo de concentração.*» (25-2-71)

É uma frase que não tem erros de ortografia. (Por acaso sei de um crítico a quem um colega, designado na direcção, emendava os erros ortográficos todos os dias. Não é o caso). Entretanto só um herói é capaz de ler até ao fim, sem parar no meio para se situar; ficando o herói abananado quando nem isso consegue. Efectivamente esta descrição virgulada (aliás bem) é digna de um escritor dádá (dos maus): os alhos e os bogalhos metem-se uns nos outros, à mistura com a desvairada erudição e tudo reunido despista o mais pintado. Não mais que o seguinte:

«*Também a projecção de* slides que *reproduzem aspectos da grande depressão de 29 nos Estados Unidos, o* crak *da bolsa, os desempregados, as marchas da fome, etc., concorrem de modo funcional para a criação de um clima* que *explica um ser habitado pela angústia, perplexo ante o destino, propenso a uma visão reformista de um mundo em* que *importa sobretudo vencer o medo e olhar de frente todas as motivações de um acto, ou seja, em* que *todos se sujam, porque viver é isso, caminhar na lama amassada com as culpas dos irmãos bons sacrificados e dos irmãos maus aqui já punidos ali triunfantes e repressivos, e de toda essa miséria extrair as difíceis pepitas do amor possível*». (ID.)

Ler isto é mais outra tarefa ciclópica — como diria o outro. Partido em três bocados é quase legível e capaz de não nos desorientar. Por mim, andei mais de um mês à procura do sentido disto sem o ter encontrado assim muito bem.

Há aqui nada mais nada menos que 14 *des*, 16 vírgulas, 4 orações relativas (ver acentuação) havendo depois da última delas tanto como 9 adjectivos, os quais somados ao resto dão a bela soma de 22 adjectivos.

Em bom neste campo é também esta prosa de um outro doutor tirada do DIÁRIO POPULAR (25-2-71)

«*Numa* poderosa *linguagem pictural, de* originalíssima *imagética, fortemente* sugestiva *e* evocadora *e, a um tempo,* lírica *e* tensional, *Santareno faz evoluir no palco dois seres* solares.»

Ver também *República* de 28-2-71 em 72 linhas, 54 adjectivos. Não cito, entretanto, mais nada, porque me estou a guardar para lhes mostrar mais esta frasezinha-frasesona:

«*Clara Lannes, se nos atrevermos dos factos, é a mulher quase silenciosa,* de aspecto frágil, aparentemente *dócil, consentanea, imersa* em longas sonolências no seu jardim, *que* um dia, *sem que ninguém perceba* como *nem* porquê, *mata* à facada, na cave *da sua moradia,* da forma mais brutal, *a prima surda-muda que lhe servia* de criada, *e, depois, corta o cadáver* aos bocados *e lança-o (com excepção da cabeça que será enterrada* em lugar sacral) sobre os comboios *que passam* debaixo do viaduto *de Viornes,* na calma *da província francesa.*» (Urbano Tavares Rodrigues SEARA NOVA N.º 1499).

Balancete económico: 16 complementos circunstanciais (sublinhados)
13 adjectivos
4 orações relativas
7 *des*
e ainda 1 parêntesis.

Ilegível até à 5.ª casa. E quem se quiser dar ao desporto de ler a crónica inteira poderá fazer a mesma estatística da frase anterior, da posterior e por aí fora. Sabem onde se vende a SEARA NOVA?

E chega para concluirmos. O quê? Da erudição incontrolável dos fazedores da crítica? De um certo *literalíssimo-só-literário* usado para estudar questões da arte teatral? E do resto: alguma falta de imaginação, alguma falta de vocabulário especializado, alguma pressa na escrituração do texto. E o pior: uma fuga a uma linguagem científica, uma impotência de violência estruturalmente crítica de que poderemos depois falar.

2.º — ONDE SE FALA DS FUTEBOL

Sob alguns aspectos é a crítica de futebol a que entre nós é mais completa.

Ao fim e ao cabo, cada um dos portugueses é um bom crítico de futebol ao menos como, no fundo, ele é definido pelo senso comum e sistematizada num livro aliás imbecil de Jacques Brenner (LES CRITIQUES DRAMATIQUES) ou seja: a visão discutida e escalpelizada de um acontecimento.

Se não avançamos mais num conceito de crítica é porque se nos põe na frente uma pergunta terrível: «É ao menos tão cuidada e eficaz a crítica de teatro-cinema como a crítica de futebol?»

Aqui se responde negativamente.

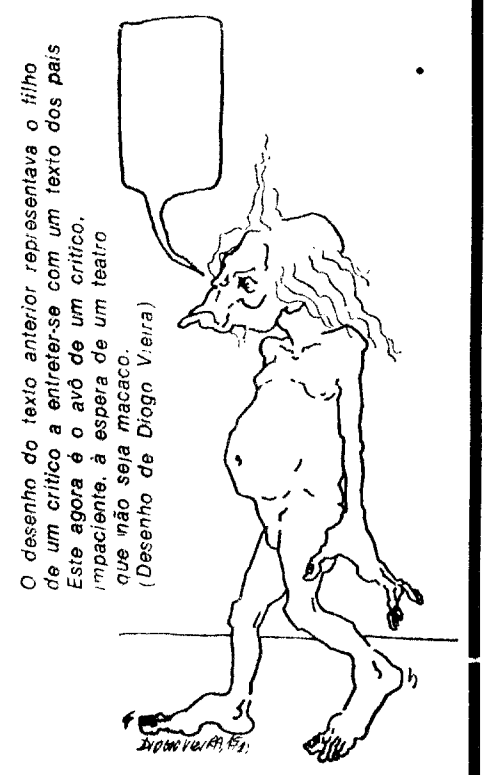
Os melhores críticos — modo de falar — os *melhores* críticos de teatro encartados não costumam ser entre nós tão conscientes, rigorosos e meticulosos como o mais analfabeto dos espectadores de futebol. A crítica à maneira como Eusébio levantou o pé esquerdo para chutar enche páginas e provoca artigos enquanto no teatro não são percebidos nem criticados nenhum dos gestos essenciais do actor, do encenador, do cenógrafo.

A nenhum crítico de futebol passaria pela cabeça dizer de Lurdes Norberto que «*tem a graça loira e carnosa*» e «*uma irreprimível vontade de destruição*» O crítico de futebol tem mais que dizer.

«*Abusaram os azuis do pontapé por alto para um hipotético lanceador (Ernesto? Arlindo?) que jamais ganhava um destes lances*».

Aqui o crítico até prevê muitas coisas:

«*Persistiam os estudantes na sua*



O desenho do texto anterior representava o filho de um crítico a entreter-se com um texto dos pais. Este agora é o avô de um crítico. Impaciente, à espera de um teatro que não seja macaco. (Desenho de Diogo Vieira)

dobadoira. Lateralizações até ao centro do terreno e, a partir daí, sistemàticamente abertura para Serafim *carrilar o pânico sobre a rede de* Mourinho.

Continuou Ernesto *a dar nas vistas sob vários aspectos: o único jogador com peúgos brancos (de enchimento) postos por fora das meias azuis deixava-se ingénuamente cair na ratoeira do fora de jogo, metia a bota quando deveria deixar a bola passar, carregava os adversários quando o seu lance já terminara e assim por diante*». (Neves de Sousa — D. L. — 23 de Novembro de 1971).

O vocabulário do futebol, DOBADOIRA, LATERALIZAÇÃO, FORA DE JOGO, LANCE, ABERTURA, ENCHIMENTO, além de BOLA e CENTRO DO TERRENO tem correspondente no teatro uma pobreza a toda a prova. No texto que segue, além de CENOGRAFIA e FIGURINOS, ?????? (Note-se a abundancia de nomes próprios num lado e noutro. Ou as mistificações)

(...) Artur Ramos *dirigiu-a* (a peça) *com uma competência que a torna límpida, transparente, próxima. A cenografia e a direcção plástica de* Abel Manta *enquadram perfeitamente a acção. É impressionante a paisagem da lua, gélida, espectral, vazia, a servir de fundo ao cadáver de* Maryln. *Bons figurinos de* Artur Casais» (...) — (A Capital - 25-2-71)

Quanto a adjectivos, estão no futebol a perder por 10-5. O que é de considerar. Se aqui viram alguma coisa que diga respeito a teatro, creio bem ter sido engano. Vejam de novo; e se os adjectivos *límpido, transparente, próximo, impressionante, gélida, espectral, vazia, bons* definem alguma coisa de um espectáculo, eu corto a cabeça!...

Vejam também se encontram assim bocadinhos preciosos em Brecht ou Artaud É um bom exercício este de comparar os mestres.

3.º — ONDE SE VOLTA A FALAR DAS LIGAÇÕES PERIGOSAS

O material linguístico apontado é entretanto posto ao serviço de textos, como se disse, de interesse literário (não-teatral) ou nem tanto.

A estrutura dos textos é, no geral, clara ou confusamente organizada assim:

a) *referências ao autor da peça ou resumo do enredo*

b) *referências á forma como os actores interpretam a peça do autor (sem preocupação de ver se é ou não realmente interpretada e sem preocupação de ligar ao trabalho do actor em si).*

c) *referências ás técnicas sonoplásticas, luminotécnicas, etc. além dos cenógrafos e arrumadores da sala.*

É nesta forma que o bolo vai ao forno, ao sair-se da estreia da peça. Este é o esquema de todo o crítico aqui e agora: o qual facilita muito as coisas; permite divações retórico-eruditas; tem tempo para a publicidade e a louvaminha; tudo é possível desde referências aos amigos até *palha* da que se mete nos pontos quando não se estudou a matéria.

Esta forma-de-ir-ao-forno não é usada por crítico nenhum no mundo e é própria cá dos nossos territórios. É o que se chama um modo idiotista de ver teatro. Em parte nenhuma do mundo se olha o teatro pelo esquema *texto - interpretação- técnicos*, porque em qualquer parte do mundo se olha

«A RELIGIÃO ENTRE OS CRÍTICOS»

Li, com um sentimento primeiramente de piedade e depois de nojo, os desconchavos publicados no suplemento literário do «Diário de Lisboa» pelo atrasado mental confuso e raivoso que se assina Manuel João Gomes. Há mais de quinze anos que, com todas as minhas limitações, faço crítica teatral. Quando aconselho ao público um espectáculo, isso significa que desejo dar, minimamente que seja, a promoção do teatro entre nós—daquele que, com ou sem razão, acho autêntico. Nunca tive nem tenho compromissos com qualquer empresa ou encenador nem até hoje poupei a críticas severas sequer os meus melhores amigos (que o diga o Rogério Paulo). Apenas acontece que tenho sempre evitado, por formação e sensibilidade, dirigir seja a quem for insultos soezes. Não considero a atrabiliário e espumejante Sr. Gomes digno de uma resposta polémica. Nem por sombras iria auxiliar a sua bem evidente e bem repugnante estratégia da glória pelo processo do escarro. Não sei se tem três metros de altura ou se é um pigmeu. Nem isso me aflige. Dir-me-á, espero, de viva voz as suas razões quando tiver ocasião de lhe pôr a vista em cima.

Urbano Tavares Rodrigues

COMO LÊ-LA (2)

CRÍTICOS

o teatro como um todo chamado *espectáculo* ou *função teatral*.

Além do mais, é notória aqui a ligação a um certo *aristotelismo* que faz gizar a crítica através do método de explorar separadamente *matérias e formas, universais* e *singulares*.

A crítica coitadinha tem uma certa razão quando se sabe que o espectáculo é também tratado assim ao nível da encenação:

[efectivamente o encenador preguiça o mais que pode; deixa o cenógrafo fabricar o espaço em que depois os actores deambulam, gerando marcações que o encenador aproveita para chamar encenação]

Essa certa razão porém que aqui se dá á crítica coitadinha não impede que se lhe diga o resto: compadecer-se com o sistema de gizar teatro, gizando crítica pelo mesmo sistema, é a pior das formas de fazer crítica, a pior forma de provocar a tal *KRYSE*, fim ultimo da crítica.

Tem aqui cabimento lembrar a distribuição dos prémios da Casa da Imprensa feita pelos Dons Quixotes dentro de um critério descaradamente provinciano: prémios a actores, actrizes, revelações (!), cenógrafos, encenações e *AO MELHOR CONJUNTO*.

Não só não se dão ao teatro, aos teatrólogos, aos criadores, etc.; como

até se dão a textos falsamente teatrais; a encenações que não têm o mínimo requisito para se dizerem encenações; a actrizes e actores a quem falta o mínimo de preparação, criação, compreensão, de dinamica, de movimentação e de inteligência dentro do teatro. Tudo isso: LAR, LUZIAMARTINS, JOSÉ DE CASTRO, HELENA FÉLIX, MARGARIDA MAUPERRIN.

Um conceito de teatro dá um esquema de realizar teatro; daí nasce um sistema de estruturar crítica; o qual foi dito atrás. O qual, resumindo, por estar pespegado ao sistema-teatralizador-em-vigor, é mau. O qual por ser sempre o mesmo se vai tornando inconsistente e ineficaz. O qual não tem nada que o introduza no mais simples e desafectado conceito de crítica ou sequer de teatro.

4.º — DOS RENDIMENTOS E INVESTIMENTOS CULTURAIS

O amigo (?) Sastre acaba de descobrir na Espanha que os críticos nem sequer uma obra de investigação lêem por mês, quanto mais uma por semana. Quanto a mim, venho de descobrir, nesse campo, coisas do arco-da-velha. Verdades da penica.

E é o seguinte: eles aqui fartam-se de ler disso todos os dias que Nosso Senhor manda ao mundo. E dizem-no. Não há texto em que eles se não revelem ledores — eternos Quixotes — de desvairadas romanças! Qual delas a mais queimável, não Truffaut?

É assim que numa crónica de mais ou menos 3 colunas é possível citar o curiosíssimo Jouvet, o aleatoríssimo e *l'expressíssimo* Robert Kanters e o rtpíssimo Luís Francisco Rebello. (*V. Seara Nova* — n.º 1499). Só falta citar Jean Jacques Gautier.

É assim que uma coluna do *Diário de Notícias* é suficiente para se falar de uma série de datas — que eu seja cego se vêm a propósito: 1945 — resposta aos factos de 1920; 1920 — os factos; 1922 — uma crise; 1957 — 1 ano de prisão pró Miller. (D. N. — 25-2-71).

E ainda há tempo para falar de Ibsen e seu realismo social em que *dizem* que *Miller se filia*. Não, minha senhora,— não dizem: é ele que diz, ele Miller. Ele é que se quer filho de Ibsen.

Nalguns críticos de cinema é particularmente flagrante esta festança de sabença: há sempre uma citação desconhecida à espera do crítico; há sempre um nome conhecido ou desconhecido para ser citado. Ele é Godard, ele é Lelouch, ele é Bardamu, ele é Huston, ele é Zavattini. E o exemplo mais bem apanhado seja o de Lauro António, no *D. L.* a atribuir a Marx aquele aforismo: «*Nada do que é humano me é estranho*». Pobre Marx! Quantas coisas mais ele estará ainda para dizer quer em português quer em latim? Não será ele o autor deste aforismo: «*Homo sum et nihil humani mihi alienum est*»?

Para não me habituar ao mesmo vício , hoje (transcrevo de cor) não cito mais nada. Fique porém a. p. r. m. escrito: há que esperar cada vez mais erudição dos escrevedores espectaculares portugueses, vulgo de críticos; tal como na Espanha eles estão a ler uma obra de investigação por ano. Pelo menos.

Nesta sociedade que eles chamam de consumo, com alguma coisa hão-de encher as colunas que o jornal espera ansiosamente todas as manhãs e todas as tardes, umas horas depois das estreias. E se não souberem ou puderem encher as colunas com mais nada (teatro, arte, crítica, [illegible] fundamentais, conceitos [illegible] pôr ou não em [illegible] [illegible]ão as colunas [illegible] pequenas citações, comentários ou bastantes adjectivos, entre bons ou razoáveis tira-

Cont. na pág. 7

Prontuário das Letras

«O livro português não é caro»

Fernando Guedes, director-gerente da Editorial Verbo e actual presidente do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros, foi entrevistado na passada segunda-feira por Metzner Leone para o mat[illegible] «Época». A sua especial posição e também a importância dos temas abordados — edição, mercado livreiro, índices de leitura, funções específicas do G. N. E. L. — conferiram a tais declarações um peso que por si só se impõe. Eis alguns trechos das respostas de Guedes às perguntas de Leone:

— «o crescimento editorial português não é menor do que o verificado em outros países»;

— «hoje em dia (..) creio que o público português já não lerá muito menos do que os ingleses, franceses ou espanhóis»;

— «os editores da Metrópole continuam a ter no Ultramar uma mercado livreiro potencialmente muito interessante; parece-me, porém, que as redes comerciais existentes naquelas duas províncias ultramarinas» (cremos que Guedes pretendia referir-se a Angola e Moçambique) «não são ainda suficientes para servir o consumo que elas poderiam representar; trata-se de conseguir aí uma mecânica de distribuição que está ainda por fazer»;

— «os brasileiros (..) estão também a penetrar no Ultramar, em certos casos mais eficientemente do que nós próprios».

À pergunta «porque é tão caro o livro português?» respondeu Guedes da seguinte forma:

«O livro português não é caro. Ora veja: como é que se faz um livro? Com papel, composição, impressão, trabalho de acabamento e direitos de autor, não é verdade? Estes encargos não são em Portugal mais baratos do que no estrangeiro: o papel custa aqui a mesma coisa do que lá fora; se a mão-de-obra é mais barata entre nós, não é assim tão mais barata como pensam as pessoas que vivem fora do meio editorial. Daqui, não poder o livro português ser vendido mais barato do que é. Devemos ainda ter presente o número de exemplares de cada tiragem, sabido como é que o custo do livro fica tanto mais elevado quanto menos é a tiragem. O que acontece ao cidadão português que compra um livro, não resulta de ser caro o nosso livro, mas de um conjunto de circunstâncias que nada têm a ver com o custo da nossa produção editorial: é que 20 francos para um francês não representam exactamente o mesmo do que 120$ para um português; tal como uma libra não representa, para um inglês, aquilo que para o português representam 70 escudos. A carestia do nosso livro é, pois, um fenómeno meramente aparente, e decorre da oraveira do nosso nível de vida em relação ao de outros povos. Aí é que se torna necessário actuar positivamente. E quando isso se conseguir, logo o livro parecerá mais barato, mesmo sem ter descido de preço.»

«Os livros n[illegible] [illegible]aros»

Na última «*Seara Nova*» (n.º 1506. Abril de 1971), escrevendo sobre «A superstição do livro de bolso», Arnaldo Pereira fala de algumas questões fundamentais e, entre elas, do preço. Vale a pena acompanhar o articulista neste passo:

«*Preço* — Este é outro equívoco. Independentemente de o preço do livro não ser o único (nem talvez o mais importante) factor a ter em conta com vista às preocupações de leitura do nosso País, os livros RTP não podem considerar-se a *preço acessível*. Pelo contrário: até são caros! Porque se uma colecção como a da Minerva (com tiragens de 4 ou 5 mil exemplares, se vende a 12$50, se a da Portugália custa 15$00, para não falar em várias que andam à volta dos 20$00, como compreender (e justificar) que os Livros RTP (aliás com mau aspecto gráfico e com defeitos técnicos imperdoáveis, principalmente nos primeiros volumes), com tiragens tão fabulosas — segundo rezam as crónicas da propaganda — tenham o preço de custo de 15$00? Tenho à minha frente alguns volumes do «Livro RTV» (Espanha) de aspecto gráfico excelente (os livros RTP são uma imitação — má — desta colecção — facto que nunca foi posto em relevo...), entre eles «Cien Obras Maestras de la Pintura», uma magnífica obra com reproduções belíssimas e em óptimo papel; «Anto[illegible]gia Poética de [illegible]nio Machado»; e «Viagens de Gulliver», de Jonathan Swift (cerca de 200 páginas em corpo 6, que corresponderia a mais de 300 num volume dos da RTP). Ora bem: sabem qual é o preço, em Portugal de cada um destes exemplares? *Apenas* 12$50! Se não acreditam vão ali á Rua Antero de Quental e perguntem ao Torrens, seu distribuidor.»

«Aumento do custo do livro»

No n.º 495 (13-3-1971) do semanário «*Notícias da Amadora*» lia-se uma troca de correspondência entre o presidente da direcção do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros, Fernando Guedes, e dois representantes das Publicações Europa-América, Tito Lyon de Castro e Alfredo Ferreira Ribeiro, por procuração do sócio-gerente Francisco Lyon de Castro. Da carta destes últimos extraímos a seguinte (e perturbadora) passagem:

«No que respeita ao problema das «taxas», aceitamos como válida toda a pressão que o Grémio tem feito junto dos C. T. T. no sentido de se obterem, para o livro, taxas mais baixas. No entanto, em virtude do aumento que já se verificou, e dado que o êxito das repetidas diligências que o GNEL tem feito não tem sido total, permitimo-nos acrescentar as seguintes perguntas:

1.º — Pensa o GNEL, por intermédio dos meios de informação, anúncios, etc., tornar públicas e comentar as respostas dos C. T. T., no sentido de esclarecer os agremiados e o público?

2.º — Pensa o GNEL informar os compradores de livros (do continente e do ultramar), livreiros ou particulares, que o aumento das taxas de registo redundará, mais tarde ou mais cedo, num aumento do custo do livro, em detrimento do público, dos autores, dos livreiros e dos editores?»

COMO LÊ-LA (2)

CRÍTICOS

o teatro como um todo chamado *espectáculo* ou *função teatral*.

Além do mais, é notória aqui a ligação a um certo *aristotelismo* que faz gizar a crítica através do método de explorar separadamente *matérias e formas, universais* e *singulares*.

A crítica coitadinha tem uma certa razão quando se sabe que o espectáculo é também tratado assim ao nível da encenação:

[efectivamente o encenador preguiça o mais que pode; deixa o cenógrafo fabricar o espaço em que depois os actores deambulam, gerando marcações que o encenador aproveita para chamar encenação]

Essa certa razão porém que aqui se dá á crítica coitadinha não impede que se lhe diga o resto: compadecer-se com o sistema de gizar teatro, gizando crítica pelo mesmo sistema, é a pior das formas de fazer crítica, a pior forma de provocar a tal *KRYSE*, fim ultimo da crítica.

Tem aqui cabimento lembrar a distribuição dos prémios da Casa da Imprensa feita pelos Dons Quixotes dentro de um critério descaradamente provinciano: prémios a actores, actrizes, revelações (!), cenógrafos, encenações e *AO MELHOR CONJUNTO*.

Não só não se dão ao teatro, aos teatrólogos, aos criadores, etc.: como

até se dão a textos falsamente teatrais; a encenações que não têm o mínimo requisito para se dizerem encenações; a actrizes e actores a quem falta o mínimo de preparação, criação, compreensão, de dinamica, de movimentação e de inteligência dentro do teatro. Tudo isso: LAR, LUZIAMARTINS, JOSÉ DE CASTRO, HELENA FÉLIX, MARGARIDA MAUPERRIN.

Um conceito de teatro dá um esquema de realizar teatro; daí nasce um sistema de estruturar crítica; o qual foi dito atrás. O qual, resumindo, por estar pespegado ao sistema-teatralizador-em-vigor, é mau. O qual por ser sempre o mesmo se vai tornando inconsistente e ineficaz. O qual não tem nada que o introduza no mais simples e desafectado conceito de crítica ou sequer de teatro.

4.º — DOS RENDIMENTOS E INVESTIMENTOS CULTURAIS

O amigo (?) Sastre acaba de descobrir na Espanha que os críticos nem sequer uma obra de investigação lêem por mês, quanto mais uma por semana. Quanto a mim, venho de descobrir, nesse campo, coisas do arco-da-velha. Verdades da penica.

E é o seguinte: eles aqui fartam-se de ler disso todos os dias que Nosso Senhor manda ao mundo. E dizem-no. Não há texto em que eles se não revelem ledores — eternos Quixotes — de desvairadas romanças! Qual delas a mais queimável, não Truffaut?

É assim que numa crónica de mais ou menos 3 colunas é possível citar o curiosíssimo Jouvet, o aleatoríssimo e *l'expressíssimo* Robert Kanters e o rtpíssimo Luís Francisco Rebello. (*V. Seara Nova* - n.º 1499). Só falta citar Jean Jacques Gautier.

É assim que uma coluna do *Diário de Notícias* é suficiente para se falar de uma série de datas — que eu seja cego se vêm a propósito: 1945 — resposta aos factos de 1920; 1920 — os factos; 1922 — uma crise; 1957 — 1 ano de prisão pró Miller. (D. N. - 25-2-71).

E ainda há tempo para falar de Ibsen e seu realismo social em que *dizem* que *Miller se filia*. Não, minha senhora, — não dizem: é ele que diz, ele Miller. Ele é que se quer filho de Ibsen.

Nalguns críticos de cinema é particularmente flagrante esta festança de sabença: há sempre uma citação desconhecida à espera do crítico; há sempre um nome conhecido ou desconhecido para ser citado. Ele é Godard, ele é Lelouch, ele é Bardamu, ele é Huston, ele é Zavattini. E o exemplo mais bem apanhado seja o de Lauro António, no *D. L.* a atribuir a Marx aquele aforismo: «*Nada do que é humano me é estranho*». Pobre Marx! Quantas coisas mais ele estará ainda para dizer quer em português quer em latim? Não será ele o autor deste aforismo: «*Homo sum et nihil humani mihi alienum est*»?

Para não me habituar ao mesmo vício, hoje (transcrevo de cor) não cito mais nada. Fique porém a. p. r. m. escrito: há que esperar cada vez mais erudição dos escrevedores espectaculares portugueses, vulgo de críticos; tal como na Espanha eles estão a ler uma obra de investigação por ano. Pelo menos.

Nesta sociedade que eles chamam de consumo, com alguma coisa hão-de encher as colunas que o jornal espera ansiosamente todas as manhãs e todas as tardes, umas horas depois das estreias. E se não souberem ou puderem encher as colunas com mais nada (teatro, arte, crítica, questões fundamentais, conceitos de cultura a pôr ou não em questão) eles encherão as colunas com grandes ou pequenas citações, com muitos ou bastantes adjectivos, com boas ou razoáveis tira-

Cont. na pág. 7

Prontuário das Letras

«O livro português não é caro»

Fernando Guedes, director-gerente da Editorial Verbo e actual presidente do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros, foi entrevistado na passada segunda-feira por Metzner Leone para o matutino «Época». A sua especial posição e também a importância dos temas abordados — edição, mercado livreiro, índices de leitura, funções específicas do G. N. E. L. — conferiram a tais declarações um peso que por si só se impõe. Eis alguns trechos das respostas de Guedes às perguntas de Leone:

— «o crescimento editorial português não é menor do que o verificado em outros países»;

— «hoje em dia (...) creio que o público português já não lerá muito menos do que os ingleses, franceses ou espanhóis»;

— «os editores da Metrópole continuam a ter no Ultramar uma mercado livreiro potencialmente muito interessante; parece-me, porém, que as redes comerciais existentes naquelas duas províncias ultramarinas» (cremos que Guedes pretendia referir-se a Angola e Moçambique) «não são ainda suficientes para servir o consumo que elas poderiam representar; trata-se de conseguir aí uma mecânica de distribuição que está ainda por fazer»;

— «os brasileiros (...) estão também a penetrar no Ultramar, em certos casos mais eficientemente do que nós próprios».

À pergunta «porque é tão caro o livro português?» respondeu Guedes da seguinte forma:

«O livro português não é caro. Ora veja: como é que se faz um livro? Com papel, composição, impressão, trabalho de acabamento e direitos de autor, não é verdade? Estes encargos não são em Portugal mais baratos do que no estrangeiro: o papel custa aqui a mesma coisa do que lá fora; se a mão-de-obra é mais barata entre nós, não é assim tão mais barata como pensam as pessoas que vivem fora do meio editorial. Daqui, não poder o livro português ser vendido mais barato do que é. Devemos ainda ter presente o número de exemplares de cada tiragem, sabido como é que o custo do livro fica tanto mais elevado quanto menos é a tiragem. O que acontece ao cidadão português que compra um livro, não resulta de ser caro o nosso livro, mas de um conjunto de circunstâncias que nada têm a ver com o custo da nossa produção editorial: é que 20 francos para um francês não representam exactamente o mesmo do que 120$ para um português; tal como uma libra não representa, para um inglês, aquilo que para o português representam 70 escudos. A carestia do nosso livro é, pois, um fenómeno meramente aparente, e decorre da oraveira do nosso nível de vida em relação ao de outros povos. Aí é que se torna necessário actuar positivamente. E quando isso se conseguir, logo o livro parecerá mais barato, mesmo sem ter descido de preço.»

«Os livros n[illegible] caros»

Na última «*Seara Nova*» (n.º 1506, Abril de 1971), escrevendo sobre «A superstição do livro de bolso», Arnaldo Pereira fala de algumas questões fundamentais e, entre elas, do preço. Vale a pena acompanhar o articulista neste passo:

«*Preço* — Este é outro equívoco. Independentemente de o preço do livro não ser o único (nem talvez o mais importante) factor a ter em conta com vista às preocupações de leitura do nosso País, os livros RTP não podem considerar-se a *preço acessível*. Pelo contrário: até são caros! Porque se uma colecção como a da Minerva (com tiragens de 4 ou 5 mil exemplares, se vende a 12$50, se a da Portugália custa 15$00, para não falar em várias que andam à volta dos 20$00, como compreender (e justificar) que os Livros RTP (aliás com mau aspecto gráfico e com defeitos técnicos imperdoáveis, principalmente nos primeiros volumes), com tiragens tão fabulosas — segundo rezam as crónicas da propaganda — tenham o preço de custo de 15$00? Tenho à minha frente alguns volumes do «Livro RTV» (Espanha) de aspecto gráfico excelente (os livros RTP são uma imitação — má — desta colecção — facto que nunca foi posto em relevo...), entre eles «Cien Obras Maestras de la Pintura», uma magnífica obra com reproduções belíssimas e em óptimo papel; «Antología Poetica de António Machado»; e «Viajes de Gulliver», de Jonathan Swift (cerca de 200 páginas em corpo 6, que corresponderia a mais de 300 num volume dos da RTP). Ora bem: sabem qual é o preço, em Portugal de cada um destes exemplares? *Apenas* 12$50! Se não acreditam vão ali à Rua Antero de Quental e perguntem ao Torrens, seu distribuidor.»

«Aumento do custo do livro»

No n.º 495 (13-3-1971) do semanário «*Notícias da Amadora*» lia-se uma troca de correspondência entre o presidente da direcção do Grémio Nacional dos Editores e Livreiros, Fernando Guedes, e dois representantes das Publicações Europa-América, Tito Lyon de Castro e Alfredo Ferreira Ribeiro, por procuração do sócio-gerente Francisco Lyon de Castro. Da carta destes últimos extraímos a seguinte (e perturbadora) passagem:

«No que respeita ao problema das «taxas», aceitamos como válida toda a pressão que o Grémio tem feito junto dos C. T. T. no sentido de se obterem, para o livro taxas mais baixas. No entanto, em virtude do aumento que já se verificou, e dado que o êxito das repetidas diligências que o GNEL tem feito não tem sido total, permitimo-nos acrescentar as seguintes perguntas:

1.º — Pensa o GNEL, por intermédio dos meios de informação, anúncios, etc., tornar públicas e comentar as respostas dos C. T. T., no sentido de esclarecer os agremiados e o público?

2.º — Pensa o GNEL informar os compradores de livros (do continente e do ultramar), livreiros ou particulares, que o aumento das taxas de registo redundará, mais tarde ou mais cedo, num aumento do custo do livro, em detrimento do público, dos autores, dos livreiros e dos editores?

A pesquisa do rigor na poesia moderna

Cont. da pág. 1

no livro «Voo Sem Pássaro Dentro» de 1954 cujo título é «artigo definido plural»:

ARTIGO DEFINIDO PLURAL

os presságios são
as lotarias em branco do futuro
os geniais poemas por escrever dos génios incompreendidos
os filhos errados dos pais estéreis
os
as
nada

(Adolfo Casais Monteiro)

São extremamente importantes estes: «os -as-nada», na medida em que uma grande economia, que se reflecte na eliminação dos substantivos, vai substantivar estes artigos e vai deixar em aberto toda a tensão e carga do poema que converge para uma inexistência vocabular. Ora esta inexistência vocabular corresponde a uma ausência semântica e existencial que é assim criada de uma forma textualmente aguda.

Existe pois uma correspondência directa entre o significante e o significado (entre os substantivos que lá não estão e «as lotarias em branco do futuro», «os geniais poemas por escrever», «os filhos errados dos pais estéreis»). Também um rigor imagístico deste tipo se pode detectar por exemplo no poema «Sílabas» de António Ramos Rosa no livro «Viagem através de uma Nebulosa»:

SÍLABAS

Sílabas.
O álcool de Dezembro é frio e rouco.
O cigarro amarga. É um cigarro clínico.
Sílabas.
Com sílabas se fazem versos.

O tampo da mesa é liso.
Uma colher é uma forma complexa
familiar e deliciosa.
Um copo é nítido
como um criado sem servilismo.
Uma mulher condensa-se
no olhar do poeta.
Um corpo. Duas sílabas.
O dinheiro à justa. A gola da gabardina
para tapar a nuca
e os ouvidos.
Sílabas.

(António Ramos Rosa)

Este poema tem uma estrutura de justaposição. Nele o clima é criado por justaposição de elementos, que em si próprios já têm valor imagético autónomo como por exemplo «um cigarro amargo», «um cigarro clínico», «com sílabas se fazem versos», «o tampo da mesa é liso», etc., unidades que se vão juntando, que se vão acumulando para criar um poema, originando um clima extremamente preciso, mas ao mesmo em que existe uma extraordinária ambiguidade. Tal como em «um corpo — 2 sílabas — a gola da gabardina — o dinheiro á justa para tapar a nuca e os ouvidos — sílabas». Aqui o rigor da linguagem em relação á complexidade do sentimento ou da situação que se pretende criar atinge um alto grau de eficácia sugestiva.

(Continua)

Esta série de dois artigos foi escrita a partir da apresentação do livro PRETEXTO TEXTUAL de DOMINGOS EGLÉSIAS, por mim feita na Livraria Quadrante.

O ensino artístico

Cont. da pág. 8

seminários ou séries experienciais definidas «ad hoc», de que a *situação actual da criação artística* necessita ou exige». Em termos gerais, tal proposta pode aceitar-se como correcta, mas ela comete o mesmo pecado do Projecto de Reforma: é tão vaga que tanto pode coincidir com as verdadeiras necessidades da sociedade portuguesa como o contrário. As estruturas e os processos de trabalho a definir têm de decorrer de um estudo bem fundamentado sobre as necessidades existentes e os objectivos a atingir. Só uma grande suficiência nos pode conduzir à convicção de que essas necessidades e objectivos já foram devidamente ponderados, as situações definidas, os efeitos desta ou daquela opção imaginados a longo prazo. As «oficinas livres», por exemplo, com o seu aliciante ensino «ad hoc», constituem mais uma satisfação circunstancial para certos apetites do consumo do que uma proposta capaz de abarcar realmente todos os aspectos *actuais* e *futuros* do problema que procura cobrir. Em paraledo, seria caso para perguntar se o ensino da música poderá ser encarado em igual perspectiva, mesmo admitindo que os liceus artísticos estariam em condições de resolver toda uma educação de base que dispensasse ulteriores programações da especialidade e dos estudos complementares. Antes de qualquer esquema, mesmo sumário e aparentemente bem imaginado, sobre a constituição de uma futura Escola (ou Instituto) de Artes, há que rever certos conceitos (não apenas o de (Belas-Artes e ponderar, com o apoio de técnicas adequadas, quais as reais solicitações da sociedade portuguesa a esse nível, bem como as carências em estimativa para o futuro. Os erros pagam-se caros e não basta então perguntar se vivemos de facto numa Nação onde desde sempre «um astro maligno persegue as Belas-Artes» (ou artes de outro modo). Reconheçamos que é preciso «ter quem estude e entenda a arte nacional, a um nível internacional, e sobre ela, enfim, escreva, dando definição científica a uma bibliografia quase sempre inqualificável». Mas reconheçamos também que é preciso ter quem produza essa arte. E a astrologia não é para aqui chamada.

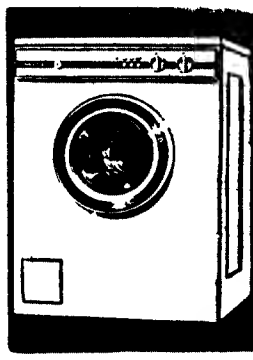
ROCHA DE SOUSA

(1) STUDIO, Março, 1967.

PARA A SUA CLASSE...
A EXCELÊNCIA DA
OLIVA
PRODUTOS DE ALTA CATEGORIA
TÉCNICA FABRICADOS EM PORTUGAL

MÁQUINAS DE COSTURA .
TELEVISORES
FOGÕES A GÁS
MÁQUINAS DE ESCREVER
(PORTÁTEIS)

CONFIE NO TRABALHO PORTUGUÊS
PREFIRA
OLIVA

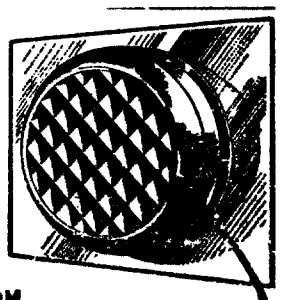

Máquina de lavar roupa Miele
a perfeição do pormenor
Miele
A própria segurança

Agente
MARQUES & MOURA, LDA.
Praça Dr. Nuno Pinheiro Torres, 11-A
Telef. 706658 — LISBOA (Benfica)

PEÇA
BONJOUR
A MELHOR
DE LICOR

36
MENSALIDADES
SUAVES
E SEM FIADOR
MÁQ. LAVAR
ROUPA E LOIÇA
FRIGORIFICOS
FOGÕES
ESQUENTADORES
ASPIRADORES
TELEVISORES
GRAVADORES
GIRA-DISCOS
e outros
M. L. FERREIRA
R Dona Estefânia
48-A (Junto ao largo)
LISBOA

LIBERTE-SE DO AR
VICIADO E CHEIROS
DESAGRADÁVEIS


COM
VENTILADORES
Vent-Axia
VENTILAÇÃO INDUSTRIAL — AQUECIMENTO
AR CONDICIONADO
À VENDA EM
TODO O PAIS
Agentes Gerais para Portugal
e Províncias Ultramarinas
SOC. TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.
PORTO - LISBOA
Revendedor autorizado:
A ELÉCTRICA DE S. JOSÉ
Rua de S. José, 89 — LISBOA

Instrumento do progresso
A Feira de Hannover oferece-lhe algo que teria de procurar durante largo tempo.
Uma visão geral —
Uma informação completa:
os ramos afins são também importantes.
Todos os sectores
técnicos e económicos.
No mínimo de tempo mais curto.
É uma recepção cordial.
Um grande número de serviços facilitam-lhe a viagem, visita, orientação e trabalho na Feira. Se
com êxito
Esta viagem
muitas vagens.
Novidade: Abertura da feira quinta-feira
FEIRA DE HANNOVER '71
Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã
Deutsch-Portugiesische Industrie- und Handelskammer,
Avenida
Lisboa 1

A pesquisa do rigor na poesia moderna

Cont. da pág. 1

no livro «Voo Sem Pássaro Dentro» de 1954 cujo título é «artigo definido plural»:

ARTIGO DEFINIDO PLURAL

os presságios são
as lotarias em branco do futuro
os genais poemas por escrever dos génios incompreendidos
os filhos errados dos pais estéreis
os
as
nada

(Adolfo Casais Monteiro)

São extremamente importantes estes: «os -as-nada», na medida em que uma grande economia, que se reflecte na eliminação dos substantivos, vai substantivar estes artigos e vai deixar em aberto toda a tensão e carga do poema que converge para uma inexistência vocabular. Ora esta inexistência vocabular corresponde a uma ausência semântica e existencial que é assim criada de uma forma textualmente aguda.

Existe pois uma correspondência directa entre o significante e o significado (entre os substantivos que lá não estão e «as lotarias em branco do futuro», «os geniais poemas por escrever», «os filhos errados dos pais estéreis»). Também um rigor imagístico deste tipo se pode detectar por exemplo no poema «Sílabas» de António Ramos Rosa no livro «Viagem através de uma Nebulosa»:

SÍLABAS

Sílabas.
O álcool de Dezembro é frio e rouco.
O cigarro amarga. É um cigarro clínico.
Sílabas.
Com sílabas se fazem versos.

O tampo da mesa é liso.
Uma colher é uma forma complexa
familiar e deliciosa.
Um copo é útil
como um criado sem servilismo.
Uma mulher condensa-se
no olhar do porta.
Um corpo. Duas sílabas.
O dinheiro à justa. A gola da gabardina
para tapar a nuca
e os ouvidos.
Sílabas.

(António Ramos Rosa)

Este poema tem uma estrutura de justaposição. Nele o clima é criado por justaposição de elementos, que em si próprios já têm valor imagético autónomo como por exemplo «um cigarro amargo», «um cigarro clínico», «com sílabas se fazem versos», «o tampo da mesa é liso», etc., unidades que se vão juntando, que se vão acumulando para criar um poema, originando um clima extremamente preciso, mas ao mesmo em que existe uma extraordinária ambiguidade. Tal como em «um corpo — 2 sílabas — a gola da gabardina — o dinheiro á justa para tapar a nuca e os ouvidos — sílabas». Aqui o rigor da linguagem em relação á complexidade do sentimento ou da situação que se pretende criar atinge um alto grau de eficácia sugestiva.

(Continua)

Esta série de dois artigos foi escrita a partir da apresentação do livro PRETEXTO TEXTUAL de DOMINGOS EGLÉSIAS, por mim feita na Livraria Quadrante.

O ensino artístico

Cont. da pág. 8

seminários ou séries experienciais definidas «ad hoc», de que a *situação actual da criação artística* necessita ou exige». Em termos gerais, tal proposta pode aceitar-se como correcta, mas ela comete o mesmo pecado do Projecto de Reforma: é tão vaga que tanto pode coincidir com as verdadeiras necessidades da sociedade portuguesa como o contrário. As estruturas e os processos de trabalho a definir têm de decorrer de um estudo bem fundamentado sobre as necessidades existentes e os objectivos a atingir. Só uma grande suficiência nos pode conduzir à convicção de que essas necessidades e objectivos já foram devidamente ponderados, as situações definidas, os efeitos desta ou daquela opção imaginados a longo prazo. As «oficinas livres», por exemplo, com o seu aliciante ensino «ad hoc», constituem mais uma satisfação circunstancial para certos apetites do consumo do que uma proposta capaz de abarcar realmente todos os aspectos *actuais* e *futuros* do problema que procura cobrir. Em paralelo, seria caso para perguntar se o ensino da música poderá ser encarado em igual perspectiva, mesmo admitindo que os liceus artísticos estariam em condições de resolver toda uma educação de base que dispensasse ulteriores programações da especialidade e dos estudos complementares. Antes de qualquer esquema, mesmo sumário e aparentemente bem imaginado, sobre a constituição de uma futura Escola (ou Instituto) de Artes, há que rever certos conceitos (não apenas o de (Belas-Artes e ponderar, com o apoio de ciências adequadas, quais as reais solicitações da sociedade portuguesa a esse nível, bem como as carências em estimativa para o futuro. Os erros pagam-se caros e não basta então perguntar se vivemos de facto numa Nação onde desde sempre «um astro maligno persegue as Belas-Artes» (ou artes de outro modo). Reconheçamos que é preciso «ter quem estude e entenda a arte nacional, a um nível internacional, e sobre ela, enfim, escreva, dando definição científica a uma bibliografia que se sempre inqualificável». Mas reconheçamos também que é preciso ter quem produza essa arte. E a astrologia não é para aqui chamada.

ROCHA DE SOUSA

(1) STUDIO, Março, 1967.

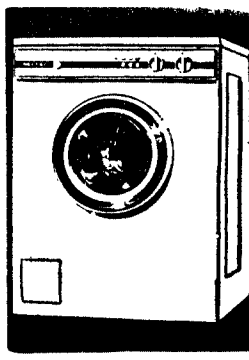
PARA A SUA CLASSE...
A EXCELÊNCIA DA
OLIVA
PRODUTOS DE ALTA CATEGORIA
TÉCNICA FABRICADOS EM PORTUGAL

MÁQUINAS DE COSTURA .
TELEVISORES
FOGÕES A GÁS
MÁQUINAS DE ESCREVER
(PORTÁTEIS)

CONFIE NO TRABALHO PORTUGUÊS
PREFIRA
OLIVA

PEÇA
BONJOUR
A MELHOR
DE LICOR

36
MENSALIDADES
SUAVES
E SEM FIADOR
MÁQ. LAVAR
ROUPA E LOIÇA
FRIGORIFICOS
FOGÕES
ESQUENTADORES
ASPIRADORES
TELEVISORES
GRAVADORES
GIRA-DISCOS
e outros
M. L. FERREIRA
R Dona Estefânia
48-A (Junto ao largo)
LISBOA


Máquina de lavar roupa Miele
a perfeição do pormenor
Miele
A própria segurança
Agente
MARQUES & MOURA, LDA.
Praça Dr. Nuno Pinheiro Torres, 11-A
Telef. 706658 — LISBOA (Benfica)

Instrumento do progresso
A Feira de Hannover oferece-lhe algo que teria de procurar durante largo tempo.
Uma visão geral — e não apenas um conhecimento limitado de cada um dos ramos!
Uma informação completa: os ramos afins são também importantes.
As últimas novidades de todos os sectores técnicos e económicos. No espaço mais reduzido. No período de tempo mais curto.
E uma recepção cordial. Um grande número de serviços facilitam-lhe a viagem, visita, orientação e trabalho na Feira. Se pretende investir com êxito visite a Feira de Hannover! Esta viagem poupa-lhe muitas viagens!
Novidade: Abertura da feira quinta-feira
FEIRA DE HANNOVER '71
Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã, Deutsch-Portugiesische Industrie- und Handelskammer, Avenida Elias Garcia, 123—4.°, Lisboa 1
772587/778168

LIBERTE-SE DO AR VICIADO E CHEIROS DESAGRADÁVEIS

COM VENTILADORES
Vent-Axia
VENTILAÇÃO INDUSTRIAL — AQUECIMENTO
AR CONDICIONADO
À VENDA EM TODO O PAIS
Agentes Gerais para Portugal e Províncias Ultramarinas
SOC. TÉCNICA DE FOMENTO, LDA.
PORTO - LISBOA
Revendedor autorizado:
A ELÉCTRICA DE S. JOSÉ
Rua de S. José, 89 — LISBOA

A economia entre os críticos

Cont. da pág. 5

das literário-eruditas, com datas, com divagações sentimentaliferas, com a tal palha-ponto-escrito, com publicidade (a qual é tanto mais deslocada quanto parece que é paspalhónicamente gratuita).

Havemos aqui de fazer uma referência ao vocabulário *publicitário-crítico*, expressão que toma todo o seu valor no persequente paralelo e que já foi falado na 1.ª parte deste trabalho:

PUBLICIDADE	CRÍTICA
1 — *Um filme fora de série.*	1 — *Bom teatro e para durar* (Século).
2 — *Garotas aos montes num filme denso de imprevisto, com um tema picante.*	2 — *Pode e deve ser capaz de chamar multidões, pois para elas foi escrita esta história dramática de tanta M. Monroe americana* (D. Notícias).
3 — *Participação admirável de Tony de Matos.*	3 — *Com actores admiráveis, é um filme a não perder* (D. Lisboa).
4 — *Interpretação soberba de Lili Palmer.*	4 — *Eunice comovente, subtil, humaníssima.* (Capital), etc.

Terminando:

Cuidado, irmãos, com a cultura dos críticos. Eles a têm mais ou menos aprendido em livros de cabeceira. Eles a têm mais ou menos aprendido com os inducativos anúncios que vêem na televisão e ouvem nos programas do Rádio Clube Português. Ou mesmo com as public-relations. E não ponhais as mãos no lume por qualquer deles.

5.º — NEGÓCIOS DE PORNOGRAFIA

Sendo a pornografia uma das constantes do teatro (do espectáculo, aliás) *hic et nunc*, não fica mal à crítica ser mais ou menos pornográficazita e, se por acaso o é bastantemente nem sempre se tem visto afirmá-lo e explicá-lo. Seja então a isso dedicado o próximo bocado:

Uma intenção discutível — isto é — falsa; uma forma descuidada, isto é, não trabalhada ou preguiçosa; uma construção pretensamente literária em vez de teatral; uma escrita excessiva num espaço precioso demais para; uma nudez intencional como maneira de vestir; e uma maneira de vestir que é a forma de ocultar certa nudez!

TUDO ISSO É PURA PORNOGRAFIA.

Tentarei explicar esta parábola normanda em normal.

Ocupar um espaço chamado *da crítica* com prosa literária; servir o espectáculo em vez de servir espectadores que têm (?) ou não têm *dinheiro, tempo, necessidade* de ir; ocupar um espaço chamado da *crítica* com publicidade ao espectáculo, louvor inconsequente a actores-vedetas; um vovabulário provinciano (no sentido de Fernando Pessoa) e deslocado por ser não-violento, velho, esquemático, colaborante— a tudo isso se chama aqui pornografia.

Por ser uma escrita desnecessária, masturbatóriamente striptísica, nociva e em si mesma nua do que devia ter vestido e vestida com o que, por uma questão de honestidade, devia despir.

6.º — SOBRE POUPANÇA E GOVERNANÇA

Em alguns pontos são os críticos relativamente económicos e gastam-se pouco para nos informar.

É, v. g. o facto de não saberem fazer uma inserção neste tempo e neste espaço, isto é, o facto de não fazerem uma determinadíssima, precisa, necessária e importante exegese política do espectáculo que criticam *[a qual se faz por exemplo, ao nível religioso, nos jornais de província, de forma tanto mais violenta quanto é fanática]*.

A uma inesgotável erudição em questões patético-literárias, a uma irresistível vontade (passe o chavão publicitário) de mostrar os frutos das suas leituras de cabeceira, a tudo isso se junta uma silenciosa coluna em branco (ou com anúncios) quando se trata de referir o espectáculo como acto político.

Aqui há também uma concepção de espectáculo: o teatro é Artur Ramos, o Rogério, a Lurdes, o Manta, o sonoplasta, o cabeleireiro, o luminotécnico — o teatro não é (credo!) o que entra na sala e se senta na plateia. Para me citar a mim mesmo, *os críticos são talvez patrícios, primos, colegas e comensais dos fazedores de teatro;* mas não são nada a estes que comigo se sentaram na última fila perdidos de amor pela Lurdes, quando ela afirma o horror que tem aos maricas.

Este ponto merece estudo á parte e são Vossorias convidadas a lê-lo, querendo, e querendo (todos) os deuses, prá próxima vez, se ainda estivermos vivos! O que deve ser fácil: talvez nem eu, nem vós, nem os críticos morramos neste espaço de tempo. Infelizmente.

Entretanto e para não perdermos o fio á meada, contemplemos D. Quixote, grande ledor de romances. Consideremos Sancho analfabeto-erudito em questões de adágios populares. Consideremos o Rocinante e consideremos o Russo. Contemplemos a lança, o elmo e os magros haveres com que saíram da Mancha. Consideremos o engenhoso Fidalgo a defender a ilha encantada que nunca conquistou e a Bela Dulcineia que nunca chegou a conhecer. Tudo por causa de não defender o resto apesar do resto: uma sobrinha, uma governanta...

Quem são, ó críticos, as vossas sobrinhas? Quem são, ó críticos, as vossas governantas?

Lisboa, 1 de Abril de 1971.

M. JOÃO GOMES

P. S. — «*Quem quer comprar larachas?*» (pregão popular)

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

S. A. R. L.

Rua Conde Redondo, 79 — Lisboa

CAPITAL 550 000 CONTOS

Entrega de títulos definitivos do 2.º aumento de capital

Informam-se os Senhores Accionistas de que a patrir do dia 10 do corrente mês se procederá à troca das cautelas representativas do 2.º Aumento de Capital desta Companhia pelos títulos definitivos, nos Bancos onde efectuaram as subscrições.

As cautelas deverão ser entregues com a seguinte declaração exarada no verso:

«Recebi os títulos correspondentes às acções que me foram atribuídas e às quais se refere o presente documento»

a qual deverá ser datada e assinada pelo titular da cautela ou seu representante legal sendo a assinatura abonada pelo respectivo estabelecimento bancário.

Lisboa, 2 de Abril de 1971

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Alfredo de Queiroz Ribeiro Vaz Pinto

PHILCO

APRESENTA A NOVA LINHA DE MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA!

4 MODELOS DIFERENTES TODOS COM PROGRAMA BIOLÓGICO!

- **NOVOS INVENTOS!**
- **LINHAS ELEGANTES E ATRACTIVAS!**

PHILCO DE FAMA MUNDIAL PELA QUALIDADE!

VISITE:

CASA VAPEDRONE

Rua da Vitória, 54 — LISBOA

Poesia & Não

Cont. da pág. 2

um sentido, mas vários. No entanto, esta multiplicidade possível, indefinida, que é uma propriedade ou um efeito e cuja realização é confiada a leitores, nada tem já a ver com a complexidade real, necessàriamente acabada, que é a estrutura dum livro. Se a obra não produz, não contém, o princípio do seu acabamento, do seu fecho, está, no entanto, definitivamente encerrada, contida nos limites que de direito lhe pertencem, sem que tenha sido ela própria que a si mesma os tenha dado. O inacabamento da obra é também a razão da sua finitude.

Duplicar a linha do texto com o relevo que lhe dá o seu inacabamento pode ser, ao mesmo tempo, fazer ver por detrás da obra uma outra obra, que seria o seu segredo e de que ela seria a máscara ou a tradução: e recair assim na ilusão interpretativa. Esta última tentação, baseia-se no postulado de *profundidade* que inspira toda a crítica tradicional.» (3).

N. M.

(1) — Gastão Cruz, «Suplemento Literário do «Diário de Lisboa», 5-2-0.

(2) — Roland Barthes, «L'activité Structuraliste», in «Les Lettres Nouvelles», n.º 2[illegible] de 1963

(3) — [illegible], «Pour une Production [illegible]», Lib. Français Masson, Paris, 1966 págs. 98 e 99. Existe tradução portuguesa, da Editorial Estampa, Col. Teoria.

FESTAS DA PÁSCOA

A C. P orgániza, por motivo das FESTAS DA PASCOA, os desdobramentos aos comboios regulares de longo curso, que se reconhecerem necessários.

Além destes comboios de desdobramento ficam, [illegible] comboios especiais, os quais só se efectuarão caso a afluência de passageiros o justifique.

O pormenor destes horários consta dos avisos afixados nas estações.

Reformados da G. N. R. ou da P. S. P.

ADMITEM-SE PARA PORTEIROS OU VIGILANTES. VENCIMENTO MENSAL DE 1800$00, ALIMENTAÇÃO E ALOJAMENTO. COM INDICAÇÃO DE IDADE.

RESPOSTAS A ESTE JORNAL AO N.º 759.

JARDINEIRO

PRECISA-SE PARA PARQUE DE CAMPISMO NA COSTA DA CAPARICA. RESPOSTAS COM INDICAÇÃO DAS ENTIDADES ONDE TENHA TRABALHADO E IDADE.

CALÇADA DE SANTANA, 180 — LISBOA - 2

A economia entre os críticos

Cont. da pág. 5

das literário-eruditas, com datas, com divagações sentimentalíferas, com a tal palha-ponto-escrito, com publicidade (a qual é tanto mais deslocada quanto parece que é paspalhónicamente gratuita).

Havemos aqui de fazer uma referência ao vocabulário *publicitário-crítico*, expressão que toma todo o seu valor no persequente paralelo e que já foi falado na 1.ª parte deste trabalho:

PUBLICIDADE	CRÍTICA
1 — *Um filme fora de série.*	1 — *Bom teatro e para durar* (Século).
2 — *Garotas aos montes num filme denso de imprevisto, com um tema picante.*	2 — *Pode e deve ser capaz de chamar multidões, pois para elas foi escrita esta história dramática de tanta M. Monroe americana* (D. Notícias).
3 — *Participação admirável de Tony de Matos.*	3 — *Com actores admiráveis, é um filme a não perder* (D. Lisboa).
4 — *Interpretação soberba de Lili Palmer.*	4 — *Eunice comovente, subtil, humaníssima.* (Capital), etc.

Terminando:

Cuidado, irmãos, com a cultura dos críticos. Eles a têm mais ou menos aprendido em livros de cabeceira. Eles a têm mais ou menos aprendido com os inducativos anúncios que vêem na televisão e ouvem nos programas do Rádio Clube Português. Ou mesmo com as public-relations. E não ponhais as mãos no lume por qualquer deles.

5.º — NEGÓCIOS DE PORNOGRAFIA

Sendo a pornografia uma das constantes do teatro (do espectáculo, aliás) *hic et nunc*, não fica mal à crítica ser mais ou menos pornográficazita e, se por acaso o é bastantemente nem sempre se tem visto afirmá-lo e explicá-lo. Seja então a isso dedicado o próximo bocado:

Uma intenção discutível — isto é — falsa; uma forma descuidada, isto é, não trabalhada ou preguiçosa; uma construção pretensamente literária em vez de teatral; uma escrita excessiva num espaço precioso demais para; uma nudez intencional como maneira de vestir; e uma maneira de vestir que é a forma de ocultar certa nudez!

TUDO ISSO É PURA PORNOGRAFIA.

Tentarei explicar esta parábola normanda em normal.

Ocupar um espaço chamado *da crítica* com prosa literária; servir o espectáculo em vez de servir espectadores que têm (?) ou não têm *dinheiro, tempo, necessidade* de ir; ocupar um espaço chamado da *crítica* com publicidade ao espectáculo, louvor inconsequente a actores-vedetas; um vovabulário provinciano (no sentido de Fernando Pessoa) e deslocado por ser não-violento, velho, esquemático, colaborante — a tudo isso se chama aqui pornografia.

Por ser uma escrita desnecessária, masturbatóriamente striptísica, nociva e em si mesma nua do que devia ter vestido e vestida com o que, por uma questão de honestidade, devia despir.

6.º — SOBRE POUPANÇA E GOVERNANÇA

Em alguns pontos são os críticos relativamente económicos e gastam-se pouco para nos informar.

É, v. g. o facto de não saberem fazer uma inserção neste tempo e neste espaço, isto é, o facto de não fazerem uma determinadíssima, precisa, necessária e importante exegese política do espectáculo que criticam *[a qual se faz por exemplo, ao nível religioso, nos jornais de província, de forma tanto mais violenta quanto é fanática]*.

A uma inesgotável erudição em questões patético-literárias, a uma irresistível vontade (passe o chavão publicitário) de mostrar os frutos das suas leituras de cabeceira, a tudo isso se junta uma silenciosa coluna em branco (ou com anúncios) quando se trata de referir o espectáculo como acto político.

Aqui há também uma concepção de espectáculo: o teatro é Artur Ramos, o Rogério, a Lurdes, o Manta, o sonoplasta, o cabeleireiro, o luminotécnico — o teatro não é (credo!) o que entra na sala e se senta na plateia. Para me citar a mim mesmo, *os críticos são talvez patrícios, primos, colegas e comensais dos fazedores de teatro;* mas não são nada a estes que comigo se sentaram na última fila perdidos de amor pela Lurdes, quando ela afirma o horror que tem aos maricas.

Este ponto merece estudo á parte e são Vossorias convidadas a lê-lo, querendo, e querendo (todos) os deuses, prá próxima vez, se ainda estivermos vivos! O que deve ser fácil: talvez nem eu, nem vós, nem os críticos morramos neste espaço de tempo. Infelizmente.

Entretanto e para não perdermos o fio á meada, contemplemos D. Quixote, grande ledor de romances. Consideremos Sancho analfabeto-erudito em questões de adágios populares. Consideremos o Rocinante e consideremos o Russo. Contemplemos a lança, o elmo e os magros haveres com que saíram da Mancha. Consideremos o engenhoso Fidalgo a defender a ilha encantada que nunca conquistou e a Bela Dulcineia que nunca chegou a conhecer. Tudo por causa de não defender o resto apesar do resto: uma sobrinha, uma governanta...

Quem são, ó críticos, as vossas sobrinhas? Quem são, ó críticos, as vossas governantas?

Lisboa, 1 de Abril de 1971.

M. JOÃO GOMES

P. S. — «*Quem quer comprar larachas?*» (pregão popular)

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

S. A. R. L.

Rua Conde Redondo, 79 — Lisboa

CAPITAL 550 000 CONTOS

Entrega de títulos definitivos do 2.º aumento de capital

Informam-se os Senhores Accionistas de que a patrir do dia 10 do corrente mês se procederá à troca das cautelas representativas do 2.º Aumento de Capital desta Companhia pelos títulos definitivos, nos Bancos onde efectuaram as subscrições.

As cautelas deverão ser entregues com a seguinte declaração exarada no verso:

«Recebi os títulos correspondentes às acções que me foram atribuídas e às quais se refere o presente documento»

a qual deverá ser datada e assinada pelo titular da cautela ou seu representante legal sendo a assinatura abonada pelo respectivo estabelecimento bancário.

Lisboa, 2 de Abril de 1971

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Alfredo de Queiroz Ribeiro Vaz Pinto

PHILCO

APRESENTA A NOVA LINHA DE MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA!

4 MODELOS DIFERENTES TODOS COM PROGRAMA BIOLÓGICO!

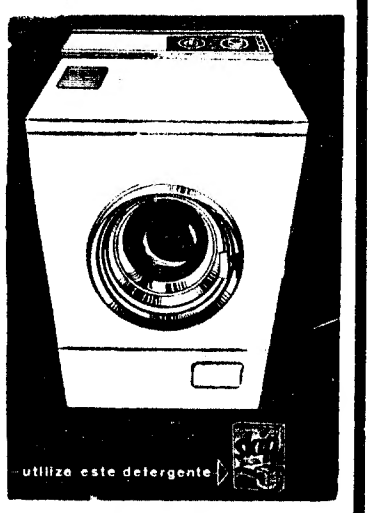
- **NOVOS INVENTOS!**
- **LINHAS ELEGANTES E ATRACTIVAS!**

PHILCO DE FAMA MUNDIAL PELA QUALIDADE!

VISITE:

CASA VAPEDRONE

Rua da Vitória, 54 — LISBOA



Poesia & Não

Cont. da pág. 2

um sentido, mas vários. No entanto, esta multiplicidade possível, indefinida, que é uma propriedade ou um efeito e cuja realização é confiada a leitores, nada tem já a ver com a complexidade real, necessàriamente acabada, que é a estrutura dum livro. Se a obra não produz, não contém, o princípio do seu acabamento, do seu fecho, está, no entanto, definitivamente encerrada, contida nos limites que de direito lhe pertencem, sem que tenha sido ela própria que a si mesma os tenha dado. O inacabamento da obra é também a razão da sua finitude.

Duplicar a linha do texto com o relevo que lhe dá o seu inacabamento pode ser, ao mesmo tempo, fazer ver por detrás da obra uma outra obra, que seria o seu segredo e de que ela seria a máscara ou a tradução: e recair assim na ilusão interpretativa. Esta última tentação, baseia-se no *postulado de profundidade*, que inspira toda a crítica tradicional.» (3).

N. M.

---

(1) — Gastão Cruz, «Suplemento Literário do «Diário de Lisboa», 5-2-0.

(2) — Roland Barthes, «L'activité Structuraliste», in «Les Lettres Nouvelles», n.º 32, Fev. de 1963

(3) — Pierre Macherey, «Pour une Théorie de la Production Littéraire», Lib. Français Maspero, Paris, 1966 págs. 98 e 99. Existe tradução portuguesa da Editorial Estampa, Col. Teoria.

FESTAS DA PÁSCOA

A C. P orgániza, por motivo das FESTAS DA PASCOA, os desdobramentos aos comboios regulares de longo curso, que se reconhecerem necessários.

Além destes comboios de desdobramento ficam, também, previstos comboios especiais os quais só se efectuarão caso a afluência de passageiros o justifique.

O pormenor destes horários consta dos avisos afixados nas estações.

Reformados da G. N. R. ou da P. S. P.

ADMITEM-SE PARA PORTEIROS OU VIGILANTES. VENCIMENTO MENSAL DE 1800$00, ALIMENTAÇÃO E ALOJAMENTO. COM INDICAÇÃO DE IDADE.

RESPOSTAS A ESTE JORNAL AO N.º 759.

JARDINEIRO

PRECISA-SE PARA PARQUE DE CAMPISMO NA COSTA DA CAPARICA. RESPOSTAS COM INDICAÇÃO DAS ENTIDADES ONDE TENHA TRABALHADO E IDADE.

CALÇADA DE SANTANA, 180 — LISBOA - 2

OS ASTROS E O ENSINO ARTÍSTICO

Artes Visuais

Por Rocha de Sousa

COM A PUBLICAÇÃO, pelo Ministério da Educação Nacional, dos textos do Projecto do Sistema Escolar e das Linhas Gerais da Reforma do Ensino Superior, relativos a uma ampla remodelação das estruturas do ensino em Portugal, foi aberto ao nvel nacional um debate sobre tão relevante problema. As questões relativas ao ensino artístico estão igualmente anotadas naqueles textos e no organograma que os acompanha e em certa medida os explica. Tais questões têm sido, da mesma forma, objecto de apreciação por parte de alguns professores interessados e por comissões que trabalharam até há pouco tempo. Mas o contributo público mais extenso para essa apreciação dos problemas relativos ao ensino artístico, nos termos que o próprio Ministério da Educação Nacional solicitou, foi neste jornal articulado pelo dr. José Augusto França, dentro do seu folhetim quinzenal. Os críticos de arte, não sendo propriamente técnicos da pedagogia artística, como de resto a maior parte dos artistas, têm no entanto forte afinidade com as questões em referência, pelo exercício de um trabalho de análise dos mecanismos da criação artística e da sua projecção na sociedade. Mas é evidente que as suas opiniões em tal matéria correspondem a uma prática intelectual de outra ordem e de natureza muito particular.

Intitulando o seu depoimento com a frase «Do Ensino das Artes Visuais no Esquema da Reforma em Discussão», José Augusto França contribuiu com alguns dados para a análise e crítica do plano geral de tal reforma nos aspectos respeitantes ao ensino artístico. Também ele se apercebeu que dificilmente poderia, com propriedade, formular uma crítica detalhada às disposições gerais do Projecto de Reforma, por demais indefinido na caracterização sectorial do ensino artístico e quase sempre remetendo para «ulterior definição» as pontes de circulação e transferência entre os ramos de especialidade que tal ensino pressupõe. No seu trabalho, José Augusto França evoca uma proposta de solução francesa, não refere outros esquemas (como os praticados em Inglaterra, por exemplo) e empenha-se em apresentar a sua própria tese sobre uma futura reforma (desejável e necessária) do nosso ensino superior artístico, segundo uma perspectiva aliás coincidente com um esboço de projecto elaborado pela Secção Portuguesa da A.I.C.A..

Esse ponto do trabalho em referência, interessante sob muitos aspectos, merece-nos certas reservas, algumas das quais tentaremos expor aqui, aceitando os limites impostos pela circunstância e pelo lugar. Esclarecemos que não é nossa intenção abordar o Projecto de Reforma apresentado pelo Ministério da Educação Nacional, visto que isso seria duplicar e formular impròpriamente sob a nossa responsabilidade, um trabalho extenso em que temos participado com professores da E.S.B.A.L..

NAÇÃO SEM ARTE E CRIATIVIDADE

Uma «nação sem arte não o é», limita-se José Augusto França a lembrar, e com toda a razão. O processo proposto para que essa arte aconteça, e para que a Nação o seja, é que talvez já resulte mais discutível. Que «preparar professores» não seja a mesma coisa que «ter artistas» parece-nos uma verificação óbvia. Mas isso não quer dizer que a preparação dos professores destinados ao ensino artístico não tenha de assentar numa prática largamente idêntica á do artista, até numa participação do mesmo tipo, integrada, durante o curso e depois dele nas matérias curriculares da respectiva didáctica. Ter artistas também não quer dizer que eles não se preparem que não se tormem, que não se esclareçam, que não se cultivem, que tenham forçosamente de ser inventados por uma pseudo-liberdade de criação, numa «oficina com frequência livre, sem sujeições curriculares, não sancionada por qualquer diploma, servida por uma docência «ad hoc» contratada periòdicamente conforme *escolha e requisição* dos frequentadores». Os artistas assim a final ainda preparados talvez sejam justamente os que não interessa ter, os tais pintores e os tais escultores, os que se definem segundo um conceito tradicional das respectivas especialidades. Tal proposta, com efeito, parece decorrer da convicção de que os chamados artistas plásticos, banais intérpretes de uma qualquer liberdade de pintar quadros, terão de continuár á margem de um trabalho intelectual, cientificamente programádo, produzindo com as mãos e o instinto. No entanto, como acentua Francastel, «os artistas não desempenham numa sociedade o papel de isolados, à parte dos técnicos e dos pensadores», e o que eles produzem são, na verdade, objectos de civilização. Haverá assim um critério justificativo para os separar de um longo processo de aprendizagem e de investigação, partindo mesmo de técnicas disciplinadoras e da formação cultural que as deve informar? Será correcto, *aqui e agora*, alimentar romantismos vãos ou a lusitana tendência para a improvisação inconsequente, para o oportunismo leviano? A experiência ensina-nos que, para se «evitar as fantasias ou as tolices de amadores prendados», não basta a filtragem de uma preparação básica (qual e durante quanto tempo?) nem os condicionamentos de uma admissão tècnicamente plural às «oficinas». O problema é muito mais sério e complexo, exige uma profunda revisão do próprio conceito de artista, das suas atribuições e qualificações, pelo que não basta um critério simplista de [illegible] medida do [illegible] «condicionar, dirigir [illegible] tradicional esmagando as [illegible] liberdades das artes plásticas. Como e para quê, se entretanto se efectivar, [illegible] poderá evitar que a arte venha a ser considerada «como parente pobre» dos outros núcleos de actividade. Alguns técnicos desta matéria pensam mesmo que as especialidades do sector artístico, em vez de se distinguirem umas das outras pela caracterização técnica ou pela especificidade do seu efeito funcional, devem agrupar-se na mesma base que informa, estimula e consciencializa o operador para a criatividade.

Eduardo Nery: fachada de uma fábrica (Soc. Central Cervejas)

SEPARAÇÃO E AGRUPAMENTO DAS ESPECIALIDADES ARTÍSTICAS

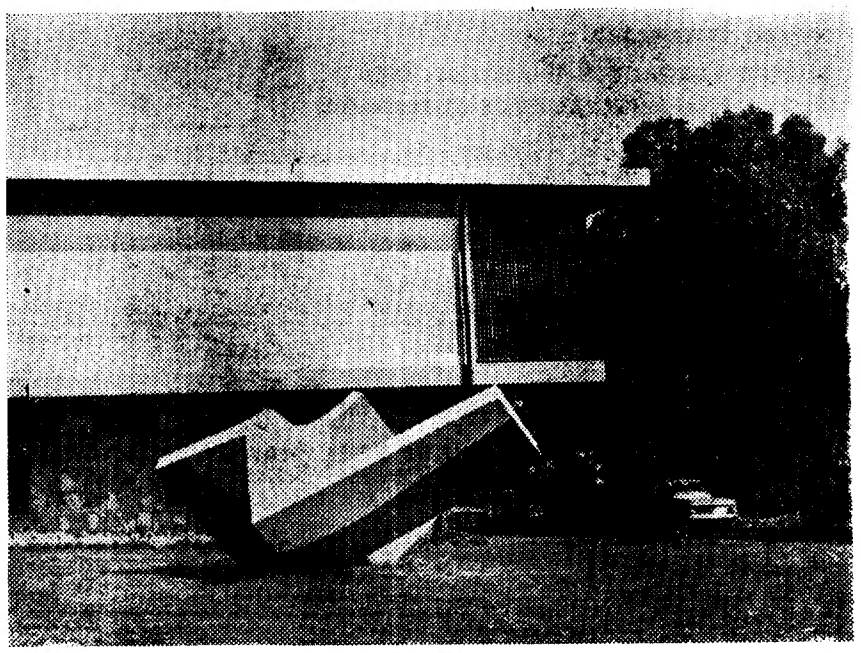
Escolas de Artes Visuais, por exemplo e talvez. Claro que se tem de considerar utópica a criação de um Estabelecimento de Ensino Artístico capaz de englobar todas as especialidades do sector e não apenas as artes visuais. Há portanto que aceitar limites, técnica e admnistrativamente razoáveis, para o agrupamento das artes em estabelecimentos de ensino. Isso implica a constituição de núcleos possíveis, com certeza de acordo com afenidades reconhecidas e com as inter-relações hoje aconselhadas, as quais podem evitar a deterioração por isolamento das respectivas especialidades. Segundo um critério de proximidade e de função, não nos parece ingenuidade condenável relacionar a arquitectura, o urbanismo, os diferentes tipos de design e as mais comumente chamadas artes plásticas. Poderemos admitir que para os primeiros casos há uma disciplina mental de natureza diferente, uma procura de realidades essenciais, a objectivação de problemas, o apelo ao reconhecimento da eficácia e da correcta operacionalidade da forma. Descontando o facto de muitos artistas plásticos, hoje em dia, se comportarem de acordo com tal esquema de pesquisa (e essa é talvez uma tendência geral da época em que vivemos), poderemos também admitir que esses artistas preferem por vezes caminhos de contestação e destruição de anteriores sistemas, experimentando sobretudo uma necessidade de reformular a linguagem para isolar novos problemas. De acordo com a opinião expressa por Cristopher Cornford (*1*) e outros autores ingleses, tais diferenças de atitude não conduzem necessàriamente à separação das disciplinas, antes as tornam complementares umas das outras, permitindo aos designers (e ao arquitectos, acrescentamos nós) a descoberta de um novo vocabulário e evitando que o seu trabalho cristalize nas soluções seguras de um gosto ao fim e ao cabo fechado sobre si próprio. Cristopher Cornford vai ao ponto de concluir, depois de uma análise das diferenças e sobreposições das especialidades em referência, que o critério aqui mais adequado é o que procura sincronizar as diferentes disciplinas artísticas afins e entende mesmo que uma política educacional que conduza á soluções opostas se deve considerar «desastrosamente retrógrada». Esta é, no entanto, a solução proposta para o caso português, contestada por José Augusto França apenas no que se refere à separação entre a arquitectura e a estética industrial. Contestada não, apenas discutida por levantar «uma divisão extrema de funções no seio de uma sociedade industrial, que parece inconveniente ou por demais onerosa». Esta divisão é portanto considerada inconveniente («parece inconveniente») no que se refere

àquelas duas especialidades de *índole artística*, mas não quanto a outras especialidades que com elas se relacionam.

AS SOLUÇÕES NÃO SE IMPROVISAM

Não basta dizer, entretanto, que um futuro Estabelecimento de Ensino Superior Artístico deverá «encarar cursos de *artes aplicadas à comunicação visual e táctil* — e as *oficinas livres*, com cursos ou

Cont. na pág. 6



Objecto de escultura ambiental [illegible] Laboratório de Engenharia Civil, confrontando-se e conjugando-se com a arquitectura prestigiosa [illegible]: escultor Hélder Baptista, 1.º Assistente na E. S. B. A. L. Este trabalho que não decorreu inteiramente da acção de uma equipa constituída pelo escultor e pelos arquitectos autores do edifício, aponta um caminho, que em tal critério se identifica e mobiliza um esforço conjunto de artista e dos engenheiros em torno dos problemas técnicos relativos à construção de uma [illegible]

OS ASTROS E O ENSINO ARTÍSTICO

Artes Visuais

Por Rocha de Sousa

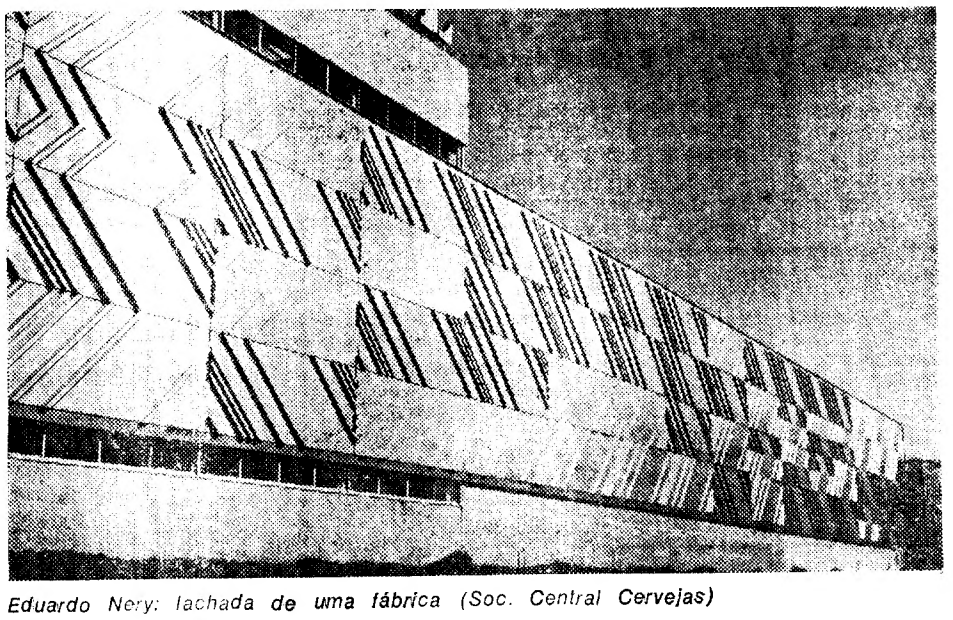
COM A PUBLICAÇÃO, pelo Ministério da Educação Nacional, dos textos do Projecto do Sistema Escolar e das Linhas Gerais da Reforma do Ensino Superior, relativos a uma ampla remodelação das estruturas do ensino em Portugal, foi aberto ao nvel nacional um debate sobre tão relevante problema. As questões relativas ao ensino artístico estão igualmente anotadas naqueles textos e no organograma que os acompanha e em certa medida os explica. Tais questões têm sido, da mesma forma, objecto de apreciação por parte de alguns professores interessados e por comissões que trabalharam até há pouco tempo. Mas o contributo público mais extenso para essa apreciação dos problemas relativos ao ensino artístico, nos termos que o próprio Ministério da Educação Nacional solicitou, foi neste jornal articulado pelo dr. José Augusto França, dentro do seu folhetim quinzenal. Os críticos de arte, não sendo pròpriamente técnicos da pedagogia artística, como de resto a maior parte dos artistas, têm no entanto forte afinidade com as questões em referência, pelo exercício de um trabalho de análise dos mecanismos da criação artística e da sua projecção na sociedade. Mas é evidente que as suas opinlões em tal matéria correspondem a uma prática intelectual de outra ordem e de natureza muito particular.

Intitulando o seu depoimento com a frase «Do Ensino das Artes Visuais no Esquema da Reforma em Discussão», José Augusto França contribuiu com alguns dados para a análise e crítica do plano geral de tal reforma nos aspectos respeitantes ao ensino artístico. Também ele se apercebeu que dificilmente poderia, com propriedade, formular uma crítica detalhada às disposições gerais do Projecto de Reforma, por demais indefinido na caracterização sectorial do ensino artístico e quase sempre remetendo para «ulterior definição» as pontes de circulação e transferência entre os ramos de especialidade que tal ensino pressupõe. No seu trabalho, José Augusto França evoca uma proposta de solução francesa não refere outros esquemas (como os praticados em Inglaterra, por exemplo) e empenha-se em apresentar a sua própria tese sobre uma futura reforma (desejável e necessária) do nosso ensino superior artístico, segundo uma perspectiva aliás coincidente com um esboço de projecto elaborado pela Secção Portuguesa da A.I.C.A..

Esse ponto do trabalho em referência, interessante sob muitos aspectos, merece-nos certas reservas, algumas das quais tentaremos expor aqui, aceitando os limites impostos pela circunstância e pelo lugar. Esclareçemos que não é nossa intenção abordar o Projecto de Reforma apresentado pelo Ministério da Educação Nacional, visto que isso seria duplicar e formular inapròpriadamente sob a nossa responsabilidade, um trabalho extenso em que temos participado com professores da E.S.B.A.L..

NAÇÃO SEM ARTE E CRIATIVIDADE

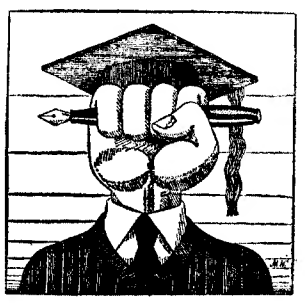
Uma nação sem arte não o é» limita-se José Augusto França a lembrar, e com toda a razão. O processo proposto para que essa arte aconteça, e para que a Nação o seja, é que talvez já resulte mais discutível. Que «preparar professores» não seja a mesma coisa que «ter artistas» parece-nos uma verificação óbvia. Mas isso não quer dizer que a preparação dos professores destinados ao ensino artístico não tenha de assentar numa prática largamente idêntica á do artista, até numa participação do mesmo tipo, integrada, durante o curso e depois dele nas matérias curriculares da respectiva didáctica. Ter artistas também não quer dizer que eles não se preparem que não se formem, que não se esclareçam, que não se cultivem, que tenham forçosamente de ser inventados por uma pseudo-liberdade de criação, numa «oficina com frequência livre, sem sujeições curriculares, não sancionada por qualquer diploma, servida por uma docência «ad hoc» contratada periòdicamente conforme *escolha e requisição* dos frequentadores». Os artistas assim a final ainda preparados talvez sejam justamente os que não interessa ter, os tais pintores e os tais escultores, os que se definem segundo um conceito tradicional das respectivas especialidades. Tal proposta, com efeito, parece decorrer da convicção de que os chamados artistas plásticos, banais intérpretes de uma qualquer liberdade de pintar quadros, terão de continuar á margem de um trabalho intelectual, cientificamente programado, produzindo com as mãos e o instinto. No entanto, como acentua Francastel, «os artistas não desempenham numa sociedade o papel de isolados, à parte dos técnicos e dos pensadores», e o que eles produzem são, na verdade, objectos de civilização. Haverá assim um critério justificativo para os separar de um longo processo de aprendizagem e de investigação, partindo mesmo de técnicas disciplinadoras e da formação cultural que as deve informar? Será correcto, *aqui e agora*, alimentar romantismos vãos ou a lusitana tendência para a improvisação inconsequente, para o oportunismo leviano? A experiência ensina-nos que, para se «evitar as fantasias ou as tolices de amadores prendados», não basta a filtragem de uma preparação básica (qual e durante quanto tempo?) nem os condicionamentos de uma admissão tècnicamente plural às «oficinas». O problema é muito mais sério e complexo, exige uma profunda revisão do próprio conceito de artista, das suas atribuições e qualificações, polo que não baste o critério simplista de contratar «na medida do possível» quem possa «aconselhar, dirigir e ensinar» o tradicional candidato às seductoras liberdades das artes plásticas. Como e para quê, se entretanto se afirma que o professor-artista acaba por viver do magistério porque a sua outra metade não o alimenta nem o compensa economicamente? Com efeito, parece-nos que só uma formação suficientemente extensa e enquadrada, que de modo nenhum implica o cerceamento das liberdades criadoras, antes as fundamenta, poderá evitar que a arte venha a ser considerada «como parente pobre» dos outros núcleos de actividade. Alguns técnicos desta matéria pensam mesmo que as especialidades do sector artístico, em vez de se distinguirem umas das outras pela caracterização técnica ou pela especificidade do seu efeito funcional, devem agrupar-se na mesma base que informa, estimula e consciencializa o operador para a criatividade.



Eduardo Nery: fachada de uma fábrica (Soc. Central Cervejas)

SEPARAÇÃO E AGRUPAMENTO DAS ESPECIALIDADES ARTÍSTICAS

Escolas de Artes Visuais, por exemplo e talvez. Claro que se tem de considerar utópica a criação de um Estabelecimento de Ensino Artístico capaz de englobar todas as especialidades do sector e não apenas as artes visuais. Há portanto que aceitar limites, técnica e admnistrativamente razoáveis, para o agrupamento das artes em estabelecimentos de ensino. Isso implica a constituição de núcleos possíveis, com certeza de acordo com afenidades reconhecidas e com as inter-relações hoje aconselhadas, as quais podem evitar a deterioração por isolamento das respectivas especialidades. Segundo um critério de proximidade e de função, não nos parece ingenuidade condenável relacionar a arquitectura, o urbanismo, os diferentes tipos de design e as mais comumente chamadas artes plásticas. Poderemos admitir que para os primeiros casos há uma disciplina mental de natureza diferente, uma procura de realidades essenciais, a objectivação dos problemas, o apelo ao reconhecimento da eficácia e da correcta operacionalidade da forma. Descontando o facto de muitos artistas plásticos, hoje em dia, se comportarem de acordo com tal esquema de pesquisa (e essa é talvez uma tendência geral da época em que vivemos), poderemos também admitir que esses artistas preferem por vezes caminhos de contestação e destruição de anteriores sistemas, experimentando sobretudo uma necessidade de reformular a linguagem para isolar novos problemas. De acordo com a opinião expressa por Cristopher Cornford (*1*) e outros autores ingleses, tais diferenças de atitude não conduzem necessàriamente à separação das disciplinas, antes as tornam complementares umas das outras, permitindo aos designers (e ao arquitectos, acrescentamos nós) a descoberta de um novo vocabulário e evitando que o seu trabalho cristalize nas soluções seguras de um gosto ao fim e ao cabo fechado sobre si próprio. Cristopher Cornford vai ao ponto de concluir, depois de uma análise das diferenças e sobreposições das especialidades em referência, que o critério aqui mais adequado é o que procura sincronizar as diferentes disciplinas artísticas afins e entende mesmo que uma política educacional que conduza a soluções opostas se deve considerar «desastrosamente retrógada». Esta é, no entanto, a solução proposta para o caso português, contestada por José Augusto França apenas no que se refere à separação entre a arquitectura e a estética industrial. Contestada não, apenas discutida por levantar «uma divisão extrema de funções no seio de uma sociedade industrial, que parece inconveniente ou por demais onerosa». Esta divisão é portanto considerada inconveniente («parece inconveniente») no que se refere

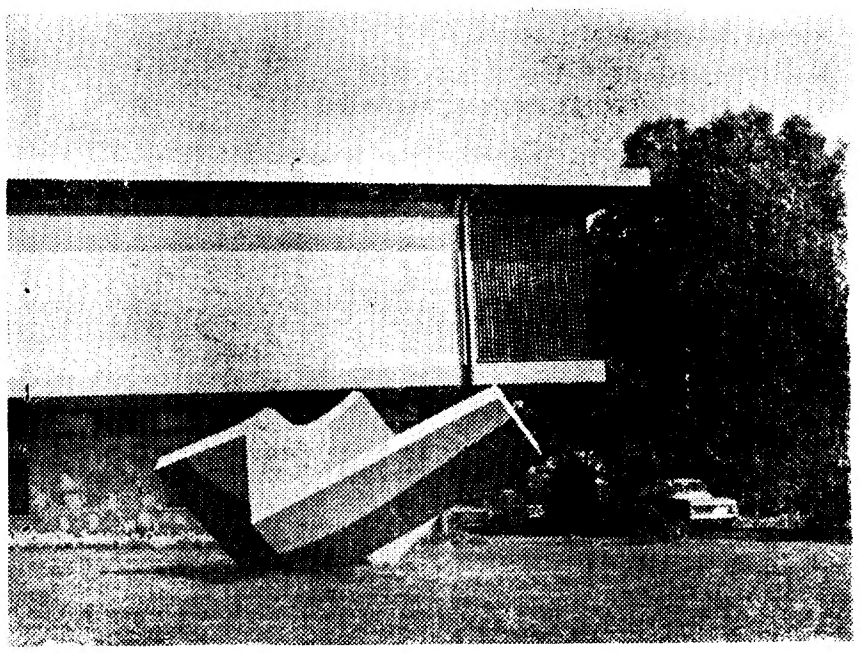


àquelas duas especialidades de *índole artística*, mas não quanto a outras especialidades que com elas se relacionam.

AS SOLUÇÕES NÃO SE IMPROVISAM

Não basta dizer, entretanto, que um futuro Estabelecimento de Ensino Superior Artístico deverá «encarar cursos de *artes aplicadas à comunicação visual e táctil* — e as *oficinas livres*, com cursos ou

Cont. na pág. 6



Objecto de escultura animando um espaço vizinho do Laboratório de Engenharia Civil, confrontando-se e conjugando-se com a arquitectura presente: autor: escultor Hélder Baptista, 1.º Assistente na E. S. B. A. L.. Este trabalho que não decorreu pròpriamente da acção de uma equipa constituída pelo escultor e pelos arquitectos autores do edifício, aponta um caminho, que com tal critério se identifica e mobilizou um esforço conjunto do artista e dos engenheiros em torno dos problemas tecnicos relativos á construção da peça em betão.